

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

**A SINTAXE DAS *SMALL CLAUSES* LIVRES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Marcelo Amorim Sibaldo

MACEIÓ – AL
2009

MARCELO AMORIM SIBALDO

**A SINTAXE DAS *SMALL CLAUSES* LIVRES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Lingüística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Denilda Moura

MACEIÓ
JUNHO-2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S563s Sibaldo, Marcelo Amorim.
 A sintaxe das small clauses livres do português brasileiro / Marcelo Amorim
Sibaldo, 2009.
 200 f.

 Orientadora: Maria Denilda Moura.
 Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal
de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2009.

 Bibliografia: f. 181-200.

 1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Sintaxe. 3. Small clause . 4. Small clause
livre. 5. Cópula. 6. Predicado. 7. Sujeito. I. Título.

CDU: 801.561.3



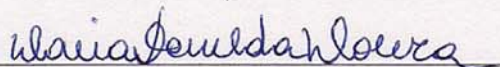
TERMO DE APROVAÇÃO

Título do trabalho: A SINTAXE DAS *SMALL CLAUSES* LIVRES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Autor: Marcelo Amorim Sibaldo

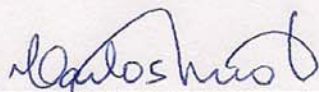
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Lingüística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

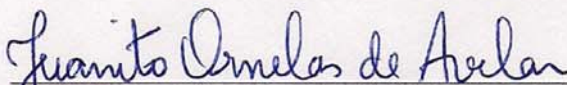


Profa. Dra. Maria Denilda Moura
Faculdade de Letras, UFAL

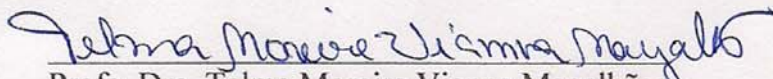
Examinadores:



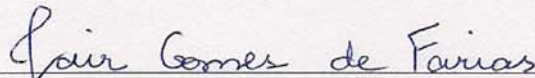
Prof. Dr. Carlos Miotto
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, UFSC



Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar
Departamento de Lingüística, UNICAMP



Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães
Faculdade de Letras, UFAL



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias
Faculdade de Letras, UFAL

Maceió, 18 de junho de 2009

Esta pesquisa foi financiada por
uma bolsa da CAPES (03/2005-08/2006),
uma bolsa do CNPq (09/2006-04/2008-
10/2008-02/2009) e uma bolsa
CAPES PDEE (05/2008-08/2008).

Aos meus pais, Margarida e José,
por estarem sempre lá por mim,
com muito amor, muito orgulho
e muita admiração.

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que dois constituintes justapostos – uma estrutura tão *small!* – pudessem me dar um trabalho *extra large!* Foram muitos dias de angústia, cansaço e noites sem dormir pensando no que fazer com esses dois constituintes... Hoje, parece que consegui finalizar o que há alguns meses eu já não acreditava mais poder: a minha tese! É claro que muitas outras questões ainda faltam ser investigadas, mas decidi me dar por vencido e colocar um ponto final de uma vez por todas. Este trabalho, entretanto, não poderia, de modo algum, ser realizado se eu estivesse sozinho... Graças a Deus, pude contar durante todo este tempo com a ajuda de muita gente! E é a Ele a quem devo o meu primeiro agradecimento, por me dar a calma, quando eu não mais sabia onde encontrar, por me dar forças, nas horas em que eu já achava que não havia mais, por me dar paciência, quando todos os vestígios de paciência pareciam ter se esvaecido, e, ainda, por colocar no meu caminho todas essas pessoas a quem sou muito grato:

O maior orgulho que eu tenho na vida acadêmica é ter a Professora Doutora Maria Denilda Moura como orientadora... Um privilégio que eu tenho desde a graduação. Não tenho dúvidas de que ela é a maior responsável pelo fato de esta tese estar aqui impressa. Na verdade, *todo* o trabalho em sintaxe gerativa feito na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) é devido ao árduo trabalho desenvolvido pela Professora Denilda, que é a responsável pela formação, na UFAL, de um grupo sólido, atuante e reconhecido em sintaxe gerativa. Ela é um grande exemplo de Professora, Pesquisadora e Pessoa que eu quero seguir. Na verdade, ela foi para mim mais que uma orientadora, foi uma grande amiga que sempre esteve ao meu lado nos momentos em que batia aflição e insegurança, dando-me apoio e falando a coisa certa na hora certa. Agradeço a ela pela confiança depositada em mim, pela honra de ter-me aceitado como seu aluno, pelos puxões de orelha necessários, pelo incentivo dado sempre que eu lançava algum projeto e, principalmente, por respeitar e estar sempre aberta às minhas idéias, por deixar que eu conduzisse este trabalho do meu jeito e no meu tempo, dando-me a liberdade e o apoio necessários para que ele ficasse do jeito que está, contribuindo, sempre, através de suas rigorosas leituras e discussões, com valiosíssimas idéias e sugestões. É claro que todos os erros e incoerências que existam aqui têm como culpada apenas a minha teimosia! À Denilda, sou grato, ainda (além de outras mil coisas que não coloquei aqui), por ter me apresentado e me emprestado o livro *Relators and Linkers*, cuja proposta me possibilitou traçar uma análise para as SCLs nesta tese e me fez pensar num nome como o de Marcel den Dikken para fazer um estágio de doutorando em Nova Iorque.

I have an enormous debt with the Professor Marcel den Dikken. This thesis would not be the same without his support, genial suggestions, proposals, and questions. Much of the work done here owes Marcel; of course, all errors one can find in this thesis are entirely my own fault, these ones can possibly be caused, between other several reasons, by my misunderstood (be about my English, be about my Linguistics) in our meetings. Actually, if there is something right in this thesis, certainly it is due to Marcel. Despite of everything he does, Marcel *never* said “no” to the E-mails I sent him asking for an appointment. He was always there to listen to my ideas and questions, and to discuss infinite data of Brazilian Portuguese. I have a deep respect and gratitude for him. Thanks, Marcel, for accept a totally strange Brazilian guy that you never had met as your student in the CUNY Graduate Center for almost five months, for accept *my English* as it is, for reply my E-mails so fast, for be a serious and ethic professional and for everything you did for me during my staying in NYC! *Hartelijk dank!*

O meu segundo maior orgulho no âmbito acadêmico é ter pessoas inteligentes e CDFs, como o Adeilson Pinheiro Sedrins e o Rafael Bezerra de Lima, para compartilhar as

angústias, as idéias, os textos de Lingüística, para discutir propostas, criar grupos de estudo, participar de eventos, organizar eventos, e tantas outras coisas, pelas quais passamos em quase oito anos de convívio na UFAL. Fora dela, no âmbito pessoal, sou mais grato ainda por ter amigos como eles para dividir tantos momentos alegres e enfrentar os percalços que a vida, vez ou outra, nos coloca. Talvez fosse melhor colocar um depoimento no *Orkut* deles... Porém, gostaria de deixar registrado aqui na *minha tese* o meu imenso respeito e admiração que eu tenho por esses caras, que são “os caras”! Quando nós três, então alunos do primeiro ano de graduação do curso de Letras da UFAL, fomos aprovados para as três vagas oferecidas pelo Programa de Educação Tutorial (PET-Letras-UFAL), no ano de 2001, eu não imaginava que estava ganhando dois irmãos... Agradeço muito a vocês por me ensinarem Lingüística, por ouvirem minhas piadas sem graça, pela torcida, pela confiança, pela força, pelo incentivo, por tanta cerveja tomada, por tantas risadas, pelas lágrimas também, por aceitarem muitas idéias malucas que eu propus e por não terem aceitado outras propostas mais malucas ainda, enfim, por serem meus Amigos! Como diria o peixe palhaço à Dory após uma longa odisséia à procura de seu filho Nemo: “Se não fosse[m] você[s], eu não teria chegado nem aqui, por isso, obrigado”!

A Cláudia Roberta Tavares Silva foi uma pessoa que teve uma paciência incrível no começo da minha pesquisa, lendo todos os textos que eu fizesse e fazendo excelentes apontamentos sobre eles. Devo muito às conversas que eu tive com ela e às suas rigorosas correções dos meus trabalhos, pois foi a partir delas que eu comecei a entender melhor o funcionamento da Teoria Gerativa. Muito obrigado, Claudinha, pela torcida, apoio, amizade, pelo excelente exemplo tanto como pessoa quanto como profissional.

A Professora Doutora Mary Kato merece um agradecimento especial, por me enviar os *handouts* e o texto, que foram um grande incentivo para eu traçar o estudo que desenvolvo aqui, bem como pelo termo (*Small Clauses* Livres) “roubado” dela. Agradeço ainda outras centenas de textos cedidos e por ser essa profissional tão lúcida e séria, fonte inesgotável de conhecimento.

Agradeço a gentileza e a disponibilidade de Marie-Thèrésé Vinet que me enviou um dos textos centrais para a realização desta pesquisa e Tim Stowell por me enviar a sua tese (via correio tradicional!) e pela simpatia com que responde aos meus E-mails. Agradeço ainda a Andrea Moro por me enviar alguns *papers*, via *E-mail*.

Agradeço à Professora Doutora Núbia Rabelo Bakker Faria, por me ensinar a ter uma visão crítica de qualquer coisa que eu esteja lendo, por despertar em mim o desejo de ser igualzinho a ela “quando eu crescer”, por ser a excelente Professora que ela é, e que eu tive o privilégio de estudar na graduação e na pós-graduação, pelas contribuições e provocações no meu exame de qualificação, enfim, por ter sido tão importante para a minha formação!

Ao Professor Doutor Aldir Santos de Paula, agradeço pelas aulas da graduação e da pós-graduação, pelas conversas hilárias, por ter-me lembrado que a fonologia e a morfologia também existem e, igualmente à sintaxe, são áreas fascinantes para se trabalhar, por compartilhar os seus conhecimentos dessas áreas comigo, por ter trabalhado textos excelentes nas suas aulas de morfologia, por me mostrar a importância da descrição de dados e por me fazer ver a lingüística de outra forma.

À Professora Renira Lisboa, agradeço as excelentes aulas de sintaxe ainda na graduação... Foram essas aulas que me fizeram ter certeza do que eu queria fazer...

À recém Doutora Mirian Santos de Cerqueira, eu agradeço por ter sido uma companheira de aventura e tanto! Ei, Mirian, sem resenha! Muito obrigado pela torcida, amizade, carinho, por tantas risadas, pelo cuscuz, por acompanhar os três mosquiteiros em tantas “viagens” (no sentido literal ou não), por ser essa pessoa tão especial que você é para mim!

A também recém-saída-do-forno Professora Doutora Dorothy Bezerra Silva de Brito foi uma pessoa muito especial não só por dividir a angústia de estar finalizando uma tese, mas também por ser a pessoa divertida, generosa e legal que ela é! Muito obrigado pelos diversos momentos de alegria e desconcentração pelos quais a gente passou, e que eu espero que se repitam por muitas e muitas vezes! A Dorothy, agradeço ainda a leitura do primeiro capítulo desta tese.

Ao Professor Doutor Danniell Carvalho, pelas discussões seja no GETEGRA seja nas aulas da Professora Denilda e pelos momentos de descontração.

Ao casal 20, Thaise Tenório e Fernando Augusto, pela presença constante, pelo carinho, pela força, palavras de encorajamento, pela amizade, pelas orações e por tantas outras coisas!

Aos Professores Doutores Jair Gomes de Farias e Telma Moreira Vianna Magalhães, pelas valiosíssimas sugestões no meu exame de qualificação, por serem os profissionais sérios e competentes que são, por aceitarem participar da minha banca de defesa e, ainda, por aceitarem o desafio de, junto com a Profa. Denilda, continuar com o Grupo Gerativista da UFAL para que ele cresça e se fortifique ainda mais. Ah! Ao Jair, ainda agradeço por ter-me emprestado, ainda na graduação, o “Manual de Sintaxe”... Foi ali que a sintaxe gerativa começou para mim...

Aos Professores Doutores Carlos Míoto e Juanito Ornelas de Avelar, por terem aceitado fazer parte da banca de defesa e pelas suas valiosíssimas contribuições.

Às caras de jia, Manu e Denise, por muita coisa! Em especial, pela amizade, torcida, confiança, força, cumplicidade, pelas conversas sobre tudo, inclusive Linguística (né, Denise?) e, principalmente, por serem amigas que posso contar sempre!

Ao Adeilson, à Elaine (e ao amigo da Elaine!), à Priscila, ao Rafael e à Thaise, agradeço os julgamentos nos diversos testes de gramaticalidade que eu enviava via E-mail.

Ao Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA) e, claro, as pessoas que o fazem existir: Adeilson, Danniell, Dorothy, Elyne, Felliipe, Manu, Rafael e Thaise, pelas discussões que foram bastante úteis para a minha formação e a formação desta tese.

À Dorothy Brito e ao Cristiano Lima, meus tradutores oficiais e extra-oficiais! Pelas diversas correções feitas do meu projeto na versão inglesa, além disso, agradeço, ainda, à Dorothy pela ajuda com algumas traduções, via *MSN*, dos E-mails gigantes enviados ao Marcel. Agradeço ainda à Elaine Santos pela correção do meu *resumen*!

Ao Programa de Educação Tutorial (PET-Letras-UFAL) e a todos que o fazem, por ser o local onde tudo começou, por ter-me aceitado como integrante, por me proporcionar uma integração com a pesquisa, o ensino e a extensão, e, principalmente, por me presentear com amigos tão especiais que permanecem até hoje.

Aos amigos: Antônio, Cristianos (Lessa e Lima), Cybele, Edna, Elaine, Elyne, Érica, Felliipe, Fernando, Heder, Jeylla, Júlio, Leônia, Luciana, Luciano, Márcio, Mel, Priscila, Renatinha, Sérgio, Solyane, Thaisa, Thaise, Valquírias (Borba e Moura) e Wilker, pelos momentos de lazer e descontração.

Durante o meu doutorado, eu tive oportunidade de “ensanduichá-lo” duas vezes. A primeira delas deve-se a minha estadia, por um semestre letivo, no Departamento de Linguística da USP. Porém, eu não embarquei nessa sozinho, por isso, agradeço ao Adeilson Sedrins, ao Rafael Lima, à Thaise Tenório e à Valquíria Moura, por, junto comigo, constituirmos “a bancada alagoana” em São Paulo, onde passamos um semestre cursando, como alunos especiais, algumas disciplinas na Universidade de São Paulo. Viver na terra da garoa com esse povo foi uma aventura que eu vou guardar pro resto da minha vida. Muito obrigado, galera!

Ah! Antes de ir à USP, tivemos uma grande ajuda na parte burocrática! Assim, devo agradecer ao melhor e mais paciente procurador que alguém poderia ter: Thiago Coutinho-Silva. Muito obrigado, Thiago, pela paciência de Jó!

Agradeço também às simpatias Esmeralda Negrão, por nos apresentar, no primeiro dia, a distribuição da FFLCH e adjacências, e Ana Müller, por sempre nos receber com um sorriso no rosto disposta a falar de tudo: do Rock'n'Roll à Lingüística!

A ida dos alagoanos a São Paulo foi possível também (digamos que *principalmente*) à Profa. Dra. Ana Paula Scher, ao Prof. Dr. Jairo Nunes, ao Prof. Dr. Marcelo Ferreira e ao Prof. Dr. Marcello Modesto, que nos aceitaram como alunos especiais nos seus cursos. Agradeço, ainda, ao Juanito Avelar pelas aulas compartilhadas com o Jairo na disciplina “Sintaxe Gerativa Comparada: PB e PE”.

Ao Marcelo Barra Ferreira e à Evani de Carvalho Viotti, agradeço por terem tido a paciência e a disponibilidade de discutir comigo acerca das SCLs, ainda quando eu nem sabia se era isso que eu ia fazer na tese. Ao Jairo Nunes, agradeço a leitura e as valiosíssimas sugestões feitas ao primeiríssimo texto que eu fiz sobre as SCLs. À Ana Scher, devo os excelentes “toques lingüísticos”, como, por exemplo, o nosso dever em prestar mais atenção nos dados e, ainda, a leitura e discussão dos excelentes textos escolhidos “a dedo” por ela.

Aos que fazem o Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD), claro! Por aceitarem os “alagoanos” como “intrusos” nas suas reuniões, por nos deixarem apresentar trabalhos nessas reuniões, por nos fazerem aprender um pouco de MD... Enfim, por nos deixarem ficar tão “à vontade” como se estivéssemos em casa... Aqui, eu devo “dar nomes aos lingüistas”: primeiramente, à Ana Scher, coordenadora do Grupo, ao Rafael Minussi, à Sônia Rocha, ao Julio Barbosa, à Aline Rodero, à Paulinha Armelin, ao João Paulo Cyrino e à Fabiana Baldim.

E o que seria de nós, lingüistas, sem os “extra-lingüísticos”? Agradeço ao Rafael, à Sônia e à Juliana, por sempre nos chamarem para tomar um chopp, seja no Rei, seja na terça em dobro do Shopping Eldorado ou seja em qualquer outro lugar. Foi muito bom! Ao Julio, Thiago e Suzi, pelos momentos de descontração! À Nize, à Luciana e à Lídia por (tentarem) nos ensinar um pouco de semântica e pelo diálogo com a sintaxe. À Léo, minha relações públicas particular, à Luciana e ao Rerisson, eu agradeço por lembrarem de mim sempre que tinha algum evento “extra-lingüístico” (e lingüístico também, né?!)

Na “Pensão do Ricardo”, eu tive a oportunidade de conviver e conhecer uma piauiense muito pra frente! Obrigado, Vivianne, por toda a força, torcida, confiança, conversas, pela amizade, por tantos filmes assistidos (que você dormia na metade), pelo interesse demonstrado pela Lingüística e por todas as nossas “resenhas” em Sampa!

A outra oportunidade de “ensanduichar” o meu doutorado foi no *Graduate Center* da *City University of New York*, sob a orientação do Professor Marcel den Dikken. Aqui eu agradeço a CAPES pelo apoio financeiro de quatro meses, através da bolsa de estágio de doutorando PDEE. Morar na *Big Apple* foi uma experiência de vida incrível!

Agradeço à *Manhattan Beach House*, a casa mais abrasileirada e animada do *Brooklyn*, que me acolheu durante todo o tempo que estive lá. Em especial, agradeço aos meus *roommates*, Leila e Tiago pela paciência, risos, conversas que varavam a madrugada e todas as festinhas que fizemos na *Manhattan Beach*! Agradeço ainda à Themis e à Tati pelos diversos julgamentos de gramaticalidade.

To Ji Young Shim from the *CUNY Graduate Center*. She has no idea how special she was to me during my staying in NYC! The few words we've changed were enough to know that she is a nice person and a very smart linguist! It was really nice to meet you!

Thank you, Nishi Bissoondial, for solve all bureaucratic problems I had and also for the tips you gave me about the places I had to visit in the city that never sleeps!

Já no Brasil, agradeço à Inês, secretária da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, que sempre me recebeu com simpatia e que sempre foi eficiente quando eu precisei. E, ainda, ao Judson, da biblioteca da pós, pela atenção, torcida, força e por tanta descontração!

Agradeço, agora, à minha base, raiz de tudo: a minha maravilhosa família... Em especial:

Às pessoas que mais amo no mundo: meus pais, Margarida Amorim Sibaldo e José Sibaldo Filho, que tanto fizeram e fazem por mim, por terem feito com que eu nunca parasse de estudar, por confiarem sempre em mim, por me darem as mãos sempre que eu precisei, por terem sido os meus primeiros professores e por me ensinarem tanta coisa! Coisa que nenhuma aula de Linguística ensina... Pelo TUDO que eles representam para mim, por sempre me incentivarem a fazer o que eu gosto, por sempre conversarem comigo, por me darem atenção e afeto... Enfim, por serem os melhores pais do mundo!

Aos meus irmãos, Marcos, Marcone e Cristina! Pela força, amizade, carinho, confiança, por me responderem, quando criança, aos meus primeiros porquês e, ainda, por terem me dado sobrinhos tão maravilhosos: Laís, Cleane, Melina, Marcele, Milena, Mateus, Lucas e Lívia, a quem eu também agradeço por me permitirem fazer parte de seus mundos, por me darem tantas alegrias, por me fazerem perceber que eu ainda não estou tão velho assim, por me acompanharem nas seções de filmes infantis (que eu tanto gosto!). Sem vocês, o mundo do tio Marcelo não teria a mesma cor que tem! Agradeço, ainda, ao meu cunhado, Douglas e às minhas cunhadas Clélia e Paula.

Em especial, à minha irmã Maria Aparecida, que é uma amiga para todas as horas, por rir das minhas piadas engraçadíssimas (=D), pelas horas e horas que gastamos filosofando sobre a vida, pelo debate instigante sobre lógica e sobre as línguas artificiais, bem como os modelos computacionais (\neg), pelo amor incondicional, pelo apoio incondicional, pelo desespero de “correr contra o tempo” para finalizar nossos trabalhos finais, por ser uma irmã tão querida, por me entender tanto (^o)), enfim, por ser uma pessoa iluminada e especial, uma pessoa que eu sei que posso contar sempre... Menos os segredos! =P

Se não fosse pelas minhas tias Florícia e Isabel certamente esta tese não estaria aqui. Agradeço a elas por me proporcionarem o ambiente perfeito para eu escrever tranquilamente. Agradeço ainda o carinho, o apoio, o respeito, a força, as orações e a confiança depositada em mim.

At last but not least, agradeço à Carol que chegou de mansinho na minha vida, roubou todos os meus sobrinhos, roubou a minha mãe, não ri das minhas piadas, nunca chega na hora, mas que me cativou e me mostrou que a gente pode tudo... Muito obrigado, Carol, por tanto carinho, dedicação, paciência, sorriso, choro, confiança, respeito, por acreditar em mim, por entender (?) os momentos em que eu precisava me isolar para fazer este trabalho e, ainda, por me ajudar a lembrar que não devemos desistir fácil das coisas que sonhamos...

“Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa”
Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

RESUMO

Esta tese investiga uma construção exclamativa muito usada pelos falantes do português brasileiro, mas pouco estudada, nomeadamente, as *Small Clauses Livres* (SCLs), a justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem nenhuma informação de tempo na superfície, como na construção *Bonita a sua roupa*, por exemplo. O principal objetivo deste estudo é responder a seguinte questão: qual a estrutura interna das SCLs do Português Brasileiro? Para tal investigação, o presente trabalho, num primeiro momento, estabelece quais são as restrições sintático-semânticas que regem os elementos constitutivos desse tipo de construção, descrevendo os contextos em que o predicado e o sujeito podem atuar. Para a análise das SCLs, tomamos como embasamento teórico os pressupostos da Teoria Gerativa no seu modelo minimalista (cf. CHOMSKY, 2000 e seqüência), bem como a noção de predicação e extensão de fase de Den Dikken (2006, 2007). A fim de desvendar qual a estrutura interna das SCLs, fizemos diversos testes no sentido de entender qual seria a composição interna desse tipo de estrutura e qual a posição estrutural de seus elementos. O que esta pesquisa conclui é que as SCLs são TPs raízes, ou seja, uma fase TP, desse modo, diferentemente de Chomsky (2000), que admite apenas CP e v^*P como uma fase forte, esta tese traz evidências a favor da idéia TP também seria uma fase.

Palavras-chave: *Small Clauses Livres*; Fases; *Small Clauses*; Cópulas; Predicado; Sujeito.

ABSTRACT

This thesis investigates an exclamative construction very used by the native speakers of Brazilian Portuguese, but under-researched, namely, the Free Small Clauses (FSCs), juxtaposition of a predicate and its subject, in that order, without any verb or morphological specification for tense on the surface, as in the following construction *Bonita a sua roupa* “Your Clothes are beautiful”, for example. The main goal of this study is to answer the following question: what is the internal structure of the FSCs of Brazilian Portuguese? In order to answer this question, at first, this work establishes what are the syntactic-semantic restrictions which govern the constitutive elements of this kind of constructions, describing the contexts in which the predicate and the subject can act. For the analysis of FSCs, we took as the theoretical assumptions the generative enterprise in its minimalist model (cf. CHOMSKY, 2000 *et passim*), as well as the notion of predication and phase extension as delimited in Den Dikken (2006, 2007). To answer the question put before, i.e., what is the internal structure of FSCs, we did several tests to understand what would be the internal composition of this type of structure and what is the structural position of its elements. What we could conclude in the end of this work is that the FSCs are root TPs, that is, one TP phase. Differently of Chomsky (2000), who admits that only CP and v^*P can be strong phases, this thesis bring some evidences from Brazilian Portuguese in favor of the idea that TP would also be a phase.

Keywords: Free Small Clauses; Phases; Small Clauses; Copulas; Predicate; Subject.

RESUMEN

Esta tesis investiga una construcción exclamativa muy utilizada por hablantes del portugués brasileño, pero poco estudiada, nombrada, las *Small Clauses Libres* (SCLs), una construcción con el predicado precediendo lo sujeto, sin ningún verbo ni ninguna información de tiempo en la superficie, como en la construcción *Bonita a sua roupa* “Bella su ropa”, por ejemplo. El objetivo principal de este estudio es contestar a la siguiente cuestión: ¿Cuál la estructura interna de las SCLs del Portugués Brasileño? Para tal investigación, el presente trabajo, en un primer momento, establece cuales son las restricciones sintáctico-semánticas que rigen los elementos constitutivos de ese tipo de construcción, describiendo los contextos en que el predicado y el sujeto pueden actuar. Para la análisis de las SCLs, tomamos cómo basamento teórico los presupuestos de la Teoría Generativa en su modelo minimalista (cf. CHOMSKY, 2000 *et passim*), bien como la noción de predicación y extensión de fase de Den Dikken (2006, 2007). Con el motivo de desvendar cuál la estructura interna de las SCLs, hicimos diversos testes para entender cuál seria la composición interna de ese tipo de estructura y cuál la posición estructural de seos elementos. Lo que esta investigación concluyó fue que las SCLs son TPs raíces, es decir, una fase TP, de ese modo, diferentemente de Chomsky (2000), que admite solamente CP y v^*P como una fase fuerte, esta tesis trae evidencias a favor de la idea de que TP también seria una fase.

Palabras-clave: *Small Clauses Libres*; Fases; *Small Clauses*; Cópulas; Predicado; Sujeto.

ABREVIACOES E SIGLAS

Siglas	Termo em Ingls	Termo em Portugus
A	Adjective	Adjetivo
ACC	Accusative	Acusativo
Adv	Adverb	Advérbio
AdvP	Adverbial Phrase	Sintagma Advrbial
Agr	Agreement	Concordncia
AgrP	Agreement Phrase	Sintagma de Concordncia
AP	Adjective Phrase	Sintagma Adjetival
C	Complementizer	Complementador
Comp	Complement	Complemento
CP	Complementizer Phrase	Sintagma Complementador
D	Determiner	Determinante
DegP	Degree Phrase	Sintagma de Grau
DP	Determiner Phrase	Sintagma Determinante
ECM	Exceptional Case Marking	Marcaoo Excepcional de Caso
EF	Edge Feature	Traço Periferia
EM	External Merge	Merge Externo
EPP	Extended Projection Principle	Princípio de Projeoo Estendido
F	Feature	Traço
FL	Faculty of Language	Faculdade de Linguagem
FM	Focal Marker	Marcador de Foco
FP	Functional Phrase	Sintagma Funcional
G	Goal	Alvo
I ou Infl	Inflection	Flexoo
IC	Interface Condition	Condioo de Interface
[iF]	Interpretable Feature	Traço Interpretável
IM	Internal Merge	Merge Interno
IP ou InfIP	Inflectional Phrase	Sintagma de Flexoo
L	Language	Língua
LA	Lexical Array	Arranjo Lexical
LAD	Language Acquisition Device	Dispositivo de Aquisioo de Linguagem
LF	Logical Form	Forma Lógica
LI	Lexical Item	Item Lexical
	Merge	Concatenar
MLI	Modified Lexical Items	Itens Lexicalmente Modificados
N	Noun	Nome
NOM	Nominative	Nominativo
NP	Noun Phrase	Sintagma Nominal
NPI	Negative Polarity Item	Item de Polaridade Negativa
NS	Narrow Syntax	Sintaxe Estrita
P	Probe	Sonda

PartP	Participial Phrase	Sintagma Participial
PB		Português Brasileiro
PF	Phonetic Form	Forma Fonética
PH	Phase	Fase
PIC	Phase Impenetrability Condition	Condição de Impenetrabilidade de Fase
PL	Plural	Plural
PLD	Primary Linguistic Data	Dados Lingüísticos Primários
PM	Minimalist Program	Programa Minimalista
POSS	Possessive	Possessivo
PP	Prepositional Phrase	Sintagma Preposicional
P&P	Principles & Parameters	Princípios & Parâmetros
R	Relator	Relator
RP	Relator Phrase	Sintagma Relator
SC	Small Clause	Small Clause
SCL	Free Small Clause	Small Clause Livre
Sing	Singular	Singular
SM	Sensor Motor Interface	Interface Sensório-Motora
SMT	Strong Minimalist Thesis	Tese Minimalista Forte
SO	Syntactic Objects	Objetos Sintáticos
S-O	Spell Out	Expelir
Spec	Specifier	Especificador
<i>t</i>	Copy	Cópia
TP	Tense Phrase	Sintagma de Tempo
Traços- Φ	Traços-phi	Traços de Concordância
[<i>u</i> F]	Uninterpretable Feature	Traço Não-Interpretável
UG	Universal Grammar	Gramática Universal
<i>v</i>	Light Verb	Verbo Leve
<i>v</i> P	Light Verbal Phrase	Sintagma de Verbo Leve
V	Verb	Verbo
VP	Verbal Phrase	Sintagma Verbal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1. SENTENÇAS COPULARES E <i>SMALL CLAUSES LIVRES</i>..	22
1.1. INTRODUÇÃO.....	22
1.2. SOBRE A NOÇÃO DE CÓPULA, SUJEITO E PREDICADO.....	22
1.3. TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS COPULARES.....	27
1.4. CÓPULA E SENTENÇAS COPULARES TRANSLINGÜISTICAMENTE.....	28
1.5. SUMÁRIO.....	39
1.6. AS CONSTRUÇÕES COPULARES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	40
1.6.1. As cópulas <i>ser</i> e <i>estar</i> no português brasileiro.....	40
1.6.2. A seleção de categorias nas sentenças copulares do português brasileiro.....	46
1.6.3. Uma nota sobre a perífrase <i>estar com</i> no PB.....	51
1.7. AS <i>SMALL CLAUSES LIVRES</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	55
1.7.1. Restrições sintático-semânticas dos elementos das SCLs.....	61
1.7.1.1. Restrições sobre o sujeito.....	61
1.7.1.2. Restrições sobre o predicado.....	62
1.7.1.3. Restrições sobre o Tempo.....	69
1.7.2. SCLs <i>versus</i> que-SCLs... ..	73
1.7.3. “Encaixamento”.....	76
1.7.4. Negação, itens de polaridade negativa e quantificação.....	78
1.7.5. Concordância.....	79
1.8. SUMÁRIO.....	81
CAPÍTULO 2. FASES, SINTAXE DA PREDICAÇÃO E <i>SMALL CLAUSES</i>.....	82
2.1. INTRODUÇÃO.....	82
2.2. O SISTEMA CASO-CONCORDÂNCIA NO MINIMALISMO.....	83
2.2.1. O Programa Minimalista.....	83
2.2.2. A Faculdade da Linguagem.....	86

2.2.3. Algumas Propriedades de L: seus componentes e a formação dos Itens Lexicais	88
2.2.4. Merge Interno <i>Versus</i> Merge Externo	90
2.2.5. Fases	92
2.2.6. A relação <i>Agree</i>	95
2.3. PREDICAÇÃO E <i>PHASE EXTENSION</i>	100
2.4. <i>SMALL CLAUSES</i>	104
2.5. SUMÁRIO	111
CAPÍTULO 3. <i>SMALL CLAUSE</i> LIVRE COMO TP: UMA PROPOSTA PARA O PB	113
3.1. INTRODUÇÃO	113
3.2. AS SCLs TRANSLINGÜISTICAMENTE: O CASO DO FRANCÊS E DO INGLÊS	113
3.2.1. Sobre as <i>Non-Verbal Exclamative Constructions</i> do francês	114
3.2.2. Sobre as <i>Pred NP Constructions</i> do inglês	124
3.3. SUMÁRIO	134
3.4. AS SCLs DO PB: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA	135
3.4.1. SCL: adjunção do sujeito à direita ou alçamento do predicado?	136
3.4.2. SCL: caráter nominal ou caráter sentencial?	138
3.4.3. Advérbios de VP: por onde anda a SCL?	139
3.4.4. Projeções funcionais: SCL tem CP?	141
3.4.5. Projeções funcionais: SCL tem TP?	142
3.4.6. Sobre TP na SCL: o que tem lá?	153
3.4.7. SCLs como TP raiz: muito legal essa SCL!	161
3.4.8. que-SCL: como fica?	171
3.5. SUMÁRIO	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	181

INTRODUÇÃO

Como sabido, o Português Brasileiro (doravante PB) tem dois “sabores” de verbos cópula, a saber: *ser* e *estar*. Comumente, este é definido como a cópula *stage level* e aquele a *individual level*, usando os termos de Carlson (1977). Já no tocante à ordem dos elementos constitutivos das sentenças copulares, na literatura sobre o PB, as sentenças predicacionais copulares, geralmente, são consideradas como tendo a seguinte ordem linear: *DP sujeito + Verbo Cópula + Predicado*, como ilustrado nas sentenças abaixo:

- (1) a. O trabalho está pronto.
 b. Eu estou ferido.
 c. O João é médico.
 d. Eu sou seu amigo.

Paralelamente, podemos encontrar, pelo menos, mais duas possibilidades de ordens, quando se fala em estruturas de cópula predicacional no PB. Uma delas diz respeito a estruturas com a ordem *Verbo Cópula + Predicado + DP sujeito*:

- (2) a. É/ está bonita a sua roupa.
 b. É/ está muito feio o cabelo da Francisca.

Outro tipo de sentença copular predicacional, que também podemos encontrar no PB e que é peculiar em alguns aspectos, é a estrutura que Kato (1988, 1998, 2007) chama de *Small Clause Livre* (doravante SCL), um termo que também usaremos aqui¹. Este tipo de construção diz respeito a um tipo de sentença exclamativa com um aparente “apagamento” da cópula, tendo a seguinte ordem de constituintes: *Predicado + DP*, como observado nas sentenças abaixo:

- (3) a. Bonita a sua roupa.
 b. Muito feio o cabelo da Joana.

¹ Porém, é relevante destacar que o termo “livre” é empregado aqui apenas descritivamente, no sentido de que essas sentenças não podem ser encaixadas, como será proposto no Capítulo 3, pois, como será visto no próximo capítulo, as SCLs estão sujeitas a várias restrições sintático-semânticas.

Tanto quanto saibamos, poucos estudos até então procuraram se debruçar sobre as SCLs do PB, numa tentativa de descrever/ entender/ explicar as peculiaridades sintático-semânticas que as regem, seja num nível descritivo seja num nível teórico. Sendo assim, o objetivo precípua desta tese é o de descrever e explicar as SCLs do PB, tentando responder, *a priori*, a seguinte questão:

(4) Qual a estrutura das SCLs do Português Brasileiro?

Nossa preocupação aqui, dessa forma, não vai muito além dos dispositivos sintáticos, no tocante a questões teóricas, que estão envolvidos na formação da estrutura interna de uma SCL. Deixaremos de lado, então, a interpretação semântica, usada aqui num sentido formal, e olharemos para a pergunta em (4) visando respondê-la, teoricamente, usando os pressupostos teóricos da teoria gerativista lançando mão de seu aparato sintático. Por outro lado, de um ponto de vista *descritivo*, tentaremos arrolar algumas possíveis causas *semânticas* para as restrições a serem observadas no Capítulo 1 deste trabalho.

Desse modo, para a realização desta pesquisa, tomaremos como embasamento teórico a maquinaria do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008), bem como a noção de sintaxe da predicação delineada em Den Dikken (2006, 2007); trabalhando, principalmente, as seguintes questões norteadoras:

(5)

- (i) Qual a natureza dos constituintes (sujeito e predicado) que compõem a SCL no PB?
- (ii) Quais são as restrições sintático-semânticas, num nível descritivo, a que as SCLs do PB são expostas? E, num nível teórico-explicativo, por que tais restrições ocorrem?
- (iii) Que categorias funcionais as SCLs do PB possuem na sua composição?
- (iv) Qual o *status* do tempo (não-morfologicamente visível) nas SCLs?

Para tentar responder/ elucidar as questões elencadas em (5) acima, nossos principais objetivos, nesta pesquisa, são:

- (6)
- (i) Descrever as SCLs de um modo geral e, mais especificamente, os seus elementos constitutivos, nomeadamente, seu sujeito e seu predicado;
 - (ii) Apresentar e discutir a SCL e suas restrições de seleção de categorias confrontando, sempre que possível, com as restrições sintático-semânticas das sentenças copulares predicacionais no PB e noutras línguas naturais;
 - (iii) Propor uma estrutura abstrata para a SCL do PB, de acordo com as restrições e regras que regem a Gramática Universal;
 - (iv) Examinar como o tempo das SCLs do PB é recuperado, haja vista a sua invisibilidade fonética.

Para a presente pesquisa, o método de abordagem que adotaremos será o hipotético-dedutivo; quanto ao método de procedimento, utilizaremos o comparativo haja vista que o PB, língua analisada, será comparada a outras línguas pertinentes à análise, como é feito, usualmente, em pesquisas de cunho gerativista. No que concerne à análise dos dados, serão observadas e analisadas sentenças exclamativas, aqui denominadas SCLs, que têm como base uma sentença copular predicacional (usando-se a tipologia das sentenças copulares como delineada em HIGGINS, 1976). Em relação à gramaticalidade das sentenças, lançaremos mão do julgamento de gramaticalidade de falantes nativos do PB e de nossos dados de introspecção.

Tendo em vista que a sintaxe das sentenças exclamativas tem recebido pouca atenção dos lingüistas, se se for comparar com as sentenças interrogativas de um modo geral, esta investigação constitui uma contribuição importante tanto do ponto de vista teórico, uma vez que, para desenvolvê-la, tivemos que lançar mão de uma perspectiva sobre a sintaxe da predicação ainda não muito explorada para analisar os dados do PB, quanto do ponto de vista empírico para os estudos em sintaxe gerativa, haja vista a escassez de descrição dos fatos lingüísticos das sentenças copulares do PB e de outras línguas de uma forma geral, bem como das SCLs.

Esta tese encontra-se dividida em três capítulos substanciais mais esta introdução e uma seção de Considerações Finais.

No Capítulo 1, introduziremos a noção de sentenças copulares, apresentando a tipologia de Higgins (1976), no sentido de focalizar a nossa atenção para as sentenças copulares predicacionais, cuja base também forma as SCLs. Mostraremos, ainda naquele

capítulo, dados translingüísticos de sentenças copulares a fim de uma comparação com os dados tanto das sentenças copulares predicacionais do PB, quanto das SCLs. Descritivamente, tentaremos responder a questão arrolada em (4), esmiuçando as restrições a que as SCLs do PB são expostas, levando em consideração, principalmente, as restrições de seleção sintático-semântica de seus constituintes.

No Capítulo 2, apresentaremos o quadro teórico da teoria gerativa a ser adotado na nossa análise teórica, sendo assim, aqui, ofereceremos os pressupostos recentes do sistema de Caso-concordância de Chomsky (2000, 2001, 2004, 2007, 2008), detendo-nos na definição de fase e de *Phase Extension* (DEN DIKKEN, 2006, 2007), haja vista a necessidade de tal aparato para a nossa proposta no capítulo seguinte. Apontaremos, ainda, para as propostas desenvolvidas até então para as *Small Clauses*, desde Stowell (1981) até as teorias que adotam uma visão de predicação não-direcional e configuracional (cf. DEN DIKKEN, 2006), a ser adotada nesta tese.

No Capítulo 3, proporemos uma estrutura interna para as SCLs baseada nas suas restrições mostradas no Capítulo 1 e na fundamentação teórica elucidada no Capítulo 2. Para isso, demonstraremos, a partir de testes sintáticos, quais elementos funcionais compõem a SCL do PB e que posição os constituintes das SCLs ocupam nesta estrutura interna. Antes, porém, mostraremos dados do francês e do inglês similares às SCLs do PB, apontando para as análises desenvolvidas por Vinet (1991) e por Paul & Stainton (2006), respectivamente.

Nas Considerações Finais, concluiremos a tese retomando os principais achados deste trabalho.

CAPÍTULO 1

1. SENTENÇAS COPULARES E *SMALL CLAUSES* LIVRES

1.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, trataremos de explicitar o que entendemos pelo termo “cópula”, com o intuito de demarcar a concepção que será utilizada no decorrer desta tese, pois, apesar de o objeto de estudo desta tese ser construções “sem cópula” *na superfície*, entendemos que tais construções (as *Small Clauses* Livres) têm a mesma estrutura de uma sentença de cópula *na base*. Assim, a primeira parte deste capítulo será dedicada à definição do termo cópula como um ponto de partida para reflexões sobre esses tipos de sentenças no Português Brasileiro.

Logo em seguida, apresentaremos a tipologia de Higgins (1976) das sentenças copulares, direcionando a nossa atenção para as sentenças copulares predicacionais, visto que as bases destas sentenças são as únicas que parecem derivar uma *Small Clause* Livre, tópico central desta tese. Antes de apresentarmos as *Small Clauses* Livres, exporemos alguns dados de sentenças copulares de outras línguas naturais, para tentar entender o que se passa no Português Brasileiro (doravante PB) e, visto a escassez de descrição do PB no que se refere às sentenças copulares, ofereceremos, também, dados de sentenças copulares do próprio PB, para tentar capturar o lugar das *Small Clauses* Livres nessa língua. Descreveremos, logo em seguida, as peculiaridades no que concerne à ordem, bem como as restrições sintático-semânticas das *Small Clauses* Livres, comparando os dados desse tipo de construção com as estruturas descritas de outras línguas naturais e com as estruturas copulares do próprio PB.

1.2. SOBRE A NOÇÃO DE CÓPULA, SUJEITO E PREDICADO

Desde a tradição filosófica ocidental, perpassando pelo período da Lingüística pré-saussureana até chegar à Lingüística moderna, muitas foram as definições de *sentença*. *O sofista*, de Platão, foi o primeiro livro (de acordo com SEUREN, 1998) a definir “sentença”

como uma junção de um sujeito e um predicado, uma idéia que foi tomada posteriormente por Aristóteles, mais especificamente em *Perì Hermēneías* (*De Interpretatione*, no latim, como esta obra é comumente conhecida), onde tais noções são essenciais tanto num plano gramatical quanto num plano lógico. Para o propósito desta seção, deter-nos-emos à noção de “predicado” para Aristóteles, tentando precisar a noção de *cópula* para este filósofo¹.

Na tradução de Ackrill (1963) para o inglês do texto de Aristóteles, o que é dito sobre sentença declarativa é que: “Every statement-making sentence must contain a verb or an inflection of a verb” (*De Interpretatione*, 5, 17a, 12) porque “a verb is a sign of what holds, that is, holds of a subject” (*De Interpretatione*, 3, 16b, 7). A tradução de Ackrill é potencialmente enganadora e o que está em jogo na segunda parte da citação é, na verdade, o “predicado” e não o “verbo”, como observado por Moro (1997, p. 250). A palavra *rhēma* do grego é uma palavra que se torna ambígua quando traduzida para o português ou inglês, visto que ela pode figurar tanto como *verbo* (*verb*, no inglês) quanto como *predicado* (*predicate*). Sendo assim, alguns trechos de algumas traduções de *De Interpretatione* são comprometidos nesse sentido. Retomando as citações acima, depreendemos que, para Aristóteles, os primitivos conceituais constituintes de uma sentença declarativa são um sujeito, um predicado e uma especificação de tempo.

Para Aristóteles, a cópula é desvinculada do predicado, sendo considerada o elemento que fornece à sentença declarativa a sua especificação de tempo. Assim, uma sentença declarativa baseada na assunção aristotélica, consiste em uma “ligação predicacional” mais especificações de tempo. A cópula estaria em distribuição complementar com a flexão verbal.

Outra visão acerca da cópula é a perspectiva de que este elemento faz parte do predicado em si, partilhada pelo matemático Bertrand Russel. Em seu livro *The Philosophy of Mathematics* (RUSSEL, 1919), este autor argumenta que a cópula pode tanto expressar uma relação entre o sujeito e o predicado, como em *Socrates is human*, quanto expressar uma identidade, como em *Socrates is a man*. De acordo com as palavras desse matemático: “It is a disgrace to the human race that it has chosen the same word *is* for those two such entirely different ideas as predication and identity – a disgrace which a symbolic logical language of course remedies.” (cf. RUSSEL, 1919, p. 172). Assim, para este autor, a cópula é ambígua, podendo fazer o papel tanto de uma predicação, como em *Socrates is human*, quanto de uma identidade, como em *Socrates is a man*, onde a cópula seria um predicado e faria papel de um sinal de igualdade “=” nesse tipo de sentença. O trabalho de Russel teve um grande impacto

¹ Na seção 2.3. do Capítulo 2, retornaremos às noções de *sujeito* e *predicado* novamente, dessa vez, para definirmos o termo *predicação* a ser usado neste trabalho.

nos estudos lingüísticos do século XIX, como pode ser visto na tipologia das sentenças copulares criada por Higgins (1976), na seção 1.3.

O viés de Russel é também partilhado pela gramática de Montague (cf. MONTAGUE, 1973; DOWTY, WALL & PETERS, 1981; PARTEE, 1976 e 1999), que faz a distinção entre dois tipos de cópula *be*, do inglês, a saber: a cópula *be* de predicação e a cópula *be* de identidade, tal separação é feita a depender dos tipos semânticos dos seus argumentos. Assim, o *be* de predicação, como em *Socrates is human* (para usar os exemplos de Russel), toma dois argumentos de tipos *e* e $\langle e, t \rangle^2$ e sua semântica é $\lambda P.\lambda x[P(x)]$. Em outras palavras, isso implica o predicado ao sujeito. Por outro lado, o *be* de identidade, como em *Socrates is a man*, toma dois argumentos do tipo *e* e sua semântica é $\lambda x.\lambda y[x=y]$. Em outras palavras, isso expressa a identidade de seus dois argumentos.

Assumiremos com Pereltsvaig (2001) e Den Dikken (2006), entre outros autores, que não há essa ambigüidade entre uma cópula de identidade e uma de predicação. Uma vez que, tanto para Russel quanto para a gramática de Montague, a ambigüidade da cópula entre ela ser de identidade ou de predicação está relacionada a codificações desse item lexical no léxico. Porém, diferentemente de Pereltsvaig (2001), não assumiremos que a diferença entre a cópula de identidade e de predicação é reduzida às propriedades dos núcleos funcionais *e/* ou núcleos lexicais, do modo argumentado em seu trabalho³. De outro modo, nossa abordagem segue a linha esquematizada em Den Dikken (2006) no sentido de que todas as sentenças copulares (seguindo a tipologia de Higgins, 1976, apresentada na próxima seção) são derivadas de uma projeção que tem um núcleo funcional, ou seja, na subjacência, só há um tipo de sentença copular, como deverá ficar mais claro no capítulo 2.

Advinda do latim, a palavra *copulare* pode ser traduzida como “ligação”, o que explica o porquê de nossas gramáticas tradicionais considerarem os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, etc. como verbos de *ligação*. Assim, o “verbo de ligação” faz a conexão entre dois sintagmas distintos. Para os propósitos desta tese, diremos simplesmente que a cópula é o termo que liga um *sujeito* a um *predicado*⁴.

² Na semântica formal, dizemos que um constituinte sintático do tipo “*e*” pertence ao *domínio das entidades*, enquanto que um constituinte sintático do tipo “*t*” pertence ao *conjunto dos valores de verdade*. Para um curso introdutório de semântica formal e a notação lambda aqui utilizada, ver Heim & Kratzer (1998), Ferreira (em preparação) e Chierchia & McConnell-Ginet (1990).

³ Para a referida autora, uma sentença copular de identidade é derivada de uma estrutura simétrica (uma *Small Clause* nua), com o movimento sendo desencadeado para quebrar tal simetria (similar à proposta de MORO, 2000 e 2004) e para checar o EPP do sujeito. Já uma sentença copular predicacional é derivada de uma estrutura assimétrica (uma *Small Clause* “rica”), cujo núcleo funcional é a própria cópula.

⁴ Como visto, nas sentenças de identidade (ou equativas), em que a cópula liga dois sintagmas nominais distintos, como em (i) abaixo, onde, dada a referencialidade de ambos, é difícil dizer se há um sujeito e um predicado (cf. Heggie, 1988):

É pertinente destacar que a noção de “sujeito” da qual estamos falando é um pouco diferente da noção de sujeito da gramática tradicional, no sentido de que, ao contrário do que Jespersen (1937) propõe, *sujeito* não é necessariamente o constituinte que desencadeia a concordância com a flexão verbal. Daí faz-se necessária a distinção entre o sujeito gramatical e o sujeito lógico. Para ilustrar essa distinção, tomaremos, por exemplo, uma sentença com um verbo inacusativo⁵; como se sabe, verbos inacusativos são verbos monoargumentais e seu argumento é gerado em posição de “objeto” (irmão de V inacusativo), porém, é possível haver movimento desse DP⁶ para a posição pré-verbal (por questões de Caso, EPP, etc.), como ilustra o passo a passo em (1):

- (1) a. [TP Morreu_i [VP t_i [DP O João]]]
 b. [TP O João_i [T' morreu_i [VP t_i [DP t_j]]]]

Em (1b), dizemos que *O João* é o sujeito *gramatical* dessa sentença, um sujeito “derivado” de movimento. Sendo assim, o que estamos tomando por sujeito neste trabalho não é necessariamente o que Williams (1980) denominou de “argumento externo”. No caso de passivas, por exemplo, como em *A Maria foi beijada pelo João*, *A Maria* é, na verdade, o sujeito gramatical, já *O João*, o sujeito lógico. Já em *O João beijou a Maria*, o DP [*O João*] é tanto o sujeito gramatical quanto o sujeito lógico. Ainda, no caso de sintagmas nominais, assumiremos com Den Dikken (1998), que, num constituinte como [*o velho amigo*], *amigo* é o sujeito desta predicação⁷.

-
- (i) a. A estrela da tarde é a estrela da manhã.
 b. A Maria é a melhor amiga da Carla.

Para uma melhor assimilação desta questão, ver Heggie (1988), Pereltsvaig (2001), Rothstein (2001), Adger & Ramchand (2003) e referências lá citadas.

⁵ Em Burzio (1986), este lingüista, ao observar algumas propriedades sintáticas e semânticas de algumas estruturas, retoma as idéias de Perlmutter (1976, 1978), e infere que os verbos intransitivos são divididos em duas classes: (i) os *inergativos* (ou não-ergativos, do inglês *unergative*) que selecionam um argumento externo e que, de acordo com Menuzzi (2004, p. 354), seus sujeitos superficiais possuem “propriedades semânticas e gramaticais de sujeitos ‘normais’ - por exemplo, possuem, em geral, um papel temático agentivo”; e (ii) os *ergativos* (ou *inacusativos*, do inglês *unaccusatives*) que selecionam um argumento interno ao VP; exemplos dos inacusativos são “verbos como *existir*, *aparecer*, *chegar*, *surgir*, *cair*, etc., cujo sujeito superficial possui várias propriedades semânticas e gramaticais características dos *objetos* verbais, entre as quais a de ter um papel temático não agentivo” (MENUZZI, *op. cit.*, p. 354).

⁶ Do inglês *Determiner Phrase*, ou Sintagma Determinante, como proposto em Abney (1987), no qual o Determinante (núcleo deste constituinte) seleciona um NP. Como exemplo de DPs, podemos citar [DP [D' *os*] [NP *meninos*]], [DP [D' *a*] [NP *flor*]], etc.

⁷ Ver Den Dikken (1998), segundo o qual, DPs como [*O idiota do açougueiro*] é derivado da “inversão” do “predicado” *idiota* sobre o “sujeito” *o açougueiro*, considerando este DP um exemplo de predicação derivada por uma *Small Clause*, denominada por ele de RP (*Relator Phrase*).

Já o predicado é o item lexical com uma grelha temática, ou seja, o núcleo do predicado em combinação com os seus argumentos internos. Grosso modo, podemos dizer que o predicado equivale ao constituinte sintático que denota a propriedade atribuída ao seu sujeito. Desse modo, estamos considerando que, numa sentença copular, a cópula ela mesma não faz parte do predicado. Vale salientar que, quando falamos de sentença copular, a menos que esteja especificado, consideramos apenas as sentenças copulares predicacionais, ou seja, o tipo de sentenças copulares das quais trataremos nesta tese.

É válido notar de antemão que, na literatura corrente sobre as sentenças copulares, é assumido que o sujeito destas construções recebe um Caso⁸ nominativo (checado por T durante a operação *Agree*⁹), enquanto que, para o predicado dessas construções, geralmente, é assumido que este não tem nenhum traço de Caso estrutural para ser checado¹⁰. Porém, em algumas línguas, que marcam o caso morfológicamente, o predicado pode receber uma marca casual morfológica. No russo, por exemplo, o elemento pós-copular pode exibir uma marca de caso morfológico, como se pode observar em (2), onde o nominal exibe marca de caso nominativo:

- (2) Čexov byl pisatel'.
Chekhov foi escritor.NOM
“Chekhov foi um escritor.”

(PERELTSVAIG, 2001, ex. (2a))

Como se sabe, o português brasileiro não marca morfológicamente os seus sintagmas nominais com relação a Caso. Assim, como Pereltsvaig (2001) e tantos outros teóricos, assumiremos que o Caso abstrato (como proposto em CHOMSKY, 1980) é um requerimento de identificação e licenciamento de um *argumento*, que atua na forma lógica (LF) e é universal. Por outro lado, o caso morfológico é um requerimento de superfície, que atua na forma fonética (PF) e está sujeito a restrições de línguas específicas. Para aquela autora, o

⁸ Chomsky (1980) *apud* Raposo (1992, p. 350) afirma que “a marcação casual dos DPs é um fenômeno universal, e não apenas uma propriedade das línguas que possuem marcas Casuais morfológicas, como o Latim. Para Chomsky, a marcação Casual é um fenômeno essencialmente *sintático*: os DPs recebem um Caso <<abstrato>> na sintaxe, o qual pode ou não receber uma manifestação morfológica consoante as línguas particulares”. Assim, *todas* as línguas dispõem de *Caso*, mesmo aquelas línguas sem marcação morfológica (como é o caso do PB). A Teoria Gerativa postula ainda o filtro que regula a marcação Casual, a saber: o filtro do Caso, segundo o qual um DP com uma matriz fonológica e sem Caso é agramatical.

⁹ Sobre *Agree*, ver Capítulo 2, subseção 2.2.6.

¹⁰ Ver Schütze (2001), que propõe o Caso *default* para o predicado das sentenças copulares, e Mikkelsen (2004), que adota esta proposta para as sentenças copulares especificacionais.

exemplo em (2), onde o elemento pós-cópula é marcado morfologicamente com nominativo, é simplesmente explicado pelo fato de que, em russo, os nominais requerem morfologia de caso, sendo assim, este exemplo é resultado da aplicação da morfologia *default*: já que não há Caso estrutural para o elemento pós-copular, ele recebe o nominativo via *default*.

1.3. TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS COPULARES

Como assumido na seção anterior e como deverá ficar mais claro no próximo capítulo, existe apenas uma estrutura subjacente para todos os tipos de sentenças copulares. Porém, faz-se necessário o arrolamento da tipologia explorada por Higgins (1976), num trabalho clássico sobre as sentenças copulares, tendo em vista a necessidade de uma *terminologia* diferenciada para cada tipo de sentença copular (e não *estruturas* diferenciadas!). De acordo com este autor¹¹, há uma distinção entre as estruturas de cópula em quatro tipos¹²: além das estruturas predicacionais e de identidade (ou equativa), ele acrescenta mais duas categorias a esta tipologia, a saber: a especificacional e a identificacional, como elencado em (3) abaixo:

- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| (3) | a. O João é um assaltante de bancos. | <i>Predicacional</i> |
| | b. O assaltante de bancos é o João. | <i>Especificacional</i> |
| | c. A estrela da tarde é a estrela da manhã. | <i>Identidade</i> |
| | d. Aquele lugar é a Ponta Verde. | <i>Identificacional</i> |

As sentenças predicacionais atribuem alguma propriedade ao sujeito (cf. (3a)). As sentenças especificacionais “merely says what one is talking about: the Subject in some way delimits a domain and the Specificational Predicate identifies a particular member of that domain” (Higgins, 1976, p. 132) (cf. (3b)). As sentenças de identidade “express an identity ‘is’ or ‘=’ must stand between two noun-phrases which, if they are distinct, are serving independently of one another to make genuine references” (cf. Wiggins, 1967, p.42 *apud*

¹¹ Ver também Declerck (1988).

¹² No que se refere à estrutura, ver Mikkelsen (2004) para quem as sentenças identificacionais são estruturalmente semelhantes às especificacionais; Heycock and Kroch (1999) e Rothstein (2001) que argumentam que as sentenças especificacionais são um subconjunto das sentenças de identidade e, ainda, Moro (1997) e Adger & Ramchand (2003) que assumem que as sentenças especificacionais são semelhantes às predicacionais.

Higgins, *op. cit.*, p. 165) (cf. (3c)). Já as sentenças identificacionais são “typically used for teaching the names of people or of things” (Higgins, *op. cit.*, p. 147) (cf. (3d)).

É pertinente salientar, mais uma vez, que, a tipologia exibida em (3), só nos servirá como “nomenclatura”, pois, na verdade, não há uma estrutura diferente *na base* para cada um desses tipos. Nesta tese, trataremos, mais especificamente, das sentenças que Higgins (1976) classifica como *sentenças predicacionais*, ou seja, aquela em que há um predicado que atribui alguma propriedade ao sujeito e onde a cópula não faz parte do predicado, como dito anteriormente.

1.4. CÓPULA E SENTENÇAS COPULARES TRANSLINGÜISTICAMENTE

Translingüisticamente, a cópula pode assumir diversas formas. Em muitas línguas já estudadas, pode-se afirmar que há dois ou mais tipos de elementos cópula. Stassen (1997), por exemplo, divide as cópulas em três tipos, com base na sua origem histórica. Elas podem ser: (i) verbais, (ii) pronominais e (iii) cópulas-partículas.

As cópulas verbais, como o inglês *be*, além de permitir estruturas predicacionais e equativas, tipicamente, derivam verbos de existência, locação ou posição¹³:

- (4) a. Mary *is* intelligent.
 “Mary é inteligente.”
 b. Mary *is* Freddy’s wife.
 “Mary é a mulher do Freddy.”
 c. There *is* a man in the room.
 “Tem um homem na sala.”
 d. Mary *is* in the garden.
 “Maria está no jardim.”

Há, ainda, línguas com cópula verbal que permitem dois tipos de cópula. Normalmente, nessas línguas, desses dois “sabores” de cópula, um deles está associado ao

¹³ Sobre isto, ver Benveniste (1976); Freeze (1992); Kayne (1993); Hornstein, Rosen & Uriagereka (2002); entre muitos outros. No PB, ver Viotti (1999) e Avelar (2004, 2006a, 2006b, 2007). Ver ainda a subseção 1.6.3.

stage level e o outro associado ao *individual level*¹⁴. Tal fenômeno ocorre no espanhol, basco, irlandês, galego escocês, entre muitas outras línguas. O contraste entre duas cópulas nas línguas citadas pode ser visto nos exemplos abaixo, com os verbos-cópula em fontes estilo versalete na glosa:

(5) a. Esta cama es comoda. *Espanhol*

esta cama SER confortável

“Esta cama é confortável.”

b. Esta cama está rota.

Esta cama ESTAR quebrada

“Esta cama está quebrada.”

(ROIG, 1989, p. 85 *apud* PERELTSVAIG, 2001, p. 8)

(6) a. Gela hau hotza da. *Basco*

quarto este.abs quente IZAN

“Este quarto é quente.”

b. Gela hau hotza dago.

quarto este.abs quente EGON

“Este quarto está quente.”

(STASSEN, 1997, p. 180 *apud* PERELTSVAIG, 2001, p. 8)

(7) a. Ba dhochtúir Seán. *Irlandês*

IS doutor Sean

“Sean foi um doutor (e está morto agora).”

b. Bhí Seán ina dhochtúir.

TÁ(BÍ) Sean em-seu doutor

“Sean era um doutor (e perdeu sua licença).”

(CARNIE, 1993, p. 102 *apud* PERELTSVAIG, 2001, p. 8)

(8) a. Is faicilleach Calum. *Galego escocês*

IS cuidadoso Calum

“Calum é cuidadoso (por natureza).”

¹⁴ Pereltsvaig (2001) afirma, para algumas línguas, que a questão de uma determinada língua ter duas cópulas verbais estaria relacionada ao tipo de sentenças copulares. Sendo assim, uma cópula estaria relacionada às sentenças predicacionais e a outra às de identidade.

b. Tha Calum faicilleach.

BI Calum cuidadoso

“Calum está (sendo) cuidadoso.”

(RAMCHAND, 1997, p. 193 *apud* PERELTSVAIG, 2001, p. 8)

Por sua vez, as cópulas pronominais derivam ou de pronomes pessoais ou de pronomes demonstrativos. Estes tipos de cópulas são muito comuns em línguas crioulas, como mostrado em (9)¹⁵:

(9) a. Bouki *se* yon doktè/ Aristide. *Crioulo haitiano*

Bouki PRON um médico/ Aristide

“Bouki é um médico/ Aristide.”

(DeGRAFF, 1992)

b. Philip *de* wan takru suma. *Crioulo sranan*

Philip PRON uma má pessoa

“Philip é uma pessoa má.”

(HENGEVELD, 1992)

c. Jan *de* huom. *Crioulo jamaicano*

Jan PRON casa.

“Jan está em casa.”

(HENGEVELD, 1992)

Existem línguas, ainda, em que há tanto cópula verbal quanto pronominal, como é o caso do árabe (cf. EID, 1983), do hebraico (cf. DORON, 1983; RAPOPORT, 1987; ROTHSTEIN, 2001, entre outros) e do russo (cf. PERELTSVAIG, 2001), por exemplo. Nestas línguas, a cópula pronominal aparece tipicamente no tempo presente e a verbal nos tempos futuro e passado. Essas línguas também são conhecidas por apresentarem uma diferença entre sentenças copulares predicacionais e as de identidade: nas primeiras, a

¹⁵ De acordo com Li & Thompson (1981), a cópula do mandarim *shi*, historicamente, também é derivada de um elemento pronominal. De acordo com Pustet (2003, p. 60), esta língua faz parte do grupo de línguas que tem cópulas enquanto cópulas-partículas.

(i) Chensan (shi) wo-de.

Camiseta PRON 1.sg

“Esta camiseta é a minha.”

presença da cópula pronominal é opcional, já nas segundas, a presença desse elemento copular é obrigatória, como nos mostram os exemplos abaixo:

- (10) a. Il-mudarris (*huwwa*) il-laṭiif. *Árabe*
 o-professor PRON o-legal
 “O professor é legal/ o legal.”
 b. Il-mudarris *kaan* laṭiif.
 o-professor era legal
 “O professor era legal.”
 c. Il-mudarris *ḥaykuun* laṭiif.
 o-professor será legal
 “O professor será legal.”

(EID, 1983, p. 197 e 203, exs. (13-14), (1a) e (1b))

- (11) a. Dani (*hu*) more. (predicacional) *Hebraico*
 Dani PRON professor
 “Dani é o professor.”
 b. Hana *haita* yafa.
 Hana era bonita
 “Hana era bonita.”
 c. Hana *tihye* yafa.
 Hana será bonita
 “Hana será bonita.”
 d. Dani *(*hu*) Mar Yosef. (identidade)
 Dani PRON Sr. Yosef
 “Dani é o Sr. Yosef.”

(CITKO, 2008, p. 265, ex. (10))

O polonês é uma língua peculiar no sentido de que, além de esta língua permitir um elemento verbal, *jest* ‘ser’, como cópula, também permite um elemento pronominal¹⁶, *to*, que

¹⁶ Porém, diferente do árabe e do hebraico, por exemplo, a cópula pronominal no polonês só é compatível com predicados nominais. Sendo assim, ela é agramatical com predicados preposicionais, adjetivais e verbais:

- (i) a. *Jan to [_{AP} przyjacielski].
 Jan PRON amigável

corresponde ao pronome demonstrativo de terceira pessoa neutra do singular. A diferença em relação às línguas supracitadas é a de que, mais que ausência/ presença da cópula pronominal, o elemento verbal marcaria uma sentença predicacional, ao passo que a cópula pronominal marcaria uma sentença de identidade¹⁷ ainda que no tempo presente (cf. (12)). É pertinente pontuar que, diferente do árabe e do hebraico, por exemplo, a presença da cópula é obrigatória em polonês (cf. (13)):

(12) a. Ta pani to premier Anglii.
esta mulher DEM premier.NOM Inglaterra.GEN
“Esta mulher é a premier da Inglaterra.”

b. Ta pani jest premierem Anglii.
esta mulher é premier.ISNT Inglaterra.GEN
“Esta mulher é uma premier da Inglaterra.”

(ROTHSTEIN, 1986 *apud* PERELTSVAIG, 2001)

(13) *Jan mój najlepszy przyjaciel.
Jan meu melhor amigo

(CITKO, 2008)

Outra peculiaridade do polonês advém do fato de que esta língua permite que os dois elementos cópulas, nomeadamente, a cópula pronominal e a cópula verbal, ocorram juntos

-
- b. *Jan to [pp w przyjacielskim nastroju]
Jan PRON em amigável modo
c. *Jan to [vp się zaprzyjaźnił z Marią]
Jan PRON REFL tornar-amigos com Maria

(CITKO, 2008, p. 266, ex. (12b-d))

De uma perspectiva tipológica, este tipo de restrição é esperada, visto que, de acordo com Pustet (2003, p. 73), há uma hierarquia implicacional que rege restrições de seleção imposta pelas cópulas (esta hierarquia ignora PPs predicados):

(ii) nominais > adjetivais > verbais

Esta hierarquia diz que, se uma língua permite uma cópula com um elemento à direita da escala, ela permitirá a mesma cópula com o(s) elemento(s) à sua esquerda. Se uma língua permite que adjetivos ocorram com uma dada cópula, por exemplo, ela permitirá que a mesma cópula ocorra com nominais. Em polonês, a cópula pronominal *to* é o tipo mais restritivo, sendo possível apenas com predicados nominais.

¹⁷ Na verdade, segundo Pereltsvaig (2001, p. 25), as diferenças na marcação casual podem não ser somente as de cópula de identidade e de predicacional, visto que, tradicionalmente, elas foram caracterizadas como distinguindo predicado *stage level* e *individual level* (cf. CARLSON, 1977 e KRATZER, 1995).

numa única sentença. Este padrão é possível em todos os tempos verbais, como pode ser visto no exemplo abaixo:

- (14) a. Jan to jest mój najlepszy przyjaciel.
 Jan PRON é meu melhor amigo
 “Jan é o meu melhor amigo.”
- b. Jan to był mój najlepszy przyjaciel.
 Jan PRON era meu melhor amigo
 “Jan foi o meu melhor amigo.”
- c. Jan to będzie mój najlepszy przyjaciel.
 Jan PRON será meu melhor amigo
 “Jan será o meu melhor amigo.”

(CITKO, 2008)

Voltando aos dados do hebraico, há algumas peculiaridades nas suas construções copulares que gostaríamos de retomar neste momento. Como apontado anteriormente, nesta língua, há uma cópula pronominal (Pron) no *tempo presente*. Tal cópula tem a forma do pronome nominativo de terceira pessoa e concorda em pessoa, gênero e número com o sujeito (cf. 15-17). Esse pronome cópula só é obrigatório, como apontado anteriormente, em sentenças de identidade. Nos tempos passado e presente (cf. 18 e 19), as sentenças copulares apresentam a cópula verbal obrigatoriamente:

- (15) Dani (hu) nexmad.
 Dani-masc. Pron-3sg.masc. legal
 “Dani é legal.”
- (16) Dani *(hu) Mar Levin.
 Dani-masc. Pron-3sg.masc. Mr. Levin
 ‘Dani é o Mr. Levin.’
- (17) Rina (hi) nexmada.
 Rina-fem. Pron-3sg.fem. legal
 “Rina é legal.”

(18) Rina haita nexmada.
 Rina ser-Past legal
 “Rina era legal.”

(19) Rina tihye nexmada.
 Rina ser-Fut. legal
 “Rina será legal.”

(SOSCHEN, 2002, p. 64, exs. (1)-(5))

De acordo com a proposta de Doron (1983), seguida por Rapoport (1987), Rothstein (1995 e 2001) e Greenberg (1994 e 1995), Pron está localizado em Infl, o núcleo de IP.

O sistema de tempo do hebraico permite a especificação para [+Tempo] e [-Tempo], sendo que o primeiro indica formas finitas e o segundo formas não finitas (cf. DORON, 1983 e ROTHSTEIN, 1995). [+Tempo] automaticamente requer uma especificação para [±Passado]. O presente é considerado não especificado para [+Tempo], porque ele não é nem [+Passado] nem [-Passado]. Porém, ele também não é [-Tempo]. Como ele é [±Tempo], força a projeção de TP, onde T é opcional no tempo presente, e *Small Clauses* matrizes são, assim, permitidas em hebraico. Assim, Pron é opcional em (15), mas é obrigatório em sentenças de identidade, como (16).

Greenberg (1994) aponta para o fato de que a presença *versus* ausência da cópula pronominal do hebraico, nomeadamente, Pron, está relacionada ao fato de o predicado da sentença ser do tipo *stage* ou *individual level* (cf. CARLSON, 1977 e KRATZER, 1995), respectivamente, esta distinção corresponde ao fato do nível de permanência/ temporalidade expressada pelo predicado. Na literatura corrente, a “permanência” está associada aos predicados *individual level* (“*tendential stability*”, nos termos de CHIERCHIA, 1995), enquanto que os predicados *stage level*, exibem propriedades “transitórias”. Assim, de acordo com este autor, os exemplos onde Pron está presente, uma leitura *individual level* deve estar associada ao predicado, por outro lado, quando Pron não está presente, uma leitura *stage level* deve estar atribuída ao predicado.

Soschen (2002, pp. 66-67), porém, chama a atenção para o fato de que há alguns exemplos do hebraico em que essa diferença na semântica dos predicados (predicados *stage level versus* predicados *individual level*) nem sempre pode dar conta dos dados, se se leva em consideração a ausência *versus* presença de Pron em sentenças onde Pron é opcional. Assim, (20) é considerado ter uma leitura episódica e não genérica e, ainda assim, tem

obrigatoriamente a cópula pronominal; já (21) mostra que não há nenhuma explicação para definir a diferença de significado entre as duas versões ([+ Pron] *versus* [- Pron]):

(20) Dani hu student xa-Šana.
 Dani ele-3sg.masc. student o-ano
 “Dani é um estudante este ano.”

(21) Dani (hu) xaxam.
 Dani ele-3sg.masc. inteligente
 “Dani é inteligente.”

(SOSCHEN, 2002, p. 67, exs. (8) e (9))

Soschen (2002), correlacionando a distribuição das sentenças do hebraico com a cópula pronominal [\pm Pron], afirma haver, no russo moderno, uma marcação invisível com traços similares àqueles de Pron em sentenças como (22) e (23). Esta autora expressa graficamente tal marcação (que seria um Pronome Nulo ou um N-Pron) com o seguinte sinal: “-”. Fonologicamente, ela corresponde a uma pausa similar àquelas em alguns casos de elipse. N-Pron é opcional em (22) e obrigatório em (23). Diferentemente do Pron do hebraico, não há nenhum traço de concordância em russo. Ainda de acordo com Soschen (2002, p. 68), N-Pron é opcional com alguns predicados do tipo *krasivaja* (bonita) em (22) e obrigatório em sentenças de identidade, como em (23).

(22) Marija (-) krasivaja.
 Marija-fem. N-Pron bonita.
 “Marija é bonita.”

(23) Marija *(-) graždanka Ivanova
 Marija-fem. N-Pron Ms. Ivanova
 “Marija é a Sra. Ivanova.”

(SOSCHEN, 2002, p. 68, exs. (10) e (11))

Ainda no russo, encontramos outro elemento copular, nomeadamente a cópula verbal *byt'*, que carrega traços temporais. Como no árabe e no hebraico (ver dados (10) e (11), respectivamente), ela é obrigatória nos tempos passado e futuro. A cópula verbal do russo

concorda com o sujeito em número (nos tempos passado e futuro), pessoa (no tempo futuro) e gênero (somente no tempo passado). De acordo com Soschen (2002, p. 68), a forma da cópula verbal no tempo presente *est'* (é/ são), obrigatoriamente, não é permitida nas sentenças nominais do russo moderno. Ao invés da cópula verbal, o pronome nulo, N-Pron, entra em jogo¹⁸. Sendo assim, a cópula verbal é obrigatória em (24) e (25), e não obrigatória no tempo presente em (26):

- (24) a. On *(byl) krasivym.
 ele ser-masc.sg.Pass bonito
 “Ele era bonito.”
 b. Ona *(byla) krasivoj.
 ela ser-fem.sg.Pass bonita
 “Ela era bonita.”
- (25) a. On *(budet) krasivym.
 ele ser-3^a.sg.Fut. bonito-masc.sg
 “Ele será bonito.”
 b. Ona *(budet) krasivoj.
 ela ser-3^a.sg.Fut. bonita-fem.sg.
 “Ela será bonita.”
- (26) a. On (*est') krasivyj.
 ele ser-3^a.sg.Pres. bonito-masc.sg.
 “Ele é bonito.”
 b. Ona (*est') krasivaja.
 ela ser-3^a.sg.Pres. bonita-fem.sg.
 “Ela é bonita.”

(SOSCHEN, 2002, pp. 68-69, exs. (12)-(14))

De acordo com Green (2009, p. 17), em hausa, existem sentenças copulares formadas pelas cópulas não verbais *nē* (masc/pl) e *cē* (fem), algumas vezes tais partículas são referidas na literatura do hausa como “estabilizadores” (“*stabilizer*”, no original). A referida autora

¹⁸ Como apontado por Soschen (2002, p. 68), o verbo *javljat'sja* (*be-indeed*) também pode aparecer no tempo presente, porém, este é restrito a contextos oficiais.

glosa estes elementos como um marcador de foco (FM)¹⁹. De acordo com Newman (2000, p. 160) *apud* GREEN (2009, p. 17), “The non-verbal copula is marked for gender and number, but not for tense or aspect, which is determined by context”:

- (27) a. Audū bāwà nē.
 Audu escravo FM.m
 “Audu é um escravo.”
- b. Dā mā Mūsā dà Shēhù àbōkan gàske nē.
 já Musa e Shehu amigos.de verdadeiramente FM.pl
 “Musa e Shehu já foram amigos de verdade.”

(GREEN, 2009, p. 17, ex. (51))

Os exemplos em (27) mostram a ordem canônica e não marcada de uma sentença copular não verbal em hausa.

As sentenças predicacionais do hausa podem ocorrer somente com predicados NPs ou APs. A cópula não verbal *nē* / *cē* concorda em gênero e em número com o sujeito, assim como o predicado²⁰. A estrutura canônica para uma sentença copular predicacional, como dito acima, é DP + NP + FM ou DP + AP + FM, sendo a presença do FM quase sempre obrigatória:

- (28) a. Audù dālibī nē.
 Audu aluno.m FM.m
 “Audu é um aluno.”

¹⁹ É pertinente pontuar que, de acordo com Green (2009, p. 17), a cópula não verbal também pode aparecer nas sentenças verbais do hausa, onde apresenta a função de marcador de foco:

- (i) a. Yārā sun sàyi àbinci.
 crianças 3pl.PF comprar comida
 “As crianças compraram comida.”
- b. Àbinci_i (nē) yārā sukà sàyā t_i.
 comida FM.m crianças 3pl.FOC.PF comprar
 “As crianças compraram **comida**.”

(GREEN, 2009, p. 17, ex. (52))

²⁰ Green (2009, p. 19, nota 18) salienta que sentenças não verbais com PPs predicados não é possível em hausa. Tais sentenças são formadas com a marcação de tempo-aspecto-modo de imperfeito:

- (i) Kāyā sunā cikin mōtā.
 bons 3pl.IMPF dentro carro
 “As coisas estão no carro.”

(JAGGAR, 2001, p. 472 *apud* GREEN, 2009, p.18)

- b. Audù dōgō nē.
 Audu alto.m FM.m
 “Audu é alto.”

(GREEN, 2009, p. 18, ex. (53))

Diferente das sentenças predicacionais, em que a ordem dos elementos é fixa, nas sentenças de identidade do hausa, a ordenação dos DPs é livre:

- (29) a. Audù bàrāwòn nē.
 Audu ladrão.def FM.m
 “O Audu é o ladrão.”
 b. Bàrāwòn Audù nē.
 ladrão.def Audu FM.m
 “O ladrão é o Audu.”

(GREEN, 2009, p. 19, ex. (58))

Algo semelhante aos dados do hausa acontece também em tagalog: como naquela língua, esta língua mostra visivelmente uma partícula que marca o foco²¹. Em relação à seleção de predicados, o tagalog apresenta nas suas sentenças nominais predicados nominais, adjetivais e verbais²². Há uma diferença de ordenação dos sintagmas das sentenças nominais do tagalog em relação ao hausa no sentido de que o predicado precede o sujeito e a marca de foco está entre estes elementos, como nos mostram os exemplos a seguir:

- (30) Maestro ang lalaki. *Predicado Nominal*
 Professor FOC homem
 “O homem é um professor.”

(SCHACHTER & OTANES, 1972, p. 97 *apud* PUSTET, 2003, p.64)

²¹ Porém, Pustet (2003, p. 2, 39) afirma que não há um elemento cópula em tagalog. Usando suas palavras, o tagalog é caracterizado pela “complete absence of copulas” (cf. PUSTET, 2003, p. 80). Sendo assim, a marca de foco não seria uma cópula. Tal diferença é irrelevante para os propósitos desta tese.

²² Pustet (2003, p. 64) não arrola dados, nem menciona a existência, de sentenças de identidade no tagalog.

- (31) Bago ang bahay. *Predicado Adjetival*
 novo FOC casa
 “A casa é nova.”
 (SCHACHTER & OTANES, 1972, p. 64 *apud* PUSTET, 2003, p.64)
- (32) Nag-hi-hi-lik ang lolo. *Predicado Verbal*
 AG.FOC-S-RED.IPF-roncar FOC vovô
 “O vovô está roncando.”
 (SCHACHTER & OTANES, 1972, p. 69 *apud* PUSTET, 2003, p.64)

Na próxima seção, resumiremos o que foi visto até aqui no que tange à cópula translingüísticamente, para, logo em seguida, descrevermos o que ocorre nas sentenças copulares do português brasileiro.

1.5. SUMÁRIO

As seções precedentes a esta forneceram uma perspectiva translingüística tanto sobre o elemento cópula em si e a tipologia de sentenças copulares quanto sobre alguns aspectos particulares de algumas línguas no que tange às sentenças copulares, em particular: (i) o *status* categorial e sintático do elemento copular; (ii) os diferentes tipos de sentenças copulares, no que se refere a sua semântica; (iii) a presença de línguas com mais de uma cópula no seu inventário lingüístico; (iv) o uso tanto de uma forma pronominal quanto verbal para o elemento cópula; e (v) a opcionalidade no que se refere a ausência *versus* presença da cópula em frases copulares de algumas línguas naturais. Nas próximas seções deste capítulo, tentaremos relacionar os aspectos das línguas descritas brevemente na seção anterior, referidos acima, aos fenômenos que circundam as sentenças copulares do português brasileiro, mais especificamente, nos deteremos aos fenômenos de sentenças copulares predicacionais (para fazer referência à tipologia de Higgins (1976)), e apresentaremos brevemente algumas questões relacionadas aos outros tipos de sentenças copulares.

1.6. AS CONSTRUÇÕES COPULARES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, versaremos sobre as sentenças copulares do PB de uma forma geral, abordando questões como, por exemplo, as restrições de seleção no que diz respeito às suas cópulas verbais *ser* e *estar*, tradicionalmente chamadas de cópula *individual* e *stage level*, respectivamente. Testaremos as cópulas do PB em relação à hierarquia implicacional, proposta por Pustet (2003), apresentando quais os tipos de constituintes que atuam como predicados dessas sentenças nesta língua, bem como quais as características principais no que tange à sintaxe/ semântica dessas construções

Sempre que tivermos a necessidade, retomaremos alguns dados das línguas apresentados no decorrer deste capítulo para compararmos as semelhanças/ dessemelhanças com os dados aqui apresentados do PB ou, ainda, acrescentaremos mais dados de outras línguas a fim de comparação.

1.6.1. As cópulas *ser* e *estar* no português brasileiro

Como sabido, o PB, assim como o espanhol, tem dois tipos de verbos-cópula, a saber, “ser” (do latim *sedēre*, que significa “estar sentado) e “estar” (do latim *stare*, que significa “estar de pé”)²³. E, como nas línguas arroladas nos exemplos de (5)-(8), entre outras, a diferença básica comumente atribuída às duas cópulas verbais seria a de que o predicado com uma das cópulas (*ser*, no caso do PB) estaria tipicamente “associado a propriedades intrínsecas, interpretadas como imanentes ou, pelo menos, a atributos com efeito mais permansivo” (cf. AVELAR, 2004, p. 181), já o predicado associado à outra cópula (*estar*, no caso do PB) seriam caracterizados “como suporte de uma atribuição adquirida e/ou como uma

²³ Há no PB, ainda, vários outros verbos de ligação, nomeadamente, as chamadas semi-cópulas (cf. MORO, 1997). Não trataremos destes verbos aqui, pois eles, diferentemente dos verbos *ser* e *estar*, contêm algum tipo de material semântico. Pegue-se, a título de exemplificação, a semi-cópula do PB “ficar”; se fôssemos adotar o quadro teórico da Morfologia Distribuída (nos moldes de HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997 e HARLEY, 1995), por exemplo, a semi-cópula *ficar* teria um verbalizador do tipo v_{BECAME} ao invés do v_{BE} comumente adotado para cópulas “esvaziadas de sentido”. Para uma maior discussão sobre a semi-cópula *ficar*, no PB, ver Schmitt (2005). Sobre as “cores” e “sabores” de v dentro do quadro da Morfologia Distribuída, ver Harley (2005) e Folli & Harley (2005). Para uma abordagem de cunho lexicalista que deu origem a esta discussão na Morfologia Distribuída, ver Hale & Keyser (1993, 2002), e, para uma abordagem mais tradicional relacionada às diferenças entre esses verbos, ver Ferreira da Silva (2004).

expressão que remete a condições mais passageiras” (cf. AVELAR, *idem, ibidem*). Se fôssemos usar os termos propostos por Carlson (1977)²⁴, poderíamos associar, grosso modo, a cópula *ser* do PB a construções do tipo *individual level* e, por outro lado, também poderíamos associar a cópula *estar* a construções do tipo *stage level*. Desse modo, o significado de um determinado predicado muda de acordo com a cópula selecionada. O que foi dito, pode ser exemplificado com os dados do PB, arrolados abaixo²⁵:

- (33) a. O João *está* gordo. *Construções de tipo Stage Level*
 b. A Maria *está* muito feia.
 c. As crianças *estão* felizes.

- (34) a. O João *é* gordo. *Construções de tipo Individual Level*
 b. A Maria *é* muito feia.
 c. As crianças *são* felizes.

De outro modo, o que ocorre normalmente nas línguas com um sistema multi-cópula (i. e., línguas em que há mais do que uma única cópula) é uma realização fixada (i. e., lexicalizada) entre um determinado lexema e uma cópula específica, desse modo, um determinado lexema só pode ser combinado com uma única cópula²⁶. Porém, apesar de uma

²⁴ As idéias de predicados *stage* e *individual level* foram, depois, desenvolvidas em Kratzer (1995) e Diesing (1992).

²⁵ Tal distinção entre *ser* e *estar* não é atestada em todas as línguas românicas. Vejamos o caso do francês, por exemplo, onde há apenas uma forma verbal copular (*être*) tanto para uma sentença *stage level* quanto para uma sentença *individual level*:

- (i) a. Marie est portugaise.
 “A Maria é/ *está portuguesa.”
 b. Ce chien est fidèle.
 “O cão é/ *está fiel.”
 c. Le café est prêt.
 “O café está/ *é pronto.”
 d. L’assassin est arrêté.
 “O assassino está/ *é preso.”

(COSTA, 1998, p. 140)

²⁶ Um caso interessante é o *bambara*, uma língua falada em Mali por mais de seis milhões de pessoas, cujo sistema multi-cópula inclui *quatro* cópulas, cada uma delas ocorre com um determinado tipo de predicado: a cópula *ye ... ye* ocorre apenas com predicados nominais; a cópula *ka* se combina apenas com predicados adjetivais; a cópula *be* é compatível somente com predicados verbais; já a cópula *dôn* funciona para codificar predicados quantitativos, temporais e participiais, entre outras coisas:

- (i) a. nin ye námása ye.
 isto COP banana COP
 “Isto é uma banana.”

gama de adjetivos ser compatível tanto com a cópula *ser* quanto com a *estar*, também ocorre algo semelhante a estas línguas nesse sentido, no PB. Sendo assim, alguns predicados só podem ser combinados com o verbo *ser* ao passo que outros só podem ser combinados com *estar*²⁷:

- (35) a. O Rafael está descalço.
 b. A Maria está grávida.
 c. O Adeilson está pronto (pra defender).
 a'. *O Rafael é descalço.
 b'. *A Maria é grávida.
 c'. *O Adeilson é pronto (pra defender).
- (36) a. A Denise é fiel.
 b. A Carol é brasileira.
 c. O João é cozinheiro.
 a'. *A Denise está fiel.
 b'. *A Carol está brasileira.
 c'. *O João está cozinheiro.

Na verdade, como nos alerta Casteleiro (1981, p. 208) *apud* Mealha (2001, p. 156), a diferença entre *ser* e *estar* e a seleção de seu predicado em frases copulativas predicacionais podem estar restritas a alguns fatores importantes, entre alguns, este autor enumera os seguintes:

-
- b. so ka sùrun.
 casa COP pequena.
 “A casa é pequena.”
- c. ne be taa.
 1SG COP partir
 “Eu estou partindo.”
- d. caman dòn.
 muitos COP
 “Tem muitos.”

(cf. PUSTET, 2003, p. 46)

²⁷ Há, porém, casos dependentes de contexto em que um determinado predicado que é tipicamente aceito com um determinado verbo cópula, digamos *ser*, por exemplo, e que passa a ser aceito com outro verbo cópula, digamos *estar*, por exemplo. Este pode ser o caso de (36a'), onde um advérbio de tempo é obrigatório:

- (i) A Denise está fiel *(agora/ ultimamente).

- (i) propriedades sintático-semânticas dos adjetivos;
- (ii) contexto lingüístico (isto é, estrutural) e situacional;
- (iii) natureza sintático-semântica do DP sujeito;
- (iv) fenômenos de natureza aspectual e modal;
- (v) Atitude ou ponto de vista (modal) do sujeito falante (ou autor da enunciação) relativamente ao conteúdo do ato de elocução.

Buscando achar uma explicação para as restrições de distribuição e para o próprio conteúdo das cópulas *ser* e *estar* do PB e seguindo uma abordagem baseada na interface sintaxe-semântica, Schmitt (1992, 1996, 2005), seguindo as pegadas de Diesing (1992) e Lema (1995), assume que:

estar is an aspectual verb that takes [+V] predicates and *ser* is a true copula and takes [+N] predicates. In [+N] predicates, the arguments do not take direct part in the aspect composition, i. e., we do not have the configuration to build a path between the head element and the internal argument. (cf. SCHMITT, 1996, p. 359).

Não iremos detalhar a proposta da referida autora, haja vista este não ser o foco do presente trabalho, porém, dito de outra forma, a citação acima propõe que a diferença entre as sentenças *stage level* e *individual level* poderia ser explicada dada a presença *versus* ausência do argumento evento²⁸ numa determinada derivação. Assim, de acordo com Schmitt, a distinção entre *ser* e *estar* jaz no reflexo de suas propriedades aspectuais: *ser* não é especificado para informações temporais, ao passo que *estar* é especificado para informações temporais.

Por outro lado, Raposo & Uriagereka (1995), deixando de lado tratamentos de base semântica, dão um enfoque mais sintático a questões relacionadas à polaridade *stage/ individual level*. Na verdade, esses autores pontuam que tais níveis são ilusórios e, retomando o trabalho de Kuroda (1972), assumem que a diferença entre sentenças *stage/ individual level* não é léxico-semântica e não é expressa em termos temático-aspectuais:

[...] We argue that what is at stake are differences in information (theme/rheme) structure, which we encode in the syntax through different mechanisms of morphological marking. There are no individual-level predicates, but simply predicates which in some pragmatic sense “are about” their morphologically designated subject (an idea already present in Milsark, 1977). There are no stage-level predicates, but simply predicates which rather than being about their thematic subject are about the event they introduce. The distinction corresponds roughly to

²⁸ Também chamado na literatura de “argumento davidsoniano” (cf. DAVIDSON, 1967).

what Kuroda (1972) calls a categorical and athetic judgment. [...] The former is about a prominent argument (for us, a CATEGORY), while the latter is simply reporting on an event. (RAPOSO & URIAGEREKA, 1995, p. 179).

De acordo com as abordagens desses autores, a predicação categórica corresponderia, grosso modo, ao que nós tratamos até aqui por sentenças *individual level*, ao passo que a predicação tética corresponderia a sentenças *stage level*. Tal abordagem feita em Kuroda (1972), segundo os referidos autores, também é possível de ser realizada com as *Small Clauses*²⁹. Como ilustração de seu tratamento dado a esses constituintes, eles tomam os dados do irlandês, língua cujo sujeito de uma *Small Clause* categórica tem a realização do caso *default* acusativo (cf. (37a)), por outro lado, o sujeito de uma predicação tética recebe uma marca de Caso diferente daquela que o sujeito da predicação categórica, no exemplo abaixo, o Caso é o nominativo (cf. (37b)):

- (37) a. Is fhear e.
 é homem ele-ACC
 “Ele é um homem.”
- b. Ta se ina fhear.
 está he-NOM em-seu homem

(RAPOSO & URIAGEREKA, 1995, pp. 186-7, ex. (11))

De acordo com os autores, uma *Small Clause* é uma projeção de concordância (ver também RAPOSO & URIAGEREKA, 1990), e a projeção AGR que introduz cada uma das *Small Clauses* (tética e categórica) é diferente do seguinte modo: na tética, há um elemento de concordância forte - no irlandês, a partícula *ina* (cf. (37b)), contendo um sujeito clítico; já na categórica (cf. (37a)), a concordância é abstrata (somente pronunciável em predicções de identidade, segundo os autores) – no irlandês, a seleção do auxiliar é diferente: o auxiliar da predicação categórica é *is*, ao passo que o do tético é *ta*, como pode ser observado em (37) acima. Dessa forma, os referidos linguistas assumem que a distinção entre uma predicação tética e uma predicação categórica, no quadro teórico do Programa Minimalista, seria explicada pela morfologia de traços: *C-agr* fraco atribui CASO-C(ategórico) (cf. (38a)), que é realizado no [Spec, FP], no exemplo abaixo, [Spec, AgrP], como um Caso *default* (acusativo em irlandês); ao passo que A-AGR atribui um caso-A(rgumental) (cf. (38b)), que é realizado

²⁹ Para uma discussão acerca das *Small Clauses*, ver o Capítulo 2 deste trabalho.

de diversas formas diferentes translingüísticamente. Este último é o elemento que sinaliza uma dependência- θ ³⁰.

- (38) a. $\left[\text{AgrP} _ \left[\text{C-agr} \left[\text{XP NP} \left[\text{XP Pred} \right] \right] \right] \right]$ (Predicação Categórica)
- Caso-C
- b. $\left[\text{AgrP} _ \left[\text{A-AGR} \left[\text{XP NP} \left[\text{XP Pred} \right] \right] \right] \right]$ (Predicação Tética)
- Caso-A
- (RAPOSO & URIAGEREKA, 1995, p. 187, ex. (12))

Concordamos com os autores acima citados que a distinção *Stage/ Individual Level* não poder ser colocada apenas em debates de cunho semântico, visto haver uma grande dificuldade em se estabelecer requerimentos semânticos para a seleção de *ser* ou *estar*, no PB, mais especificamente. Sendo assim, assumimos que a distinção permanente *versus* transitório é uma tendência, mas não um princípio, já que nós podemos achar propriedades permanentes associadas ao verbo *ser* e propriedades acidentais associadas ao verbo *estar*, como mostrada nos exemplos abaixo:

- (39) a. O João está morto.
b. O João foi simpático ontem.

Acreditamos que a distinção feita por Raposo & Uriagereka discutida acima é um caminho frutuoso para uma abordagem com dispositivos sintáticos. Desse modo, as diferenças entre a polaridade supracitada pode ser mais bem entendida se se esboça um esquema que inclui ou exclui determinadas categorias funcionais numa determinada derivação copulativa³¹. Porém, no decorrer desta tese, ao contrário de Raposo & Uriagereka (1995), continuaremos a usar a terminologia *Stage* e *Individual Level*, em detrimento da terminologia introduzida por Kuroda (1972) e que estes autores adotam.

³⁰ Em relação a essa dependência, os autores assumem com Schmitt (1992, 1996) que papéis- θ não são atribuídos na falta de dependências aspectuais. Como vimos anteriormente, para esta autora, sentenças *Individual Level* (predicações categóricas, para Raposo & Uriagereka) não têm aspecto.

³¹ Ver, por exemplo, o trabalho de Pereltsvaig (2001), cuja proposta inclui a projeção vP para explicar tal polaridade.

1.6.2. A seleção de categorias nas sentenças copulares do português brasileiro

Recentemente, um estudo empírico de cópulas embasado num modelo funcional-tipológico feito por Pustet (2003), baseado em dados de mais de 150 línguas, procurou estabelecer um padrão distribucional existente nas línguas humanas em relação a estes elementos. Como ponto de partida, o estudo empírico de Pustet buscou pesquisar quais os tipos de predicados que podem ser combinados com cópulas. O padrão distribucional existente pode ser englobado, de acordo com os achados desta pesquisa, na seguinte hierarquia implicacional:

(40) NOMINAIS > ADJETIVAIS > VERBAIS³²

O que a “hierarquia implicacional” revela é que o fenômeno da “copularização” é unidirecional da seguinte forma: “if any class of lexeme copularizes in a given language, the class of nominals does; if any lexical class other than nominals copularizes, the adjectival class does; only if both nominals and adjectivals copularize, verbals may also copularize.” (cf. PUSTET, 2003, p. 73). Dito de outra forma: se uma língua permite uma cópula com algum elemento da escala em (40), ela irá também permitir que a mesma cópula se combine com o(s) elemento(s) à esquerda. Por exemplo, se uma língua permite que uma determinada cópula ocorra com elementos adjetivais, ela também irá permitir que a mesma cópula ocorra com nominais, assim como uma língua que permite que uma determinada cópula se combine com um elemento verbal possa se combinar com elementos tanto adjetivais quanto nominais.

A hierarquia implicacional proposta por Pustet (2003) parece, de fato, atuar no PB, haja vista tanto a cópula “ser” quanto a cópula “estar” selecionarem elementos verbais, adjetivais ou nominais, como nos mostram os exemplos abaixo³³:

³² Como dito na nota 17, tal hierarquia ignora PPs predicados, talvez pelo *status* categorial das preposições variar entre lexical e funcional. Sobre o *status* das preposições no quadro teórico da gramática gerativa, ver Farias (2005).

³³ É bem verdade que a seleção de elementos nominais é, de alguma forma, restrita com a cópula *estar*, bem como a seleção de elementos verbais é restrita com a cópula *ser*:

- (i) a. *A Maria está uma médica.
- b. *A Maria é caída.

No português arcaico, era comum ver o verbo *ser* em perífrases participiais, que indicavam o aspecto concluído ou perfectivo:

- (41) a. A sopa está uma delícia. *Estar*
 b. A sopa está velha.
 c. A sopa está caindo.
- (42) a. A Maria é uma professora. *Ser*
 b. A Maria é linda.
 c. A Maria foi beijada.

Translingüisticamente, pode-se afirmar que as sentenças copulares são especiais no sentido de que elas podem aparecer de diversas formas. Como acabamos de ver, tais sentenças podem selecionar uma gama considerável de elementos, desta combinação, nomeadamente, cópula mais algum outro elemento, surge um razoável número de “cores” e “sabores” de sentenças copulares. No inglês, por exemplo, tais construções com a cópula *be* podem vir como existenciais, locativas, predicativas, equativas (de identidade) etc. E, mais ainda, a cópula pode vir como verbo auxiliar para formar tempos complexos, como em diversas outras línguas:

- (43) a. There are gnomes and fairies in these woods. *Existencial*
 Expl COP gnomos e fadas em estas matas
 “Tem gnomos e fadas nestas matas.”
- b. The gnome is in the jar. *Locativa*
 o gnomo está em o jarro
 “O gnomo está no jarro.”
- c. The fairies are small. *Predicativa*
 “As fadas são pequenas.”
- d. Puck is Robin Goodfellow. *Equativa*
 “O Puck é o Robin Goodfellow.”

-
- (ii) a. O meu filho *he morto*.
 b. Lopo Soares *era chegado*.

(MATTOS E SILVA, 2006, p. 140, exs. (a) e (d))

No PB sincrônico, podemos ainda ver resquícios desta época, porém construções deste tipo são construções cristalizadas, como em (iii), por exemplo:

- (iii) O Marcelo é nascido e criado em Maceió.

e. The gnome is building a new house.

Auxiliar

“O gnomo está construindo uma casa nova.”

(PERELTSVAIG, 2001, p. 5, ex. (7))

Há, ainda, línguas que, diferentes do inglês, por exemplo, usam a mesma cópula de construções como aquelas em (43) para as construções possessivas. Exemplos desse tipo de língua são o hebraico e o russo, que usam a mesma cópula em todas as construções ilustradas acima com o inglês e, ainda, em construções copulares possessivas, como ilustrado abaixo:

(44) a. Le-Dani *haya sefer xadaš.*

Hebraico

para-Dani foi livro novo

“Dani tem um livro novo.”

(PERELTSVAIG, 2001, p. 6, ex. (8d))

b. U Tani *byli den’gi.*

Russo (Posse alienável)

em Tani foram dinheiro.PL.NOM

“Tani tem dinheiro.”

c. U Tani *byli golubye glaza.*

Russo (Posse inalienável)

em Tani foram [olhos azuis].NOM

“Tani tem olhos azuis.”

(PERELTSVAIG, 2001, p. 12, ex. (20))

Diferentemente do inglês, o PB não apresenta a cópula como existencial³⁴, e, diferentemente do hebraico e do russo, o PB não apresenta a cópula como posse³⁵, porém,

³⁴ Pelo menos, não no PB sincrônico. Porém, como é sabido, no português arcaico, o uso da cópula *seer* como existencial era comum (além do verbo *aver*):

(i) a. Na cidade d’Aconha *foi* hũ bispo de gram santidade. (*foi = existiu*)

b. E diz que naquela provincia de Valeria *foi* hũ bispo que avia nome Sabino. (*foi = existiu*)

(MATTOS E SILVA, 2006, p. 148)

c. Deus *é*. (*é = existe*)

No PB atual, os verbos *existir* e *ter* parecem exercer a função que antigamente cabia aos verbos *seer* e *haver* (veja que o verbo *haver* também está em desuso como existencial:

(ii) a. Tem muita menina bonita em Maceió.

b. Essa lenda existia no século passado.

Porém, podemos ainda ver resíduos do *seer* como existencial em algumas sentenças do PB:

(iii) a. *Era* uma vez uma linda princesa...

b. *Eram* uma vez cinco amigos...

assim como o inglês, o hebraico, o russo e tantas outras línguas naturais, o PB, como visto, também apresenta a cópula em construções locativas, predicativas e equativas, tendo o *estar* participando de perífrases verbais³⁶:

- | | | |
|------|---------------------------------------|--------------------|
| (45) | a. A Mirian está em Araguaína. | <i>Locativa</i> |
| | b. A Carol é bonita. | <i>Predicativa</i> |
| | c. A Manu é a esposa do Rafael. | <i>Equativa</i> |
| | d. O Adeilson está terminando a tese. | <i>Auxiliar</i> |

Como na maioria das línguas já estudadas na literatura gerativista, o PB se comporta de um modo semelhante no que se refere à seleção de sintagmas preposicionais (PPs) pelas cópulas. Desse modo, no PB, a seleção de *cópula* + *PP* pode culminar em idéias semanticamente distintas, a depender da semântica expressada no PP pós-cópula. É relevante salientar, entretanto, que, diferente de (33) e (34), onde a cópula *ser* pode ser substituída por *estar*, dado o caráter *stage* ou *individual level* da sentença, a seleção das cópulas *ser/estar* nos casos com PPs é fixa³⁷, não podendo haver permuta dessas cópulas. Para enumerar apenas alguns exemplos, vejamos o contraste exibido entre (46) e (47) abaixo:

Sobre o aparecimento de *ter* em contextos existenciais e sua concorrência com *haver* nesses contextos, remeto o leitor interessado a Avelar & Callou (2000, 2002, 2003) e Avelar (2004).

³⁵ Por outro lado, veja, mais abaixo, que o PB usa a perífrase *estar* + *com* para imprimir a idéia de posse “transitória”, ao passo que o verbo *ter* assinala a idéia de posse “permanente”. Levando isto em consideração e olhando os dados do hebraico e do russo, em (44), onde há uma preposição junto ao DP sujeito, *Le* “para” e *U* “em”, respectivamente, podemos fazer uma grosseira comparação entre o PB e estas línguas.

³⁶ O verbo *ser* também pode participar de perífrases verbais, porém, essa participação é restrita a alguns contextos. Por exemplo, em casos de passivas e em perífrases onde o verbo principal está no gerúndio estando o verbo *ser* somente no tempo passado:

- | | |
|-------|---|
| (i) | a. A Carol <i>foi beijada</i> (pelo Marcelo). |
| | b. A Denise <i>foi amarrada</i> (pelo Condor). |
| (ii) | a. *O Pedro <i>é perdendo</i> dinheiro aos poucos. |
| | b. *O Pedro <i>será perdendo</i> dinheiro aos poucos. |
| | c. O Pedro <i>foi perdendo</i> dinheiro aos poucos. |
| (iii) | a. A Denise <i>está caída</i> . |
| | b. A Denise <i>estará caída</i> . |
| | c. A Denise <i>estava caída</i> . |
| (iv) | a. *A Denise <i>é caída</i> . |
| | b. *A Denise <i>será caída</i> . |
| | c. *A Denise <i>foi caída</i> . |

³⁷ Este também parece ser o caso das expressões idiomáticas, onde não pode haver a troca da cópula *stage* ou *individual*:

- | | |
|-----|-----------------------------------|
| (i) | a. A Rose está / *é com a macaca. |
|-----|-----------------------------------|

- | | | |
|------|--|--------------------------------|
| (46) | a. A Denise está / *é no Benedito Bentes. | <i>Locativo</i> |
| | b. A Denilda está / *é com os orientandos. | <i>Companhia</i> ³⁸ |
| | c. O Marcos está / *é com dinheiro. | <i>Posse</i> ³⁹ |
| | d. O feijão está / *é por/ de cinco reais. | <i>Preço</i> |
| | | |
| (47) | a. Essa chave é / *está de ouro. | <i>Matéria</i> |
| | b. O dinheiro é / *está pra o Manoel. | <i>Beneficiário</i> |
| | c. Este tapete é / *está da China. | <i>Origem</i> |
| | d. A missa é / *está de sete horas. | <i>Tempo</i> |

No PB, parece haver, ainda, alguns usos “exclusivos” tanto de *estar* quanto de *ser*. Por exemplo, aquela cópula, como visto, parece ser exclusiva para os tempos compostos⁴⁰, já esta é exclusiva para as (pseudo)clivadas⁴¹, como nos mostram os exemplos abaixo:

-
- b. A Denise está / *é de boi.
 c. O Rafael é / *está da gandaia.
 d. A Denise é / *está de lua.

³⁸ No português arcaico, quando o sintagma pós-cópula exprimia a noção de companhia, a cópula *ser* também poderia ser selecionada:

- (i) a. ... e que en outro dia *seeriam com ele*.

(MATTOS E SILVA, 2006, p. 151, ex. (6))

No PB atual, no entanto, esta possibilidade está excluída, salvo casos “fossilizados”, como, por exemplo, a oração que os católicos rezam:

- (ii) Ave Maria, cheia de graça, o Senhor *é convosco*...

³⁹ A perífrase “*estar + com*” normalmente atribui uma posse transitória; em contraposição, a perífrase “*ser + de*”, quando designa posse, o faz atribuindo ao possuidor a propriedade de posse permanente, porém, a inversão do predicado com o sujeito é obrigatória, conforme podemos ver em (i). Coisa parecida também acontece com o inglês, como podemos ver em (ii), cuja inversão também é obrigatória e cuja idéia de posse permanente também é assegurada (Agradecemos a Marcel den Dikken pelos dados do inglês):

- (i) a. O João *‘tá com* aquele carro novo.
 b. Aquele carro novo *é do* João.
- (ii) a. I have a Book.
 b. Book is to me.
 c. I have money.
 d. Money is to me.

Deixaremos questões como esta para trabalhos futuros. Para uma rápida apresentação da proposta de Avelar (2004, 2006b, 2007), que reinterpreta a idéia de Freeze (1992) e de Kayne (1993), no PB, para o verbo possessivo *ter* e a perífrase *estar + com*, ver discussão abaixo.

⁴⁰ Salvo os casos explicitados na nota 37.

⁴¹ Muitas línguas usam cópulas para formar uma sentença clivada, como, por exemplo, no inglês, em que a cópula *be* é usada para a formação de clivadas e pseudo-clivadas, como no exemplo abaixo:

- (48) a. A Dorothy está trabalhando na UFRPE.
 b. A Denilda está indo a Barra Nova.
 a'. *A Dorothy é trabalhando na UFRPE.
 b'. *A Denilda é indo a Barra Nova.
- (49) a. É o João que a Maria está paquerando.
 b. O que eu quero é acabar esta tese.
 a'. *Está o João que a Maria está paquerando.
 b'. *O que eu quero está acabar esta tese.

Assim, temos em (48a) e (48b) a aceitação do uso de *estar* em perífrases verbais gerundivas, contrariamente, em (48a') e (48b'), temos a não aceitação do verbo *ser* em tais perífrases. Já em (49), vemos que construções clivadas (49a) e pseudo-clivadas (49b) só são permitidas no PB se se usa o verbo *ser*, em detrimento do verbo *estar* (cf. (49a') e (49b')).

1.6.3. Uma nota sobre a perífrase *estar com* no PB

A nosso ver, cumpre fazer uma pequena observação aqui sobre as construções apontadas em (46c), nomeadamente, construções possessivas com a perífrase “está + com”. Como amplamente discutido na literatura, desde Benveniste (1976), pelo menos, tem-se difundida a idéia de que, grosso modo, um verbo possessivo seria um verbo cópula mais a adição de uma preposição abstrata⁴². Naquela época, o referido autor tratava do verbo possessivo *avoir* e do verbo cópula *être* do francês, comparando com outras línguas, como o turco, o mongol clássico e o curdo, línguas cujo sistema de cópulas verbais permite que estes

-
- | | | |
|-----|--|-----------------------|
| (i) | a. It <i>was</i> the Minimalist Program what I bought. | <i>Clivada</i> |
| | b. What I bought <i>was</i> the Minimalist Program. | <i>Pseudo-Clivada</i> |

Por este motivo, clivadas e pseudo-clivadas sempre foram analisadas em par com sentenças copulares (cf. HEGGIE, 1998; HEYKOCK & KROCH, 1999). Porém, há línguas em que não se tem a formação de constituintes frasais em forma de clivadas ou pseudo-clivadas, como é o caso do russo, por exemplo. De acordo com Junghanns (1997, p. 187) *apud* Pereltsvaig (2001, p. 11), “Russian does not have a true cleft construction”.

⁴² Na verdade, para Benveniste, o “*ter* nada mais é que um *ser-de* invertido” (1976, p. 215). Sobre o *ser + de* no PB, ver nota 40.

verbos, na ausência de um verbo possessivo em seu inventário lingüístico, sejam usados também na acepção de posse, como podemos ver nos dados abaixo:

- (50) a. bir ev-im var. *Turco*
uma casa-minha é
 “Tenho uma casa.”
- b. nadur morin buy. *Mongol clássico*
de mim um cavalo é
 “Tenho um cavalo.”
- c. min hespek heye. *Curdo*
de mim um cavalo é
 “Tenho um cavalo.”

(BENVENISTE, 1976, pp. 213-214)

Atualmente, já na Lingüística gerativista, alguns pesquisadores (cf. LYONS, 1967; FREEZE, 1992; KAYNE, 1993; HORNSTEIN, ROSEN & URIAGEREKA, 2002; entre outros) tomaram a idéia fecundada em Benveniste (*op. cit.*) e estabeleceram que verbos possessivos e copulativos⁴³ parecem advir de uma mesma base sintática. Para Kayne (1993), por exemplo, verbos como o *have*, do inglês, e o *avoir*, do francês, são derivados da *incorporação* (cf. BAKER, 1988) de uma preposição abstrata às cópulas *be* e *être*, respectivamente. Sendo assim, uma sentença como (51) é derivada passo a passo, como exemplificado em (52)⁴⁴:

(51) John has a sister.

“O João tem uma irmã.”

- (52) a. ...BE [DP Spec D/P⁰ [DP_{POSS} [AGR⁰ QP/ NP]]] →
Movimento do DP_{POSS} para [Spec, DP]:
- b. ...BE [DP DP_{POSSi} D/P⁰ [e_i [AGR⁰ QP/ NP]]] →
Movimento do DP_{POSS} para [Spec, BE]:
- c. DP_{POSSi} BE [DP e_i D/P⁰ [e_i [AGR⁰ QP/ NP]]] →
Incorporação de D/P⁰ à cópula BE:

⁴³ Além dos existenciais, que não discutiremos aqui.

⁴⁴ Contornamos as fontes dos constituintes movidos e de seus respectivos vestígios num dado passo derivacional.

$$d. \text{DP}_{\text{POSS}_i} \underbrace{\text{D/P}^0 + \text{BE}}_{\text{have}} [\text{DP } e_i [e_i \in_j [\text{AGR}^0 \text{QP/ NP}]]]$$

(KAYNE, 1993, p. 7, exs. (7)-(10))

De acordo com a proposta de Kayne (1993), o verbo copular (*BE*, em (52)) seleciona um DP complemento, cujo núcleo seleciona uma projeção AgrP⁴⁵, onde a relação temática entre *John* e *a sister* é estabelecida, como mostra (52a). A tarefa de definir se o DP_{POSS} permanece *in situ* ou é alçado cabe à atribuição de Caso. Kayne pontua que D⁰, no inglês, é uma categoria de natureza preposicional/complementizadora nula (representado em (52) por “D/P⁰”), para cujo Spec um DP se move. Para o referido autor, tanto a posição de especificador de AgrP quanto a posição de especificador de DP não podem licenciar um DP, sendo assim, o DP_{POSS} sai de [Spec, AgrP] para [Spec, DP] à procura de Caso (cf. (52b)), não encontrando, ele é alçado para [Spec, BE], onde, finalmente, recebe Caso e “congela” naquela posição (cf. (52c)). A estrutura resultante até (52c) nos oferece a derivação não desejada **John is a sister*. Para formar a derivação desejada (51), Kayne lança mão da proposta de Freeze (1992), em que D/P⁰ é incorporado a BE, tendo o conjunto [D/P⁰+BE] o *Spell Out* do verbo possessivo *have*, como nos mostra (52d).

É interessante destacar que, como o próprio Kayne (1993) adverte, se a derivação parasse em (52c) e a incorporação de D/P⁰ a BE não fosse realizada, ela não seria bem formada, haja vista [Spec, DP] ser uma posição A^{’46}, seguindo a idéia de Szabolcsi (1981, 1983) de que DP é similar a CP, e, sendo uma posição A[’], o movimento de [Spec, DP] para [Spec, BE] é ilícito, pois, segundo o autor, é uma violação de “movimento impróprio”. Sendo assim, Kayne sugere que (52c) é salvo pela incorporação de D/P⁰ a BE: [Spec, DP] se torna, com um resultado da incorporação, um Spec derivado de D/P⁰+BE e, assim, conta como uma posição-A, seguindo o espírito do *Government Transparency Corollary*, proposto por Baker (1988).

Seguindo a linha desenvolvida até aqui no que se refere aos verbos possessivos serem derivados a partir da incorporação de uma preposição abstrata num verbo copular, Avelar (2004, 2006b, 2007) argumenta a favor desta hipótese para o verbo possessivo *ter*, no PB. O referido autor salienta que a idéia dessa incorporação parece mais clara, na medida em que,

⁴⁵ Para uma estrutura mais “enxuta”, Kayne (1993) não esmiúça e, assim, não exhibe, em (52), a projeção máxima AgrP, apenas seu núcleo, nomeadamente, Agr. Retiramos as estruturas exibidas em (52) tal qual exemplificadas no texto original.

⁴⁶ Contra essa posição, ver Haegeman (2004) e Grohmann (2003), para quem o DP seria, na verdade, um TP se se comparar com a estrutura sentencial. Para uma visão sobre esta proposta no PB, ver Sedrins (2009).

nesta língua, diferentemente do turco, mongol clássico e curdo, podemos encontrar estruturas possessivas com verbos copulares mais uma preposição *visivelmente*, nomeadamente *estar + com* e, ainda, estruturas possessivas com um verbo possessivo, nomeadamente *ter*, sendo que estas estruturas são geralmente associadas à idéia de posse permanente, ao passo que aquelas são associadas à idéia de posse transitória:

- (53) a. O João *tem* dinheiro.
 b. O João *'tá com* dinheiro.
 c. A Maria *tem* um carro.
 d. A Maria *'tá com* um carro.

Em (53a), a idéia expressada pela sentença nucleada pelo verbo *ter*, normalmente, é a de que o João é rico, ou, pelo menos, tem bastante dinheiro na visão do enunciador, já a sentença (53b) contendo a perífrase “*estar + com*” permite, normalmente, a leitura de que o João tem dinheiro consigo, naquele exato momento, mas que, não necessariamente, ele tenha bastante dinheiro. Algo parecido ocorre com as outras duas sentenças restantes: em (53c), a idéia expressa é a de que a Maria possui um carro, uma posse necessariamente duradoura, já em (53d), a Maria não precisa, necessariamente, ser a dona do carro, sendo assim, ela pode estar com um carro emprestado no momento em que tal sentença foi proferida.

A nosso ver, a idéia de “posse permanente” para o verbo *ter versus* “posse transitória” para a perífrase *estar + com* encontra respaldo, principalmente, se levarmos em consideração dados em que uma relação de posse inalienável entra em jogo, como vemos a seguir⁴⁷:

- (54) a. O Pedro *tem* olhos azuis. (=Ele nasceu com olhos azuis)
 b. O Pedro *'tá com* olhos azuis. (=Ele está usando lentes de contato de cor azul)
 c. A Carol *tem* cabelos castanhos. (=Ela nasceu com os cabelos castanhos)
 d. A Carol *'tá com* cabelos castanhos. (=Ela pintou seus cabelos)

Avelar (*op. cit.*), então, reinterpreta a idéia de (Freeze, 1992) e Kayne (1993), valendo-se do quadro teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE & MARANTZ, 1993; HARLEY & NOYER, 1999; BOBALJIK, 1995) e assume que, para se obter o verbo possessivo *ter*

⁴⁷ É claro que há casos em que não se pode obter um paralelo entre o verbo *ter* e a perífrase *estar + com*, bem como há casos em que a idéia de “posse permanente” vs. “posse transitória” não é encontrada. Não nos deteremos a esses casos aqui, remetemos o leitor interessado a Avelar (2004), que discute com detalhes tais fatos.

numa determinada derivação, tem de haver um morfema preposicional P amalgamado com a versão copular/estativa de *v*, nomeadamente v_{cop} . Se tal morfema não for amalgamado, tanto P quanto v_{cop} recebem a matriz fonológica de “com” e “estar”, respectivamente. As estruturas vão ser fundidas ou não-fundidas dependendo da diferença aspectual: a posse é *durativa* com *ter* e *transitória* com *estar* + *com*, como mostrado em (55) abaixo. Em ambas as derivações, o sujeito é concatenado em [Spec, PP], recebendo o papel de possuidor, sendo depois movido para [Spec, TP] para satisfazer requerimentos de concordância-EPP:

- (55) a. O Pedro *tem* dinheiro.
 b. O Pedro *está com* dinheiro.
 a'. [TP O Pedro_k [T' T+v_{copi}+P_f= *tem*] [_{vP} t_i [_{PP} t_k [P' t_f[dinheiro]]]]]
 b'. [TP O Pedro_k [T' T+v_{copi}= *está*] [_{vP} t_i [_{PP} t_k [P' P = *com* [dinheiro]]]]]

Desse modo, o PB comporta, pelos menos, dois modos de expressar a idéia de posse: um deles seria a exibição de um verbo possessivo, como *ter*, já o outro modo seria a junção visível de um verbo copular mais uma preposição, a perífrase “estar + com”.

1.7. AS SMALL CLAUSES LIVRES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No PB, as sentenças copulares predicacionais, no que concerne à ordem, geralmente, são consideradas como tendo a seguinte ordem linear: *DP sujeito* + *Verbo Cópula* + *Predicado*. Esta ordem pode ser observada nos exemplos abaixo:

- (56) a. Essa proposta *está* muito boa.
 b. O cabelo da Francisca *é* horroroso.
 c. A Maria *está* uma gata.
 d. Esse menino *é* muito chato.

Paralelamente, podemos encontrar, pelo menos, mais dois tipos de estruturas, quando se trata das estruturas copulares predicacionais, no PB. Uma delas diz respeito a estruturas com a ordem *Cópula* + *Predicado* + *DP sujeito*:

- (57) a. Está muito boa essa proposta.
 b. É horroroso o cabelo da Francisca.
 c. Está uma gata a Maria.
 d. É muito chato esse menino.

Porém, a estrutura com a ordem *Cópula + DP sujeito + Predicado* é descartada, como já advertido por Moro (2000, 2007). Segundo este autor, estas estruturas em (58) constituem o que ele chama de “Estruturas Instáveis” (*Unstable Structures*, no original)⁴⁸:

- (58) a. *Está essa proposta muito boa.
 b. *É o cabelo da Francisca horroroso.
 c. *Está a Maria uma gata.
 d. *É esse menino muito chato.

Por outro lado, existe outro tipo de configuração numa estrutura predicacional, que também podemos encontrar no PB e que é peculiar em alguns aspectos (a serem discutidos mais adiante). Esta estrutura tem um *aparente* “apagamento” da cópula e exhibe a ordem *Predicado + DP sujeito*:

- (59) a. Muito boa essa proposta!
 b. Horroroso o cabelo da Francisca!
 c. Uma gata a Maria!
 d. Muito chato esse menino!

Resumindo, no PB, podemos encontrar construções predicacionais de, pelo menos, três modos, a saber: (i) construções copulativas “canônicas”, cf. (60a); (ii) construções com o verbo cópula frontado, cf. (60b); e (iii) estruturas as quais Kato (1988) chama de *Small Clauses Livres*, termo que também usaremos aqui, cf. (60c):

- (60) a. A sua roupa é/ está muito bonita.
 b. É/ está muito bonita a sua roupa.

⁴⁸ Na verdade, para Moro (2007), uma *Unstable Structure* seria uma estrutura como (i) abaixo, i. e., uma estrutura com uma cópula flexionada, que seleciona uma *Bare Small Clause*. Como veremos no Capítulo 2, este tipo de SC não corrobora os fatos do PB:

(i) *pro cópula [DP DP]

c. Muito bonita a sua roupa.

Dada a tipologia das sentenças copulares feita por Higgins (1976)⁴⁹, observamos que as sentenças discutidas até agora nesta seção fazem parte do grupo das sentenças *predicacionais*. Grosso modo, podemos dizer que, desconsiderando, por enquanto, suas diferenças aspectuais devido aos verbos copulares (permanente/ transitório), as três sentenças em (60) são três modos diferentes de se dizer “a mesma coisa”, teoricamente falando, podemos dizer que elas possuem um *paralelismo temático*. Em (56) e (60a), temos uma estrutura “canônica”, i. e., uma sentença com a seguinte ordem: sujeito + cópula + predicado, onde há uma flexão temporal finita expressa visivelmente no tempo presente. Em (57) e (60b), há um “deslocamento” do DP sujeito para a periferia à direita da sentença⁵⁰, a cópula finita no tempo presente está fronteira precedida do predicado adjetivo. Já em (59) e (60c), não há nenhuma cópula flexionada visivelmente, nem nenhuma marca morfológica de tempo expressa, o predicado precede o DP interpretado como sujeito⁵¹ e a interpretação dada a esta sentença é a mesma dada às outras duas sentenças anteriores, com o tempo presente sendo entendido subjacentemente; como dito, chamaremos este tipo de sentença de *Small Clause Livre*⁵² (doravante SCL); tanto quanto saibamos, este termo foi primeiro empregado em Kato (1988)⁵³.

Dado o paralelo entre as sentenças em (56), (57), (59) e entre as sentenças de (60), a primeira pergunta que emerge é se estas sentenças são frutos de uma mesma combinação de itens lexicais, ou seja, de uma mesma numeração (cf. CHOMSKY, 1995); dito de outra forma: a diferença entre (56), (57) e (60a-b), de um lado, e (59) e (60c), de outro, seria resultado de um simples “apagamento” da cópula na interface sensorio-motora nestas últimas sentenças? O nosso interesse na estrutura sintática das SCLs é motivado, principalmente, pelo fato de que, superficialmente, tais estruturas parecem ser menores que uma sentença “ordinária”.

⁴⁹ Ver seção 1.3.

⁵⁰ Assumiremos que o sujeito é deslocado à direita (fruto de movimento remanescente, cf. KAYNE, 1994) sem maiores explicações, deixando maiores detalhes para trabalhos futuros.

⁵¹ Foneticamente falando, não há nenhuma pausa entre o predicado e sujeito.

⁵² As SCLs são construções que são usadas pelos falantes do PB não apenas na língua falada, visto que também encontramos diversos casos dessas construções em escritas coloquiais, como, por exemplo, em páginas de relacionamento da *Internet*, como o *Orkut* e o *Facebook*.

⁵³ Na verdade, o termo empregado no trabalho de Kato (1988), escrito na língua inglesa, foi *Free Small Clause*, traduzimos ao pé da letra apenas o termo *Free*, haja vista a literatura gerativista no Brasil já ter adotado, de alguma forma, o termo *Small Clause* do inglês. Alguns textos - tanto portugueses quanto brasileiros - vez ou outra o traduzem por *oração pequena* ou *mini-oração*, respectivamente.

Se explorarmos os dados translingüísticos apresentados na seção 1.4, podemos, grosseiramente, fazer uma comparação entre os dados no PB, em (59) e (60c), e os dados do árabe, do hebraico, em (10) e (11), e do russo, em (22), (24) e (25), repetidos abaixo como (61), (62) e (63), para facilidade de exposição:

- (61) a. Il-mudarris (*huwwa*) il-latiif. *Árabe*
 o-professor PRON o-legal
 “O professor é legal/ o legal.”
 b. Il-mudarris *kaan* latiif.
 o-professor era legal
 “O professor era legal.”
 c. Il-mudarris *haykuun* latiif.
 o-professor será legal
 “O professor será legal.”

(EID, 1983)

- (62) a. Dani (*hu*) more. (predicacional) *Hebraico*
 Dani PRON professor
 “Dani é o professor.”
 b. Hana *haita* yafa.
 Hana was bonita
 “Hana era bonita.”
 c. Hana *tihye* yafa.
 Hana será bonita
 “Hana será bonita.”

(CITKO, 2008)

- (63) a. Marija (-) krasivaja. *Russo*
 Marija-fem. N-Pron bonita.
 “Marija é bonita.”

(SOSCHEN, 2002, p. 68, exs. (10) e (11))

- b. Ona *(byla) krasivoj.
 ela ser-fem.sg.Pass bonita
 “Ela era bonita.”

- c. Ona *(budet) krasivoj.
 ela ser-3ª.sg.Fut. bonita-fem.sg.
 “Ela será bonita.”

(SOSCHEN, 2002, pp. 68-69, exs. (12)-(13))

O que as sentenças acima nos mostram é que, como discutido na seção 1.4., no tempo presente, a presença da cópula é opcional. Ora, nas SCLs do PB, apesar de não haver a presença de tempo *morfologicamente*, o tempo entendido subjacentemente é o tempo presente, exatamente como ocorre nos dados acima, quando a cópula não está presente.

De mais a mais, dizemos que as SCLs podem ser comparadas *grosseiramente* com os exemplos acima, pois a ordem *Sujeito + Predicado*, sem a cópula superficialmente expressa, ao contrário dos dados do árabe, hebraico e russo acima, são excluídos do PB. Desse modo, (59) e (60c) parecem ser a ordem “canônica” de uma SCL no PB, haja vista que tal ordem (*DP + Predicado* - sem a cópula) é agramatical. Este fato, já notado por Kato (1988, 1998), pode ser visto em (64) abaixo⁵⁴:

- (64) a. *Essa proposta muito boa.
 b. *O cabelo da Francisca horroroso.
 c. *A Maria uma gata.
 d. *Esse menino muito chato.

Sendo assim, no que concerne à ordenação de seus elementos, as SCLs do PB têm uma semelhança maior com as sentenças nominais do tagalog, apresentados no final da seção 1.4, que repetimos em (65) e (66) abaixo para facilidade de exposição:

- (65) Maestro ang lalaki. *Predicado Nominal*
 Professor FOC homem
 “O homem é um professor.”

⁵⁴ Algumas das construções em (64), porém, podem ser gramaticais enquanto DPs.

(66) Bago ang bahay.

Predicado Adjetival

novo FOC casa

“A casa é nova.”

(SCHACHTER & OTANES, 1972, p. 64 e 97 *apud* PUSTET, 2003, p.64)

Ao que nos parece, o marcador de foco no taglog nas sentenças acima não é um elemento copular, pelo menos é o que nos assinala a classificação de Pustet (2003) em relação a esta língua, caracterizada pela completa falta de cópula (ver nota 22).

É pertinente pontuar que as *Small Clauses* Livres (bem como as sentenças exclamativas de um modo geral) são construções que, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista empírico, receberam até então muito pouca atenção dos lingüistas. No PB, o único trabalho publicado até o momento, tanto quanto saibamos, é Kato (2007)⁵⁵. Translingüisticamente, Shopen (1972) e Culicover & Jackendoff (2005) dedicam uma brevíssima discussão a e Paul & Stainton (2006) analisam o que eles chamam de *Pred NP Construction* do inglês. Já Vinet (1991) analisa o que ela denomina de *non-verbal exclamative constructions* do francês. Tais construções parecem, a uma primeira vista, bastante similares a nossa *Small Clause* Livre do PB. Para as similaridades e disparidades dos dados do inglês e do francês com os dados do PB, ver o Capítulo 3.

No resto desta seção, apresentaremos o tema central desta pesquisa, nomeadamente, as construções aqui chamadas de “*Small Clauses* Livres”, uma construção exclamativa que apresenta algumas características peculiares no que tange a alguns de seus aspectos sintático-semânticos, que a diferem bastante, como veremos, das outras construções predicacionais (56), (57) e (60a-b), como, por exemplo: (i) a inversão na ordenação de seus constituintes (sujeito-predicado); (ii) a seleção semântica e categorial de seus sujeitos e predicados; e (iii) a ausência do elemento copular verbal. Sendo assim, iremos explorar aqui essas e outras questões, que serão arroladas no decorrer deste capítulo, já as respostas, se houver alguma, serão dadas no decorrer desta tese.

⁵⁵ Kato (1988 e 1998) são *handouts* apresentados em congressos, gentilmente cedidos pela autora.

1.7.1. Restrições sintático-semânticas dos elementos das SCLs

1.7.1.1. Restrições sobre o sujeito

Ao contrário dos “sujeitos” pós-verbais de verbos inacusativos, que são submetidos ao que ficou conhecido na literatura como *Efeito de Definitude*, devendo ser sempre indefinidos (cf. BELLETTI, 1988; LASNIK, 1999; NUNES, 2007)⁵⁶, os sujeitos das SCLs são sempre *definidos*. Desse modo, não temos DPs não-específicos (cf. (67)), plurais nus (cf. (68)), itens de polaridade negativa e quantificadores de baixo acarretamento (cf. (69)), mas apenas DPs definidos e *fortemente referenciais* (cf. (59)), repetido abaixo como (70):

- (67) a. *Muito boa uma proposta qualquer!
 b. *Horroroso um cabelo qualquer!
 c. *Uma gata uma menina qualquer!
 d. *Muito chato um menino qualquer!
- (68) a. *Muito boas propostas!
 b. *Horrorosos cabelos pretos!
 c. *Umas gatas mulheres!
 d. *Muito chatos meninos!
- (69) a. *Muito boa/s nenhuma proposta/ poucas propostas!
 b. *Horroroso/s nenhum cabelo/ poucos cabelos!
 c. *Uma/s gata/s nenhuma mulher/ poucas mulheres!
 d. *Muito chato/s nenhum menino/ poucos meninos!
- (70) a. Muito boa essa proposta!
 b. Horroroso o cabelo da Francisca!
 c. Uma gata a Maria!

⁵⁶ Normalmente, não é o que se assume para os verbos inacusativos do PB (cf. COELHO, 2000; KATO, 2002; TAVARES SILVA, 2004; VIOTTI, 1999, 2002). Entretanto, ver Sibaldo (2007), que assume que o Efeito de Definitude é operante no PB, tendo um efeito direto na sintaxe, sendo sua “violação” nesta língua apenas *aparente*.

d. Muito chato esse menino!

Indo mais além, podemos verificar que DPs sujeitos indefinidos são, sim, permitidos nas SCLs, como nos mostram os exemplos abaixo:

- (71) a. Maravilhosa uma sopa de carne *que tem ali*.
 b. Legal um *daqueles* americanos.

Dessa forma, as SCLs devem ter um sujeito que, normalmente: (i) seja “saliente no discurso” e (ii) faça parte do conhecimento tanto do falante quanto do ouvinte. Dito de outra forma: o sujeito das SCLs é a “informação velha” e deve ser ligado ao contexto, tanto que, a adição de um elemento dêitico (como o pronome *esse* em (70d)) – que está diretamente relacionada a esta “saliência” – melhora a aceitação de tais construções.

Levando em consideração o que foi dito até agora, podemos dizer que os sujeitos das SCLs são regidos pela regra (72), que estabelece que, mais que a definitude, os seus sujeitos devem ser específicos (cf. ENÇ, 1991):

- (72) Os sujeitos das SCLs do PB devem ser específicos.

1.7.1.2. Restrições sobre o predicado

No que se refere aos predicados das SCLs, notamos que este pode ser apenas da categoria adjetival e alguns constituintes parecidos, à primeira vista, com DPs, que chamaremos aqui de “DPs avaliativos”, que se diferenciam de DPs “ordinários” quando participando de SCLs, haja vista este tipo ser descartado e aquele ser permitido nessas construções (cf. (74) vs. (75)). Além disso, outros sintagmas, como PPs⁵⁷ (cf. (76)), AdvPs

⁵⁷ Como Jairo Nunes (comunicação pessoal) nos faz ver, SCLs com PPs encabeçados por *sem* de conteúdo avaliativo são gramaticais:

- (i) a. Sem sal essa sopa!
 b. Sem nenhum interesse essa sua proposta!

Porém, estes PPs parecem fazer parte de uma exceção, uma vez que sua contraparte com PPs encabeçados por *com* não são gramaticais:

(cf. (77)) e VPs (cf. (78)) também são descartados como o predicado das SCLs, como nos mostram os dados abaixo:

- | | | |
|------|--|------------------------|
| (73) | a. Linda a Maria!
b. Excelente a sua sopa de carne!
c. Maravilhoso esse jantar! | <i>APs</i> |
| (74) | a. Um luxo essa sua bolsa!
b. Um amor o seu filho!
c. Uma maravilha aquela aula! | <i>DPs avaliativos</i> |
| (75) | a. *Médico esse cara!
b. *A esposa do Rafa a Manu.
c. *Um advogado o João. | <i>DPs</i> |
| (76) | a. *Na Ponta Verde o João!
b. *Com dinheiro o Adeilson!
c. *Por quinze reais o cinema! | <i>PPs</i> |
| (77) | a. *Bem a Maria!
b. *Mal esse cara! | <i>AdvPs</i> |
| (78) | a. *Caído o Mário!
b. *Dançando os meus alunos! | <i>VPs</i> |

No que tange aos adjetivos das SCLs, é pertinente ressaltar, ainda, que nem todos os adjetivos podem ser predicados de tais construções, como pode ser observado com os adjetivos abaixo:

-
- (ii) a. *Com pouco sal essa sopa!
b. *Com muito interesse essa sua proposta!

Deixaremos essas questões para trabalhos futuros, apesar de, intuitivamente, acharmos que a resposta ao contraste exibido acima talvez esteja no fato de que a perífrase “estar+com”, em detrimento de “estar+sem”, participe de um processo morfológico, cujo resultado ou pode ser o verbo possessivo *ter* ou a própria perífrase *estar+com*, a depender do aspecto *durativo vs. temporário*, conforme discutido anteriormente na seção 1.6.3.

- (79) a. *Disponíveis os bombeiros!
 b. *Pronta a tese!
 c. *Bêbado o teu pai!
 d. *Grávida essa mulher!

Sendo assim, como primeiro advertido, tanto quanto saibamos, por Kato (1988) para as SCLs, as sentenças em (79) são ruins pelo fato de os predicados dessas construções serem adjetivos do tipo *stage level*. Desse modo, como observado para os dados do PB por essa autora e depois corroborado com os dados do francês por Vinet (1991), os predicados das SCLs só podem ser do tipo *individual level*⁵⁸.

Os adjetivos que funcionam como predicados das SCLs são classificados por Neves (1999) como adjetivos *qualificadores* ou *qualificativos*. De acordo com esta autora:

Esses **adjetivos** indicam, para o **substantivo** que os acompanha, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses **adjetivos** qualificam o **substantivo**, o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Essa atribuição de uma propriedade constitui um processo de **predicação**, e, por isso, esses **adjetivos** podem ser considerados de tipo **predicativo**. (cf. NEVES, 1999, pp. 184-185, grifos da autora)

Neves (*op. cit.*, pp. 186-187) propõe que os *adjetivos qualificadores* podem ser *graduáveis e intensificáveis*:

⁵⁸ Vinet (1991, p. 85) pontua que as *non-verbal exclamative constructions* do francês com predicados do tipo *stage* são melhoradas quando é inserido um “aspectual marker which introduces a semantic notion of permanent state or homogeneity” (cf. (i)). De acordo com Franckel (1989) *apud* Vinet (1991, p. 85), esses marcadores aspectuais que introduzem o predicado, em (i) abaixo, suportam uma interpretação genérica que dá ao predicado um significado de homogeneidade na duração.

- (i) a. *Disponible, ce papa!
 disponible este papai
 b. Jamais disponible, ce papa!
 nunca disponible este papai

(VINET, 1991, p. 85, exs. (21a) e (22a))

Seguindo os passos de Hernanz & Suñer (1999, p. 2536), González-Rivera (2008, p. 21) afirma que o mesmo contraste do francês é exibido em espanhol (cf. (ii)):

- (ii) a. *¡Cansado, tu jefe!
 cansado teu chefe
 b. ¡Eternamente cansado, tu jefe!
 eternamente cansado teu chefe

(GONZÁLEZ-RIVERA, 2008, p. 21, exs. (3) e (5))

O fato descrito acima corrobora a argumentação de Carlson (1977) e Speas (1990) de que os predicados nominais nunca são predicados do tipo *stage level*.

(80) *Graduáveis*

- a. Era savério, filho **mais NOVO** de seu Roque.
- b. Viu estar ele realmente disposto a iniciar uma política **menos AFRONTOSA**.

(NEVES, 1999, pp. 186-187)

(81) *Intensificáveis*

- a. Nesta casa, a realidade, infelizmente, hoje em dia, não é, não pode ser... **muito GRAVE**.
- b. O sol **bem BAIXO**, quase encostado na água espalhava raios dourados pelo céu.

(NEVES, 1999, p. 187)

Ainda de acordo com Neves (*op. cit.*, p. 188-189), os adjetivos qualificadores podem expressar, ainda, diversos valores semânticos. A autora divide tais adjetivos em dois subgrupos: o de *modalização* e o de *avaliação*:

(82) *Modalização*

- a. É **EVIDENTE** que não tendes nenhuma pretensão à santidade.
- b. É **POSSÍVEL** que eu esteja sendo submetida a uma prova.
- c. O ensino primário é **OBRIGATÓRIO**.

(NEVES, 1999, pp. 188-189)

(83) *Avaliação*

- a. O hotelzinho da Praça da República era **LAMENTÁVEL**.
- b. Os amigos erguem-lhe um olhar **CURIOSO**.
- c. Estava tudo **LIMPO**.

(NEVES, 1999, pp. 189-190)

Destes dois subgrupos divididos pela autora, são os adjetivos qualificadores de *avaliação* que vão com as SCLs, chamemo-los de *avaliativos* apenas. Assim, os predicados *avaliativos* que vão com as SCLs são predicados que, mais que notar um fato, descrevem uma *impressão*, uma *opinião pessoal do falante*, que menciona algo de surpreendente, surpresa, ou algo fora do comum, como é inerente às sentenças exclamativas (cf. ZANUTTINI & PORTNER, 2000 e 2003). Para ser aceito nas SCLs do PB, o predicado de nível *individual*

deve, então, comportar, mais ou menos, um significado de apreciação e não pode corresponder a uma expressão referencial.

Sendo assim, a agramaticalidade de (84) é explicada pelo fato de que o predicado não introduz uma forma de interpretação avaliativa de algo “fora do comum” ou “surpreendente”:

(84) *Normal esse cara.

De outro modo, é importante salientar que, nesses casos, quando, ao predicado das SCLs, é acrescentado um quantificador que brote neste predicado tanto o grau máximo quanto a avaliação do falante, como “muito”, por exemplo, a frase nominal exclamativa melhora. A sentença melhora ainda mais quando a SCL expressa algo “fora do comum”, como dito anteriormente e representado abaixo:

(85) Muito normal essa roqueira!

Para sumarizar o que foi discutido até agora: os predicados adjetivais das SCLs devem ser adjetivos *qualificadores avaliativos*, sendo assim, adjetivos que nunca suportam um advérbio de grau⁵⁹ (por exemplo: muito, extremamente etc.) são rejeitados nas SCLs, como pode ser visto abaixo:

(86)	a. *Russa essa vodca.	<i>Comparar: *Muito russa</i>
	b. *Grávida a Maria.	<i>Comparar: *Muito grávida</i>
	c. *Inumeráveis os artigos do Chomsky.	<i>Comparar: *Muito inumeráveis</i>

Por outro lado, os *DPs avaliativos* são estruturas cujo núcleo nominal N, normalmente, deriva adjetivos avaliativos e que, de algum modo, capturam a idéia de grau máximo, como podemos ver abaixo:

⁵⁹ Normalmente, as SCLs expressam, através de seu predicado, o grau máximo da propriedade denotada pelo adjetivo. Casos que escapam a essa afirmação são as SCLs onde o advérbio “meio” é utilizado. Porém, casos onde quantificadores de grau não estabelecem uma interpretação extrema são excluídos, como é o caso de “bastante”. Veja o contraste abaixo:

(i) a. Meio caro esse livro!
 b. *?Bastante caro esse livro!

A noção de grau aqui é extremamente importante para a nossa proposta delineada no Capítulo 3 desta tese.

- (87) a. Um luxo o seu apartamento! > Muito luxuoso o seu apartamento!
 b. Uma maravilha essa cerveja! > Extremamente maravilhosa essa cerveja!
 c. Um amor essa sua filha! > Muito amorosa essa sua filha!

Os *DPs avaliativos* que vão com as SCLs são predicados por excelência. Sendo assim, esses *DPs* não podem atuar como sujeito, visto não terem o *status* de expressões referenciais⁶⁰:

- (88) a. *Um luxo está a Maria.
 b. *Uma maravilha é essa cerveja.
 c. *Um amor é esse seu filho.

Cumprе destacar que alguns *DPs não-avaliativos*, que não são aceitos nas SCLs, tornam as sentenças boas quando são acrescentados de algum adjetivo avaliativo, como pode ser notado diante do contraste abaixo:

- (89) a. *Médico o Paulo.
 b. *Professora a Ana.
 c. *Arquiteto o Marcos.
- (90) a. Um *Grande* médico o Paulo.
 b. Uma *Excelente* professora a Ana.
 c. Um *Péssimo* arquiteto o Marcos.

Normalmente, o predicado que pode ir com as SCLs é aquele que pode participar de sentenças copulares com os dois verbos copulas do PB, nomeadamente, *ser* e *estar*⁶¹:

- (91) a. O seu apartamento *é/ está* um luxo!
 b. Essa cerveja *é/ está* uma maravilha!

⁶⁰ Desprezamos aqui a leitura de foco contrastivo.

⁶¹ Há um caso interessante que é o caso das cores, em que não se pode ir com tal adjetivo “nu”, tem que haver um intensificador para a SCL com cores se tornar boa:

- (i) a. *Preto esse seu tênis.
 b. Muito preto esse seu tênis.

- c. Essa sua filha é/ está um amor!
 - d. A Maria é/ está linda!
 - e. A sua sopa de carne é/ está excelente!
 - f. Esse jantar é/ está maravilhoso!
- (92)
- a. Essa vodca é/ *está russa.
 - b. Os artigos do Chomsky são/ *estão inumeráveis.
 - c. A porta da esperança está/ *é aberta.
 - d. O pai do João está/ *é bêbado
 - e. Os bombeiros estão/ *são disponíveis.
 - f. O café está/ *é pronto.

Conforme primeiro ressaltado, tanto quanto saibamos, por Vinet (1991, p. 81), os predicados das SCLs não podem ser predicados secundários, ou seja, não podem ser predicados de uma *small clause* adjunto, como corroborado com o contraste visto nos dados do PB abaixo⁶²:

- (93)
- a. O João comeu essa carne crua.
 - b. *Crua essa carne.
- (94)
- a. *O João comeu essa carne maravilhosa.
 - b. Maravilhosa essa carne!

Sendo assim, o contraste acima permite inferir que a relação predicado-sujeito das SCLs refere-se a uma predicação primária, ao invés de uma predicação secundária, visto não haver compatibilidade entre os predicados que vão com SCLs e os predicados que vão com SCs adjuntos.

⁶² (94a) é boa com a leitura de [essa carne maravilhosa] como sendo um DP e não com [maravilhosa] sendo um predicado secundário. Um teste simples de clivagem deve desfazer essa ambigüidade e corroborar com a nossa assunção acima:

- (i)
- a. Foi crua que o João comeu essa carne.
 - b. *Foi maravilhosa que o João comeu essa carne.

Ver ainda outros testes que nos levam a essa mesma conclusão em Stowell (1981, 1983, 1991, 1995) e Rothstein (1995). Para o PB, ver Foltran (1999), Gomes (2006) e Míoto & Foltran (2007) e Quarezemin (2007).

Após toda a discussão feita sobre os predicados das SCLs, podemos chegar à conclusão de que eles são dirigidos pela regra geral (95):

(95) Os predicados das SCLs do PB devem ser predicados de nível *individual* avaliativos.

1.7.1.3. Restrições sobre o Tempo

Como dito anteriormente, superficialmente, as SCLs não apresentam morfologia nenhuma de tempo. Sendo assim, elas parecem sugerir exemplos de não-sentenciais, como nos mostram os exemplos (96):

- (96) a. Lindo o dia!
 b. Bonita a sua roupa!
 c. Uma merda aquele programa de televisão!

As SCLs, entretanto, podem ser parafraseadas com a cópula no tempo presente⁶³, conforme nos apontam os dados abaixo:

- (97) a. Lindo o dia!
 “OK O dia está lindo!”
 “*O dia estava lindo!”
 “*O dia estará lindo!”
 b. Bonita a sua roupa!
 “OK A sua roupa está bonita!”
 “*A sua roupa estava bonita!”

⁶³ Porém, como Marcelo Ferreira (comunicação pessoal) nos aponta, a sentença em (i) só pode ser parafraseada com o tempo passado:

- (i) ?Bem no alvo esse tiro!
 “*Esse tiro é bem no alvo!”
 “OK Esse tiro *foi* bem no alvo!”
 “*Esse tiro estará bem no alvo!”

Essa sentença, entretanto, além de degradada, parece-nos fazer parte de um contexto muito marcado. Deixemos este tópico para investigações futuras.

“*A sua roupa estará bonita!”

c. Uma merda aquele programa de televisão!

“OK Aquele programa de televisão está uma merda!”

“*Aquele programa de televisão estava uma merda!”

“*Aquele programa de televisão estará uma merda!”

Tal fato nos faz lembrar os dados do russo arrolados por Soschen (2002), que discutimos nas seções anteriores⁶⁴. Conforme Soschen (2002, p. 68), a cópula verbal no tempo presente *est'* (é/ são) não é consentida nas sentenças nominais do russo moderno. Em detrimento de *est'*, um pronome nulo, ou, ainda, a ausência deste (que é representado oralmente com uma pausa) pode ou não ser utilizada:

(98) a. Marija (-) krasivaja.

Russo

Marija-fem. N-Pron bonita.

“Marija é bonita.”

(SOSCHEN, 2002, p. 68, exs. (10) e (11))

b. Ona *(byla) krasivoj.

ela ser-fem.sg.Pass bonita

“Ela era bonita.”

c. Ona *(budet) krasivoj.

ela ser-3^a.sg.Fut. bonita-fem.sg.

“Ela será bonita.”

(SOSCHEN, 2002, pp. 68-69, exs. (12)-(13))

Além de o tempo presente estar subjacente nas SCLs, é interessante pontuar que o predicado dessas sentenças é lido como um predicado *estativo*, ou seja, o verbo, além de ser “entendido” com a forma subjacente do presente do indicativo; o predicado não pode ser (nem pode ser entendido como) um verbo na forma gerundiva, como visto em (78b), o que corrobora com o fato de o predicado das SCLs serem sempre *estativos*:

(99) a. Lindo o dia!

“*O dia *está sendo* lindo!”

⁶⁴ Ver ainda os dados do hebraico e do polonês da seção 1.4, línguas cuja presença da cópula no tempo presente é opcional.

b. Bonita a sua roupa!

“*A sua roupa *está sendo* bonita!”

c. Uma merda aquele programa de televisão!

“*Aquele programa de televisão *está sendo* uma merda!”

(100) a. *Vendendo o livro.

b. *Dirigindo o Paulo.

c. *Falando a Maria.

Apesar de não *mostrar visivelmente* o tempo, as SCLs do PB lançam mão de uma estratégia interessante para sanar essa ausência de morfologia, tal estratégia é o uso de advérbios/ locuções adverbiais temporais, que indicam o tempo nessas sentenças, conforme exemplificado nos dados abaixo:

(101) a. Lindo o dia hoje!

“OK O dia *está* lindo hoje!”

“*O dia *estava* lindo hoje!”

“*O dia *estará* lindo hoje!”

b. Bonita a sua roupa ontem!

“*A sua roupa *está* bonita ontem!”

“OK A sua roupa *estava* bonita ontem!”

“*A sua roupa *estará* bonita ontem!”

c. Uma merda aquele programa de televisão (da) semana passada!

“*Aquele programa de televisão *está* uma merda semana passada!”

“OK Aquele programa de televisão *estava* uma merda semana passada!”

“*Aquele programa de televisão *estará* uma merda semana passada!”

Essa estratégia das SCLs do PB nos rememora os dados do hausa, mostrados em Green (2009, p. 17), discutidos na seção 1.4. Lembremos que, em hausa, como apontado naquela seção, não há cópula verbal, mas apenas cópulas não verbais, que marcam gênero e número somente e não tempo ou aspecto, nomeadamente, *nē* (masc/pl) e *cē* (fem). Sentenças *out-of-the-blue*, como as SCLs do PB, são entendidas subjacentemente com o tempo presente. Sendo assim, quando uma sentença copular não exhibe nenhum advérbio de tempo é tomada como tendo um tempo presente “*default*”. Para que a sentença seja colocada no passado (e -

imaginamos - futuro), a presença de um advérbio de tempo é obrigatória, exatamente como as SCLs, como nos mostra o exemplo (27), aqui repetido como (102):

(102) a. Audū bāwā̀ nē.

Audu escravo FM.m

“Audu é um escravo.”

b. Dā mā Mūsā dà Shēhù àbōkan gàske nē.

já Musa e Shehu amigos.de verdadeiramente FM.pl

“Musa e Shehu já foram amigos de verdade.”

(GREEN, 2009, p. 17, ex. (51))

De acordo com Kato (2007), as SCLs trazem à tona aquilo que ela chama de “terceira cópula do PB”, ou seja, uma cópula que não é realizada foneticamente. Visto por esse prisma, o PB teria, então, não apenas o *ser* e o *estar* como cópulas verbais, mas “algum traço” (ou “conjunto de traços”), nulo foneticamente, que representaria esta “terceira cópula”. De fato, apesar de a autora não mostrar os dados e comparações das línguas que mostramos aqui, poderíamos pensar que talvez a “cópula-zero” das SCLs do PB seja uma *terceira cópula*.

Porém, apesar da idéia tentadora de estarmos diante de uma terceira cópula no PB, será necessário, de nossa parte, mostrar evidências independentes para esta “terceira cópula” e, conseqüentemente, responder às seguintes questões: (i) Qual a estrutura das SCLs? (ii) Onde está localizada esta terceira cópula na derivação de uma SCL? (iii) Qual/is categoria/s funcional/is, se existir/em, estão presentes nas SCLs? Estas questões serão retomadas no Capítulo 3, onde tentaremos mostrar evidências de que a chamada “terceira cópula” do PB, na verdade, surge quando se estabelece uma determinada configuração sintática na derivação das SCLs; não sendo, de forma nenhuma, mais uma cópula no componente lexical. Tal hipótese, se se mostrar fundamentada, parece ser bem vinda ao quadro teórico atual do Programa Minimalista, onde a idéia de economia parece ser o axioma da teoria. Sendo assim, no Capítulo 3 desta tese, tentaremos mostrar evidências de que a diferença entre as cópulas *ser* e *estar*, de um lado, e a “terceira cópula”, de outro, é reduzida a uma determinada configuração sintática, que será detalhada naquele capítulo.

Para finalizar esta seção, cumpre lembrar que, no que concerne ao tempo, as SCLs parecem seguir a assunção em (103) abaixo:

(103) O tempo (não morfológico) das SCLs do PB deve ser subtendido como o presente⁶⁵.

1.7.2. SCLs versus que-SCLs

Além das SCLs, existem, no PB, algumas estruturas sem cópula semelhantes a estas, também exclamativas, porém, com o predicado nucleado pela partícula exclamativa “que”. Chamemos estas construções de *que-SCLs*. *A priori*, esta construção difere da SCL ordinária no sentido de que, em algumas delas, a partícula *que* é adicionada, noutras, a partícula *que* substitui os quantificadores *muito* e *um*, respectivamente, conforme visto nos exemplos abaixo⁶⁶:

(104) a. Lindo o dia! *SCLs*
 b. Muito bonita a sua roupa!
 c. Uma merda aquele programa de televisão!

(105) a. Que lindo o dia! *Que-SCLs*
 b. Que bonita a sua roupa!
 c. Que merda aquele programa de televisão!

Diante dos dados acima, podemos dizer que “que”, “um” e “muito”, intensificadores mais utilizados no predicado desses tipos de construção, parecem estar em distribuição complementar, como pode ser inferido a partir dos dados abaixo:

⁶⁵ Carlos Miotto (comunicação pessoal) nos chama atenção para o fato de que o uso de alguns dêiticos como determinante do sujeito das SCLs, em contextos marcados, parece ativar o tempo passado, como ilustra (i):

(i) Bonito aquele baile!

Porém, como dito, isso acontece em contextos específicos e, como neste trabalho estamos usando sentenças *out-of-the-blue*, isso não nos apresenta um problema de imediato, mas deve ser visto em trabalhos futuros.

⁶⁶ Apesar de as *que-SCLs* se parecerem muito com as SCLs, elas têm algumas peculiaridades que a fazem diferir dessas, como deverá ser apontado mais adiante. Porém, esse “que” das *que-SCLs* parecem atuar como determinantes, uma vez que, em alguns dialetos, este elemento pode se flexionar em número, como pode ser visto no exemplo abaixo:

(i) a. Ques lindo os caderno!
 b. Ques danado esses menino!

- (106) a. *Que uma maravilha o filme do Spielberg!
 b. *Uma que maravilha o filme do Spielberg!
 c. *Muito uma gata essa menina!
 d. *Uma muito gata essa menina!
 e. *Muito que gata essa menina!
 f. *Que muito gata essa menina!

Como visto, as *que-SCLs* se assemelham às *SCLs* já descritas anteriormente. Sendo assim, elas atendem aos algoritmos descritos em (72), (95) e (103), repetidos abaixo como (107), com as devidas exemplificações de (108)-(110):

- (107) a. Os sujeitos das (que-)SCLs do PB devem ser específicos.
 b. Os predicados das (que-)SCLs do PB devem ser predicados de nível *individual* avaliativos.
 c. O tempo (não morfológico) das (que-)SCLs do PB deve ser subtendido como o presente.
- (108) a. *Que chato um menino qualquer!
 b. *Que chatos meninos!
 c. *Que chato/s nenhum menino/ poucos meninos!
 d. Que chato esse menino!
- (109) a. *Que bêbado o João!
 b. *Que motorista esse cara!
 c. *Que dançando a Maria!
 d. Que excelente motorista esse cara!
- (110) a. Que lindo o dia!
 “OK O dia está muito lindo!”
 “*O dia estava muito lindo!”
 “*O dia estará muito lindo!”
 b. Que bonita a sua roupa!
 “OK A sua roupa está muito bonita!”
 “*A sua roupa estava muito bonita!”

“*A sua roupa estará muito bonita!”

c. Que merda aquele programa de televisão ontem!

“*Aquele programa de televisão está uma merda!”

“OK Aquele programa de televisão estava uma merda!”

“*Aquele programa de televisão estará uma merda!”

É interessante perceber que, quando emerge cópula nas estruturas com o “que”, elas podem estar tanto numa posição pós-sujeito, quanto pré-sujeito, como pode ser visto abaixo:

(111) a. Que bonita (que) a Maria ‘tá!

b. Que merda (que) aquele programa de TV é!

(112) a. Que bonita (que) ‘tá a Maria!

b. Que merda (que) é aquele programa de TV!

Os predicados das *que-SCLs* parecem não estar em CP⁶⁷, pelo menos é o que nos parece, visto que os complementizadores estão lá apenas para licenciar as cópulas, já que, quando não temos complementizadores em C⁶⁸, nós não temos cópulas e as (que-)SCLs emergem. Então, parece-nos plausível pensar que a falta de cópula tem a ver com a presença *versus* ausência do complementizador em C⁶⁹:

(113) a. Que bonita (*que) a Maria!

b. Que merda (*que) aquele programa de TV!

⁶⁷ Ou em alguma outra projeção da periferia explodida de CP de Rizzi (1997, 2004).

⁶⁸ Quando não temos visivelmente, nem temos a possibilidade de tê-los, como nos mostra a possibilidade assinalada pelos parênteses entre o complementizador “que” em (111) e (112).

⁶⁹ Algumas outras construções exclamativas do PB parecem ser derivadas de *Apagamento Distribuído* (do inglês, *Distributed Deletion*), no sentido proposto em Fanselow & Cavar (2002):

- (i) a. Como a Maria ‘tá feia!
 b. *Como feia a Maria ‘tá!
 c. *Como feia ‘tá a Maria!
 d. [_{CP} Como [_C (que)]] a Maria ‘tá feia!

- (ii) [Como feia] a Maria ‘tá [como feia].

A fonte contornada indica uma cópia não pronunciada. Deixaremos essas questões para trabalhos futuros.

- (114) a. [CP Que bonita [C^o que]] tá a Maria!⁷⁰
 b. *[CP Que bonita [C^o que]] a Maria!
 c. Que bonita a Maria!
- (115) a. [CP Que merda [C^o que]] tá aquele programa de TV!
 b. *[CP Que merda [C^o que]] aquele programa de TV!
 c. Que merda aquele programa de TV!

Diante dos dados e da discussão aqui apresentados, parece-nos plausível, então, pontuar que a SCL tem uma “irmã” que se assemelha a esta em relação a alguns aspectos e que difere desta em relação a outros aspectos, não apenas nos aspectos que mencionamos nesta seção, mas em alguns outros que deverão ser discutidos mais adiante e que serão de fundamental importância para a nossa análise.

1.7.3. “Encaixamento”

Tanto quanto saibamos, Kato (1988) foi a primeira pesquisa que mencionou como uma característica das SCLs o “encaixamento” destas em verbos de Marcação Excepcional de Caso (doravante ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*). Esta pesquisadora também notou que os adjetivos que podem fazer parte das SCLs são os mesmos que podem aparecer no complemento dos verbos ECM:

- (116) a. Eu achei lindo o dia!
 b. A Manu achou muito bonita a sua roupa!
 c. O Adeilson achou uma merda aquele programa de televisão!
- (117) a. *Eu achei disponível o livro do Chomsky!
 b. *A Manu achou bêbado o Rafa!
 c. *O Adeilson achou pronto o café!

⁷⁰ Novamente, fonte contornada indica uma cópia não pronunciada foneticamente.

Outro apontamento interessante daquele trabalho foi o fato de que, ao contrário das SCLs matrizes, que têm a ordem canônica *Predicado + Sujeito* e são agramaticais na ordem *Sujeito + Predicado* (ver (64) e (118) abaixo), quando “encaixadas” as SCLs parecem permitir ambas as ordens, conforme vemos comparando (116) a (119):

- (118) a. *O dia lindo!
 b. *A sua roupa muito bonita!
 c. *Aquele programa de televisão uma merda!
- (119) a. Eu achei o dia lindo!
 b. A Manu achou a sua roupa muito bonita!
 c. O Adeilson achou aquele programa de televisão uma merda!

Na verdade, veremos no Capítulo 3 que as *Small Clauses Livres* são “livres”, como o próprio nome sugere, ou seja, elas são um fenômeno raiz (conforme delineado em HOOPER & THOMPSON (1973), que, grosso modo, propõem que sentenças raízes são aquelas em que não podem ser encaixadas); e, nessa linha de raciocínio, não há possibilidade de encaixamento dessas construções. A possibilidade de se ter construções como (119) e, paralelamente, poder ter estruturas como (117), para nós, é uma (pequena) evidência dessa afirmação. Sendo assim, o que vem depois do verbo ECM é, simplesmente, uma SC complemento⁷¹.

É importante observar que as que-SCLs não podem ser “encaixadas” nos contextos ECMs, como podemos ver abaixo⁷²:

⁷¹ Cumpre destacar que Kato (1988, 1998, 2007) não partilha desta idéia. Para esta autora, o que vem após o verbo ECM é uma SCL. Uma maior argumentação para corroborar esta afirmação será feita no Capítulo 3.

⁷² Diferentemente das SCLs (cf. (ii)), o único caso em que as que-SCLs podem ser “encaixadas” é sob verbos do tipo *olhar*:

- (i) a. Olha que lindo aquele carro!
 b. Vê que horrível essa calça!
- (ii) a. *Olha lindo aquele carro!
 b. *Vê horrível essa calça!

Porém, como notado por Villalba (2003, p. 727-8, nota 11) para algumas sentenças exclamativas do catalão, “it is dubious that (i) represents a genuine instance of subordination. Rather, the imperative form of the verb [*olhar*] “watch” in this case has lost its original lexical meaning and works rather as a discourse element fulfilling a phatic function”. Essa afirmação também parece suportar os casos do PB, visto que, qualquer outra forma verbal, que não o imperativo, é banida dessas construções:

- (ii) a. *Ele olhou que lindo aquele carro!
 b. *As mulheres viram que horrível essa calça!

- (120) a. *Eu achei que lindo o dia!
 b. *A Manu achou que bonita a sua roupa!
 c. *O Adeilson achou que merda aquele programa de televisão!

O problema acima parece ser o de que, por alguma razão, o constituinte [que + XP] não pode permanecer numa posição A. Trataremos disso numa outra ocasião.

1.7.4. Negação, itens de polaridade negativa e quantificação

Nem as SCLs nem as que-SCLs podem ser negadas, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (121) a. (*Não) bonita (*não) a Maria (*não)!
 b. (*Não) que bonita (*não) a Maria (*não)!

Na verdade, isso não é, de maneira nenhuma, surpresa, já que, de um modo geral, as sentenças exclamativas não podem ser negadas, como pode ser confirmado com a seguinte citação de Bartra & Villalba (2006, p. 3): “negation is generally forbidden in exclamatives”⁷³.

Porém, podemos encontrar nas SCLs – mas não nas que-SCLs – itens de polaridade negativa (doravante NPI, do inglês *Negative Polarity Item*) no predicado^{74, 75}:

Sendo assim, casos como (i) não podem ser considerados “encaixamento” de que-SCLs.

⁷³ Ver ainda Villalba (2004). Remetemos, ainda, o leitor para esse texto para alguns casos de negação em exclamativas.

⁷⁴ Diante das discussões nada pacíficas na literatura (principalmente no que tange ao PB) sobre a diferença entre um NPI e uma palavra-*n*, estamos assumindo sem mais detalhes que os constituintes negativos acima sejam NPIs.

⁷⁵ Para as sentenças (122a) e (122b) se tornarem gramaticais numa sentença com cópula, a presença da primeira negação é obrigatória, como pode ser visto abaixo:

- (i) a. A Maria *(não) é nem um pouco bonita!
 b. A sua irmã *(não) é nada gostosa!

Porém, como é sabido, quando os NPIs passam para a posição inicial de uma determinada sentença, a negação é dispensada (cf. MIOTO, 1992), como ilustra (ii) abaixo, o que explica o apagamento da negação em (122a-b).

- (ii) a. A Maria *(não) conhece *ninguém*.
 b. *Ninguém* conhece a Maria.

- (122) a. Nem um pouco bonita a Maria!
 b. Nada gostosa a sua irmã!
 a'. (* que) nem (*que) pouco bonita a Maria!
 b'. (*que) nada (*que) gostosa a sua irmã!

Em relação à gramaticalidade das (que)-SCLs com quantificadores, frisamos que, ambas as estruturas podem ter seus respectivos sujeitos com quantificadores flutuantes, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (123) a. Um amor cada um de vocês!
 b. Muito lindos todos esses seus sapatos!
 c. Que amor cada um de vocês!
 d. Que lindos todos esses seus sapatos!

Sendo assim, no que concerne aos NPIs, há um contraste entre as SCLs, que aceitam NPIs no seu predicado, e as que-SCLs, que não aceitam; por outro lado, encontramos um paralelismo entre essas duas estruturas tanto na negação, já que ambas não aceitam, quanto na questão dos quantificadores, que ambas aceitam.

1.7.5. Concordância

Em relação à concordância nas (que-)SCLs, observamos que a concordância predicado-sujeito é sempre deflagrada⁷⁶, como nos casos abaixo:

- (124) a. Uma gata a Maria!
 b. Linda a Maria!
 c. Maravilhosas as coxinhas da cantina!
 d. Que lindo o seu filho!
 e. Que linda a Maria!
 f. Que bonitas essas flores!

⁷⁶ Aqui e durante toda a tese trataremos apenas dos casos de concordância “padrão”.

Nos casos em que há dois DPs nas SCLs, obviamente, ambos os DPs podem ter seus próprios traços- Φ sem necessariamente compartilhar esses traços, ao contrário do que sempre ocorre com predicados adjetivais, como pode ser visto em (124b)-(124f), por exemplo. Assim, podemos ter casos em que o DP predicado não compartilha seus traços de número (cf. (125)), de gênero (cf. (126)), e, ainda, de ambos (cf. (127)) com o seu DP sujeito nas SCLs do PB:

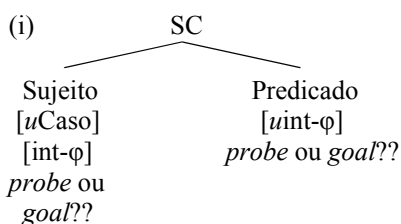
- (125) a. Que coisa linda os meus sobrinhos!
 b. Uma merda essas novelas da Globo!
 c. Uma graça as suas fotos!

- (126) a. Um luxo a sua calça!
 b. Uma merda aquele programa!
 c. Uma loucura o jogo do Flamengo!

- (127) a. Que coisa linda o João e a Maria!
 b. Um luxo as bolsas da Maria!
 c. Uma loucura os doces da minha mãe!

Uma pergunta que emerge ao nos depararmos com esses dados é: há a necessidade de a Operação *Agree* se aplicar nesses três últimos casos⁷⁷, já que não há uma compatibilidade no que concerne aos traços- Φ do predicado e do sujeito?

⁷⁷ Uma pergunta mais ampla – e que extrapola o âmbito deste trabalho – é: como *Agree* se aplica numa *Small Clause* comum (cf. STOWELL, 1981, 1983) Bem como, a teoria das SCs de Den Dikken (2006) e a sua teoria de *Phase Extension* (cf. DEN DIKKEN, 2006, 2007), adotada neste trabalho (ver Capítulo 3), em sentenças com a cópula expressa? Pois, como se sabe, a relação *Agree*, como vem sendo desenvolvida na teoria da gramática, é estabelecida de cima (de um *probe*) para baixo (para um *goal*). E, dessa forma, mostrou ser bastante eficaz para a explicação de um número considerável de fenômenos lingüísticos. Sendo assim, como valoraremos os traços não-interpretáveis do adjetivo, que devem ser checados, antes de a derivação ir para *Spell-Out*?



1.8. SUMÁRIO

Neste capítulo, procuramos introduzir a noção de cópula que iremos adotar nesta tese, para isso, passeamos pelas definições desde a tradição filosófica ocidental aristotélica até as definições da Lingüística moderna. Logo após, apontamos, brevemente, a tipologia descrita em Higgins (1976), que apresenta quatro tipos de sentenças copulares, a saber: (a) predicacional; (b) identidade; (c) especificacional; e (d) identificacional, estabelecendo que esta tese abordará as sentenças copulares predicacionais. Assumimos, então, que, nas sentenças copulares predicacionais, as cópulas não fazem parte do predicado em si, de outro modo, elas servem apenas para “ligar” o sujeito ao predicado. Em seguida, apresentamos dados de cópula translingüisticamente, numa tentativa de chamar a atenção para os diversos tipos de cópula encontrados nas línguas naturais, nomeadamente, cópula verbal, cópula pronominal e cópula-partícula (cf. STASSEN, 1997). Na seção posterior, descrevemos, sucintamente, as estruturas copulares do PB, apresentando suas cópulas verbais (*ser* e *estar*) e suas restrições no que concerne às restrições sintático-semânticas de seu predicado, bem como, tentando estabelecer uma relação entre os dados translingüísticos mostrados anteriormente com os dados do PB. Logo depois, fizemos, então, a descrição das “*Small Clauses Livres*” – tópico central desta tese –, apresentando suas peculiaridades e restrições sintático-semânticas tanto do seu sujeito e predicado, quanto restrições de “encaixamento”, concordância, etc. Observamos, ainda, que as SCLs têm uma estrutura parecida, nomeadamente, as que-SCLs. Arrolamos algumas questões para serem respondidas no decorrer desta tese, bem como algumas outras questões para serem respondidas em trabalhos futuros. *A priori*, mostramos que tanto as SCLs quanto as que-SCLs devem ter seus sujeitos específicos, seus predicados de nível *individual* devem ser avaliativos e o tempo (não expresso morfológicamente) deve ser subjacentemente entendido como o tempo presente.

No próximo capítulo, delinearemos a teoria gerativista no seu mais recente empreendimento, o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 2000, 2001, 2004, 2008). Bem como, a teoria das *Small Clauses* de Den Dikken (2006) e a sua teoria de *Phase Extension* (cf. DEN DIKKEN, 2006, 2007), teoria essa que subsidiará a nossa análise das SCLs do PB.

CAPÍTULO 2

2. FASES, SINTAXE DA PREDICAÇÃO E *SMALL CLAUSES*

2.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, teceremos algumas notas acerca do arcabouço teórico-metodológico em que a análise empreendida neste trabalho se apóia. Dessa forma, apresentaremos a maquinaria que será levada em consideração para a análise do fenômeno lingüístico que será feita aqui. Como dissemos na introdução, a teoria adotada é a da gramática gerativa na sua mais recente versão, nomeadamente, o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 2000; 2001; 2004; 2005; 2007; 2008).

Como é comumente feito em pesquisas de bojo gerativista, na presente pesquisa, usamos as siglas e abreviações em inglês. No que concerne aos termos técnicos em inglês, procuramos, sempre que possível, traduzi-los para o português, porém, alguns termos não teriam o mesmo emblema que o têm no inglês. Assim, optamos pela não-tradução de alguns termos, como aconteceu com *Merge* e *Spell-Out*, por exemplo.

Este capítulo encontra-se dividido da seguinte forma: na segunda seção, será discutido o quadro teórico em si: exporemos as preocupações do Programa Minimalista no tocante à análise lingüística, bem como discorreremos algumas considerações acerca da Faculdade da Linguagem, apresentando propriedades formais da gramática, distinguindo os traços interpretáveis dos não-interpretáveis que constituem os itens lexicais, fazendo a distinção entre a noção de *Merge* Interno e *Merge* Externo¹, introduzindo a noção de *fase* e mostrando como ela é utilizada na análise das línguas naturais, mostraremos, ainda, como a relação *Agree* pode ser uma útil ferramenta para análise não apenas do nosso fenômeno, mas também para outros fenômenos de um modo geral; na terceira seção, apresentaremos a idéia de *Phase Extension*, desenvolvida por Den Dikken (2006, 2007), que será de fundamental importância para a análise a ser empreendida no próximo capítulo deste trabalho, discorreremos, ainda, algumas linhas em relação à teoria da predicação que adotamos para a análise. Tal teoria assume que toda relação de predicação é mediada por um núcleo funcional, que, como

¹ Essa diferença foi primeiro apresentada formalmente em Chomsky (2004).

proposto em Den Dikken (2006, 2007), assumimos ser o RELATOR, núcleo de RP; na quarta seção, revisaremos algumas propostas feitas para as *Small Clauses*, desde os trabalhos iniciais de Williams (1975) e Stowell (1981, 1983), até o trabalho de Den Dikken (2006) que assume uma SC rica, ou seja, uma SC assimétrica, em detrimento de uma SC nua (simétrica); na quinta seção, encerraremos o capítulo com um sumário das principais idéias desenvolvidas neste capítulo.

2.2. O SISTEMA CASO-CONCORDÂNCIA NO MINIMALISMO

2.2.1. O Programa Minimalista

Em 1995, Noam Chomsky lança o livro que é o resultado de anos de pesquisa do empreendimento Gerativista: *The Minimalist Program*². Nesse livro estão reunidos alguns artigos desenvolvidos por esse lingüista³ visando ao que pode ser chamado de um “enxugamento” da maquinaria teórica desenvolvida em anos anteriores do modelo de Princípios & Parâmetros (ver CHOMSKY, 1981; 1986; principalmente).

É relevante salientarmos que, diferente do modelo de Princípios & Parâmetros, ou da Teoria Padrão Estendida, ou, ainda, da Teoria Padrão, o Programa Minimalista (doravante PM) não é um “novo” quadro teórico da Gramática Gerativa, ou seja, não há uma substituição do modelo de Princípios & Parâmetros (doravante P&P) para o PM. Segundo Raposo (1999, p. 16), “o PM assenta crucialmente no modelo P&P, e parte dele para propor algumas questões novas que não poderiam, na realidade, ser concebidas fora desse modelo”.

O PM pode ser considerado do livro lançado em 1995 até os atuais artigos de Chomsky(cf. CHOMSKY, 2000; 2001; 2004; 2005; 2007; 2008) e visa, sempre, à explicação dos fenômenos Lingüísticos com uma maquinaria reduzida. Para isso, o que é dito/ proposto em um determinado trabalho, pode ser retirado/ melhorado num trabalho posterior em prol de uma sintaxe “esbelta”.

² Ver também a tradução para o português feita por Eduardo Raposo, *O Programa Minimalista*, Chomsky (1999).

³ O capítulo 1, intitulado *The Theory of Principles and Parameters*, foi desenvolvido conjuntamente com Howard Lasnik.

Tendo em vista o acima exposto, é preciso ter em mente que há duas tarefas imediatas para uma teoria lingüística realizar, segundo Chomsky (2000, p. 91), que são a caracterização das (ou, dos estados das) línguas alcançadas e o estado inicial compartilhado: as tarefas da “adequação descritiva” e da “adequação explanatória”. De acordo com Adger (2003, p. 15), podemos dizer que uma teoria é *descritivamente* adequada quando contém meios suficientes para descrever adequadamente todas as estruturas diferentes encontradas na língua sob investigação, bem como a captura de inúmeras interações entre elas. Por meio disso, a teoria fornece análises de todas as sentenças possíveis da língua. A adequação descritiva aplicada à teoria lingüística deve ser feita para todas as línguas humanas possíveis.

Ainda segundo Adger (*op. cit.*, p. 15-16), a *adequação explanatória* tem a ver com a vinculação de características comuns a todas as línguas humanas possíveis. Uma teoria adequada explanatoriamente será capaz de explicar como, dado um conjunto particular de dados de *input*⁴, uma criança fixa uma determinada língua-I⁵, em detrimento de uma outra língua-I que é compatível com os dados, mas faz as previsões erradas.

Como pontua Chomsky (2000, p. 91), uma língua L inclui um sistema cognitivo que “armazena informação”: informação sobre o som, o significado e a organização estrutural das expressões lingüísticas. Os sistemas de performance⁶ acessam essa informação e a coloca em uso. Assim, L fornece informação aos sistemas de performance na forma de “níveis de representação”. Os sistemas de performance acessam estes “níveis de interface”. Chomsky (*op. cit.*, p. 91) assume que os sistemas de performance são de dois tipos, cada um com suas próprias características, independentemente da Faculdade da Linguagem:

- (i) *Sistemas sensório-motores* → esses sistemas podem usar somente as informações apresentadas numa forma específica: com ordem temporal, estrutura prosódica e silábica, certas propriedades fonéticas e relações;

⁴ Para Chomsky (1997, p. 51), o *input* seria os “dados de entrada” na Faculdade da Linguagem, sendo este, “pobre” e “imperfeito”, comparando com o que a criança conhece da língua. Ver maiores detalhes sobre o *input*, Aquisição de Linguagem, o problema lógico/ psicológico da aquisição e outros temas relacionados com a questão da aquisição em Chomsky (1965), Kato (1995) e Lemos (2002).

⁵ Cumpre destacar que, de acordo com Chomsky (1986), há dois tipos de línguas, a saber: a *língua-E* e a *língua-I*. A primeira diz respeito ao objeto *externo*, exteriorizado, o conjunto de frases e expressões determinadas pela língua-I. Já a última diz respeito ao que chamamos aqui de *gramática*, onde “I” significa interno/ individual/ intencional. Sendo assim, a concepção de língua que usamos neste trabalho é a última.

⁶ Em Chomsky (1965, p. 84), esse lingüista define *performance* como “o uso efetivo da língua em situações concretas”.

- (ii) *Sistemas de pensamento* (“para dar um nome a algo muito pobremente entendido”) → esses sistemas requerem informação sobre unidades que eles podem interpretar e as relações entre eles: certos feixes de traços semânticos, estruturas de evento, estrutura quantificacional e assim por diante.

Todo o sistema sensorio-motor acessa um nível de interface e todo o sistema de pensamento acessa um nível de interface distinto. Sob essas assunções, L é um dispositivo que gera expressões $EXP = \langle PHON, SEM \rangle$, onde PHON (fonologia, do inglês *phonology*) fornece as “instruções” para o sistema sensorio-motor, e SEM (semântica, do inglês *semantics*), para o sistema de pensamento; a informação sobre som e significado, respectivamente, onde “som” e “significado” são entendidos nos termos internalistas, “externalizáveis” para o uso da língua pelos sistemas de performance. (cf. CHOMSKY, 2000, p. 92).

Outro ponto que gostaríamos de esclarecer antes de nos deter a outros aspectos que dizem respeito à teoria aqui adotada, mas que será retomado na próxima seção (senão em todo o trabalho) é a noção de Gramática Universal (doravante UG, do inglês *Universal Grammar*) que, grosso modo, pode ser concebida como os aspectos da língua-I que são comuns a todos os seres humanos. A teoria da UG trata do que todas as línguas possíveis têm em comum (*Princípios*) e de que maneiras as línguas-I particulares podem divergir no que tange às características comuns (*Parâmetros*)⁷.

Discorreremos a partir de agora sobre as propriedades da UG e sobre algumas assunções de trabalhos recentes do PM e que serão utilizadas na análise aqui empreendida, como aquelas vistas na introdução deste trabalho, a saber: fases, traços interpretáveis e traços não-interpretáveis, a relação *Agree*, a Condição da Impenetrabilidade da Fase (PIC), entre outros.

⁷ Para uma visão geral da teoria de P&P em seu início e desenvolvimentos, ver Chomsky (1981 e 1986). Para uma introdução a esta teoria, ver Haegeman (1994), além dos manuais em português: Mioto; Figueiredo Silva & Lopes (2004) e Raposo (1992).

2.2.2. A Faculdade da Linguagem

Segundo Chomsky (2005, p. 2), a perspectiva biolingüística⁸ “views a person’s language as a state of some component of the mind”. Assim, esse tipo de abordagem “focuses attention on a component of human biology that enters into acquisition of language (...). Call it the ‘faculty of language’, adapting a traditional term to a new usage”. A Faculdade da Linguagem (doravante FL), então, diz respeito às propriedades que são específicas à linguagem humana.

De acordo com os pressupostos da Gramática Gerativa, FL tem um estado inicial S_0 geneticamente determinado que define os estados possíveis que ela pode assumir.

Suppose we [...] adopt [...] a strong uniformity thesis for language acquisition that holds that each attainable state of FL is a further specification of S_0 with parameters valued; at S_0 , all parameters are set with unmarked values. Then each attainable state (including S_0) is a possible (I-)language L. We can formulate without complication the familiar idealization: S_0 (=LAD⁹) maps primary linguistic data (PLD) to L. We then seek to discover theories that meet the conditions of descriptive and explanatory adequacy – that are true, respectively, of L (particular grammars) and of S_0 (universal grammar, UG). (CHOMSKY, 2004, p. 104)

Se a língua é para ser usada, seu *design* deve satisfazer, conforme enunciado anteriormente, uma “condição de interface” IC (do inglês, *Interface Condition*): a informação nas expressões geradas por L devem ser acessíveis a outros sistemas, incluindo os sistemas sensorio-motor (SM)¹⁰ e conceptual-intencional (C-I) que tem a ver com o pensamento e com a ação.

Além do acima exposto, Chomsky (2004, p. 106) pontua que a língua L gera um conjunto de derivações. A derivação D *converge* se PHON e SEM¹¹ satisfazem IC; de outro

⁸ Para alguma discussão e fontes acerca da perspectiva biolingüística, ver Chomsky (2005) e referências lá citadas.

⁹ Abreviação do inglês *Language Acquisition Device* (Dispositivo de Aquisição de Linguagem). Dado que, segundo Chomsky (2000, p. 93), L é literalmente dedutível de uma escolha dos valores dos parâmetros e do léxico, então a aquisição é “como se fosse instantânea”. LAD é, então, apenas o S_0 sob uma interpretação particular, incluindo todas as propriedades de S_0 que podem se manifestar em si mesmas no curso do desenvolvimento. Ainda segundo o referido lingüista, a postulação do LAD é sempre descrito como questionável ou errada, mas que pode “difícilmente ser, pelo menos se a língua é um componente identificável da estrutura cognitiva humana em qualquer consideração”.

¹⁰ Esse sistema já foi chamado anteriormente (cf. CHOMSKY, 1995) de Articulatório-Perceptual (A-P), porém, pela sua imprecisão, desde Chomsky (2000), esse lingüista adota o termo Sensorio-Motor (SM).

¹¹ Ou seja, uma derivação *converge* se Φ (PHON) tem apenas traços não-interpretáveis fonéticos e a representação semântica associada, Σ (SEM), contém apenas traços interpretáveis (semanticamente), resultando, assim, numa sentença bem-formada. (cf. RADFORD, 2004, p. 445). Para noções de traços interpretáveis e não-interpretáveis, ver a próxima seção.

modo, D *fracassa* (*crash*) numa ou noutra interface. IC deve ser forte o suficiente para permitir a diversidade de expressões “legíveis” na interface SEM. Assim, para uma perspectiva biolingüística, FL é vista como:

an “organ of the body”, one of many subcomponents of an organism that interact in its normal life. From this perspective, the closest approximation to the informal notion “language” is a state of FL, an I-language. UG is a theory of the initial state of FL, virtually shared; in terms of traditional concerns, the theory of the distinguishing features of human languages. (cf. CHOMSKY, 2008, p. 133).

Para um sistema como o descrito acima, Chomsky (2008, p. 133) ainda identifica três fatores que entram no seu crescimento e desenvolvimento¹² que fazem os seres humanos ocuparem uma posição “única entre os animais”:

- (I) Dados externos;
- (II) Dom genético (para linguagem);
- (III) Princípios da arquitetura estrutural e restrições que não são específicos à UG e podem ser independentes do organismo.

A Tese Minimalista Forte (SMT, do inglês *Strong Minimalist Thesis*) sustentaria que a língua é uma solução ótima para condições de interface que FL deve satisfazer. Assim sendo, Chomsky (2008, p. 135) pontua que a SMT é a hipótese de que a linguagem é um modo ótimo de ligar som e significado, onde essas noções são dadas num “sentido técnico” em termos dos sistemas de interface que entram em uso e nas expressões de interpretação geradas por uma língua-I. Se a SMT pode ser seguida completamente, a UG poderia ser restrita às propriedades impostas pelas condições de interface. A SMT, ou uma versão mais fraca, se torna uma tese empírica na medida em que nós somos capazes de determinar as condições de interface e clarificar noções de “bom *design*”¹³.

¹² Para uma discussão aprofundada acerca desses fatores, ver Chomsky (2005).

¹³ As condições de “bom *design*” são em parte um problema de descoberta empírica, embora nas diretrizes de uma característica inicial, uma característica familiar da investigação racional. (cf. CHOMSKY, 2001, p. 1).

2.2.3. Algumas Propriedades de L: seus componentes e a formação dos Itens Lexicais

Iremos assumir, subsidiados pela arquitetura teórica do PM, que o elemento que fixa um determinado parâmetro é o feixe de traços nos itens lexicais (LIs, do inglês *Lexical Items*), que podem ser considerados, segundo Chomsky (2008, p. 134), como “atoms for further computation and the locus of parameters, sweeping many complicated and important questions under the rug”.

Seguindo Chomsky (2004, p. 107), podemos dizer que, para uma dada derivação, S_0 determina o conjunto $\{F\}$ ¹⁴ de propriedades (“traços”) disponíveis para as línguas. Cada L(íngua) faz uma seleção de uma vez (*one-time selection*, no original) de um subconjunto $[F]$ de $\{F\}$ e uma reunião também de uma só vez dos elementos de $[F]$ como seu léxico LEX, que Chomsky assume ser uma “lista de exceções” (idéia clássica compartilhada com estruturalistas, como BLOOMFIELD, 1933, por exemplo). Para cada derivação D, L toma elementos do LEX que será acessado em D: um Arranjo Lexical (LA, do inglês *Lexical Array*).

A sintaxe estrita seria o “mecanismo gerativo” de L. Dado um LA, a sintaxe estrita constrói uma derivação D. O LA, sendo um conjunto de elementos do LEX (ou ainda, “átomos” de D), não sofre nenhuma “mexida” na sintaxe estrita. Desse modo, não se concebe nenhum movimento de traços, como defendido em Chomsky (1995), nem “itens lexicalmente modificados” (MLIs, do inglês *Modified Lexical Items*), como defendido em Chomsky (2000, 2001).

Tanto quanto se sabe, no modelo minimalista, existem dois tipos de traços: os traços *interpretáveis* e os traços *não-interpretáveis*. Os primeiros são legíveis nos sistemas externos na interface; os segundos não.

De acordo com Chomsky (2001, p. 4), a não-interpretabilidade dos traços – ou seja, dos traços fonológicos, dos traços- Φ de T ou de seu traço EPP ou do traço de Caso estrutural nos nominais – não é “estipulada”. Embora motivados na interface, a interpretabilidade de um traço é uma propriedade inerente que é acessível por toda derivação. As propriedades fonológicas [\pm continuante], por exemplo, são motivadas somente na interface, mas esses traços “abstratos” são acessíveis por toda a derivação que, rapidamente, os elimina em favor dos traços fonéticos estritos, interpretáveis na interface. Similarmente, a interpretabilidade dos

¹⁴ F, do inglês *feature*, que é comumente traduzido como *traços*. Assim, $\{F\}$ seria um conjunto geral de traços e uma determinada língua tem apenas um subconjunto desses traços, a saber $[F]$.

traços- Φ ([+] para N, [-] para T) é acessível por toda a derivação. Para a convergência, os traços não-interpretáveis (e não-valorados) devem ser valorados e deletados – na sintaxe estrita, pela operação *Agree*¹⁵, estabelecendo uma relação de concordância sob condições apropriadas.

A interpretabilidade dos traços é determinada no léxico, pela Gramática Universal (UG), e a distinção deve ser indicada não apenas nesse estágio, mas durante toda a derivação. O princípio natural é que os traços não-interpretáveis [uF]¹⁶ e somente estes entram nas derivações sem valores e são distinguidos dos traços interpretáveis em virtude dessa propriedade. Seus valores são determinados por *Agree*, neste ponto, os traços devem ser deletados da sintaxe estrita (ou eles serão indistinguíveis dos traços interpretáveis na interface), mas devem estar disponíveis para a fonologia (já que eles têm efeitos fonéticos). Por exemplo, os traços- Φ não-interpretáveis de T [u Número], [u Pessoa] e [u Gênero] entram na sintaxe estrita sem valores (o que distingue, já no léxico, dos traços- Φ interpretáveis de N) e, estabelecendo-se a operação *Agree*, eles são valorados pelos traços- Φ interpretáveis de N [i Número], [i Pessoa] e [i Gênero] e depois deletados da derivação na sintaxe estrita, como será visto com maiores detalhes mais adiante.

Diante do acima exposto, assumimos, ainda, que L tem três componentes:

- (i) A *sintaxe estrita* (NS, do inglês *narrow syntax*) que mapeia LA para uma derivação D-NS;
- (ii) O *componente fonológico* Φ que mapeia D-NS para PHON;
- (iii) O *componente semântico* Σ que mapeia D-NS para SEM.

Assume-se que Σ é uniforme em todas as línguas L; a NS também o é se os parâmetros podem ser restritos ao LEX (como assumimos anteriormente). Diferentemente, Φ é altamente variável entre as línguas Ls. Os mapeamentos satisfarão otimamente a *Condição de Inclusividade*, que barra a introdução de novos elementos (traços) no curso da computação: índices, cópias, categorias sintáticas ou níveis barra e assim por diante. Assume-se, então, que esta forte condição é verdadeira da NS, mas não de Φ , nem de Σ .

¹⁵ Discorreremos sucintamente acerca da Operação *Agree* mais adiante.

¹⁶ O “ u ” minúsculo antes de um dado traço F vem do inglês *uninterpretable*, ou seja, *não-interpretável*. Sendo assim, ele indica a não-interpretabilidade desse traço (F, do inglês *feature*). De outro modo, [iF], onde o “ i ” está para *interpretable*, ou seja, *interpretável* na interface C-I.

L contém operações que transferem cada unidade para Φ e para Σ . As operações se aplicam no mesmo estágio do ciclo. Então, existe uma operação TRANSFERIR, aplicando-se a uma derivação estritamente sintática D-NS.

(1) TRANSFERIR envia D-NS para Φ e para Σ .

É a operação TRANSFERIR que envia os traços não-interpretáveis para Φ , já que eles podem ter um reflexo fonético. Antes, esses são eliminados da sintaxe estrita. A valoração dos $[uF]$ é, na verdade, parte de TRANSFERIR. Esta operação remove os traços que causariam o fracasso da derivação D em SEM, incluindo os traços morfológicos/ fonológicos do LEX e $[uF]$ se ele já foi valorado. TRANSFERIR deve ser cíclico. O mapeamento para Φ é o que chamamos de *Spell-Out* (S-O).

2.2.4. Merge Interno Versus Merge Externo

Como Chomsky (2008, p. 136-7) pontua, a língua é um sistema consistindo de objetos organizados hierarquicamente. Qualquer sistema como o mencionado é baseado sob uma operação que toma n objetos sintáticos (SOs, do inglês *Syntactic Objects*) já formados e constrói deles um novo SO. Chamemos essa operação de *Merge*¹⁷. *Merge* irrestrito ou algum equivalente é inevitável num sistema infinito hierarquicamente; então, nós podemos assumir que ele “vem livremente” (“*comes free*”, no original), no contexto presente.

A *Condição Não Mexa* (NTC, do inglês, *Non-Tampering Condition*), que Chomsky (2008, p. 138) postula, é, para o autor, uma necessidade para a eficiência da computação, ou seja: o *Merge* de X e Y deixa os dois SOs inalterados. Sendo assim, o *Merge* de X e Y pode ser tomado para produzir o conjunto $\{X, Y\}$. *Merge* não pode quebrar X ou Y, ou ainda, adicionar novos traços a eles. Portanto, *Merge* é invariavelmente “à periferia” e, segundo o “*Princípio de Inclusividade*”, dispensa níveis-barras, vestígios, índices e tecnologia descritiva similar introduzida no curso da derivação de uma expressão¹⁸.

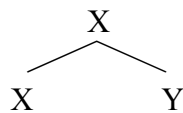
¹⁷ Alguns trabalhos em português utilizam “concatenar”, “fundir”, “combinar”, etc. pelo termo inglês *merge*, quando necessário, também usaremos estes termos, além do original em inglês.

¹⁸ No decorrer do trabalho, far-se-á necessária a utilização de alguns itens “barrados” pelo “Princípio da Inclusividade”, como os citados, porém, essa só será feita por simplicidade de exposição, ou seja, por uma maneira mais “didática” de se trabalhar com questões mais abstratas.

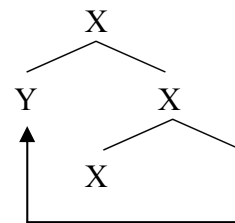
Para as representações arbóreas dos objetos sintáticos construídos a partir da operação *Merge*, assumiremos com Kayne (1981, 1984) estruturas de “caminhos não ambíguos” (no original: “*unambiguous paths*”). O que significa dizer que os ramos que saem dos nós serão sempre binários, como se verá ao longo deste trabalho. A despeito dessa assunção, Chomsky (2008, p. 138) argumenta que essas estruturas estão em conformidade com a SMT, visto que há uma restrição dos recursos computacionais em limitar as estruturas a dois ramos apenas¹⁹.

Assim, para fazer com que os OSs sejam formados e para dar conta dos movimentos que são inerentes à Língua L, Chomsky (2004) introduz a distinção de dois subcasos da operação *Merge*: (a) *Merge externo* e (b) *Merge interno*. Esses subcasos podem ser explicados da seguinte maneira: suponhamos que X e Y façam *Merge* (pensando em Y fazendo *merge* em X). Ou Y não é um termo de X (*Merge* externo, EM, do inglês *External Merge*), ou Y é um termo de X (*Merge* interno, IM, do inglês *Internal Merge*). Em ambos os casos, *Merge* produz {X, Y}. IM produz duas cópias de Y em {X, Y}, uma externa a X e uma interna a X²⁰. Visto dessa forma, o IM é a operação *Move*²¹ sob a “teoria da cópia de movimento”. Inferimos que tanto IM quanto EM estão disponíveis na FL:

(2) a. *Merge Externo*



b. *Merge Interno*



Cada SO gerado entra em novas computações. Algumas informações sobre o SO são relevantes para estas computações. No melhor caso, um único elemento designado deveria

¹⁹ Em trabalhos anteriores, as construções com duplo objeto (*double object constructions*) eram analisadas como se houvesse três ramificações do nó VP. A problemática introduzida pelos caminhos não ambíguos de Kayne (1984) desencadeou muitas pesquisas, chegando à hipótese da categoria funcional *v*. Ver Larson (1988), Hale & Keyser (1993), Harley (1995) e, ainda, Kratzer, sobre isso.

²⁰ Chomsky (2008) considera a criação de uma nova “cópia” inserida na posição do elemento movido desnecessária, visto que alguns autores da literatura gerativista haviam indicado a cópia – por razões, acreditamos, de exposição didática – com parênteses. Chomsky desconsidera, ainda, que haja vestígios com índices (dado o “*Princípio da Inclusividade*”, visto anteriormente). Sendo assim, para esse linguísta, um elemento movido, deixará no seu lugar de base uma cópia-vestígio *t* sem índices de co-referência. Porém, como falamos anteriormente, quando se fizer necessário, colocaremos índices *e/* ou outros elementos para uma melhor exposição de um determinado problema.

²¹ Chomsky havia se referido ao movimento em trabalhos anteriores como uma “imperfeição” da língua. Porém, em trabalhos recentes (cf. CHOMSKY, 2004; 2005; 2008), esse autor afirma que o deslocamento de constituintes é *onipresente* na língua e a sua falta é que seria uma “imperfeição”. O referido linguísta (2004, p. 125) observa que se esforçar para motivar deslocamento é um erro. Assim, *Move-α* e suas variantes é um tipo de necessidade conceptual dada a inegável existência do fenômeno do deslocamento.

conter todas as informações relevantes: o *rótulo*²² (ou seja, o item projetado nas teorias X-barra²³). O rótulo seleciona e é selecionado no EM e é o *probe* que procura um *goal* para operações internas ao SO: *Agree* ou IM.

2.2.5. Fases

Como vimos anteriormente, por hipótese, não deve haver níveis lingüísticos além daqueles impostos pelas condições de interface: ou seja, os níveis de interface neles mesmos. Assim, todos os ciclos de modelos anteriores (da EST, para sermos mais exatos) são dispensáveis e reduzidos a um: a computação conta apenas com o *Merge*²⁴, que produz objetos sintáticos que, em algum ponto da derivação, são transferidos aos sistemas de interfaces: TRANSFERIR à interface do som é sempre chamado de *Spell-Out*. Assim como Chomsky, chamaremos os objetos transferidos de “fases”.

A noção de *fase* começou a ser implementada no PM a partir de Chomsky (2000). As fases são tomadas como sendo CP e $\nu P / \nu^*P$ ²⁵, mas não TP²⁶. Quando uma fase é transferida para Φ , ela é convertida para PHON. Φ procede em paralelo com a derivação NS.

Quando aplicado à fase PH (do inglês *Phase*), *Spell-Out* S-O deveria ser capaz de expelir PH completamente. Porém, como sabemos, S-O não pode ser *necessário* para expelir a fase PH completamente, ou o deslocamento nunca seria possível. Vejamos o exemplo abaixo:

²² Segundo Chomsky (2008), o rótulo de um SO, numa abordagem como das teorias X', deve ser identificável com uma procura mínima, algum simples algoritmo, Assim, ele apresenta duas propostas:

- (i) Em $\{H, \alpha\}$, H um LI, H é o rótulo.
- (ii) Se α faz IM com β , formando $\{\alpha, \beta\}$, então, o rótulo de β é o rótulo de $\{\alpha, \beta\}$.

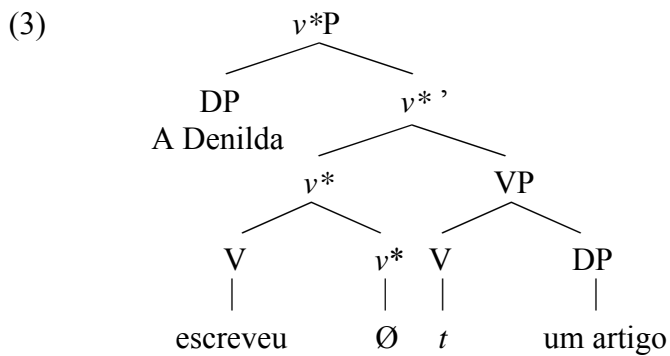
Porém é relevante destacar que há exceções (apontadas pelo próprio autor), como são os casos de EM de não-núcleos XP, YP, formando $\{XP, YP\}$, como no *Merge* de um DP com um ν^*P . A convencional assunção é que o rótulo é ν^* . Porém, por razões didáticas, iremos continuar com o tradicional uso de XPs para indicar o uso das projeções máximas e X's para indicar o uso das projeções intermediárias, mesmo este último sendo barrado pelo *Princípio da Includividade*, visto anteriormente.

²³ Ou, no sistema de rótulos livres (*labels free*) (cf. COLLINS, 2002), o *locus*.

²⁴ Cumpre destacar que, conforme Chomsky (2005, p. 16) pontua, *Merge* pode ser ainda *pair-merge* (a adjunção) que forma objetos sintáticos $\langle \alpha, \beta \rangle$ e, ainda, *set-merge* (a substituição) que forma objetos sintáticos $\{\alpha, \beta\}$.

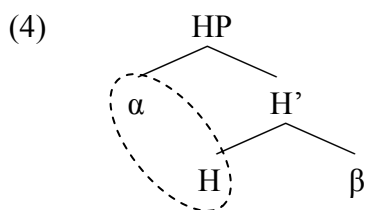
²⁵ ν^*P difere crucialmente de νP por ter uma estrutura argumental “completa”, como é o caso de um verbo transitivo, por exemplo. Nesse sentido, de acordo com Chomsky (2000 *et passim*), νP representaria a projeção de um verbo leve como a das passivas e a de verbos inacusativos.

²⁶ As similaridades entre CP e DP sugerem que DP também seja uma fase. Para mais argumentos acerca dessa proposta, ver Svenonius (2004) e Hiraiwa (2005).

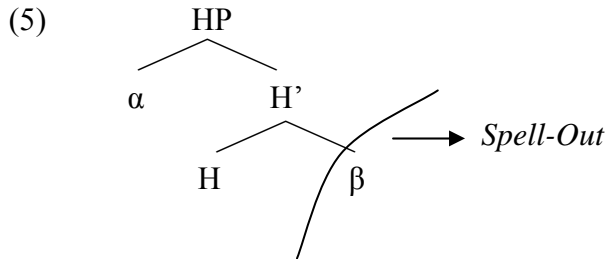


Como dito anteriormente, v^*P é uma fase (cf. CHOMSKY, 2000; 2001; 2004; 2005; 2008). Se considerarmos que, nas línguas românicas, o verbo (V+v) sobe para T e o sujeito para [Spec, TP] (cf. BELLETTI, 1990; COSTA, 1998; CINQUE, 1999; MANZINI & SAVOIA, 2002; MORO, 1997; ROSSELLÓ, 2000; entre muitos outros), (3), sendo uma fase e indo completamente para *Spell-Out*, não permitirá que estes alçamentos ocorram, uma vez que toda a fase v^*P ficará inacessível para a fase superior. Dito de outra forma, em (3), essas operações não vão poder ser realizadas, se enviarmos a fase v^*P para o S-O por completa, visto que, pelo menos [A Denilda] e [escreveu] têm de ser acessíveis à fase imediatamente mais alta, nomeadamente, CP.

Tendo em vista esse problema, Chomsky (2000 e trabalhos subseqüentes) formula a Condição de Impenetrabilidade da Fase (PIC, do inglês *Phase Impenetrability Condition*). Consideremos, assim, a fase como sendo (4):



Chamamos α -H a *periferia* (*edge*, no original) da fase PH e β o seu domínio. Como visto, é fato que os elementos da periferia podem (ou algumas vezes têm de) ser alçados. Sendo assim, Chomsky propõe que apenas β , o domínio de uma determinada fase, deve ser expelido numa fase PH, mas não sua periferia, como ilustrado na representação em (5) abaixo:



Essa condição, nomeadamente, a condição exige que a fase foi enviada à *Spell-Out* não “volte” mais para a sintaxe, ou seja, que ela não seja mais acessível às regras sintáticas, é chamada de PIC, por Chomsky. Uma estrutura contendo duas fases, a saber ZP e HP, ilustra essa condição de um melhor modo. Vejamos uma estrutura como (6), a condição é aquela em (7):

(6) [ZP Z ... [HP α [H YP]]]

(7) The domain of H is not accessible to operations at ZP; only H and its edge are accessible to such operations. (CHOMSKY, 2001, p. 14).

Assim, em (6), H e sua periferia (ou seja, α) podem ser acessíveis pela próxima fase, ZP, por determinação de S-O, sob PIC (7). YP é expelido no nível da fase HP. H e α são expelidos ou continuam *in situ*, caso contrário, seu *status* é determinado, do mesmo modo, na próxima fase ZP. Esta condição é uma restrição que força o sistema a “esquecer” (*forget about*, no original) o material transferido, reduzindo, assim, o fardo computacional e produzindo somente o vestígio da ciclicidade no minimalismo (ver também BOECKX, 2007).

Suponhamos, para ser mais claros, que (6) seja igual a (8):

(8) [CP C ... [_{v*P} DP [_v VP]]]

Podemos dizer, então, que, na fase v^*P , tanto o DP sujeito, quanto o núcleo v (a periferia dessa fase) podem ou não mover-se. Isso vai depender da fase acima, nomeadamente CP, ou, mais estritamente falando, do *probe* que está na fase CP, como será visto na próxima seção. Porém, VP – o domínio da fase v^*P – tem de obrigatoriamente ser transferido para S-O, sob as assunções da PIC.

2.2.6. A relação *Agree*

Como vimos, os traços- Φ de T são não-interpretáveis e concordam com os traços- Φ de um nominal, produzindo o efeito de superfície, por exemplo, da concordância nome-verbo. A relação de concordância remove os traços não-interpretáveis da sintaxe estrita NS, permitindo que as derivações D convirjam na interface semântica, enquanto continuam intactas para a componente fonológica (dado que a manifestação de PHON varia entre as línguas).

A relação *Agree* opera entre α e β , onde α tem traços flexionais interpretáveis e β tem os traços não-interpretáveis que são deletados sob *Agree*. Essa relação tem o papel de estabelecer a propriedade do “deslocamento” dos constituintes das línguas (exceto, claro, em concordância a longa distância, como é o caso de inacusativos com o argumento *in situ*). Segundo Chomsky (2001, p. 4), o *probe* determina o tipo de categoria que pode ser movida (um sintagma nominal, um sintagma *wh-*, etc.). Se os traços não-interpretáveis flexionais são os dispositivos que implementam o deslocamento, esperamos encontrar traços não-interpretáveis de três tipos:

- (9)
- a. para selecionar um *probe* P e determinar que tipo de categoria K ele procura;
 - b. para determinar se P oferece uma posição para movimento;
 - c. para selecionar a categoria K que é movida.

Para o movimento de um nominal para T, por exemplo, o conjunto- Φ de C-T e o traço EPP de T servem para as funções (9a) e (9b), respectivamente. A categoria K, que é movida, tem traço não-interpretável de Caso, servindo a função (9c). Sendo *Agree* a relação entre um *probe* e uma categoria movida (*goal*), *probe* e *goal* se combinam se os traços têm valores para o *goal*, mas não para o *probe*. Se os traços- Φ fossem valorados para o *probe*, ele seria inativo e não poderia dirigir nenhuma operação; se eles fossem não-valorados para o *goal*, eles não receberiam valores da (não-valorada) combinação dos traços do *probe*.

Nos sistemas de Caso/ concordância, os traços não-interpretáveis são traços- Φ do *probe* e o Caso estrutural do *goal* N. Os traços- Φ de N são interpretáveis; então, N está ativo para entrar na relação *Agree* somente quando ele tem Caso estrutural. O Caso estrutural não é um traço dos *probes*, mas a ele é atribuído um valor sob concordância, então removido por *Spell-Out* S-O da sintaxe estrita. O valor atribuído dependerá do *probe*: Nominativo se for C-

T, Acusativo se for v^* . O Caso não é combinado, mas ele deleta sob a combinação dos traços- Φ (não-interpretáveis e interpretáveis, do *probe* e do *goal*, respectivamente)²⁷.

T (*probe*), completo de traços- Φ , valora e deleta o Caso estrutural de N (*goal*). O conjunto de traços- ϕ de N, que é sempre completo de traços- Φ , tanto valora quanto deleta os traços- Φ de T (com ou sem movimento²⁸).

O que desenhamos até agora pode ser visualizado num esquema “passo a passo” como aquele visto em (10) – os estágios de uma derivação completa do exemplo (3) –, onde tudo a que fizemos referência até agora pode ser explorado. Vejamos então²⁹:

- (10) a. [D um]
 b. [DP um [N artigo]]
 c. [VP [V escreveu] [DP um [N artigo]]]
 d. [v^* , [v^* \emptyset] [VP [V escreveu] [DP um [N artigo]]]]
 e. *Agree* entre [v^* \emptyset] e [DP um [N artigo]] para checagem do Caso Acusativo, traço não-interpretável do DP objeto, e dos traços- Φ de v^* .
 f. [v^* , [v^* escreveu_i- \emptyset] [VP [V t_i] [DP um [N artigo]]]]
 g. [D A]
 h. [DP A [N Denilda]]
 i. [v^* P [DP A [N Denilda]] [v^* , [v^* escreveu_i- \emptyset] [VP [V t_i] [DP um [N artigo]]]]]
 j. [T' T [v^* P [DP A [N Denilda]] [v^* , [v^* escreveu_i- \emptyset] [VP [V t_i] [DP um [N artigo]]]]]]]
 k. [CP C [TP [T' T [v^* P [DP A [N Denilda]] [v^* , [v^* escreveu_i- \emptyset] [VP [V t_i] [DP um [N artigo]]]]]]]]]
 l. [CP C [TP [T' escreveu_i- \emptyset -T [v^* P [DP A Denilda] [v^* , [v^* t_i] [VP [V t_i] [DP um artigo]]]]]]]
 m. *Agree* entre T³⁰ e [DP A [N Denilda]] para a checagem do Caso Nominativo (traço não-interpretável do DP sujeito) e dos traços- Φ .
 n. [CP C [TP [DP A Denilda]_j] [T' escreveu_i- \emptyset -T [v^* P [DP t_j] [v^* , [v^* t_i] [VP [V t_i] [DP um artigo]]]]]]]

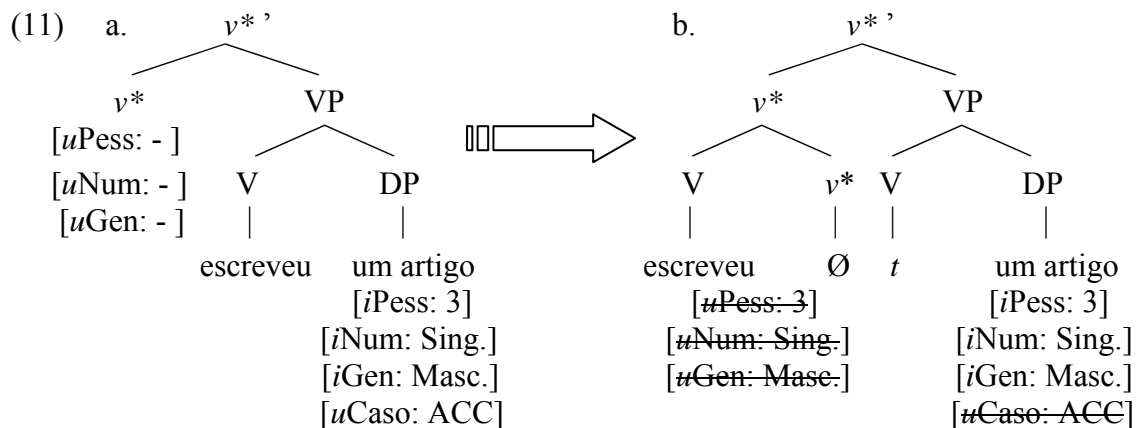
²⁷ Não discutiremos aqui questões relacionadas ao T defectivo T_{def}, ver Chomsky (2001).

²⁸ Quando não há movimento, estamos em face de um caso de concordância à longa distância, ou seja, quando na relação *probe-goal*, o *goal* pode ser expelido *in situ*, como na ordem VS de estruturas inacusativas.

²⁹ (10) foi adaptado e atualizado do exemplo (14) de Raposo (2004).

³⁰ Vale ressaltar que os traços- Φ de T são herdados de C. Assim, o conjunto C-T é que, de uma certa forma, atua na relação *Agree*. Para argumentos a favor desta hipótese, ver Chomsky (2004, 2005, 2008) e algumas referências lá citadas.

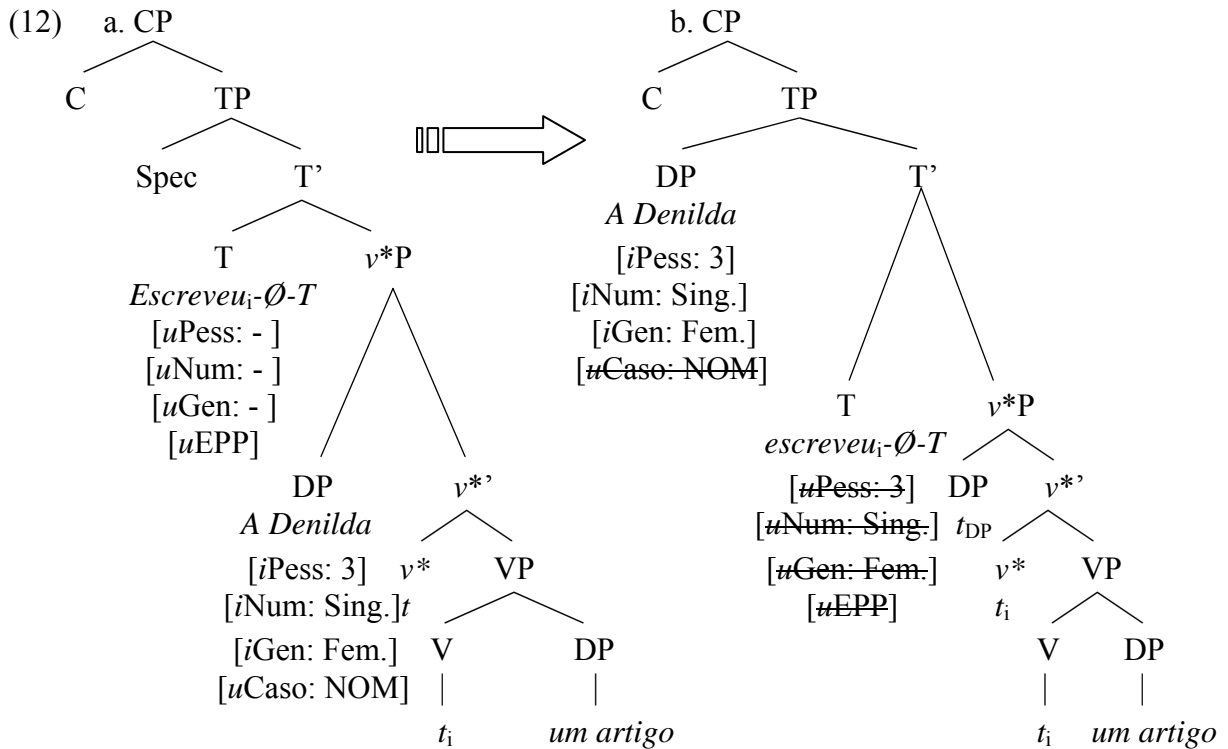
Antes de a derivação (10) iniciar, é importante lembrar que há um léxico e desse léxico é extraído o Arranjo Lexical (LA) contendo todos os itens lexicais a serem usados na derivação, as cópias e os traços de Caso para os DPs. LA, segundo Chomsky (2001), é necessário para diminuir o “peso” da maquinaria, assim, os itens lexicais não são retirados diretamente do léxico. A derivação, então, inicia-se em (10a), com o determinante *um* necessitando checar seu traço-periferia EF (do inglês *Edge Feature*, cf. CHOMSKY, 2004), que acontece com o *Merge* Externo EM do nome *artigo* (operação semelhante ao que acontece em (10g-h), *mutatis mutandis*). O verbo *escreveu* também checa o seu EF e o resultado é o EM com o DP [*um artigo*]. O núcleo de v^* , \emptyset , também faz EM com a estrutura em (10c) pelo mesmo motivo. A relação *Agree* é estabelecida entre o núcleo v^* (*probe*) e o DP [*um artigo*] (*goal*) para checagem de Caso e traços- Φ , da seguinte forma:



Em (11a), vemos que os traços não-interpretáveis do *probe* v^* não têm valores, já que eles vêm do léxico e do LA dessa forma, como discutido anteriormente. O *probe* encontra o *goal* (o DP [*um artigo*]) e ambos estão ativos, pois satisfazem as condições de localidade exigidas. O *goal* valora os traços- Φ do *probe* e estes são eliminados (ver (11b)), podendo ser aproveitados na interface SM. *Agree* também elimina automaticamente o traço de Caso Acusativo, “congelando” o DP objeto na posição [Comp, V]. O verbo faz IM com o núcleo v^* . Assim, ele se adjunge a v^* e deixa uma cópia em V.

O DP [*A Denilda*], resultado das operações em (10g) e (10h), faz EM com a estrutura em (11b), ocupando a posição de [Spec, v^*P]. A fase v^*P , então, está completa. E, de acordo com a PIC, o domínio dessa fase (o DP [*um artigo*]) é transferido para *Spell-Out*. Deixando a periferia (o DP [*A Denilda*] e o núcleo v^*) intacta para outras operações. T e C, então, fazem EM originando o novo objeto CP, como podemos ver em (10k). v^* é alçado para T. T, com os traços não-interpretáveis EPP e traços- Φ (herdados de C), agora é um *probe* e procura por um

goal, que, no caso, é o DP [A *Denilda*], que tem seus traços- Φ interpretáveis. A relação *Agree* nesse ponto se dá como em (12)³¹:



Como podemos ver, em (12), acontece o mesmo processo que aconteceu em (11): os traços- Φ não-interpretáveis e não-valorados do *probe* T³² (12a) são valorados pelos traços- Φ interpretáveis do nominal *goal* e, depois, são apagados (ver (12b)). O DP sujeito é alçado para [Spec, TP] e, automaticamente, os traços do Caso Nominativo e EPP são apagados. Assim, sem traços para serem checados, ou seja, com todos os traços não-interpretáveis deletados, o DP [A *Denilda*] é inativado neste ponto da derivação e não pode mais subir para [Spec, CP]³³.

Uma idéia importante lançada em Chomsky (2001) é o Princípio de Maximização (*Maximization Principle*). A problemática para assumir o Princípio de Maximização teve sua origem em casos como as passivas. Vejamos um exemplo: numa sentença como (13a) com sua derivação inicial em (13b)³⁴:

(13) a. A Carol foi beijada.

³¹ Maiores detalhes das representações arbóreas foram desconsiderados.

³² Esses traços são herdados de C, conforme proposto por Chomsky (2004).

³³ Dando-se aí a diferença entre o movimento A e A'. Este último com um traço [*wh*-] para ser checado.

³⁴ Mostramos o núcleo do participio como o morfema *-en* do inglês, como comumente assumido na literatura, ver as idéias iniciais disto em Jaeggli (1986) e Baker, Johnson & Roberts (1989).

b. [TP T_{[uP:-]/[uN:-]/EPP} [VP be [PartP -en_{[uG:FEM]/[uN:SG]/[uCase:-]} [VP beija [a Carol]
[P:3]/[G:FEM]/[N:SG]/[uCase:-]]]]]

Em (13b) o núcleo participial entra em relação *Agree* com o DP sujeito [A Carol] e checa seus traços de gênero e número, deixando seu traço de Caso não tocado, uma vez que, segundo Chomsky, é o conjunto- Φ completo de um *probe* que é capaz de checar um traço de Caso não-interpretável. Por conjunto- Φ completo, entenda-se um conjunto- Φ contendo o traço não-interpretável de pessoa. Sendo assim, em (13b), tanto o Caso do DP sujeito quanto o traço de Caso do núcleo participial não foram valorados, aquele não foi valorado porque o conjunto- Φ do núcleo participial é incompleto, visto não haver traço de pessoa; já este não foi valorado porque o traço- Φ de pessoa do DP sujeito é interpretável e apenas uma sonda com traços- Φ de pessoa não-interpretáveis são capazes de checar traços de Caso. A derivação continua com a concatenação de VP e TP, este com o seu núcleo T suportando os traços não interpretáveis de pessoa e número, logo, um conjunto- Φ completo. Aqui, pelo menos dois problemas surgem em relação à estrutura: (i) há dois constituintes precisando checar seus traços não-interpretáveis de Caso, a saber: o DP sujeito e o núcleo participial, e apenas um “atribuidor” de Caso, nomeadamente, T; e (ii) há um elemento interveniente, PartP, entre T e o DP sujeito, que impossibilita a checagem de Caso deste DP (minimalidade).

É para dar conta desses dois problemas erguidos acima que o Princípio de Maximização foi acionado. De acordo com este princípio, “if local (P[robe], G[goal]) match and are active, their uninterpretable features must be eliminated at once, as fully as possible; partial elimination of features under Match, followed by elimination of the residue under more remote Match, is not an option” (CHOMSKY, 2001, p. 15). Assim, sob este princípio, quando T concorda com núcleo participial, o traço de Caso deste é checado, mas, dado o Princípio de Maximização, os traços não-interpretáveis de T permanecem inalterados, pois nem todos os traços- Φ de T podem ser valorados por *-en*, haja vista *-en* não ter [u_{pessoa}]. O que foi dito é ilustrado em (14) abaixo:

(14) [TP T_{[uP:-]/[uN:-]/EPP} [VP be [PartP -en_{[uG:FEM]/[uN:SG]/[uCase:~~NOM~~]} [VP beija [a Carol]
[P:3]/[G:FEM]/[N:SG]/[uCase:-]]]]]

Dado o passo derivacional em (14), T continua a sondar seu domínio, de outro modo, a derivação fracassaria, uma vez que o traço não-interpretável do DP sujeito continua na derivação sem ser checado. Sendo assim, para o problema colocado em (ii) acima, Chomsky

(2001, p. 17) sugere que “the intervention effect is nullified unless intervention blocks remote matching of all features”. Em (14), como podemos observar, o núcleo participial não combina (*match*) todos os seus traços com o DP sujeito para que *Agree* aconteça e o traço de Caso deste seja deletado, por não ter traço de pessoa não-interpretável. Desse modo, por -en ter um conjunto- Φ incompleto, os efeitos de intervenção são nulificados, como sugerido por Chomsky na citação acima, e T pode “pular” o PartP e sondar o DP sujeito mais abaixo e checar seu traço de Caso, bem como os traços não-interpretáveis de T, incluindo o EPP que deflagra o movimento do DP sujeito para [Spec, TP], como ilustrado em (15) abaixo:

(15) [TP [A Carol]_{[P:3]/[G:FEM]/[N:SG]/[uCase:NOM]} [T' T_{[uP:3]/[uN:SG]/EPP} [VP be [PartP -en]_{[uG:FEM]/[uN:SG]/[uCase:NOM]} [VP beija *t*]]]]

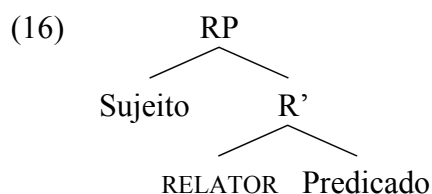
Os “poderes” do Princípio de Maximização, como delineados acima, desempenharão um papel importante na nossa análise acerca das *Small Clauses* Livres do PB, como deverá ficar mais claro no capítulo seguinte. Dessa forma, acreditamos que este princípio é um auxílio importante não apenas quando se trata de estruturas inacusativas e participiais, mas também de sentenças copulativas³⁵.

2.3. PREDICAÇÃO E *PHASE EXTENSION*

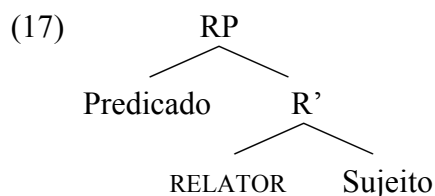
Para Den Dikken (2006; 2007), na semântica, a predição é atribuição de propriedade e, na sintaxe, a predicação envolve uma estrutura assimétrica incluindo o predicado, seu sujeito e um elemento funcional (o RELATOR) mediando a relação configuracional e não direcional entre o predicado e o sujeito. Por configuracional, entende-se que uma predicação sempre irá conter um RELATOR (R) que é o núcleo da projeção de predicação. Diferentemente do núcleo funcional de Bowers (1993), Pr (“a mnemonic for predication”, p. 595), que explicitamente o reconhece como “a new functional category” (BOWERS, 1993, p. 593), Den Dikken (2006, p.15) argumenta que RELATOR é funcional e abstrato, atuando como um *placeholder* para *qualquer* núcleo funcional mediante uma relação de predicação entre os dois termos. De

³⁵ Porém, ver algumas críticas ao Princípio de Maximização e propostas no sentido de remodelá-lo em Hornstein, Martins & Nunes (2006, 2007) e Nunes (2007).

acordo com esta perspectiva, o RELATOR pode ser a cópula, uma preposição ou o tempo, por exemplo. A estrutura canônica teria, então, a estrutura hierarquicamente assimétrica abaixo:



Por predicação não-direcional, entende-se uma predicação que pode ocorrer também na ordem linear Predicado-Sujeito, ou seja, com a seguinte configuração:



Usando as palavras de Den Dikken (2006, p. 251), o RELATOR “is a cover for anything that may be used to connect a predicate to its subject [...]. It is explicitly not proposed to represent a syntactic category [...]”.

Em face da proposta de Chomsky em relação à fase, que apresentamos na seção 2.2.5., Den Dikken (2006, 2007) propõe que fases podem ser definidas como predicações, logo, RP é uma fase, uma vez que, como ν P, RP é um Complexo Funcional Completo. A argumentação de Den Dikken é baseada na assunção explícita de Chomsky (2001, p. 12) em assumir que (18) é a propriedade definidora de fases, sendo assim, de acordo com Den Dikken, *Small Clauses* certamente poderiam ser qualificadas como fases. Já a propriedade (19), em conjunto com a Condição de Impenetrabilidade da Fase (apresentada em (7) e repetida em (20) abaixo), requer que somente constituintes na periferia da *Small Clause* serão acessíveis aos *probes* acima.

(18) Phases (Φ) are propositional.

(19) Small Clauses are phases.

(20) *Phase Impenetrability Condition* (CHOMSKY, 2001, p. 14)

The domain of H is not accessible to operations at ZP; only H and its edge are accessible to such operations.

Den Dikken (2007, p. 1), então, assume (21):

(21) *Inherent Phase*

An *inherent* phase is a *predication* (subject-predicate structure)

(DEN DIKKEN, 2007, p. 1, ex. (2), itálicos originais)

Assumindo com Moro (1997) a sua teoria de inversão de predicados em sentenças como o par em (22), Den Dikken (2006, 2007) se pergunta como o predicado é movido acima do sujeito, dada a condição em (20) que assegura que o domínio de uma fase seja mandado para *Spell-Out* e não possa mais ser acessível à fase superior.

(22) a. This book is the #1 best-seller in the country.

“Este livro é o *best-seller* número 1 no país.”

b. The #1 best-seller in the country is this book.

“O *best-seller* número 1 no país é este livro.”

(DEN DIKKEN, 2007, p. 2, ex. (4))

Den Dikken (2006, 2007), então, sugere que (22b) é derivado de (22a) *via* alçamento do predicado de *this book* “este livro” para uma posição-A de especificador, nomeadamente, uma posição de *sujeito*, no curso da derivação sintática, como representado abaixo:

(23) a. [RP SUJEITO [RELATOR [PREDICADO]]]

b. [FP PREDICADO_i [F [RP SUJEITO [RELATOR *t_i*]]]]

(DEN DIKKEN, 2007, p. 2, ex. (7))

Porém, como observamos, o passo (23b), ou seja, a subida do predicado sobre o seu sujeito para uma posição funcional, é bloqueada devida à condição (20), uma vez que o núcleo da fase F em (23b) não pode acessar o predicado na posição de complemento de RELATOR, uma vez que esta posição é o domínio de uma fase, logo, uma posição que já foi enviada para *Spell-Out*.

A solução encontrada por Den Dikken (2006, 2007) para este problema é a sua proposta de Extensão de Fase (do inglês *Phase Extension*), uma proposta que adotamos nesta tese para explicar as *Small Clauses* Livres do PB, como será visto no Capítulo 3, a seguir. A teoria da Extensão de Fase de Den Dikken assume a proposta original de Chomsky (1993) de que o movimento de núcleo *estende* os domínios sintáticos. Sendo assim, se o núcleo do RP, RELATOR, se move para um núcleo externo, as dependências da fase são redefinidas por meio de uma operação de *Phase Extension*, e, então, nenhum problema de localidade surge.

De acordo com o que foi dito, inferimos que a subida do predicado em (23b) é excluída porque o RELATOR está *in situ* e, sendo assim, os domínios sintáticos não foram estendidos, de outro modo, em (24), quando o RELATOR é alçado, o domínio da fase é estendida até FP, ou seja, as propriedades de fase de RP passam para FP (cf. (24b)), sendo assim, F passa a ser o núcleo da fase, e, sendo o núcleo da fase, pode acessar o predicado em [Compl, R] e alçá-lo para seu Spec, como nos mostra o passo a passo da derivação de uma Extensão de Fase em (24), em que Φ é o limite de uma fase, e a sua definição em (25).

- (24) a. [_{RP} Sujeito [RELATOR [Predicado]]]
 Φ
 b. [_{FP} F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} [Predicado]]]]
 $\Phi \longleftarrow (\Phi)$
 c. [_{FP} Predicado_j [F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} _{t_j}]]]]
 Φ

(DEN DIKKEN, 2006, p. 115, ex. (80))

- (25) *Phase Extension*

Syntactic movement of the *head* H of a phase α up to the head X of the node β dominating α *extends* the phase up from α to β ; α loses its phasehood in the process, and any constituent on the edge of α ends up in the domain of the derived phase β as a result of Phase Extension.

(DEN DIKKEN, 2007, p. 1, ex. (3), itálicos originais)

(24)-(25), então, é a solução encontrada por Den Dikken (2006, 2007) para derivar a inversão do predicado em (22b), bem como uma vasta gama de fenômenos translingüísticos, ver Den Dikken (2006, 2007), para um panorama geral.

Um ponto interessante que gostaríamos de retomar para explaná-lo melhor, dada a sua importância para a proposta que desenvolvemos no Capítulo 3, e que deve ficar claro nesta teoria de Extensão de Fase é o fato de que *apenas estruturas sujeito-predicado são fases inerentes*, outros nós podem adquirir o *status* de fase como um resultado do movimento do núcleo de uma fase *Small Clause* inerente, via *Phase Extension*. Sendo assim, diferentemente de Chomsky (2000 *et passim*), que, como vimos, assume apenas v^*P e CP como fases, Den Dikken e sua proposta de *Phase Extension* predizem que, como um resultado da subida de v para T, “TP becomes a derived phase” (DEN DIKKEN, 2007, p. 14).

Como veremos no Capítulo 3, a *Phase Extension* de Den Dikken pode ser uma ferramenta importante para derivar as *Small Clauses* Livres do PB. Apresentemos agora um sumário da noção de *Small Clause* na Gramática Gerativa.

2.4. SMALL CLAUSES

Na literatura gerativista em língua portuguesa, o termo *Small Clause* (doravante SC) é, geralmente, traduzido como *mini-orção* ou, ainda, *orção pequena*. Na nossa concepção, tanto *mini-orção* quanto *orção pequena* (e até mesmo o termo *Small Clause*) são termos enganadores na medida em que, na gramática tradicional, a diferença básica entre uma *frase* e uma *orção* é que esta contém um *verbo*. Ora, as SCs adjetivais, por exemplo, não têm verbo. Em inglês, *clause* tem alguns significados, e, justamente por isso, ou *também* por causa disso, preferimos deixar o termo em inglês. De mais a mais, estamos tomando aqui o termo SC em si apenas como um termo técnico para um sintagma contendo um sujeito e um predicado.

Tanto quanto se sabe, o primeiro pesquisador a usar o termo *Small Clause* na literatura gerativista foi Williams (1975) em seu texto intitulado *Small Clause in English*. Porém, este autor, apesar de ter usado o termo *Small Clause* no título do artigo, não retoma a expressão nenhuma vez no texto em si.

Cumpramos desfazer, ainda, alguns mal entendidos no que se refere às SCs, visto que alguns estudantes de graduação do curso de Letras/ Linguística associam esse termo (SC) a sentenças copulares de imediato. Na realidade, as propostas iniciais para esta expressão foram feitas com o intuito de discutir sentenças do inglês, cujos verbos terminam em *-ing* (WILLIAMS, 1975), como aquelas em (26), bem como mostrar que todas as projeções

sintáticas maiores (S, NP, AP, VP, etc.) pode conter uma posição de sujeito (STOWELL, 1981, 1983), como nos mostram as sentenças em (27):

- (26) a. The man **driving the bus** is Norton's best friend.
 b. John decided to leave, **thinking the party was over**.
 c. **John's evading his taxes** infuriates me.

(WILLIAMS, 1975, p. 249, exs. (1)-(3))

- (27) a. Alexandra proved [_{AP} the theory [false]].
 b. I expect [_{PP} that man [off my ship]].
 c. Mary had [_{VP} her brother [open the door]]

(STOWELL, 1983, p. 297, exs. (24b), (25a), (26a))

A principal diferença entre as teorias de Williams e de Stowell para as SCs reside no fato de que este considera a SC como formando apenas um único constituinte, ao passo que aquele, principalmente em seu texto Williams (1983) *Against Small Clause*, considera as SCs não formando um único constituinte. A teoria de Stowell ficou conhecida na literatura como a *Teoria SC*, nela, o AP, o PP e o VP em (27) são SCs e, logo, formam um único constituinte. Já a teoria de Williams ficou conhecida como a *Teoria da Predicação*, para os seguidores desta teoria, o sujeito, por definição, não está contido no mesmo sintagma que contém o predicado, daí o nome *argumento externo* para sujeitos de um modo geral.

Para Stowell (1991), SC adjetivais vêm, pelo menos, em três variedades gramaticais:

- (28) a. I consider John foolish.
 b. This will make John angry.

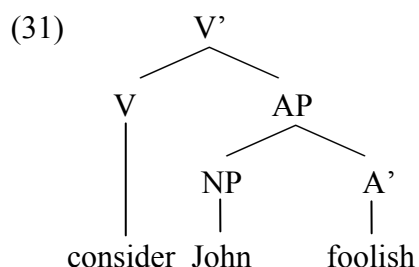
- (29) a. John is considered foolish.
 b. John seems foolish.

- (30) a. John left the party angry.
 b. Bill ate the meat raw.

(STOWELL, 1991, p. 182, exs. (1)-(3))

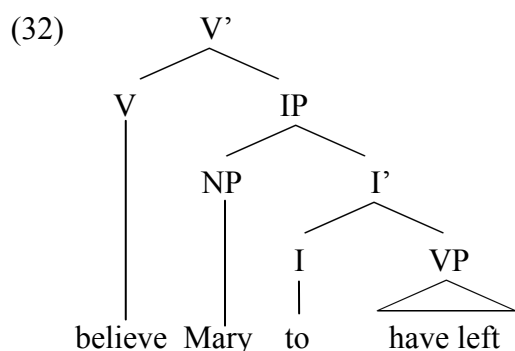
Stowell compara (28) às sentenças de Marcação Excepcional de Caso (ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*), no sentido de que o NP *John* é marcado- θ pelo predicado adjetival, mas o Caso é atribuído pelo verbo da matriz, *consider* e *make*, respectivamente. Já (29), o referido autor assume ser a versão SC de alçamento: o sujeito da matriz é marcado- θ pelo predicado adjetival e não pelo verbo matriz. Finalmente, (30) é a SC contraparte para uma sentença adjunta infinitiva com um PRO sujeito controlado pelo sujeito matriz ou objeto. Nestas últimas sentenças, as SCs refletem as propriedades dos complementos infinitivos.

Stowell (1991) apresenta, para sentenças como (1a), por exemplo, a seguinte estrutura em (31):



(STOWELL, 1991, p. 183, ex. (5))

Já a estrutura para as SCs de (3) é muito parecida com a estrutura infinitiva ECM, como ilustrada abaixo:



(STOWELL, 1991, p. 183, ex. (6))

De acordo com Stowell (1991, p. 183), (31) trata a relação estrutural entre o sujeito e o predicado de um SC como sendo idêntica àquela entre o sujeito e o predicado do infinitivo, que é analisada como IP em (32). Em ambos os casos das estruturas acima, a SC é uma projeção máxima XP, contendo um sujeito NP na sua posição de Spec e um sintagma predicado X'. Desse modo, Stowell argumenta que o paralelo estrutural das duas estruturas

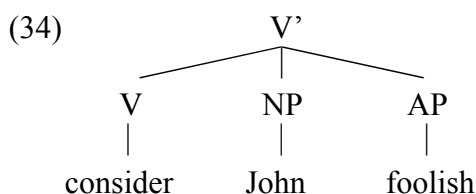
pode ser atribuído à interação da teoria X-barras e da teoria- θ se os domínios da predicação são definidos como em (33) abaixo:

- (33) A domain of predication is an XP, such that the X' category directly dominated by XP is predicated of the SPEC of XP.

(STOWELL, 1991, p. 183, ex. (7))

Se todo o sintagma predicado deve ser predicado de um sujeito, como sugerido por Rothstein (1983), (33) força a estrutura em (31), onde a SC é um AP contendo um NP sujeito e um sintagma A' predicado. De acordo com Stowell, (33) é a *Clausal Theory* da predicação.

Por outro lado, Williams (1983) argumenta contra a proposta da *Teoria SC* de Stowell e, para estruturas como (28a), dá a seguinte configuração ternária:



A análise de Williams (1983) assume que SCs não são sintagmas estruturais “verdadeiros”, ao invés disso, este autor assume que o NP sujeito é, na verdade, um NP objeto estrutural e o predicado adjetival é um AP complemento independente de V. Stowell (1991) aponta dois sérios problemas, a nosso ver, para a teoria de Williams, a saber: (i) a teoria de Williams permite que verbos selecionem NPs complementos que não os marquem- θ , como na estrutura em (34); “this leaves no obvious way to block subject-to-object raising in the case of infinitives” (p. 185); e (ii) a teoria de Williams permite que um predicado como um AP, por exemplo, atribua papéis- θ à distância para NPs que não estejam diretamente combinando com este AP. A essas críticas de Stowell, acrescente o fato de que uma árvore ternária seria um retrocesso à teoria, uma vez que desde Kayne (1984), pelo menos, tem-se uma estrutura arbórea binária respeitando princípios, tanto empíricos quanto teóricos. Além do mais, testes sintáticos³⁶ favorecem a idéia de que a SC é apenas um único constituinte, logo, favorecem a *Teoria SC* de Stowell. Por estes motivos, é a proposta de SC empreendida por Stowell ao longo desses anos que adotaremos nesta tese.

³⁶ Não faremos os testes sintáticos aqui. Remeto o leitor interessado para Stowell (1981, 1983, 1991, 1995) para além, dos testes sintáticos, maiores argumentos a favor da Teoria SC.

Como podemos ver, as sentenças copulares em si, *a priori*, não tinham sido alocadas na teoria da SC, a não ser quando encaixadas em verbos ECM. De acordo com a literatura corrente, as sentenças copulares *sempre* contêm uma SC na sua base, porém o inverso não é verdadeiro, uma vez que nem sempre uma SC deriva uma sentença copular, como podemos observar diante dos dados em (35) abaixo:

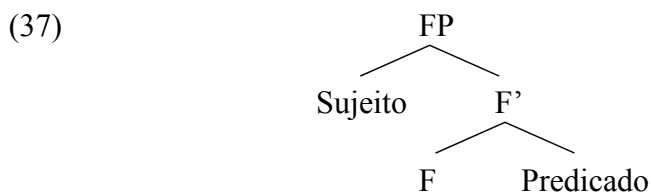
- (35) a. A Maria é feia.
 b. [_{TP} A Maria_i [_{T'} é [_{SC} t_i feia]]]
 c. O João considera a Maria feia.
 d. O João considera [_{SC} a Maria feia]

Na teoria gerativa, atualmente, existem duas propostas configuracionais para acomodar os dados de sentenças como (35a): (i) a *Small Clause* nua; e (ii) a *Small Clause* rica. (i) é representada como (36) abaixo:



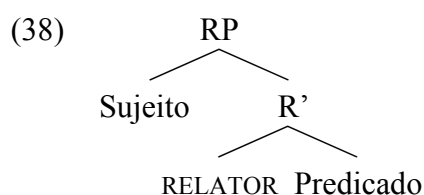
Entre os autores que defendem (i), Moro (2000, 2004, 2007) se destaca. De acordo com Moro, é a estrutura simétrica em (36) que é o gatilho para movimentos sintáticos, e não apenas traços morfológicos, como assume Chomsky (2000 e seqüência). A estrutura de SC em (36), sendo simétrica, viola o *Axioma de Correspondência Linear* (LCA, do inglês *Linear Correspondency Axiom*) de Kayne (1994), o que engatilha o alçamento ou do sujeito ou do predicado para quebrar essa simetria.

Já outros autores, por diversas razões, assumem uma SC rica, como ilustrado em (37) abaixo³⁷:



³⁷ F em (37) está para uma categoria funcional qualquer.

A estrutura em (37) é assumida por diversos autores devido tanto a dados empíricos quanto a questões teóricas (cf. BOWERS, 1993; BAILY, 2001; CITKO, 2008; CONTRERAS, 1995; CHOMSKY, 1995; GUERÓN & HOEKSTRA, 1995; ADGER & RAMCHAND, 2003; HARVES, 2002; DEN DIKKEN, 2006; entre muitos outros). Iremos nos deter aqui à argumentação desenvolvida por Den Dikken (2006) para se assumir uma SC assimétrica. Na realidade, este autor argumenta que *todos* os tipos de sentenças copulares (dada a tipologia de HIGGINS, 1976) são frutos de uma relação de predicação mediada por um elemento funcional³⁸. Como visto na subseção 2.3., assumiremos com Den Dikken que esta proposta está no caminho correto, e adotaremos que toda relação de predicação é mediada por um elemento funcional, o RELATOR, como visto em (16), aqui repetido como (38):



Sendo assim, admitimos que as SCs nuas não têm espaço na teoria, como Den Dikken (2006, p. 62) pontua, elas são uma “anomalia”.

Para corroborar com a sua proposta de uma SC rica nucleada por um RELATOR, Den Dikken (2006) retoma os dados trazidos por Moro (2000, p. 46) como argumentos a favor de uma SC nua. Moro (2000) mostra dados como (39) do inglês e de outras línguas, concluindo que, como os exemplos são sistematicamente agramaticais com *as/ for* incluídos onde deveria ser a posição do elemento funcional, não há tal posição numa SC, logo, não há SC rica:

- (39) a. Brian is (*as) a singer.
 b. Imogen is (*for) a woman.

Assim, se *be* toma uma SC nua como seu complemento, *as* ou *for* (que são lexicalizações de um núcleo funcional) não podem aparecer entre *be* e o predicado da SC. Porém, como Den Dikken (2006) argumenta, existem, na verdade, sentenças em que *as* e *for* aparecem como complemento da cópula *be*. Den Dikken mostra os dados em (40) e argumenta que eles são analisados, dentro de sua teoria, em estruturas como aquelas em (41),

³⁸ Diferentemente de Pereltsvaig (2001) que assume as SCs nuas apenas para as equativas.

estrutura cuja cópula *be* lexicaliza o RELATOR₂ externo e *as* e *for* são lexicalizações de um RELATOR₁ interno:

- (40) a. This butterfly is [big *for* a butterfly].
 b. Brian is [skinny *for* an American].
 c. Imogen is [popular *as* a singer].

(41) [RP₂ [DP this butterfly] [R' is= RELATOR₂ [RP₁ [AP big] [R' for= RELATOR₁ [DP a butterfly]]]]]]
 (DEN DIKKEN, 2006, p. 63, exs. (10) e (11))

Dada a explicação descrita acima, é possível se pensar em *as* e *for* como núcleos funcionais que aparecem em sentenças copulares. Den Dikken (2006), então, se pergunta: o que faz com que (40) seja gramatical enquanto (39) não?

A resposta reside no fato de que, em (40), nós precisamos estabelecer *duas* relações de predicação: uma entre o AP (predicativo) e o (predicativo) nominal por *as/for* e outra entre todo o constituinte entre colchetes em (40) e o sujeito da sentença pela cópula. Dessa forma, nós precisamos de dois RELATORS. Um deles, o mais alto, será realizado como a cópula no contexto com tempo: algo necessita checar o traço de [tempo] de T e, na falta de um verbo lexical que carregue traços de tempo, a única opção é lexicalizar o RELATOR₂ externo como uma forma flexionada da cópula, basicamente por razões de tempo-suporte.

Por outro lado, em (39), nós estamos lidando apenas com uma relação de predicação: aquela entre o predicado nominal e o seu sujeito. Assim, há apenas a necessidade de um único RELATOR. Na verdade, não há nenhuma chance de incluir mais de um RELATOR na estrutura: existe uma relação entre RELATORS e relação de predicação de um para um. Sendo assim, isto é suficiente para descartar (39). Den Dikken (2006, p. 63) ainda argumenta que quando há um confronto de escolha entre expelir o RELATOR como *as/for* ou como uma forma flexionada da cópula, o fato de que (39) são sentenças com tempo parece resolver a questão em favor da última opção.

Claro que, numa SC complemento de um verbo em contextos sem tempo, a escolha da cópula finita não será feita, uma vez que não há nada que a cópula possa checar seu traço de [tempo] nesse caso. Então, o núcleo RELATOR pode ou continuar vazio ou ser lexicalizado por *as, for, like*, como é ilustrado com os exemplos do inglês abaixo:

- (42) a. Imogen treats him *(like) a fool.

- b. Imogen takes him *(for) a fool.
- c. Imogen takes this *(as) a sign of economic recovery.
- d. Imogen regards him *(as) a fool.
- e. Imogen considers him (as) a fool.

(DEN DIKKEN, 2006, p. 64, ex. (12))

As sentenças abaixo do PB, também parecem suportar a análise de Den Dikken:

- (43) a. A Cida o trata *(como) um idiota.
- b. A Cida o toma *(por) um idiota.
- c. A Cida toma isto *(como) um sinal de loucura.
- d. A Cida o vê *(como) um idiota.
- e. A Cida considera ele (como) um idiota.

Den Dikken (2006, capítulo 3) dá exaustivos testes, além destes, a favor da idéia de que SCs, assim como toda relação de predicação, *deve* incluir uma categoria funcional, um RELATOR estabelecendo a conexão entre o predicado e o seu sujeito.

Estamos comprando a idéia de que toda a relação de predicação é mediada por um núcleo funcional, assumindo com Den Dikken que esta relação é mediada por um núcleo funcional RELATOR, núcleo do sintagma RP. Porém, ao contrário de Bowers (1993), por exemplo, RELATOR é um núcleo funcional que atua como um local que suporta o rótulo de qualquer outro núcleo funcional. Assim, RELATOR pode ser a cópula, uma preposição, etc.

2.5. SUMÁRIO

Neste capítulo, apresentamos alguns dos pressupostos teóricos que subsidiarão a análise que será empreendida neste trabalho. Como dito, a exposição do quadro teórico foi feita de um modo bastante sintético, visto que há conceitos e elementos na teoria que não usaremos para a análise das SCLs a ser realizada no próximo capítulo. Por outro lado, alguns mecanismos não foram mencionados aqui, pois achamos mais pertinente apresentá-los num contexto devido para uma melhor assimilação.

Assim, a noção de traços interpretáveis e não-interpretáveis, fases, Extensão da Fase, a relação *Agree* e a maquinaria aqui apresentada serão de fundamental importância para a discussão que pretendemos desenvolver no próximo capítulo acerca das SCLs, como deverá ficar claro a seguir.

CAPÍTULO 3

3. *SMALL CLAUSE* LIVRE COMO TP: UMA PROPOSTA PARA O PB

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos uma proposta de análise para o fenômeno das SCLs no Português Brasileiro. Antes, porém, faremos a apresentação, de um lado, de dados empíricos do francês e do inglês, e de outro, de análises teóricas, de sentenças semelhantes às SCLs do PB, explicitando algumas divergências entre os dados dessas línguas. É pertinente destacar que o nosso intuito em apresentar os dados do francês e do inglês é somente discutir e comparar esses dados com os dados das SCLs do PB, não faremos, nesta oportunidade, uma análise unificada entre as línguas. Contudo, ao final, deste capítulo observaremos que a nossa análise abarca, também, os dados das SCLs do francês.

Após a apresentação dos dados dessas línguas, apresentaremos uma análise lançando mão do aparato teórico do modelo recente da teoria gerativa, nomeadamente, o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 2000, 2001, 2004, 2005, 2007, 2008). Bem como da noção de *predicação* delineada em Den Dikken (2006), em que é dada de modo *configuracional* e *não-direcional*, no sentido esquematizado no Capítulo 2, onde uma *Small Clause* é tomada como sendo uma fase (no sentido de CHOMSKY, 2000 e seqüência), cuja projeção RP (do inglês, *Relator Phrase*) contém um núcleo R, seu sujeito e seu predicado. A análise levará em conta testes sintáticos e semânticos, a depender do foco a ser examinado acerca das SCLs.

3.2. AS SCLs TRANSLINGÜISTICAMENTE: O CASO DO FRANCÊS E DO INGLÊS

Nesta seção, mostraremos como se comportam as SCLs do francês e do inglês, apontando as análises oferecidas por Vinet (1991) e por Paul & Stainton (2006) para essas construções dessas línguas, respectivamente. Na verdade, é interessante salientar que, o que chamamos aqui, nesta seção, de “SCL” do francês e do inglês é uma estrutura semelhante ao

que nós estamos chamando aqui de *Small Clause Livre* para os dados do PB, como discutido no Capítulo 1. Se as construções daquelas línguas forem, realmente, uma SCL, como os dados descritos no Capítulo 1 desta tese, para o PB, somente maiores estudos translingüísticos irão nos dizer. Porém, é relevante salientar que essas construções do francês e do inglês, semelhantes às nossas SCLs, têm algumas características que diferem destas, como deverá ficar mais claro adiante. Dessa forma, quando formos resenhar o texto de Vinet (1991), na próxima subseção, o que ela chama de *Non-Verbal Exclamative Constructions* do francês, será tomada aqui como uma estrutura similar ao que entendemos como uma SCL, de modo semelhante, será feito, quando expusermos os achados das construções que Paul & Stainton (2006) chamam de *Pred NP Constructions* do inglês.

Após apresentar as análises oferecidas para o francês e o inglês por aqueles autores para as construções supracitadas, esboçaremos uma análise para as SCLs do PB baseados na descrição dessa língua específica feita no Capítulo 1 deste trabalho e em outras peculiaridades que apresentaremos no decorrer deste capítulo.

3.2.1. Sobre as *Non-Verbal Exclamative Constructions* do francês

Tanto quanto saibamos, Vinet (1991) foi um dos trabalhos pioneiros publicados que teve a preocupação em desvendar a estrutura interna das então chamadas “non-verbal exclamative constructions”. A referida autora tomou os dados dessas sentenças exclamativas do francês e, inicialmente, chamou a atenção para o fato de que “little attention has been focused on the status of non-verbal exclamative structures” (p. 77).

Segundo Vinet (1991), essas estruturas são encontradas, no francês, geralmente, com um predicado contendo uma interpretação avaliativa seguido por um DP com um determinante dêitico¹:

- (1) a. Etonnante, cette histoire!
 “Estonteante esta história!”

¹ Diferentemente dos dados do PB, em francês, parece haver uma pausa entre o predicado e o sujeito, graficamente sugerido nos exemplos de Vinet (1991) por uma vírgula entre estes elementos.

- b. Un génie, ce Charlie!
 “Um gênio esse Charlie!”

(VINET, 1991, p. 77, ex. (1))

A principal questão arrolada por Vinet (1991, p. 78) no tocante a essas estruturas tem a ver com a sua estrutura subjacente: “Should they be analyzed as elliptical phrasal constructions with a right-dislocated NP or should we assume instead a reduced clause structure with a leftward movement of the predicate to the focus position?”

Diferentemente de alguns dados do PB, a maioria das partículas exclamativas (*que, como, quanto*, por exemplo) é descartada com um predicado adjetival ou um DP predicado. De acordo com Vinet, isso acontece porque essas partículas não podem atuar como quantificadores adjetivais e nominais quando não há nenhuma forma verbal:

- (2) a. *Qu’étonnante, cette histoire!
 que estonteante esta história
 b. *Combien un génie, ce Charlie!
 Como um gênio este Charlie
 c. *Comme merveilleux, cet enfant!
 Como maravilhosa esta criança
 d. *Ce qu’un excellent artiste, ce Renoir!
 Como um excelente artista este Renoir

(VINET, 1991, pp. 77-78, ex. (2))

Como intuitivamente observamos no Capítulo 1, mais especificamente, na subseção 1.7.2., Vinet aponta, para o francês, o fato de que a presença da partícula de exclamação está diretamente ligada à presença de uma forma verbal na superfície. Tal ocorrência, segundo a autora, pode ser atribuída ao “já conhecido fenômeno” de que há uma relação seletional entre C e Tempo:

- (3) a. **Que** cette histoire **est** étonnante!²
 “Essa história é (muito) estonteante!”

- b. **Ce que** Renoir **a pu** être un excellent artiste!
 “Renoir foi um artista excelente!”

(VINET, 1991, p. 78, ex. (3), negritos originais)

De acordo com esta autora, as “SCLs” do francês obedecem a severas restrições em relação ao tipo de elemento que pode atuar como seu predicado. Primeiramente, apenas adjetivos “predicativos” estão aptos a serem aceitos nessas construções:

- (4) a. *Ce système est solaire.
 este sistema é solar
 b. *Solaire, ce système!
 solar este sistema
 c. *Ce voleur est présumé.
 este ladrão é presumido
 d. *Présumé, ce voleur!
 presumido este ladrão

(VINET, 1991, p. 80, ex. (6))

De mais a mais, adjetivos que nunca suportam uma palavra de grau, como os adjetivos de nacionalidade (como definidos em GIORGI & LONGOBARDI, 1990), adjetivos de cor, entre outros, também são rejeitados³:

² Aqui, cumpre fazer uma distinção entre o PB e o francês, no que concerne à estrutura interna do DP com a partícula exclamativa “que”. No PB, ao contrário do francês, a partícula exclamativa “que” não pode, naquela ocasião em (ia), seguir linearmente o DP, como visto em (ib):

- (i) a. **Que** **cette** histoire est tonnante!
 b. ***Que** **essa** história é estonteante!

Porém, o que é intrigante, nos nossos dados do PB, é que o determinante “essa” tem obrigatoriamente que estar “encalhado” mais abaixo, numa estrutura parecida com uma SCL, como em (ii), por exemplo:

- (ii) a. **Que** história estonteante **essa**!

Esse fato ainda é obscuro para nós e merece uma atenção detalhada. Porém, como não é o nosso foco aqui, deixaremos para trabalhos futuros.

³ Vinet (1991) também chama a atenção para o fato de que cores e adjetivos classificativos como *claro*, *limpo*, *doente*, também são excluídos:

- (5) a. *Arabe, cette invasion!
 Árabe esta invasão
 cf. *très arabe
 muito árabe
- b. *Blanche, cette nuit!
 branca (sem nenhum sono) esta noite
 cf. *beaucoup trop blanche
 muito mesmo branca
- c. *Cassé, ce verre!
 quebrado este vaso
 cf. *très cassé
 muito quebrado
- d. *Dénombrable, cet ensemble!
 enumerável este conjunto
 cf. *très dénombrable
 muito enumerável

(VINET, 1991, p. 80, ex. (7))

Complementos também são excluídos, de acordo com Vinet, isso acontece porque eles são classificadores, referenciais e, ainda, não são modificadores. O que prediz corretamente a agramaticalidade de genitivos complementos (cf. (6a)) e modificadores referenciais (cf. (6b)):

- (6) a. *De Reagan, cette défaite!
 de Reagan esta derrota
- b. *Marocaine, cette guerre contre l'Algérie!
 marroquina esta guerra contra o Argélia

(VINET, 1991, p. 81, ex. (10))

Como já ressaltado no Capítulo 1, adjetivos que não são aceitos como predicados secundários, do tipo ilustrado abaixo, também podem ocorrer nessas construções:

-
- (i) a. *Noir, ce ciel!
 preto este céu
 b. *Claire, cette eau!
 clara esta água
 c. *Propre, cette vaisselle!
 limpos esses pratos

(VINET, 1991, p. 80, ex. (8))

Entretanto, quando esses mesmo adjetivos aparecem com uma forma de grau ou um quantificador adjetival, a estrutura se torna aceitável:

- (ii) a. (Affreusement), (tellement) noir, ce ciel!
 horrivelmente muito preto este céu
 “Muito preto este céu!”
 b. Beaucoup trop claire, cette eau!
 muito tão clara esta água
 “Muito clara esta água!”

(VINET, 1991, p. 81, ex. (9))

- (7) a. *Jean a mangé la viande formidable.

Jean comeu a carne formidável

- b. Formidable, cette viande!

Formidável esta carne

(VINET, 1991, p. 81, ex. (11))

A referida autora observa que os sintagmas mais bem aceitos como predicados dessas construções no francês (assim como o PB, discutido no Capítulo 1) são os APs com uma interpretação superlativa intrínseca (também observado por MILNER, 1982) e os DPs que expressam uma forma de apreciação, como observado em (8) e (9), respectivamente:

- (8) a. Admirable, son film!

“Admirável seu filme!”

- b. (Merveilleusement) superbe, le mec!

“(Maravilhosamente) soberbo esse rapaz!”

- c. (Très), (si) intelligent, cet enfant!

“(Muito), (tão) inteligente essa criança!”

- d. Incroyable, ce spectacle!

“Inacreditável esse espetáculo!”

(VINET, 1991, p. 82, ex. (12))

- (9) a. Un génie, ce petit!

“Um gênio esse pequeno!”

- b. Un imbécile, ce Rodolphe!

“Um imbecil esse Rodolphe!”

(VINET, 1991, p. 82, ex. (13))

Vinet (1991, p. 83) retoma uma discussão travada por Grimshaw (1990), na qual CPs associados com nomes como *knowledge* “conhecimento” e *attempt* “tentativa” do inglês são complementos, não modificadores, contrário aos CPs complementos com nomes como *decision* “decisão”, que são modificadores:

- (10) a. Their attempt to climb the mountain.
 “A sua tentativa de subir a montanha.”
 b. *Their attempt was to climb the mountain.
 sua tentativa era de subir a montanha

- (11) The decision was to leave at 6.
 “A decisão era sair às 6 horas.”

(GRIMSHAW, 1990 *apud* VINET, 1991, p. 83, exs. (16) e (18a))

Como vimos na discussão acerca de (6), complementos não podem ocorrer com as SCLs, sendo assim, tais CPs complementos em (10) resultariam numa estrutura agramatical quando formando uma SCL e, na verdade, é o que ocorre, como vemos em (12). Porém, CPs complementos com nomes como *decision*, que podem estar relacionados ao núcleo via predicação através de uma cópula (cf. (13a)), fornece-nos uma estrutura SCL agramatical, como pode ser visto em (13b):

- (12) a. Cette tentative de grimper la montagne.
 “Esta tentativa de subir a montanha.”
 b. *Cette tentative est de grimper la montagne.
 esta tentativa é de subir a montanha
 c. *De grimper la montagne, cette tentative!
 De subir a montanha esta tentativa

- (13) a. La décision est de partir à 6 heures.
 “A decisão é de sair às 6 horas.”
 b. *De partir à 6 heures, cette décision!
 de sair às 6 horas esta decisão

(VINET, 1991, p. 83, exs. (17) e (18))

De acordo com Vinet, existem, no francês, SCLs, cujo predicado é um constituinte CP, tais estruturas são formadas por uma forma verbal infinitiva, precedida pela preposição *à*, que pode estar relacionada ao núcleo via predicação através de uma cópula e que estaria possivelmente indicando um nó CP, como vemos abaixo:

- (14) a. A surveiller, ce jeune homme!
 a ser olhado este jovem homem
 “Este jovem homem deve ser vigiado.”
- b. A suivre, cette affaire!
 a ser seguido este negócio
 “Este negócio deve ser seguido.”

(VINET, 1991, p. 83, ex. (19))

Como visto para o PB no Capítulo 1, Vinet também nota para o francês que apenas predicados que suportem uma interpretação do tipo *individual level* são permitidos nessas estruturas, como vemos abaixo⁴:

- (15) a. *Disponible, ce papa!
 disponível este papai
- b. *Assis sur une chaise, ce vieux monsieur!
 sentado em uma cadeira este velho homem
- c. *Les mêmes, ces mecs!
 os mesmos estes rapazes

(VINET, 1991, p. 85, ex. (21))

Uma questão curiosa, no francês, é que tanto a cópula *être* “ser/ estar” quanto a *avoir* “ter” podem ser entendidas subjacentemente nas SCLs, como ilustram os dados abaixo:

- (16) a. (Elle a) la réplique vive, cette femme!
 “(Ela tem) uma réplica viva, esta mulher!”
- b. (Il a) un dynamisme incroyable, ce type!
 “(Ele tem) um dinamismo incrível, esse cara!”
- c. (Ils ont) un culot inimaginable, ces gens!
 “(Eles têm) uma confiança extraordinária, esse povo!”

(VINET, 1991, p. 86, ex. (26))

⁴ Vinet (1991, p. 85-86) argumenta que, quando um marcador aspectual é adicionado, a sentença se torna boa, isso se deve, segundo a autora, porque tal marcador dá ao predicado um significado de homogeneidade na duração. Ver nota 59 do Capítulo 1.

Antes de apresentar a proposta de Vinet (1991) para os dados do francês discutidos até este ponto, gostaríamos de pontuar as principais diferenças entre o francês e o PB no que concerne a essas estruturas. Primeiramente, no PB – mas não no francês –, o sujeito não precisa necessariamente ser um DP com um determinante dêitico; como visto no Capítulo 1 desta tese, no PB, podemos ter, entre outros casos, DPs definidos, DPs indefinidos e nomes próprios, como pode ser visto abaixo:

- (17) a. Muito feio o cabelo da Francisca!
 b. Excelente uma sopa que tem ali!
 c. Linda a Maria!

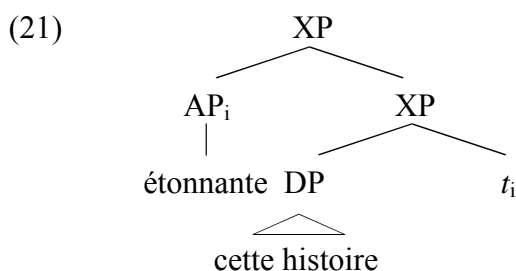
No PB, diferentemente do francês, também podemos encontrar o que denominamos, no Capítulo 1, de que-SCLs:

- (18) a. Que feio o cabelo da Francisca!
 b. Que excelente uma sopa que tem ali!
 c. Que linda a Maria!

Quando parafraseadas com uma estrutura com cópula visível, as SCLs do PB só podem ser entendidas com as cópulas “ser” e “estar”, nunca com “ter”:

- (19) a. (É/ está) bonita a sua roupa!
 b. (É/ está) um amor esse seu filho!
- (20) a. *Um dinamismo incrível esse cara!
 cf. Esse cara *tem* um dinamismo incrível!
 b. *Um nariz lindo aquela modelo!
 cf. Aquela modelo *tem* um nariz lindo!

Após a descrição dos dados do francês, vista acima, Vinet (1991) propõe para as *non-verbal exclamative constructions* do francês a seguinte estrutura:



(VINET, 1991, p. 91, ex. (37))

De acordo com Vinet (1991, p. 91), a estrutura acima captura as restrições semânticas do predicado dessas construções do francês: o predicado movido é visto como um operador exclamativo e somente predicados que podem ser interpretados como operadores em LF podem ser movidos à posição de adjunto em Estrutura-S^{5,6}.

A estrutura em (21), segundo a autora, pode ser considerada uma sentença reduzida sem uma cópula flexionada para tempo na superfície, porém, as SCLs do francês não podem ser argumento de qualquer tipo de verbo, ou seja, elas correspondem à estrutura de uma sentença matriz, selecionada por *E*, a interpretação exclamativa. Entretanto, como essa lingüista (p. 95) pontua: “since T and Agr have been split into two independent functional heads (POLLOCK, 1989), there is now an array of possibilities in the literature for defining the internal structure of a reduced copular clause”. Vinet (1991, p. 95), então, deixa em aberto a estrutura interna exata das suas *non-verbal exclamative constructions*, como pontuado na seguinte passagem: “We would like to suggest that the exclamative phrases in (1), represented in [(21)], correspond to a reduced copular construction but we leave open the question of its exact structure”.

A idéia de optar por uma estrutura como (21), em detrimento de uma estrutura “truncada” com adjunção à direita do sujeito e apagamento de um pronome sujeito mais a cópula, como em (22) abaixo, por exemplo, de acordo com a autora, emana do fato de que algumas estruturas semelhantes são gramaticais com o deslocamento, porém, como SCL, não

⁵ O arcabouço teórico utilizado pela autora naquela ocasião é o de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986).

⁶ Vinet (1991) toma como argumento para isto o estudo de Haik (1985), que desenvolveu uma análise de predicados exclamativos como operadores em LF. Haik argumenta que, em sentenças como (ia), em LF, o DP contendo o modificador se move para IP e o AP é extraído desse DP, produzindo (ib). Diferentemente de Haik, Vinet propõe que o modificador, na sua proposta, se move em Estrutura-S.

- (i) a. Mary read an incredible number of books.
 b. [[incredible [e_i]]_j [_{IP} [_i a t_i number of books]]_k Mary read t_k]]

(VINET, 1991, p. 91, exs. (38) e (39))

são, como ilustrado em estruturas com o predicado *stage level*, tal assimetria pode ser vista em (23) abaixo:

- (22) a. (C'est) incroyable, cette histoire"
 "(É) incrível, esta história!"
 b. (Elle est) étonnante, cette femme!
 "(Ela é) estonteante, esta mulher!"

(VINET, 1991, p. 88, ex. (29))

- (23) a. *Disponibile, cette infirmière!
 disponível esta enfermeira
 b. Elle est disponible, cette infirmière!
 "Ela está disponível, esta enfermeira!"

(VINET, 1991, p. 88, ex. (30))

Vinet (1991, p. 88) argumenta que as restrições semânticas sobre o predicado de uma SCL são muito fortes: ele tem de ser do tipo *individual*, por exemplo. Sendo assim, como poderíamos prevenir a geração de sentenças mal formadas, como (23a), por exemplo, da forma básica (23b)?

Mais ainda: a análise de apagamento do sujeito mais a cópula seguido de adjunção do DP sujeito não explicaria o porquê de a leitura ilocucionária exclamativa estar disponível apenas nas SCLs. Em outras palavras:

Why is the deleted verbal form always interpreted as a stative (copula) verb and not as an eventive verb or any other type of verbal form? For instance, *Toujours à la champagne, cette femme!* "Always in the countryside, this woman!" is not the truncated form of *Elle revient toujours à la champagne, cette femme* "She always comes back to the countryside, this woman". As is well known, however, only *être* and *avoir* can be deleted in this context because they do not assign a theta-role. (VINET, 1991, pp. 88-89).

De mais a mais, como Vinet observa, os processos de deleção são severamente restritos na teoria da gramática desde o seu modelo padrão (cf. CHOMSKY, 1957, 1965). A regra Afetar α , onde α deve se referir a um constituinte, não seria respeitada, já que *elle est* ou

c'est não podem ser considerados um constituinte⁷. Sendo assim, a regra Deletar α afetaria um não-constituente (o sujeito e a cópula (*être* ou *avoir*)).

Vinet (1991), então, propõe, para o francês, a estrutura esboçada em (21), ou seja, uma estrutura que envolve movimento do predicado a uma posição de adjunção à uma projeção máxima (funcional), uma *Small Clause*.

3.2.2. Sobre as *Pred NP Constructions* do inglês

As “SCLs” do inglês parecem diferir de várias maneiras das SCLs tanto do PB quanto do francês. Primeiramente, de acordo com Paul & Stainton (2006), as chamadas *Pred NP Constructions* permitem que os seus predicados sejam tanto NP/DP, VP, AP ou PP, como podemos ver abaixo:

- | | | |
|------|---|-----------|
| (24) | a. Man's best friend, a dog. | <i>DP</i> |
| | o melhor amigo do homem um cachorro | |
| | “O cachorro é o melhor amigo do homem.” | |
| | b. Always talking, most of my students. | <i>VP</i> |
| | sempre falando a maioria dos meus alunos | |
| | “A maioria dos meus alunos estão sempre falando.” | |
| | c. Smart woman, your mother. | <i>AP</i> |
| | esperta mulher sua mãe | |
| | “Uma mulher esperta a sua mãe.” | |
| | d. Never on time, that guy. | <i>PP</i> |
| | nunca na hora aquele cara | |
| | “Aquele cara nunca está na hora.” | |

(PAUL & STAINTON, 2006, pp. 1 e 3, exs. (8c), (10b), (1a), (1c))

Segundo, além de permitir a paráfrase com a cópula *be* “ser/ estar”, as *Pred NP Constructions* do inglês também permitem a paráfrase com o verbo *have* “ter”,

⁷ A opção de elipse de um “não-constituente” também é um problema no atual quadro da teoria da Gramática Gerativa, ver Merchant (2001, 2004), para uma visão geral. Paul & Stainton (2006), como veremos na próxima seção, também desembocam no mesmo problema.

assemelhando-se às *non-verbal exclamative constructions*⁸ do francês, como visto na seção anterior:

(25) Big nose, that politician.

grande nariz aquele político

“Aquele político tem um nariz grande.”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 2, ex. (5))

Terceiro, assim como as SCLs do PB e do francês, o predicado deve ser estativo. Sendo assim, em (26) abaixo, o verbo “apagado” é o verbo *is* e não *is being*:

(26) An ass, that guy at the next table.

um otário aquele cara em a próxima mesa.

“Aquele cara na próxima mesa é um otário.”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 2, ex. (3))

Quarto, diferentemente tanto do PB quanto do francês, em inglês, o predicado dessas construções pode ser tanto *stage* quanto *individual level*:

(27) a. Really smart, your mom.

“A sua mãe é mesmo esperta.”

b. Really drunk, that guy.

“Aquele cara está bêbado realmente.”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 2, ex. (4))

⁸ É interessante pontuar que, diferentemente das SCLs do PB e do francês, as *Pred NP constructions* do inglês não têm o *status* de uma sentença exclamativa, conforme Paul & Stainton (2006, p. 5) pontuam, essas construções do inglês “appear similar to exclamatives”, porém essas similaridades, de acordo com os autores, só podem ser estendidas ao uso do predicado precedendo o sujeito, como pode ser visto em (i), pois sua sintaxe e sua semântica são bem diferentes. Um exemplo dado pelos autores é (ii). Paul & Stainton argumentam que (iib), uma *wh-exclamative*, requer uma escala, como (iib) não tem uma implicatura escalar, ela é agramatical; uma *Pred NP construction* do inglês (e não as SCLs do PB, como vimos no Capítulo 1), por outro lado, não requer tal implicatura escalar, como pode ser observado dada a gramaticalidade de (iia):

(i) a. A good talker, your friend Bill.
“O seu amigo Boll é um bom orador.”
b. What a good talker, your friend Bill!

(ii) a. The best coffee in the world, that Maxwell House.
o melhor café no mundo, aquele Maxwell House
b. *What the best coffee in the world, that Maxwell House!

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 5, exs. (21) e (22))

Quinto, diferentemente do PB, em alguns casos, não há nenhum verbo “apagado”, porém, isto só é possível com modais, mas não com o verbo *be*, por exemplo⁹:

- (28) a. *Might be a good linguist, your sister.*
 “A sua irmã deve ser uma boa lingüista.”
 b. **Is a smart woman, your mom.*
 É uma esperta mulher sua mãe

(PAUL & STANTON, 2006, p. 2, ex. (6))

Sexto, advérbios sentenciais são permitidos, mas apenas em posição inicial:

- (29) a. *Definitely/ probably a smart woman, your mom.*
 Definitivamente/ provavelmente um inteligente mulher, sua mãe
 “A sua mãe é provavelmente/ definitivamente uma mulher inteligente.”
 b. **Smart woman, probably, your mom.*
 c. **Smart woman, your mom, probably.*

(PAUL & STANTON, 2006, p. 2, ex. (7))

No que se refere ao sujeito dessas construções do inglês, ele não pode ser, como no PB, um sujeito indefinido não-específico, porém, genéricos são aceitos:

- (30) a. **Always digging up my yard, a dog.*
 sempre escavando meu quintal um cachorro
 b. **Great cook, some mom.*
 grande cozinheira alguma mãe
 c. *Man’s best friend, a dog.*
 o melhor amigo do homem um cachorro
 “O cachorro é o melhor amigo do homem.”

(PAUL & STANTON, 2006, p. 3, ex. (8))

⁹ Note que, haja vista o PB ser uma língua românica com vários casos de sujeitos deslocados à direita, diferentemente de Paul & Stainton (2006), não estamos considerando exemplos como (28) casos de SCLs, mas de deslocamentos à direita. Isso deverá ficar mais claro adiante.

O sujeito é marcado com o Caso nominativo:

- (31) a. Our captain's daughter she.
 filha do nosso capitão ela
 “Ela é a filha do nosso capitão.”
- b. No paucity of merity, he.
 nenhuma falta de mérito ele
 “Ele não está com nenhuma falta de mérito.”

(PAUL & STANTON, 2006, p. 3, ex. (11))

Assim como no francês e no PB, a ordem dessas estruturas é fixa no inglês:

- (32) *Your mom, smart woman.

(PAUL & STANTON, 2006, p. 4, ex. (17))

Porém, diferentemente do PB, essas estruturas não podem ser encaixadas¹⁰:

- (33) *I think [smart woman, your mom].
 eu acho [esperta mulher, sua mãe]

(PAUL & STANTON, 2006, p. 4, ex. (18))

Como vimos, os dados do inglês se distanciam, de uma forma considerável, dos dados das SCLs do PB, na medida em que eles: (a) podem suportar qualquer tipo de categoria como predicado (DP, VP, AP e PP); (b) podem exibir tanto predicados *individual* quanto *stage level* (c) podem ser parafraseados com o verbo *ter*, assim como o francês; e (d) não podem ser encaixados.


Paul & Stainton testam quatro tipos de análises para as estruturas do inglês, acima descritas; são elas:

- (i) *Dois sintagmas independentes*: Stainton (2006) argumenta que não-sentenciais são apenas sintagmas outros que TP¹¹ (“fogo!”, por exemplo, seria apenas um DP). Para as construções

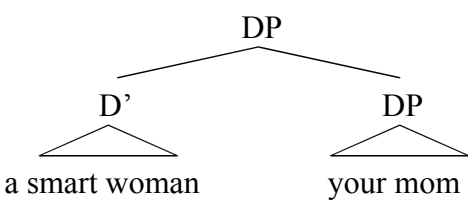
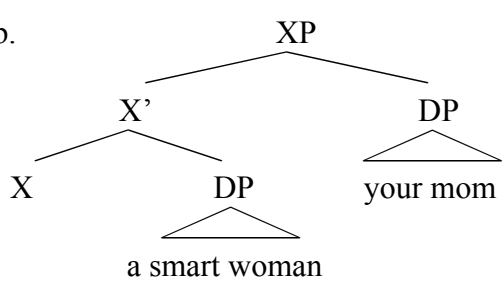
¹⁰ Como Paul & Stainton (2006) observam, muitos outros tipos de fala não-sentencial, i.e., os chamados “fragmentos” (cf. MERCHANT, 2004) também não podem ser encaixados, ver Culicover & Jackendoff (2005).

¹¹ Ver, também, Fortin (2007).

Pred NP, Paul & Stainton (2006), então, testam-nas para dois DPs sintaticamente desconectados simplesmente, dois “fragmentos” pronunciados um após outro:

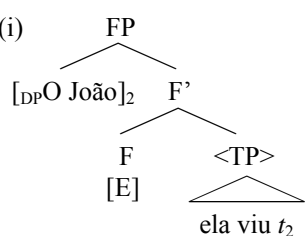
- (34)
- 
- (PAUL & STAINTON, 2006, p. 6, ex. (24))

(ii) *Small Clause*: outra possibilidade de abordagem é a de considerar essas construções como uma *Small Clause* com o deslocamento à direita do sujeito, diferentemente da abordagem anterior, esta afirma que o predicado e o sujeito formam um único constituinte. Neste caso, Paul & Stainton nos dão duas alternativas expostas em (35a) e em (35b):

- (35) a.
- 
- b.
- 
- (PAUL & STAINTON, 2006, p. 6, ex. (25))

(iii) *Movimento mais apagamento*: assumindo com Merchant (2004) que os fragmentos são derivados do frenteamento do fragmento seguido de deleção (elipse)¹², aqui, Paul & Stainton também nos dão duas possibilidades: (a) o sujeito está adjunto à direita ao TP (via

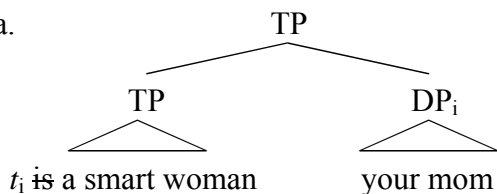
¹² Para a derivação de um fragmento como “o João”, por exemplo, resposta para a pergunta “Quem ela viu?”, Merchant (2004, p. 674-5) assume que esse constituinte foi alçado para uma posição de uma categoria funcional, motivado pela checagem do traço elipse, [E] em (i), com um conseqüente apagamento do TP, tal como a estrutura em (i) abaixo:

- (i)
- 

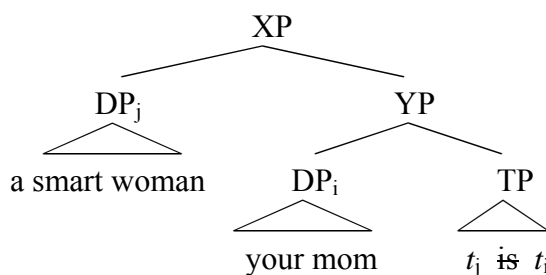
(adaptado de MERCHANT, 2004, p. 675, ex. (44))

topicalização à direita) e o verbo é elidido, cf. (36a); e (b) tanto o predicado quanto sujeito são fronteados seguido da elipse de TP, cf. (36b)¹³:

(36) a.



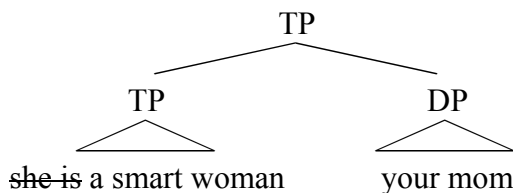
b.



(PAUL & STANTON, 2006, p. 7, ex. (27))

(iv) *Deslocamento à direita mais apagamento*: aqui, o sujeito é gerado na base como adjungido à TP, ou ainda, uma categoria mais alta no domínio de CP. O sujeito pronominal e o verbo sofrem elipse, conforme explicitado abaixo:

(37)



(PAUL & STANTON, 2006, p. 7, ex. (28))

Dadas as quatro possibilidades, Paul & Stainton (2006) iniciam a análise dos dados. Os referidos autores testam os quatro tipos de análise descritos acima em relação: (a) à restrição de estatividade do predicado; (b) aos advérbios sentenciais; (c) à restrição sobre o sujeito; (d) à ligação; (e) à anti-conectividade do predicado e do sujeito; (f) à irreversibilidade; (g) ao não-encaixamento dessas estruturas; e (h) à entoação dos elementos dessa construção do inglês.

¹³ É pertinente pontuar que, se a teoria de Kayne (1994) estiver no caminho correto, as estruturas em (36a) e (37) estão descartadas da teoria da gramática, uma vez que a adjunção à direita é proibida e o “deslocamento à direita” dá espaço ao “movimento remanescente”.

Em relação aos advérbios sentenciais, relembremos que eles só podem ocorrer antes dos predicados, como nos mostrou os dados apresentados em (29), repetidos abaixo como (38), para facilidade de exposição:

(38) a. Definitely/ probably a smart woman, your mom.

Definitivamente/ provavelmente um inteligente mulher, sua mãe

“A sua mãe é provavelmente/ definitivamente uma mulher inteligente.”

b. *Smart woman, probably, your mom.

c. *Smart woman, your mom, probably.

(PAUL & STANTON, 2006, p. 2, ex. (7))

Centrando-nos na análise de dois sintagmas, em inglês, advérbios sentenciais são possíveis com fragmentos, como ilustrado abaixo:

(39) Definitely your mom.

Definitivamente a sua mãe

(PAUL & STANTON, 2006, p. 8, ex. (31))

Porém, perceba que esta análise prediz, incorretamente, que (38b) seja gramatical.

Igualmente à análise das *Small Clauses*, que prediz, incorretamente, que advérbios sentenciais sejam todos excluídos, dada a sua impossibilidade em *Small Clauses*, vista em (40):

(40) *I consider definitely her a good friend.

Eu considero definitivamente a(clítico) uma boa amiga.

(PAUL & STANTON, 2006, p. 8, ex. (32))

Já a análise de movimento mais apagamento, por sua vez, corretamente, prediz a possibilidade de advérbios sentenciais, porém a posição dos advérbios não é clara sob uma abordagem de fronteamto duplo, como (36b). Mais especificamente, os autores observam que, se os advérbios sentenciais são adjuntos à TP, eles deveriam seguir o sujeito fronteado, produzindo a sentença agramatical (38c). Por outro lado, a análise de deslocamento à direita mais apagamento prediz, corretamente, tanto a presença quanto a posição dos advérbios sentenciais.

No que concerne ao teste de anti-conectividade, Paul & Stainton observam que as construções *Pred NP* do inglês não licenciam itens de polaridade negativa (NPIs):

(41) a. *Ever on time, no one in my class.

Nunca na hora, ninguém na minha aula

b. *Reads anything anymore, nobody.

lê nada mais ninguém

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 9, ex. (34))

Os dados em (41) suportam a análise dos dois sintagmas, pois NPIs requerem comando. Por outro lado, a análise das SCs incorretamente prediz que (41) é gramatical. Na análise de movimento mais apagamento, os dados em (41) deveriam, realmente, ser agramaticais, já que o movimento do sujeito é topicalização e, como sabemos, DPs quantificados não podem ser topicalizados:

(42) *Nessuno, lo ho visto.

ninguém, eu o vi

(RIZZI, 1997, p. 290, ex. (19a))

O mesmo argumento acima se encaixa na análise de deslocamento à direita mais apagamento, já que elementos negativos não podem ser deslocados à direita:

(43) *He reads anything, no one.

ele lê qualquer coisa ninguém

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 9, ex. (36))

Paul & Stainton resumizam os resultados das quatro análises num quadro: de um lado, os autores colocam algumas características dessas construções e, de outro, as análises observadas:

(44)

	dois sintagmas	mover + deletar	desloc. + deletar	<i>Small Clause</i>
rest.de estatividade	✗	✗	✗	✗
adv. sentenciais	✗	?	✓	✗
rest. sobre o sujeito	✗	✓	✓	✗
anti-conectividade	✓	✓	✓	✗
irreversibilidade	✗	?	✓	✗
não-encaixamento	✓	✗	✗	✗
Entoação	✗	✗	✓	✗

(adaptado de PAUL & STANTON, 2006, p. 9, ex. (37))

De acordo com os referidos lingüistas, a restrição da estatividade do predicado não é capturada por nenhuma das análises. Já a irreversibilidade, a possibilidade de o sujeito preceder o predicado, é permitida apenas na análise de deslocamento à direita mais deletar. Já a entoação, segundo os autores, a possibilidade de o predicado receber o acento mais proeminente, também só pode ser capturada pela análise de deslocamento à direita mais deletar.

Como pode ser observado pelo quadro acima, nenhuma das análises satisfaz todas as propriedades analisadas pelos autores, embora o deslocamento à direita mais deletar tenha tido “um melhor desempenho” em relação às “suas concorrentes”.

No que versa sobre a elipse necessária para as análises de *mover mais deletar* e *deslocamento à direita mais deletar*, Paul & Stainton (2006, p. 10) observam que a elipse necessária para ambos os movimentos dessas duas análises é de um *não-constituente*:

(45) ~~She is a~~ smart woman, your mom.

“Ela é uma mulher esperta, a sua mãe.”

(PAUL & STANTON, 2006, p. 10, ex. (38))

Como os próprios autores advertem, um dos principais objetivos da teoria da gramática no que concerne às elipses é evitar a elipse de um não-constituente. E, como estes observam, em (45), não apenas o verbo e o sujeito são deletados, mas também o determinante do DP. Uma alternativa para este problema é assumir, com Napoli (1982), que este tipo de elipse é “fonológico” e não sintático (elementos sem acento na posição inicial são deletados) e, assim, não é sensível à constituição sintática. Porém, como os autores pontuam, esta é “one possible (but not ideal) solution” (p. 10) para este problema.

Os autores ainda apontam para mais problemas em relação à análise de *deslocamento à direita seguido de deletar*. Um deles diz respeito ao deslocamento à direita de constituintes,

de acordo com Paul & Stainton (2006, p. 10), o NP da construção Pred NP do inglês é, notavelmente, um sujeito, porém, deslocamento de objetos também é possível:

(46) I don't like them at all, the cops.

“Eu não gosto deles mesmo, dos tiras”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 10, ex. (39))

Um segundo problema observado pelos autores, e que também foi notado por Vinet (1991) para o francês, é que o deslocamento à direita não é sensível à estatividade. Desse modo, (47b) não pode ser derivado de uma estrutura subjacente similar àquela em (47a), pois seus significados são diferentes:

(47) a. He's being an ass, that guy at the next table.

“Ele está sendo um otário, aquele cara na próxima mesa.”

b. An ass, that guy at the next table.

“Aquele cara na próxima mesa é um otário.”

Um terceiro problema apontado por esses pesquisadores é o de que, no inglês, deslocamento à direita, ao contrário da construção Pred NP, pode ser encaixado:

(48) a. I think that he's being an ass, that guy at the next table.

“Eu acho que está sendo um otário, aquele cara na próxima mesa.”

b. *I think (that) an ass, that guy at the next table.

Eu acho (que) um otário, aquele cara em a próxima mesa

Pelos motivos acima expostos, Paul & Stainton (2006) reconhecem que, se eles quiserem advogar a favor da análise do deslocamento à direita mais apagamento, eles devem sanar as diferenças acima arroladas¹⁴. Além, claro, de procurar uma melhor explicação para a elipse de um não-constituente.

¹⁴ A nosso ver, Paul & Stainton (2006) fazem uma confusão na separação dos dados e, talvez, este seja o principal motivo para não se ter chegado a uma análise profícua. Por exemplo, no nosso entender, (28a), (i) abaixo, não pode ser considerada uma *Pred NP construction*, simplesmente, por não haver nenhum material “deletado”.

(i) a. Might be a good linguist, your sister.

“A sua irmã deve ser uma boa lingüista.”

Paul & Stainton (2006) terminam seu artigo incluindo outra possibilidade de análise, nomeadamente, a probabilidade de as *Pred NP constructions* do inglês envolverem fronteamento do predicado, uma análise baseada nos moldes de Vinet (1991), apresentada na subseção anterior. De acordo com os autores: “predicate fronting provides an attractive alternative analysis” (p. 10).

3.3. SUMÁRIO

Nesta seção, apresentamos os dados e as análises oferecidos por Vinet (1991) e por Paul & Stainton (2006) para o francês e o inglês, respectivamente, provenientes de estruturas semelhantes às SCLs do PB. Sendo assim, exploramos, primeiramente, os dados do francês expostos em Vinet (1991), logo após, apresentamos a análise empreendida por esta autora que argumentou a favor de uma análise onde a derivação começa com uma *Small Clause* nos moldes de Stowell (1981, 1983), uma estrutura com um sujeito e um predicado justapostos e sem rótulo de categoria, seguido de movimento do predicado para uma posição mais proeminente, nomeadamente, adjunto da *Small Clause*, desencadeando a ordem predicado-sujeito atestada nas *non-verbal exclamative sentences* do francês. Vinet (1991) descarta a análise em que há um deslocamento à direita do sujeito e apagamento de um sujeito pronominal mais um verbo flexionado no início dessas sentenças por dois motivos em especial: (i) esta análise não captura as restrições semânticas exibidas sobre o predicado das SCLs do francês, uma vez que este deve pertencer ao *individual level* (cf. CARLSON, 1977 e KRATZER, 1995); e (ii) o apagamento de não-constituintes é descartado desde os primórdios da teoria da gramática. Na subseção seguinte, mostramos os dados das *Pred NP constructions* do inglês, apresentados em Paul & Stainton (2006), seguidos das suas propostas de análise para este fenômeno. Os referidos autores listaram quatro tipos de análises para serem testadas neste fenômeno, a saber: (i) dois sintagmas independentes; (ii) *Small Clause*; (iii) movimento mais apagamento; e (iv) deslocamento à direita mais apagamento. Após alguns testes, os autores constataram que a solução que melhor se encaixa dentre essas propostas é a análise de *deslocamento à direita mais apagamento*, entretanto, os próprios autores chegaram à conclusão de que o apagamento de um não-constituente é uma restrição muito séria na teoria da gramática, além do quê, a análise de deslocamento mais apagamento desencadeia os seguintes desconfortos: (i) os objetos, além dos sujeitos, também podem ser deslocados à

direita; (ii) o deslocamento à direita não é sensível à estatividade; e (iii) o deslocamento à direita, no inglês, ao contrário da construção Pred NP, pode ser encaixado. Sendo assim, nenhuma das análises propostas por Paul & Stainton (2006) se mostraram eficazes, a não ser, evidentemente, que sejam tratados os problemas residuais listados acima.

Na próxima seção, tentaremos oferecer, com base em alguns testes, uma análise alternativa para o fenômeno da *Small Clause* Livre no PB. Entretanto, tal análise, *a priori*, não terá a intenção de abarcar os dados do francês e do inglês, haja vista: (i) a escassez de dados disponíveis para uma análise mais detalhada dessas outras duas línguas; e (ii) a discrepância entre os dados, principalmente, do inglês, de um lado, e do francês e do PB, de outro, o que, talvez, indique que as construções Pred NP, do inglês, sejam, na verdade, outro tipo de fenômeno, apesar de algumas similaridades superficiais.

3.4. AS SCLS DO PB: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA

Nesta seção, esboçaremos uma análise alternativa para dar conta dos dados descritos no Capítulo 1 acerca das *Small Clauses* Livres do PB. Para isso, lançaremos mão dos pressupostos teóricos do Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008), bem como da idéia de SC, como delineada em Den Dikken (2006) e apresentada no Capítulo 2 deste trabalho, em que é proposta uma estrutura assimétrica para a SC, nesse sentido, a predicação envolve uma estrutura assimétrica incluindo o sujeito, seu predicado e um elemento funcional (o RELATOR), que media a relação uniformemente assimétrica e não-direcional do predicado e do seu sujeito. Iremos lançar mão, também, como esquematizado na seção 2.3. do capítulo anterior, da idéia de *Phase Extension* (cf. DEN DIKKEN, 2006, 2007), onde o alçamento do núcleo de uma fase para o núcleo mais próximo do sintagma acima desta fase *estende* a fase para este núcleo mais próximo. Os dados apresentados no Capítulo 1 serão retomados nesta seção, onde serão analisados, bem como, far-se-á necessária a inclusão de outros dados para a análise.

3.4.1. SCL: adjunção do sujeito à direita ou alçamento do predicado?

Nas análises apresentadas na seção anterior para o francês e para o inglês, pudemos constatar que duas análises foram oferecidas: uma por Vinet (1991) e outra por Paul & Stainton (2006), respectivamente; de um lado, Vinet propôs que as *non-verbal exclamative sentences* do francês eram o resultado de um alçamento do predicado para uma posição de adjunção à SC; de outro, Paul & Stainton (2006), após uma série de testes sintáticos e semânticos, direcionam uma análise para o que viria a ser um deslocamento à direita do sujeito das *Pred NP constructions* do inglês. E em relação às SCLs do PB? Qual seria a análise mais interessante para o PB, no sentido de contemplar os dados apresentados no Capítulo 1 desta tese?

Para responder às questões colocadas acima, lançaremos mão, primeiramente, do teste com advérbios de tempo e PPs locativos, pois, como é sabido, advérbios de tempo e PPs locativos marcam o limite duma sentença nuclear, sendo assim, o que vier após estes elementos é tomado como elementos que se encontram numa posição A'. Tendo isto em mente, o contraste entre os dados em (49) e (50) abaixo parece corroborar com a idéia de que as SCLs não são frutos de movimento A', visto que nem um advérbio de tempo nem um locativo podem intervir entre o predicado e o sujeito das SCLs¹⁵:

- (49) a. *Muito lindas na igreja/ ontem as flores
 b. *Bonito na festa/ ontem o seu vestido
 c. *Horrível na festa/ ontem o cabelo da Francisca

¹⁵ Alguém poderia querer sugerir que, na verdade, “as flores na igreja/ ontem”, “seu vestido na festa/ ontem” e “o cabelo da Francisca na festa/ ontem” são DPs complexos, ou seja, os advérbios e/ ou locativos fazem parte do DP, atuando como adjuntos deste DP. Porém, como vemos abaixo, uma clivagem indica o contrário:

- (i) a. Foram as flores que estavam muito lindas na igreja/ ontem.
 b. Foi o seu vestido que estava bonito na festa/ ontem.
 c. Foi o cabelo da Francisca que estava horrível na festa/ ontem.

Mais ainda: a substituição dos DPs [as flores], [seu vestido] e [o cabelo da Francisca] por um pronome continua deixando as estruturas gramaticais:

- (ii) a. Muito lindas elas na igreja/ ontem.
 b. Bonito ele na festa/ ontem.
 c. Horrível ele na festa/ ontem.

- (50) a. Muito lindas as flores na igreja/ ontem
 b. Bonito seu vestido na festa/ ontem
 c. Horrível o cabelo da Francisca na festa/ ontem

De mais a mais, como vimos no Capítulo 1, quantificadores podem ocupar a posição de sujeito das SCLs e, como se sabe, quantificadores não podem ocupar uma posição A' (cf. RIZZI, 1997, entre outros inúmeros trabalhos), o dado (123) daquele capítulo, repetido aqui como (51), é esclarecedor nesse sentido¹⁶:

- (51) a. Um amor cada um de vocês!
 b. Muito lindos todos esses seus sapatos!

Dada a argumentação acima, é tentador afirmar que, como na análise do francês proposta por Vinet, as SCLs do PB, na verdade, são resultados de movimento A' do predicado sobre o seu sujeito. Porém, como o dado (122) do Capítulo 1 nos mostra (repetido abaixo como (52), itens de polaridade negativa (NPIs) são aceitos na posição de predicado das SCLs e, igualmente aos quantificadores, NPIs geralmente não são aceitos em posição A':

- (52) a. Nem um pouco bonita a Maria!
 b. Nada gostosa a sua irmã!

Resumindo, como visto aqui, os advérbios temporais e os PPs locativos não podem intervir entre o predicado e o sujeito das SCLs, bem como, DPs com quantificadores podem atuar como sujeitos e NPIs como predicados das SCLs. Desse modo, o que a discussão oferecida aqui sugere é que tanto o DP sujeito, diferentemente da análise de Paul & Stainton do inglês, quanto o predicado, diferentemente da análise de Vinet do francês, das SCLs do PB estão numa posição A e não numa posição A'.

¹⁶ Alguém poderia nos chamar atenção para o fato de que quantificadores negativos não são aceitos na posição de sujeito das SCLs, como nos mostram os dados em (i):

- (i) a. *Muito linda ninguém!
 b. *Excelente nenhuma sopa daquelas!
 c. *Uma merda nada!

Ora, de acordo com a literatura, esses itens são considerados como indefinidos não-específicos e, como vimos no capítulo 1, um constituinte com essa característica não pode aparecer na posição de sujeito das SCLs. De mais a mais, a nosso ver, este fenômeno parece, ainda, ter alguma relação com a proibição da negação das sentenças exclamativas, como já referido, por nós, no Capítulo 1 desta tese, mais especificamente na seção 1.7.4.

3.4.2. SCL: caráter nominal ou caráter sentencial?

Já que as SCLs do PB se mostram, superficialmente, menores que uma sentença ordinária, porém, com a leitura subjacente de uma sentença copular do PB, cumpre arrolar a seguinte questão: a SCL tem um *status* nominal ou um *status* sentencial? Um teste bastante utilizado na literatura para saber se uma determinada estrutura é um nome ou uma sentença é o teste de clivagem (cf. BARTRA & VILLALBA, 2006), pois, como é sabido, geralmente, apenas constituintes que possam atuar como um sintagma nominal (nominais, sentenças infinitivas e sentenças com CPs preenchidos) podem ser clivados.

Den Dikken (2006) argumenta que há uma classe de sintagmas nominais, por ele denominados de “sintagmas nominais qualitativos binominais”¹⁷ (QBNP, do inglês *Qualitative Binominal Noun Phrases*), em que, esquematizado numa noção de predicação como a desenvolvida no Capítulo 2 para as SCs, há uma inversão do predicado sobre o seu sujeito (semelhante àquela desenvolvida em MORO, 1997); assim, o predicado é alçado para uma posição de especificador de uma categoria funcional, nomeadamente, [Spec, FP], devido a esse movimento há o aparecimento do LINKER (cf. DEN DIKKEN, 2006), a preposição *de*. Nessa linha de raciocínio, um DP como (53a) tem uma derivação como aquela em (53b):

- (53) a. O idiota do garoto
 b. ...[_{FP} idiota_i [LINKER=*de* [_{RP} [garoto] [RELATOR *t_i]]]]]*

Devido à aparente semelhança com a inversão do predicado em nominais mostrada acima, é razoável, então, compararmos a clivagem desses nominais com as SCLs.

Abaixo, podemos ver que construções com inversão de DP predicado (cf. DEN DIKKEN, 1998) tem característica, claro, de um nominal e, como um nominal, ele pode ser clivado (cf. (54)), por outro modo, as SCLs, assim como as SCs, não podem ser clivadas (cf. (55)), o que indica que as SCLs não têm um *status* de um nominal, mas sim características de um item sentencial.

¹⁷ Ver a proposta em Den Dikken (1998) e a discussão em Bennis, Corver & Den Dikken (1998).

- (54) a. Foi [o idiota do marinheiro] que o Pedro viu.
 b. Foi [aquele babaca do policial] que a Maria xingou.
 c. Foi [o besta do presidente] que sancionou a lei seca.
- (55) a. *Foi [bonita a sua roupa] que eu achei.
 b. *Foi [uma merda aquele filme] que eu considerei.
 c. *Foi [horrível o cabelo da Francisca] que eu achei.

Assim, teremos, agora, que nos perguntar em que sentido as SCLs têm o *status* de um sentencial. Trataremos, a seguir, de verificar o *tamanho* desses tipos de sentenças: quais categorias funcionais formam as SCLs e qual a sua estrutura interna.

3.4.3. Advérbios de VP: por onde anda a SCL?

Outro argumento a ser explorado a favor da idéia de que o predicado das SCLs não sofre movimento para uma posição A' mais alta é a distribuição dos advérbios de VP naquelas estruturas. Como se sabe, advérbios de VP, como *sempre*, por exemplo, são aqueles em que são assumidos estar numa posição de adjunção ao VP¹⁸. Como podemos ver em (56) abaixo, tais advérbios são banidos de posições acima de VP:

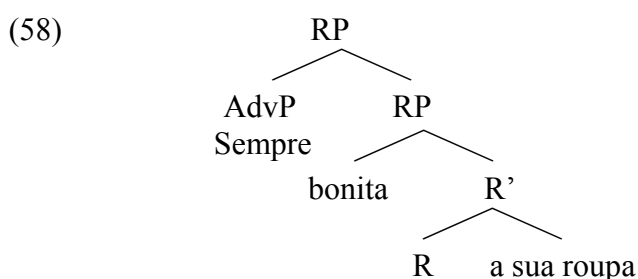
- (56) a. *Sempre a Maria 'tá bonita.
 b. ?A Maria sempre 'tá bonita.
 c. A Maria 'tá sempre bonita.

Sendo assim, o uso desses advérbios nas SCLs pode ser muito útil para diagnosticar a posição exata do predicado das SCLs. Desse modo, como o contraste observado entre (57) e (57') abaixo indica, o predicado das SCLs não parece ter sido movido para uma posição acima de RP, uma vez que a estrutura em que o advérbio se encontra entre o predicado e o sujeito é agramatical, como observado em (57') abaixo, em detrimento da gramaticalidade das estruturas com o advérbio na posição inicial, como mostrado em (57):

¹⁸ Como tratamos de SCs aqui, assumiremos que estes advérbios estão adjungidos a SC.

- (57) a. Sempre bonita a sua roupa.
 b. Sempre muito chata essa aula.
 c. Sempre uma merda aquele programa de televisão.
- (57') a'. *Bonita sempre a sua roupa.
 b'. *Muito chata sempre essa aula.
 c'. *Uma merda sempre aquele programa de televisão.

De mais a mais, se se adota uma teoria em que as relações de predicação na sintaxe são configuracionalmente assimétricas e não-direcionais, como proposto em Den Dikken (2006) e assumido neste trabalho, os dados mostrados nesta subseção corroboram o fato de que o predicado não está nem numa posição A', nomeadamente, [Spec, CP], nem numa posição A, como [Spec, TP], por exemplo, visto que tanto o predicado quanto o sujeito se encontram numa posição abaixo do advérbio *sempre*. Dessa forma, o que pode ser depreendido da discussão realizada até então é que, assumindo a não-direcionalidade da predicação, como discutido no Capítulo 2, temos uma estrutura para as SCLs como aquela delineada em (58), em que a ordem predicado-sujeito mostrada nas SCLs é não-derivada, ou seja, tanto o predicado quanto o sujeito dessas construções do PB estão *in situ*, haja vista que, como discutido na subseção 3.4.1., o sujeito também não se encontra numa posição A'¹⁹:



Dada a estrutura acima, assumimos, então, após a análise inicial dos dados, que, ao contrário dos dados do francês e do inglês, mostrados em Vinet (1991) e Paul & Stainton (2006), respectivamente, as SCLs do PB têm os seus elementos constitutivos na sua posição de base.

¹⁹ A estrutura para (56b) e (56c) é semelhante àquela em (58), *mutatis mutandis*.

3.4.4. Projeções funcionais: SCL tem CP?

“Aparentes” SCLs²⁰ podem ser encaixadas em verbos ECM, como visto no Capítulo 1, e como podemos ver em (59) abaixo. Porém, quando adicionamos um complementizador após este tipo de verbo, tais sentenças se tornam agramaticais, como pode ser visto em (60), onde é mostrado que: (i) esse complementizador não pode selecionar uma SC, como nos mostra (60a), e (ii) o predicado não pode ser alçado para [Spec, CP], como observado em (60b). Assim, somente um CP completo, com TP, complementizador visível e cópula flexionada, pode ser selecionado pelos verbos ECM (além, claro, das SCs complementos (cf. (59)), como nos mostra (61):

- (59) a. Eu acho [bonita a sua roupa].
 b. Eu considero [muito inteligente esse menino].
 c. Eu acho [uma merda o BBB].
- (60) a. *Eu acho que [bonita a sua roupa].
 b. *Eu acho [[_{CP} bonita [_C que]] [a sua roupa]].
- (61) a. Eu acho que a sua roupa é bonita.
 b. Eu acho que é bonita a sua roupa.
 c. *Eu acho a sua roupa é bonita.
 d. *Eu acho é bonita a sua roupa.

Tradicionalmente, sabe-se que uma SC complemento, como nas sentenças acima, é um argumento do verbo ECM e, sendo um argumento do verbo, esta SC só pode ser licenciada se: (a) o Caso for checado direto com o verbo ECM, numa configuração de marcação excepcional de Caso; ou (b) a cópula for realizada (presença de T na estrutura pós verbo ECM) para licenciar o sujeito. Desse modo, a condição (a) licencia (59) e a condição (b) licencia (61a) e (61b)²¹. Disso, decorre o porquê de as sentenças em (60) serem agramaticais.

²⁰ O porquê de *aparentes* estar entre aspas será discutido na próxima subseção.

²¹ (61c) e (61d) fracassam porque o verbo *achar* seleciona apenas CPs e SCs complementos, não TPs “nus”.

De acordo com a discussão acima, parece ser plausível assumir, então, que SCLs não têm CP, o que também deve ficar mais evidente ainda com a discussão a ser empreendida na próxima subseção.

3.4.5. Projeções funcionais: SCL tem TP?

Como é sobejamente conhecido na literatura, as SCs comuns não têm uma projeção de tempo na sua estrutura interna. Cardinaletti & Guasti (1995) observam que, diferentemente das *Full Clauses*, as *Small Clauses* não apresentam morfologia de tempo. Sendo assim, as autoras assumem com Sportiche (1988) que os advérbios se adjungem à categoria que eles modificam e que advérbios de tempo são licenciados por uma projeção de tempo (cf. MARANTZ, 1984), desse modo, as autoras argumentam que, quando não há uma projeção do tipo TP numa determinada sentença, a modificação temporal por esse advérbios se torna impossível. Isso é exemplificado pelas estruturas do italiano, oferecidas pelas referidas autoras, em (62) e pelas estruturas do PB, em (63), abaixo:

(62) a. Oggi ritengo che Gianni era malato, ieri.

Hoje acredito que Gianni estava doente ontem

b. *Oggi ritengo Gianni malato, ieri.

Hoje acredito Gianni doente ontem

(CARDINALETTI & GUASTI, 1995, p. 14, ex. (14))

(63) a. Hoje eu acho que o João estava bêbado ontem.

b. *Hoje eu acho o João bêbado ontem.

Ainda de acordo com Cardinaletti & Guasti (1995), os dois advérbios temporais conflitantes, *oggi* “hoje” e *ieri* “ontem”, pressupõem a presença de duas projeções TPs. A agramaticalidade de (62b) e (63b) seria, então, explicada pelo fato de que a projeção TP da SC complemento não ter sido detonada. As referidas linguístas seguem a linha de raciocínio desenvolvida por Zanuttini (1991), que co-relaciona negação sentencial e tempo, ou seja, quando há a presença de uma negação, uma projeção de tempo deve ser assumida. Sendo assim, as autoras oferecem os dados em (64) do italiano e, nós, os dados em (65) do PB, onde

a negação sentencial não é atestada nas *Small Clauses* dessas línguas, o que se depreende, então, é que não há uma presença de nenhum TP nas SCs:

(64) a. Penso che Gianni *non* sai mai contento.

“Eu acho que o João não está feliz nunca.”

b. *Ritengo Gianni *non* mai contento.

Considero Gianni não jamais contente

(CARDINALETTI & GUASTI, 1995, p. 13, exs. (10a) e (11a))

(65) a. Eu acho que a Maria *não* está triste.

b. *Eu acho a Maria *não* triste.

Dada a discussão acima e tendo em vista que as SCLs do PB têm uma característica de sentencial, é relevante perguntar se essas estruturas, diferentemente das SCs comuns, têm uma projeção do nível de TP em sua estrutura interna. Seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Cardinaletti & Guasti (1995), faremos os mesmos testes com advérbios de tempo e negação nas SCLs do PB para evidenciar ou não a projeção TP na sua estrutura interna.

Num primeiro momento, faremos o teste com advérbios de tempo. Sendo assim, os dados em (66) abaixo apontam para o fato de que as SCLs, apesar de não mostrarem morfologia de tempo visível, suportam a adição de um advérbio de tempo, o que corrobora a idéia de que as SCLs do PB têm uma projeção funcional TP em sua estrutura:

(66) a. Bonita a sua roupa ontem!

b. Muito lindo o dia hoje!

c. Uma merda aquele programa de televisão ontem!

Mais uma vez, alguém poderia querer fazer o papel de advogado do diabo e dizer que os advérbios de tempo exibidos nos exemplos acima, na verdade, tomam como escopo apenas o DP sujeito, ou, ainda, que esses advérbios fazem parte do DP sujeito, uma vez que podemos ter sentenças como aquelas em (67):

(67) a. Bonita [a sua roupa de ontem]!

b. Muito lindo [o dia de hoje]!

c. Uma merda [aquele programa de televisão de ontem]!

Novamente, recorreremos aos testes de clivagem e de substituição de DPs por pronomes para corroborar com o fato de que as estruturas em (67) diferem, de fato, daquelas em (66), como pode ser observado diante das gramaticalidades dos testes abaixo:

(68) *Clivagem*

- a. Era a sua roupa que estava muito bonita ontem.
- b. É o dia que está bonito hoje.
- c. Era aquele programa de televisão que estava uma merda ontem.

(69) *Substituição de DPs por pronomes*²²

- a. Muito bonita ela ontem.
- b. Muito lindo ele hoje.
- c. Uma merda ele ontem.

Desse modo, contra Enç (1986, 1987), assumimos com Barbiers (1995) que toda a SCL pode, sim, tomar o modificador adverbial e estabelecer uma relação de predicação dessa SCL com o advérbio. A proposta de Barbiers foi refinada por Den Dikken (2006) e pode ser adaptada para os nossos propósitos à seguinte configuração:

(70) [RP [SCL] [RELATOR AdvP]]

Em relação ao outro teste que Cardinaletti & Guasti (1995) apontam para saber se as SCs têm TP, nomeadamente, ao teste da negação, podemos observar abaixo que as SCLs não podem ser negadas, como mostra (71) e como já observado na subseção 1.7.4. do Capítulo 1 desta tese:

(71) (*Não) bonita (*não) a Maria (*não)!

²² Na verdade, quando o pronome retoma uma expressão referencial com o papel semântico [- animado], a expressão referencial fica um pouco degradada, o que pode ser explicado pelo fato de que, no PB, pronomes que retomam DPs [- animados], geralmente, não são pronunciados, como já observado por Duarte (1989), Cyrino (1994) e Menuzzi & Creus (2005).

Porém, como observado naquela ocasião, essa característica, na verdade, não surpreende, uma vez que a exclamação não pode ser negada²³ (ZANUTTINI & PORTNER, 2000, 2003; VILLALBA, 2004; BARTRA & VILLALBA, 2006). Porém, um pedaço de evidência que pode ser dado, no sentido de que a negação pode ocorrer nas SCLs, é o caso do exemplo (122) do Capítulo 1, repetido abaixo como (72):

- (72) a. Nem um pouco bonita a Maria!
b. Nada gostosa a sua irmã!

Como comentado na nota 75 do Capítulo 1 desta tese, para que as sentenças acima se tornem gramaticais numa sentença canônica com cópula, a presença da primeira negação é obrigatória, como pode ser visto abaixo:

- (73) a. A Maria *(não) é nem um pouco bonita!
b. A sua irmã *(não) é nada gostosa!

Ora, como visto anteriormente, desde Zanuttini (1991), pelo menos, que se estabelece a relação entre negação e T(empo) como intrínseca. Tal resultado também foi mostrado nos dados do PB, através da pesquisa de Mito (1992). Sendo assim, achamos razoável assumir que há um TP nas sentenças com NPIs em (72).

Para além dos dois testes oferecidos por Cardinaletti & Guasti (1995) como diagnósticos para a presença do nó TP, apresentaremos mais alguns para corroborar ainda mais com o fato de que as SCLs do PB têm tal nó.

Outra evidência para o fato de que as SCLs contêm uma projeção funcional TP, vem da verificação, através do contraste exibido pelos dados arrolados abaixo, de que somente pronomes nominativos podem ser encontrados naquelas estruturas (cf. (74)), em detrimento de pronomes acusativos (cf. (75)). Como se sabe, numa derivação, o Caso nominativo só pode ser checado através da valoração dos traços- Φ não-interpretáveis de T pela operação *Agree* (cf. CHOMSKY, 2000 e seqüência).

²³ Salvo alguns casos de negação expletiva e outros de negação padrão, que requer contextos apropriados, ver Villalba (2004). O que estamos chamando a atenção na discussão acima, contudo, é que uma exclamação com uma sentença copular normal no PB é *agramatical* (cf. (i)), sendo assim, não é de se estranhar sua agramaticalidade numa sentença do tipo SCL.

- (i) a. *A Maria não é bonita!
b. *Como a Maria não é bonita!

- (74) a. Muito inteligente eu.
 b. Legal ele.
 c. Muito lindo eu.
- (75) a. (*a) uma gata (*a).
 b. (*o) legal (*o)
 c. (*me) muito lindo (*me)

Porém, alguém poderia fazer menção ao fato de que o que está em jogo em (74) é, na verdade, o Caso *default*²⁴, uma vez que, no PB, o Caso nominativo é o Caso *default* (cf. KATO, 1999). Contudo, podemos observar, em dados de uma língua que marca caso morfológicamente, que o DP sujeito de uma SCL²⁵ é marcado com o caso nominativo, como é o caso do sérvio (cf. (76)), além do que, como pudemos ver acima (cf. (31)), o inglês, língua que tem como pronome *default* o acusativo, marca os sujeitos de suas *Pred NP Constructions* com pronomes nominativos²⁶ (cf. (77)):

- (76) Fina zena, tvoja majka.
 bela mulher sua.NOM mãe.NOM
 “Bela mulher a sua mãe!”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 3, ex. (12))

- (77) a. Our captain’s daughter she.
 filha do nosso capitão ela
 “Ela é a filha do nosso capitão.”

²⁴ Ou seja, o Caso que é realizado pós-sintaxe e não precisa de um *probe* (T, no nosso exemplo) para ser checado (cf. SCHÜTZE, 2001).

²⁵ O que procuraremos desenvolver em trabalhos futuros, entretanto, é se a SCL do sérvio e/ ou de outras línguas que marcam caso morfológicamente tem um comportamento parecido com as SCLs do PB.

²⁶ É claro que teremos que fazer outros estudos para saber até que ponto essas construções do inglês têm a ver com as SCLs do PB. Se pesquisas futuras indicarem que o pronome nominativo do PB é, na verdade, um pronome com Caso *default*, o T das SCLs deve ser defectivo, ao contrário do que vamos assumir aqui com base nos dados do inglês e do sérvio mostrado em (76) e (77). Sendo defectivo, o T não precisa ser selecionado por um CP (cf. CHOMSKY, 2001) e o Caso atribuído ao DP sujeito das SCLs é o nominativo *default*, ou seja, um Caso que não precisa da operação *Agree* para sua checagem. Dessa forma, a SCL, enquanto TP, constituiria, ainda, numa fase, proposta defendida aqui.

(i) [TP T_{def} [SCL Pred Suj]] → *Spell-Out*

b. No paucity of merit, he.

nenhuma falta de mérito ele

“Ele não está com nenhuma falta de mérito.”

(PAUL & STAINTON, 2006, p. 3, ex. (11))

Como pudemos ver anteriormente, a ordem canônica de uma SCL é a ordem *Predicado + Sujeito*, assim, a ordem *Sujeito + Predicado* é sempre descartada, como nos mostram os dados abaixo:

- (78) a. *O dia lindo!
 b. *A sua roupa muito bonita!
 c. *Aquele programa de televisão uma merda!

Porém, é curioso perceber que, quando encaixadas em verbos ECM, tanto a ordem das “genuínas SCLs”, nomeadamente, a sua ordem canônica *Predicado + Sujeito*, quanto a ordem das “falsas SCLs”, nomeadamente, a ordem *Sujeito + Predicado*, são possíveis, conforme podemos ver, comparando (79) e (80):

- (79) a. Eu achei [lindo o dia]!
 b. A Manu achou [muito bonita a sua roupa]!
 c. O Adeilson achou [uma merda aquele programa de televisão]!

- (80) a. Eu achei [o dia lindo]!
 b. A Manu achou [a sua roupa muito bonita]!
 c. O Adeilson achou [aquele programa de televisão uma merda]!

Porém, apesar de as estruturas que vêm logo após os verbos ECM de (79) serem *superficialmente* idênticas às SCLs, tais itens pós-verbo ECM acima são apenas uma SC complemento comum e não uma SCL “genuína”. Essa afirmação pode ser corroborada pelo fato de que, como discutido acima, as SCs encaixadas nas construções ECM não têm uma projeção TP, como nos mostram os dados abaixo:

- (81) a. Eu achei [lindo o dia]
 b. Hoje eu achei [lindo o dia]

- c. A Manu achou [bonita a sua roupa].
 - d. Hoje a Manu achou [bonita a sua roupa].
 - e. O Adeilson achou [uma merda aquele programa de televisão]!
 - f. Hoje o Adeilson achou [uma merda aquele programa de televisão]!
- (82)
- a. Hoje eu acho que [o dia]_i ‘tava [*t*_i lindo] ontem.
 - b. *Hoje eu acho [lindo o dia] ontem.
 - c. Hoje a Manu achou que [a sua roupa]_i ‘tava [*t*_i bonita] ontem.
 - d. *Hoje a Manu achou [bonita a sua roupa] ontem.
 - e. Hoje o Adeilson achou que [aquele programa de televisão]_i ‘tava [*t*_i uma merda] ontem.
 - f. *Hoje o Adeilson achou [uma merda aquele programa de televisão] ontem.

(82b), (82d) e (82f), a nosso ver, são dados-chave para assumir que SCLs são TPs raízes, ou seja, as *Small Clauses* Livres são, como o próprio nome diz, “livres” e não podem ser encaixadas. Ora, como vimos anteriormente na discussão dos dados (62) e (63), SCs não podem ter T(empo) associado à sua projeção. Por outro lado, circundando o exemplo (66), apontamos para o fato de que, ao contrário das SCs comuns, SCLs podem ter um advérbio de tempo adjungido à sua estrutura, seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Cardinaletti & Guasti (1995), Marantz (1984), Zanuttini (1991), entre muitos outros, logo, podem ter TPs, como também corroborou os fatos de (i) poder haver um NPI como predicado das SCLs, como discutido nos exemplos em (72); e (ii) poder haver pronomes nominativos na sua estrutura (cf. (74)). Como também mostramos, olhando para os dados (59) e (61), verbos do tipo *achar* selecionam apenas: (i) SCs complementos, o que explica a gramaticalidade de (79), (80) e (81); e (ii) CPs, como pode ser verificada através das gramaticalidades dos exemplos (82a), (82c) e (82e).

E se nós encaixássemos as SCLs sob o verbo *consider* “considerar”? Como é sabido, este tipo de verbo do inglês seleciona TPs (além de SCs), como nos mostram os dados abaixo:

- (83)
- a. I consider the [_{TP} winner to be a good runner].
“Eu considero ser o vencedor um bom corredor.”
 - b. I consider [_{TP} the winner to be Mary].
“Eu considero ser o ganhador a Mary.”

(adaptado de ROTHSTEIN, 1995, p. 27, ex. (2))

Como nos mostram os exemplos abaixo, os exemplos continuam agramaticais, similarmente ao que ocorre em (82b), (82d) e (82f):

- (84) a. *Hoje eu considero [lindo o dia] ontem.
 b. *Hoje a Manu considerou [bonita a sua roupa] ontem.
 c. *Hoje o Adeilson considerou [uma merda aquele programa de televisão] ontem.

Alguns trabalhos, como os embrionários de Enç (1986, 1987) e, mais recentemente, a proposta de Landau (2004), propõem a existência de dois tipos de TPs: (i) TPs não anafóricos e (ii) TPs anafóricos. Os primeiros não são selecionados por CP e correspondem aos TPs de sentenças matrizes, ao passo que os segundos, nunca são selecionados por um CP, mas dependem do tempo da oração matriz. Talvez, então, os TPs que são encaixados no verbo “considerar” do PB, em (84), por exemplo, sejam TPs anafóricos, ou seja, dependem do tempo presente na oração principal para serem licenciados e, como os advérbios de tempo são conflitantes no que concerne ao tempo (*ontem* e *hoje*), as sentenças se tornam agramaticais.

Toda essa história contada no parágrafo anterior seria interessante, se não estivesse no caminho errado... Na verdade, as sentenças em (84) são ruins porque, no português, verbos do tipo “considerar” não selecionam TPs como sentenças encaixadas, mas, igualmente a verbos como “achar”, selecionam SCs e CPs. Essa é conclusão retirada de Raposo (1987), para o Português Europeu, e de Miotto & Foltran (2007), para o PB. Considerem-se os exemplos abaixo:

- (85) a. *O João considerou os lingüistas ser inteligentes.
 b. *O João considerou os lingüistas serem inteligentes.
 c. O João considerou serem os lingüistas inteligentes²⁷.

A agramaticalidade em (85a) deriva da inoperância de ECM naquele contexto. Em (85b), “os lingüistas serem inteligentes” não pode ser um TP, já que o verbo *considerar* iria reger o TP e, assim, T poderia atribuir Caso nominativo ao DP [*os lingüistas*]. Assim, a conclusão a que Raposo (1987) chega, diante desses dados, é que *serem os lingüistas*

²⁷ Retiramos os julgamentos de gramaticalidade de sentenças semelhantes àquelas em (85) de Miotto & Foltran (2007). Na verdade, esses autores (2007, p. 23) reconhecem que (85c) tem “sabor de português aprendido na escola”.

inteligentes é um CP, desse modo, o verbo *considerar* não pode reger o TP da sentença encaixada e a cópula flexionada sobe para C; lá, ela é regida por *considerar* e, essa forma, pode atribuir²⁸ Caso ao sujeito da encaixada, *os lingüistas*.

Outro argumento interessante no sentido de corroborar com o fato de que as SCLs são TPs raízes e que não podem ser encaixadas em verbos ECM (nem em contexto algum) é o fato de que os pronomes sujeitos das SCs complemento só poderem ser marcados como acusativo quando encaixadas em construções com verbos daquele tipo. Como assumido anteriormente, as SCLs têm uma projeção TP, sendo assim, se as SCs complementos dos verbos ECM fossem uma SCL, elas aceitariam pronomes nominativos (checados com uma projeção TP), contrário aos fatos exibidos abaixo:

- (86) a. A Maria me_i considera [t_i bonito].
 b. *?A Maria considera [bonito eu].
 c. Os seus pais me consideram [t_i um amor].
 d. *?Os seus pais consideram [um amor eu].
 e. O João me_i acha [t_i inteligente].
 f. *?O João acha [inteligente eu].

Até o presente momento, nós, tentativamente, argumentamos a favor da idéia de que as SCLs do PB são TPs raízes que não podem ser encaixados em nenhum contexto, inclusive sob predicados factivos (cf. (87)), que, como se sabe, são os únicos contextos em que as exclamativas podem ser encaixadas (cf. GRIMSHAW, 1979; ZANUTTINI & PORTNER, 2000, 2003; VILLALBA, 2004)²⁹:

²⁸ É relevante salientar que quadro adotado por Raposo (1987) é o de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1981 e 1986).

²⁹ As características principais das sentenças exclamativas compreendem a *factividade*, a *implicatura escalar* e a *relação pergunta-resposta* (cf. ZANUTTINI & PORTNER, 2000 e 2003). É interessante salientar que, afora a factividade exemplificada em (87), nas outras duas propriedades semântico-pragmáticas que Zanuttini & Portner (2000, 2003) tomam para testar as sentenças exclamativas, as SCLs são “aprovadas”. A primeira delas diz respeito à *implicatura escalar*, como vimos repetidamente, neste trabalho, as SCLs devem sempre ter associada a ela um adjetivo/ DP avaliativo contendo algum grau (cf. (i)). Já a segunda delas diz respeito às *relações pergunta/ resposta*, ou seja, as exclamativas não podem entrar em pares de pergunta-resposta, ou seja, elas não podem ser respondidas, como mostra a disparidade em (ii) (o uso de *very* “muito” nas exclamativas, segundo ELLIOTT (1974) força a sentença a ser interpretada como uma exclamativa) e a aplicação às SCLs em (iii):

- (i) a. Muito lindo o meu sobrinho!
 b. *Muito coreana aquela guerra!
- (ii) a. A: How tall is he? B: Seven feet.
 b. A: How very tall he is! B: *Seven feet.

(ZANUTTINI & PORTNER, 2000, p. 27, exs. (10a) e (11a))

- (87) a. *Os lingüistas sabem muito bom esse Programa Minimalista!
 b. *Os forrozeiros sabem muito ruim o pagode!
 c. *O Marcelo sabe que inteligente a Carol!

Contrastar com os dados abaixo:

- (88) a. Os lingüistas sabem como é bom esse Programa Minimalista!
 b. Os forrozeiros sabem como é ruim o pagode!
 c. O Marcelo sabe como a Carol é inteligente!

Os dados acima podem ser mais um indício de que as SCLs são TPs raízes, no sentido de que, a agramaticalidade das sentenças acima se explicaria perfeitamente assumindo as SCLs encaixadas como TPs, ora, o complemento de *saber* deve ser um CP e não um TP.

Mais ainda: se a análise aqui empreendida for levada em consideração, poderemos explicar facilmente o porquê de poder haver a alternância Predicado-Sujeito/ Sujeito-Predicado, como em (79) e (80), respectivamente (repetidos abaixo como (89) e (90)):

- (89) a. Eu achei [lindo o dia]!
 b. A Manu achou [muito bonita a sua roupa]!
 c. O Adeilson achou [uma merda aquele programa de televisão]!
- (90) a. Eu achei [o dia lindo]!
 b. A Manu achou [a sua roupa muito bonita]!
 c. O Adeilson achou [aquele programa de televisão uma merda]!

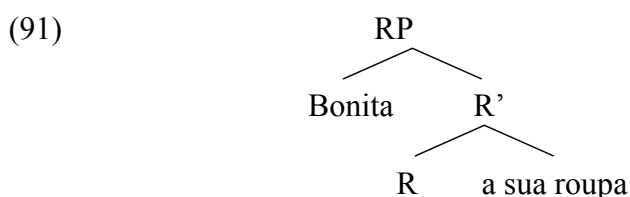
→ As SCs complemento podem alternar a ordem Sujeito-Predicado³⁰, diferentemente, as SCLs têm uma ordem fixa.

-
- (iii) a. A: Muito inteligente a Maria! B: *Sim.
 b. A: Que linda a sua namorada! B: *Claro!

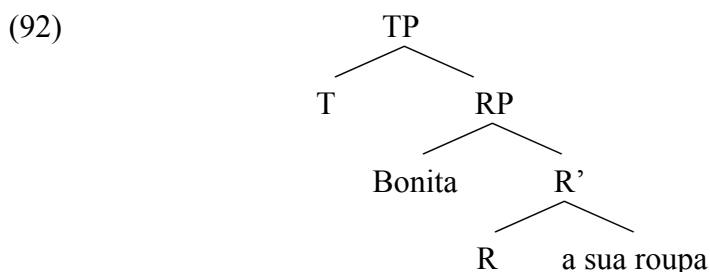
³⁰ (89) pode ser tanto o resultado de adjunção (deslocamento A') quanto inversão predicado-sujeito devido a não-direcionalidade da SC (se se adota uma teoria não-direcional (cf. DEN DIKKEN, 2006)). Deixaremos essas questões de lado, por ser imaterial para a discussão em foco.

Desse modo, a proposta esboçada nestas páginas parece encontrar respaldo empírico nos dados do PB.

Ao final da subseção 3.4.3., adotando uma teoria da predicação em que assume a sintaxe como configuracional e não-direcional (cf. DEN DIKKEN, 2006), chegamos à conclusão, com base: (i) na verificação de que não se trata de deslocamento A' do sujeito (subseção 3.4.1.); e (ii) na distribuição dos advérbios de VP, que os constituintes das SCLs estão *in situ* (ver (58)), tendo uma configuração semelhante àquela delineada em (91):



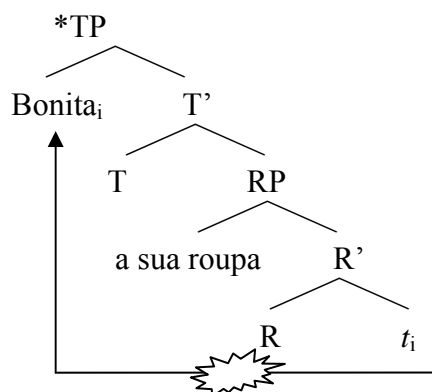
Ao final desta subseção, achamos plausível afirmar que, pelo menos até então, temos a seguinte configuração para as SCLs, uma vez que elas, como exaustivamente discutido aqui, têm a projeção funcional TP na sua estrutura interna:



A partir dos dados de (57), aqui repetido pode (93), pode-se, então, inferir que uma estrutura como (94) é descartada, a favor da estrutura em (92), uma vez que a estrutura a que chegamos para as SCLs do PB, através dos diversos testes aqui empreendidos, não é fruto de uma Inversão do Predicado (PI) sobre o seu sujeito, como desenvolvida por Moro (1997).

- (93) a. *Bonita sempre a sua roupa.
 b. *Muito chata sempre essa aula.
 c. *Uma merda sempre aquele programa de televisão.

(94)



Antes de partirmos para uma análise teórica e colocar a derivação para “rodar” no sistema, gostaríamos, antes, de tecer alguns comentários acerca da projeção TP (e seu núcleo T) nas SCLs, na próxima subseção.

3.4.6. Sobre TP na SCL: o que tem lá?

Diante do quadro em que há um TP nas SCLs do PB, acima assumido, faz-se necessária, a nosso ver, uma verificação translingüística acerca de línguas que têm um TP na sua estrutura, mas não têm nenhuma marca morfológica visível, exatamente como as SCLs. A fim de buscar uma explicação ou, se não, uma maior discussão dessa questão, tentamos argumentar com base no *efeito factativo*, discutido adiante, que o tempo nas SCLs do PB não é “recuperado” pelo contexto, ao contrário, essas estruturas, que não contêm especificação morfológica de tempo devem ser interpretadas *per se*, como ficará mais claro adiante, quando compararmos o PB com outras línguas.

Como visto no Capítulo 1 deste trabalho, o hebraico é uma língua que tem uma cópula pronominal, cuja função é de atuar apenas no tempo presente, sendo sua presença obrigatória apenas em sentenças de identidade, de outra forma, nas predicacionais, ela pode ser retirada sem nenhuma modificação no significado da frase:

- (95) Dani (hu) nexmad.
 Dani-masc. Pron-3sg.masc. legal
 “Dani é legal.”

(96) Dani *(hu) Mar Levin.
 Dani-masc. Pron-3sg.masc. Mr. Levin
 ‘Dani é o Mr. Levin.’

(97) Rina (hi) nexmada.
 Rina-fem. Pron-3sg.fem. legal
 “Rina é legal.”

(SOSCHEN, 2002, p. 64, exs. (1)-(3))

Algumas propostas para esses dados do hebraico indicam que as instâncias desse pronome (sem nenhum traço de tempo, diga-se de passagem), Pron, estão localizadas em Infl, o núcleo de IP (cf. DORON, 1983; RAPOPORT, 1987; ROTHSTEIN, 1995, 2001; GREENBERG, 1994, 1995). De acordo com estas propostas, o sistema de tempo do hebraico permite a especificação para [+Tempo] e [-Tempo], aquele indica formas finitas e estas formas não finitas. A idéia é que [+Tempo] requer uma especificação para [±Passado]. Já o tempo presente é considerado não especificado para [+Tempo], porque ele não é nem [+Passado] nem [-Passado]. Todavia, ele também não é [-Tempo]. Como ele é [±Tempo], força a projeção de TP, onde T é opcional no tempo presente, a depender da presença/ ausência de Pron. Assim, sendo *Small Clauses* matrizes são permitidas em hebraico.

Existem, ainda, duas línguas interessantes no que diz respeito às questões aqui centradas. A primeira delas é o crioulo haitiano, que permite sentenças “nuas” ou “sem tempo” (morfológico), assim como as SCLs do PB, conforme podemos observar nos dados abaixo:

- (98) a. Pyè vann bèf yo.
 Pyè vender ovelha DET
 “Pyè vendeu a ovelha.”
- b. Sisi renmen chat mwen.
 Sisi gostar gato 1SG
 “Sisi gosta do meu gato.”
- c. Pyè vann bèf.
 Pyè vender ovelha
 “Pyè vende ovelha.”

d. Pyè ak Sisi.

Pyè com Sisi.

“Pyè está com Sisi.”

(FITZPATRICK, 2006, p. 414, ex. (27))

Uma segunda língua interessante, cujos dados gostaríamos de explorar, é o fõngbè, que, assim, como o crioulo haitiano, também permite sentenças matrizes sem tempo, como podemos observar os dados abaixo:

(99) a. Siká dâ wǒ.

Sike preparar pasta

“Sike preparou a pasta.”

b. Lili tùn Kòkù.

Lili saber Koku

“Lili sabe Koku.”

(AVOLONTO, 1992 *apud* FITZPATRICK, 2006, p. 414, ex. (28))

Segundo Fitzpatrick (2006, p. 413), a interpretação de tempo nas sentenças apresentadas acima tanto do crioulo haitiano quanto do fõngbè parece ser determinada por uma combinação de fatores, incluindo o aspecto inerente do predicado e da especificidade do objeto (*specified quantity*, nos termos de DÉCHAINED, 1991), tais condições estão sumarizadas abaixo:

(100) Objeto	Pred=Eventivo	Pred=Estativo
+específico	Passado	Presente
-específico	Genérico/Habitual	Presente
Sem Obj.	Passado	Presente

(FITZPATRICK, 2006, p. 414, ex. (29))

De acordo com o quadro acima, por um lado, os predicados eventivos (como, por exemplo, *vender* e *preparar*, cf. (98a), (98c) e (99a)) recebem uma leitura de tempo passado ou habitual, a depender da especificidade do seu objeto, por outro lado, predicados estativos (como por exemplo, *gostar*, *conhecer*, bem como PPs, NPs e APs) são interpretados com o

tempo presente. Isso que acabamos de discutir é conhecido na literatura como o *efeito factativo* (ou *factative effect*, no original em inglês).

Déchainé (1991) argumenta que apesar da falta de tempo visível, as sentenças tanto do crioulo haitiano quanto do fõngbè não são VPs nus. Pelo contrário, elas contêm um tipo de núcleo de tempo finito nulo ou *dummy*. Dito de outra forma: apesar de essas sentenças conterem um T finito estrutural, este T não tem especificação para [\pm passado]. De fato, o não aparecimento *fonológico* de T não é necessário para o efeito factativo acontecer. Algumas línguas têm um morfema visível fonologicamente, cuja presença co-varia com o efeito factativo (por exemplo, -rv em Ìgbo, que aparece nas glosas dos dados abaixo como FACT(ative)):

(101) a. Ó ri -rì ákpú áhùn.

3sg comer -FACT pão o

“Ele(a) comeu o pão.”

b. Ó cho -rò ákpu áhùn.

3sg querer -FACT pão o

“Ele(a) quer o pão.”

(DÉCHAINÉ & MANFREDI, 2001 *apud* FITZPATRICK, 2006, p. 414, ex. (30))

Diante do acima exposto acerca do *efeito factativo*, Fitzpatrick (2006, p. 413) tenta solucionar o que ele chama de *aux-drop*, a queda do auxiliar em sentenças interrogativas do inglês (cf. (102))³¹. Para o referido autor, o fenômeno do *aux-drop* não é simplesmente o efeito de uma “fala rápida”, permitido quando o conteúdo do auxiliar pode ser inferido do discurso ou do contexto morfossintático. Sendo assim, a interpretação de tempo das questões *aux-drop* não é livre, uma vez que as sentenças abaixo devem ser interpretadas com a paráfrase adicionada entre parênteses, e são agramaticais com outros significados:

(102) a. *You sell your car?*

você vender seu carro

“Você vendeu o seu carro?”

(=*Did you sell your car?*)

AUX você vender seu carro

(=“Você vendeu seu carro?”)

³¹ Na verdade, Fitzpatrick (2006) afirma que o fenômeno do *aux-drop* também acontece no alemão e no holandês, e ele comporta a sua análise de modo a unificar também essas outras duas línguas. Porém, a favor da simplicidade, não adicionaremos os dados destas duas línguas. Remetemos o leitor interessado ao referido trabalho.

b. <i>You sell cars?</i>	(= <i>Do you sell cars?</i>)
você vender carros	AUX você vender carros
“Você vende carros?”	(=“Você vende carros?”)
c. <i>You like cats?</i>	(= <i>Do you like cats?</i>)
você gostar gatos	AUX você gostar gatos
“Você gosta de gatos?”	(=“Você gosta de gatos?”)
d. <i>You like my cat?</i>	(= <i>Do you like my cat?</i>)
você gostar meu gato	AUX você gostar meu gato
“Você gosta do meu gato?”	(=“Você gosta do meu gato?”)
e. <i>Anyone here a doctor?</i>	(= <i>Is anyone here a doctor?</i>)
alguém aqui um doutor	AUX alguém aqui um doutor
“Alguém aqui é um doutor?”	(=“Alguém aqui é um doutor?”)
f. <i>Anyone in the office?</i>	(= <i>Is anyone in the office?</i>)
alguém em o escritório	AUX alguém em o escritório
“Alguém está no escritório?”	(=“Alguém está no escritório?”)
g. <i>Anyone sick?</i>	(= <i>Is anyone sick?</i>)
alguém doente	AUX alguém doente
“Alguém está doente?”	(=“Alguém está doente?”)
	(FITZPATRICK, 2006, p. 413, ex. (26))

Fitzpatrick (2006) argumenta, então, que a generalização que rege a interpretação de tempo nas questões *aux-drop* parece ser a seguinte: questões que contêm predicado estativos (como, por exemplo, *like cats* “gostar de gatos”, *sick* “doente”) são interpretadas no presente, questões não-estativas (como por exemplo, *sell a car* “vender um carro”) são interpretadas no passado. Ou seja: o *efeito factativo* também é atestado no inglês.

O referido autor (2006, p. 415) se pergunta: “But why do some languages show that factative effect in declarative clauses [...], while this effect only arises in other languages (e. g., English) in *aux-drop* questions?” A resposta que ele dá para esta pergunta é a seguinte:

I assume that languages like Haitian, Fòngbè, and Ìgbo contain a “null tense” morpheme as a lexical head, just as a language may contain a [+ past] lexical item. The null tense head contributes finiteness, perhaps, but contains no [± past] specification. This head may or may not be phonologically null, according to the idiosyncrasies of the language. In the absence of an explicit tense specification, the tense interpretation for a finite structure is computed based on structurally present factors, as summarized in [(100)]. (FITZPATRICK, 2006, p. 415).

Outra questão que surge é: “Why does factativity arise in aux-drop but not elsewhere in English?” A resposta vem em seguida:

[...] the auxiliary, though present at some point in the derivation to ensure the proper phrase structure and case, is not present in the representation that is submitted to phonological and semantic interpretation. Therefore, though English does not contain a null tense morpheme, the auxiliary (which does contain a tense specification) is removed from the structure before semantic interpretation, leaving the sentence structurally similar to a Haitian bare sentence. (FITZPATRICK, 2006, p. 415)

A idéia desenvolvida por Fitzpatrick é a de que o auxiliar nas questões *aux-drop* está realmente presente em algum ponto da derivação, porém ele não contribui para a interpretação de tempo da sentença. Esta idéia, que ele mesmo reconhece como “paradoxal”, já que o auxiliar está presente na estrutura para assegurar que o sujeito tenha Caso nominativo, por exemplo, mas não contribui para o seu significado, faz sentido na medida em que o “apagamento” (*deletion*, no original) do auxiliar acontece num ponto da derivação antes da interpretação semântica.

Adotando com Chomsky (2000 e subsequência) que CP e v^*P são fases, Fitzpatrick (2006) assume que, quando uma fase vai pra *Spell Out*, o complemento do núcleo da fase é enviado para PF e LF para computação, esta operação é chamada de *interpretação* por este autor. Assim, quando CP vai pra *Spell Out* (cf. (103a)), somente o TP (irmão de C) é interpretado. Quando v^*P vai pra *Spell Out* (cf. (103b)), somente VP é interpretado (o material interpretado é mostrado em fonte realçada):

(103) a. [_{CP} XP C **[TP ...]**]

b. [_{vP} XP v **[VP ...]**]

(FITZPATRICK, 2006, p. 418, ex. (34))

Fitzpatrick, então, sugere que o apagamento (*aux-drop*) se dá através de movimento no seguinte sentido: quando *Spell Out* chega à fase CP, somente o complemento de seu núcleo C é interpretado, não afetando nem o núcleo nem a periferia. Assumindo que questões matrizes são CPs raízes, ter-se-á, então, que adicionar uma estipulação extra para que a raiz também seja interpretada. Fitzpatrick propõe que esta operação extra não necessita ser aplicada em todos os casos e que o fenômeno *aux-drop* seria um desses casos onde essa operação não se aplica.

Vejamos então como isso se aplica de uma forma mais esmiuçada. Primeiro, vejamos como se dá o passo a passo das questões *aux-drop* do inglês³²:

- | | |
|---------------------------------|---|
| (104) a. [TP ... AUX ...] | <i>Estrutura relevante inicial</i> |
| b. [CP C [TP ... AUX ...]] | <i>Merge de C</i> |
| c. [CP AUX-C [TP ... AUX ...]] | <i>Move de AUX</i> |
| d. [CP AUX-C [TP ... AUX ...]] | <i>Spell Out de CP, interpretação de TP</i> |
- (FITZPATRICK, 2006, p. 419, ex. (35))

Considerando que as posições mais baixas de DPs podem ser interpretadas como variáveis (cf. HEIM & KRATZER, 1998), que são semanticamente vazias em relação a um DP “completo”, Fitzpatrick propõe que a ocorrência mais baixa de AUX em (104d) é semanticamente vazia no sentido relevante. Ou seja, embora T finito esteja estruturalmente presente no TP interpretado, ele não tem especificação para [\pm passado], o que deflagra estruturas *aux-drop* idênticas às sentenças nuas do crioulo haitiano e do fõngbè, mostradas mais acima. As sentenças nuas do crioulo haitiano contêm um T nulo semanticamente (e, coincidentemente, fonologicamente) como um item lexical. O T mais baixo na estrutura *aux-drop* do inglês é semanticamente idêntica a este T, embora seja derivado via movimento, não por uma inclusão de um “tempo nulo” lexical. Sendo assim, na falta de uma especificação de tempo explícita, a gramática computa o tempo baseado em outros fatores estruturalmente presentes, nesse caso, o efeito factativo.

Uma questão interessante para ser adicionada a esta discussão é o fato de que, como visto em (102d), em especial, em construções estativas *aux-drop* do inglês, apenas a leitura de tempo presente é conseguida. Contudo, a leitura de passado pode ser obtida se se adiciona um advérbio apropriado, como vemos abaixo:

- (105) (Was) anybody sick yesterday?
 (estava) alguém doente ontem?
 “Alguém estava doente ontem?”

De acordo com a proposta esboçada acima, a explicação para este fenômeno reside no fato de que, nas construções *aux-drop* do inglês, o nó de tempo é o vazio vestígio de

³² As fontes contornadas indicam as cópias apagadas.

movimento. Neste caso, é dada à sentença a interpretação de tempo baseada no material temporal e aspectual que está presente. Então, quando um adverbial de passado como *yesterday* “ontem” está presente numa questão *aux-drop* estativa, uma interpretação de passado pode emergir sem detonar conteúdos diferentes em relação aos traços presentes em T, já que T não é um item lexical, mas um vestígio.

Diante do quadro descrito para o fenômeno das questões *aux-drop* do inglês, gostaríamos de sugerir que algo parecido acontece com as SCLs do PB. Primeiramente, observamos, no Capítulo 1 desta tese, que as SCLs são construções que *sempre* têm um predicado estativo, conforme ilustra o contraste dos dados abaixo:

- (106) a. Lindo o dia!
 b. Bonita a sua roupa!
 c. Uma merda aquele programa de televisão!

- (107) a. *Falando a Maria.
 b. *Dirigindo o Paulo.
 c. *Vendendo o livro.

Como também apresentamos no exemplo (97) do Capítulo 1, repetido abaixo como (108), as SCLs só podem ser parafraseadas no tempo presente³³:

- (108) a. Lindo o dia!
 “OK O dia está lindo!”
 “*O dia estava lindo!”
 “*O dia estará lindo!”
 b. Bonita a sua roupa!
 “OK A sua roupa está bonita!”
 “*A sua roupa estava bonita!”
 “*A sua roupa estará bonita!”
 c. Uma merda aquele programa de televisão!
 “OK Aquele programa de televisão está uma merda!”
 “*Aquele programa de televisão estava uma merda!”

³³ Lembrando que estamos usando sentenças no contexto *out-of-the-blue*. Ver nota 65 do Capítulo 1.

“*Aquele programa de televisão estará uma merda!”

Notamos que o que foi retomado sobre as SCLs acima não é surpresa alguma, dado o efeito factativo, mostrado em (100), repetido abaixo como (109):

(109) Objeto	Pred=Eventivo	Pred=Estativo
+específico	Passado	Presente
-específico	Genérico/Habitual	Presente
Sem Obj.	Passado	Presente

(FITZPATRICK, 2006, p. 414, ex. (29))

Ora, se os predicados das SCLs são estativos, a terceira coluna do efeito factativo mostra que, se um predicado é estativo, o tempo a ser subtendido será sempre o presente, semelhantemente aos dados do crioulo haitiano e do fòngbè, mostrados acima em (98) e (99), respectivamente, bem como aos dados das questões *aux-drop* do inglês, exibidas em (102), que também são regidos pelo *efeito factativo*.

Na próxima subseção, tentaremos alocar a teoria de Fitzpatrick de deleção através de movimento, desenvolvida para as questões *aux-drop* do inglês, nas derivações das SCLs do PB.

3.4.7. SCLs como TP raiz: muito legal essa SCL!

Como foi visto no decorrer desta seção, nós tentativamente procuramos associar a idéia de que as SCLs do PB são um TP raiz, ou seja, um fenômeno que não depende de CP para ser realizado. Porém, esta idéia vai de encontro ao que ultimamente foi proposto no Programa Minimalista, pois, de acordo com Chomsky (2000 e subsequência), apenas CP e *v**P são considerados fases.

Porém, em Chomsky (2001, p. 14), parece que o referido autor sugere que há outras possibilidades a serem pensadas. Vejamos:

Considerations of semantic-phonetic integrity, and the systematic consequences of phase identification, suggest that the general typology should include among phases

nominal categories, perhaps *other substantive categories*. [...] a plausible typology might be that *phases are configurations of the form F-XP, where XP is a substantive root projection*, its category determined by the functional element F that selects it. CP falls into place as well if T is taken to be a substantive root [...]. Phases are then (close to) *functionally headed XPs*. (CHOMSKY, 2001, p. 14, grifos nossos).

De acordo com a citação acima, o que podemos depreender é que as fases, de certa forma, podem ser *outras categorias substantivas*, e, para desfazer mal entendidos, deixamos claro aqui, que essas categorias “substantivas” nada têm a ver com a noção de ser uma categoria *lexical*, uma vez que Chomsky, a seguir, sugere que T pode ser tomado como uma raiz *substantiva*, quando CP é uma fase. Sendo assim, a nosso ver, não há nada que impeça que, em uma configuração F-XP, em que XP é uma projeção raiz substantiva e F, um elemento funcional que o seleciona, XP seja um RP, no sentido de Den Dikken (2006), e que F seja TP. Assim, se, de um lado, quando há um CP, “[...] T is taken to be a substantive root”, de outro lado, quando TP é considerado fase, R é considerado ser uma raiz substantiva. Desse modo, assumimos que TP pode entrar em jogo e ser o núcleo F da citação colocada acima. Nesse sentido TP seria uma fase, mas não uma fase como CP ou v^*P nos moldes delineados em Chomsky (2001), uma vez que essa fase TP seria uma “extensão” da fase RP³⁴.

Por “Extensão de Fase” (do inglês, *Phase Extension*) sugerimos a proposta, como discutida no Capítulo 2 desta tese, desenvolvida por Den Dikken (2006, 2007), que consiste na idéia de que RPs (os sintagmas das *Small Clauses*) são *fases inerentes* e a subida do RELATOR, núcleo desse sintagma-fase, para o núcleo de uma categoria funcional acima de RP, estende a fase RP para FP, como desenhado abaixo:

- (110) a. [_{RP} Sujeito [RELATOR [Predicado]]]
 Φ
 b. [_{FP} F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} [Predicado]]]]
 $\Phi \longleftarrow (\Phi)$
 c. [_{FP} Predicado_j [F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} _{t_j}]]]]
 Φ

(DEN DIKKEN, 2006, p. 115, ex. (80))

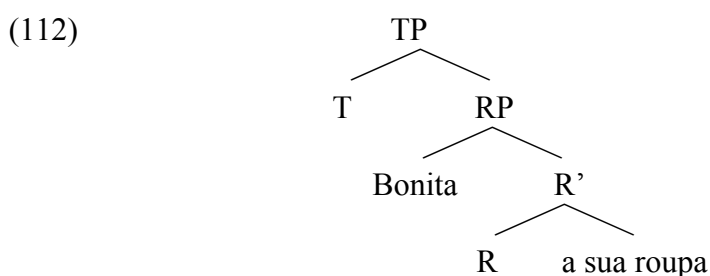
O que gostaríamos de sugerir é que, dado que RP, como assumido no Capítulo 2, é uma fase, a projeção descrita em (110) como FP seria, no nosso caso, a projeção do núcleo

³⁴ Para RP enquanto fase, ver a discussão no Capítulo 2. Ver ainda Den Dikken (2007) que “alarga” a idéia de fase, dando evidências de vários fenômenos interlingüisticamente, para VPs, DPs e, também, TPs.

funcional TP. Assim, para explicar a derivação das SCLs do PB, valer-nos-emos da derivação abaixo:

- (111) a. [_{RP} Sujeito [RELATOR [Predicado]]]
 Φ
 b. [_{TP} F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} [Predicado]]]]
 $\Phi \longleftarrow (\Phi)$
 c. [_{TP} Predicado_j [F+R_i [_{RP} Sujeito [_{t_i} _{t_j}]]]]
 Φ

Onde a fase é estendida de RP para TP. Perceba que a estrutura em (111) é similar àquela a que chegamos em (92), repetida abaixo como (112), após vários testes sintáticos para descobrir a estrutura interna de uma SCL do PB.



Antes de maiores explicações acerca desta estrutura em (112), cumpre destacarmos outras idiossincrasias das SCLs no que concerne aos seus constituintes e à sua configuração. Primeiramente, gostaríamos de discutir alguns fatores relacionados à cópula dessas construções. Como sabido e discutido extensivamente nesta tese, as SCLs não apresentam nem cópula nem tempo morfológicamente visíveis e, como também discutido nesta tese, vimos que, nalgumas línguas, em construções copulares predicacionais, a ligação entre o sujeito e o predicado pode ser estabelecida sem nenhum elemento entre eles, ou seja, sem nenhuma cópula visível, como é o caso, entre outras línguas, do hebraico e do árabe, exibido abaixo:

- (113) Dani nexmad. *Hebraico*
 Dani-masc. legal
 “Dani é legal.”

(114) Il-mudarris il-laṭiif. *Árabe*

o-professor o-legal

“O professor é legal/ o legal.”

Sendo assim, não é algo inimaginável que o PB tenha um “apagamento” da cópula, já que, em várias línguas, como o árabe e o hebraico, visto acima, por exemplo, apenas nas sentenças copulares (e no tempo presente) as cópulas podem ser “deletadas”. Ou seja, se se for comparar translingüisticamente, obteremos dados robustos de línguas em que não há nenhuma cópula visível nas sentenças “copulares” de línguas naturais. No PB, entretanto, essa peculiaridade só é permitida nas SCLs. Sugerimos, então, que, no PB, a deleção da cópula só é permitida em casos configuracionais semelhantes àqueles em (113), ou seja, o contexto de uma SC não direcional (ordem predicado-sujeito) sendo selecionada por uma categoria funcional TP – um TP raiz, sem CP a selecionando - é o contexto em que esse “apagamento” é permitido no PB. Dito de outro modo, este é o contexto em que a “terceira cópula” (KATO, 1988, 1998, 2007) emerge no PB.

Outra peculiaridade das SCLs, e que também faz com que seja deflagrada a terceira cópula, é o fato de o predicado só poder ser selecionado para estar em [Spec, RP] dessas construções, se ele for um DegP (*Sintagma de Grau*, do inglês *Degree Phrase*). Ora, como sabemos, as SCLs não podem ir com predicados que não contenham algum grau (cf. (115)), por outro lado, os *DPs avaliativos* são estruturas cujo núcleo nominal N, normalmente, deriva adjetivos avaliativos e tanto tais *DPs* quanto tais adjetivos, de algum modo, capturam a idéia de grau (cf. 116):

(115) a. *Russa essa vodca. *Comparar: *Muito russa*
 b. *Grávida a Maria. *Comparar: *Muito grávida*
 c. *Inumeráveis os artigos do Chomsky. *Comparar: *Muito inumeráveis*

(116) a. Um luxo o seu apartamento! > Muito luxuoso o seu apartamento!
 b. Uma maravilha essa cerveja! > Extremamente maravilhosa essa cerveja!
 c. Um amor essa sua filha! > Muito amorosa essa sua filha!

Além do mais, os estudos recentes indicam o fato de que as sentenças exclamativas são, na verdade, construções de grau (cf. CASTROVIEJO, 2006, 2007; GUTIÉRREZ-REXACH, 2008).

Para Cresswell (1976) *apud* Villalba (2003, p. 734), os predicados que denotam propriedades, assim como os predicados das SCLs, são relações entre indivíduos e graus, que por sua vez são concebidos como conjuntos de indivíduos definidos com respeito a uma propriedade. A representação lógica dos predicados graduais será aquela em (117), onde uma variável de grau (d) é introduzida além da individual (x):

(117) $\text{luxuoso} \rightarrow \lambda x \lambda d. \text{luxuoso}'(x)(d)$

(adaptado de VILLALBA, 2003, p. 734, ex. (62))

Essa linha de raciocínio nos oferece uma explicação simples para a restrição notada em (115), além do mais, oferece-nos, a nosso ver, uma explicação para os dados em (107), repetidos abaixo como (118), em que predicados não estativos não são permitidos³⁵: ora, apenas DegPs são permitidos como predicados das SCLs, sendo assim, outro tipo de predicados, que não introduzam uma variável de grau, estão descartados. E, assumindo (117) com Cresswell (1976) e Villalba (2003), estamos também assumindo que, quando o intensificador de grau não estiver “visível” na derivação, sua posição estará sendo ocupada por um intensificador nulo “ \emptyset ”, como é comumente assumido na literatura para essas expressões³⁶.

³⁵ Como Marcel den Dikken (comunicação pessoal) nos aponta, outra hipótese para corroborar com a restrição de predicados verbais nas SCLs seria o fato de haver, nalgum lugar da estrutura da SCL, um VP. Como se sabe, um VP não pode selecionar outro VP numa mesma predicação primária (note que casos de perífrases verbais indicam um vP e um VP, não dois VPs) (cf. (i)). Por outro lado, predicados verbais só são permitidos como predicação secundária (cf. (ii)). A colocação, então, de um VP na estrutura interna das SCLs proibiria estruturas como aquelas em (118).

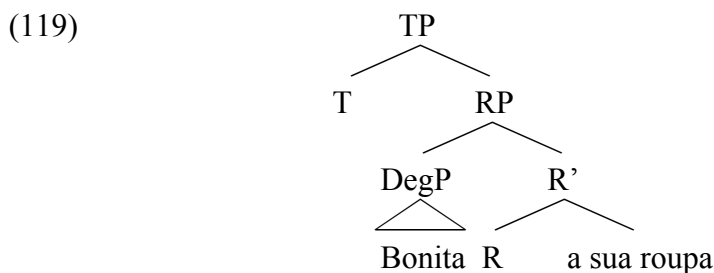
- (i) a. ... V [_{SC} Sujeito Predicado] Predicado = ✓adjetivos; ✓ preposição; ✓ nominais; *vebais
b. ... [_{VP} Considero [_{SC} a Maria ✓ inteligente; ✓ uma chata; *chorando]
- (ii) a. [A Maria comeu a carne] [PRO chorando].
b. [O João bateu na mulher] [PRO chorando].
c. [Eu entrei na defesa] [PRO chorando].

Os ônus e bônus de se adicionar um VP à estrutura interna das SCLs serão testados em trabalhos futuros somente.

³⁶ Ver também Neeleman, de Koot & Doetjes (2004).

- (118) a. *Falando a Maria.
 b. *Dirigindo o Paulo.
 c. *Vendendo o livro.

Adotando o acima exposto, a estrutura interna de uma SCL passa a ser (119) abaixo:

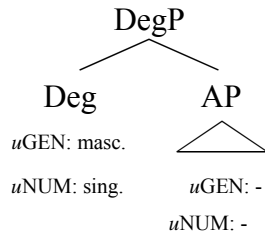
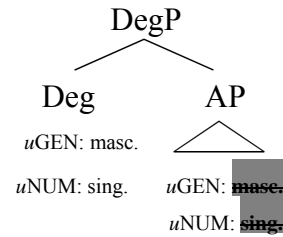
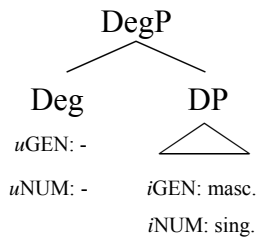
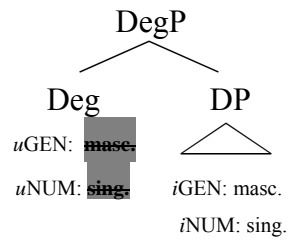


É interessante destacar que, ainda que o predicado das SCLs seja os DPs avaliativos, além dos adjetivos, assumiremos que os únicos traços- Φ existentes para entrar na computação dado um nó DegP são os traços de número e gênero, uma vez que: (i) o grau parece não comportar o traço de pessoa (cf. *bonitinhos*, *bonitinhas*)³⁷ e (ii) o traço de Caso não está disponível para os predicados e, como se sabe, Caso e traço- Φ de pessoa estão intimamente ligados (cf. CHOMSKY, 2001). A operação para checagem dos traços- Φ do predicado DegP, cujo núcleo Deg entra na derivação com os traços- Φ não interpretáveis de gênero e número, parece se dar da seguinte forma: (a) quando o predicado é um DegP contendo um adjetival, os traços não-interpretáveis de seu núcleo Deg são valorados durante a operação *Agree* com o sujeito da SCL, já os traços- Φ não-interpretáveis do adjetivo são “herdados” do núcleo de DegP, após *Agree*, similarmente ao modo como TP herda os traços- Φ não-interpretáveis de CP (cf. CHOMSKY, 2004); (b) quando o predicado é um DegP contendo um DP avaliativo, de outro modo, os traços- Φ não-interpretáveis de número e gênero de Deg são valorados após entrar em *Agree* com o DP³⁸ avaliativo interno ao DegP, dessa forma, Deg tem seus traços- Φ de gênero e número não-interpretáveis, valorados e checados. O passo a passo do que foi dito pode ser visto a seguir³⁹:

³⁷ Não é importante aqui se os traços de gênero e número pertencem ao morfema de grau ou ao adjetivo.

³⁸ Como visto no Capítulo 2, Chomsky (2000 *et passim*) assume que os DPs têm traços- Φ interpretáveis, sendo assim, eles podem valorar e checar os traços- Φ não-interpretáveis de Deg, diante da operação *Agree*.

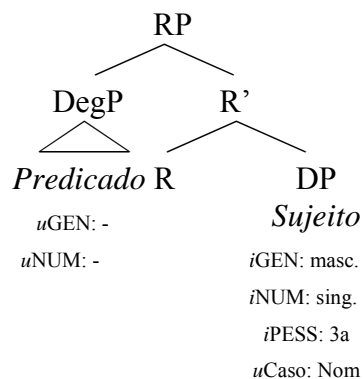
³⁹ Abstrairamos quanto ao destrinchar da estrutura interna de um DegP, sugerindo que talvez seja como Neeleman, de Koot & Doetjes (2004) a apresentam. Os traços relevantes valorados e checados serão representados aqui por uma fonte realçada.

(120) a. *Após Agree com o sujeito da SCL:*b. *Herança dos traços de Deg para AP:*(121) a. *Antes de Agree com DP encaixado:*b. *Antes de Agree com DP encaixado:*

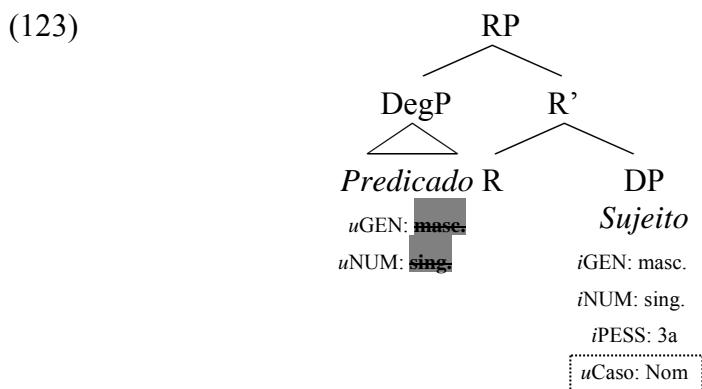
A idéia acima esquematizada ainda permite estabelecer uma simetria entre os DegPs, uma vez que ambos os DegPs, seja o com o AP ou seja o com o DP avaliativo encaixado, têm, em seus núcleos, traços- Φ não-interpretáveis valorados e checados, no resultado final, independentemente da interpretabilidade dos traços do material encaixado (adjetivais ou nominais).

Após a apresentação de como assumimos, em linhas gerais, a formatação da estrutura interna de uma SCL no PB, cumpre, agora, irmos adiante com o passo a passo da derivação dessas sentenças. Primeiramente, uma fase RP (cf. DEN DIKKEN, 2006), configuracional e não-direcional, entra na derivação, após a concatenação de seu núcleo, R, com o sujeito, que entra com seus traços- Φ interpretáveis completos (incluindo, ainda, o traço não-interpretável Caso), e, depois, com o seu predicado DegP, que entra com seus traços- Φ de gênero e número não-interpretáveis em [Spec, RP], que já havia se concatenado com o AP ou o DP anteriormente, da seguinte forma:

(122)



A checagem dos traços- Φ não-interpretáveis do DegP se dá da forma descrita em (120) e (121), a depender do sintagma que ele seleciona, ou um AP ou um DP avaliativo, respectivamente:



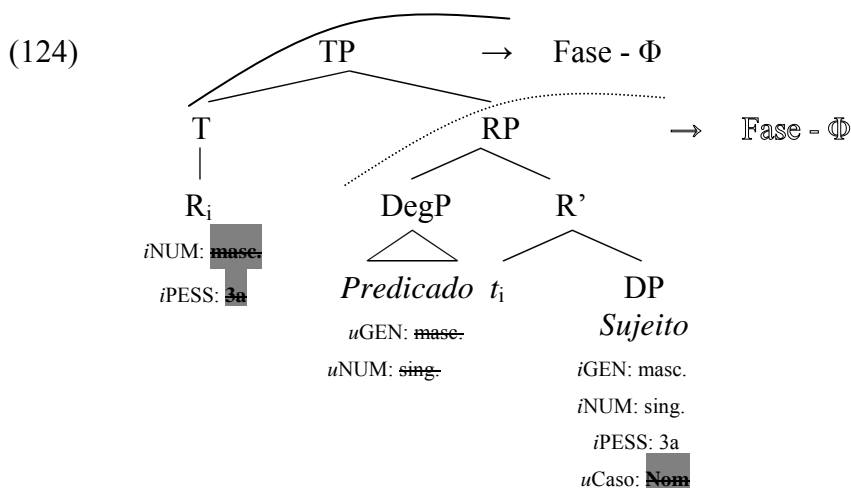
Percebam que a derivação fracassaria se a derivação parasse neste momento, uma vez que um traço não-interpretável de Caso do DP sujeito ainda se encontra na derivação, pois, apesar de o Predicado entrar em *Agree* com o DP sujeito (apenas quando DegP seleciona um AP (cf. (120)), o traço de Caso do sujeito não é checado, uma vez que somente um *Probe* com um conjunto de traços- Φ completo⁴⁰ pode checá-lo, seguindo a linha de raciocínio desenvolvida em Chomsky (2001, p. 16) que assume a idéia de George & Kornfilt (1981) de que Caso estrutural é um reflexo de concordância.

TP entra na derivação e o núcleo de RP, R, é alçado para T. Este movimento desencadeia a *Extensão da Fase* de RP até TP, seguindo a proposta de Den Dikken (2006, 2007). A extensão da fase de RP para TP soluciona alguns problemas de ordem conceitual que deflagraria o fracasso da derivação, visto que, sem a extensão da fase, o domínio da fase seria o DP sujeito, dessa forma, ele deveria ir, de imediato, para *Spell-Out*, não sendo mais acessível na derivação, devido à Condição de Impenetrabilidade da Fase, PIC (do inglês *Phase Impenetrability Condition*), desencadeando o fracasso da derivação, uma vez que um traço não-interpretável (o traço de Caso do DP sujeito) ainda estaria presente na derivação.

Sendo, então, T o núcleo da fase, seguimos, a partir de agora, com a idéia do *Princípio de Maximização* (*Maximization Principle*) de Chomsky (2001, p. 15). De acordo com este princípio, um elemento contendo um conjunto de traços- Φ defectivos (conjunto- Φ incompleto, i. e., sem [*upessoa*]) não conta para efeitos de intervenção. Sendo assim, em (124)

⁴⁰ A “completude” dos traços tem a ver com a presença ou ausência do traço de pessoa. Segundo Chomsky (2000, 2001), somente o traço de pessoa [- interpretável] de um *Probe* é capaz de checar o traço de Caso estrutural de um *Goal*.

abaixo, como o Predicado não tem traço não-interpretável de Caso para ser checado, o *Probe* T pode descer até o DP sujeito e valorar seu traço Caso além dos traços- Φ [-int] de T:



Uma vez que o traço EPP é opcional nas línguas românicas (cf. NUNES, 2007), mais especificamente, no PB (cf. VIOTTI, 1999, 2007), a derivação pára em (124), com todos os traços não-interpretáveis devidamente valorados e deletados, e é mandada para *Spell-Out*.

A análise aqui desenhada responde, ainda, à questão deixada no final da seção 1.7.5. do Capítulo 1: há a necessidade de a Operação *Agree* se aplicar (125) abaixo, já que não há uma compatibilidade no que concerne aos traços- Φ do predicado e do sujeito?:

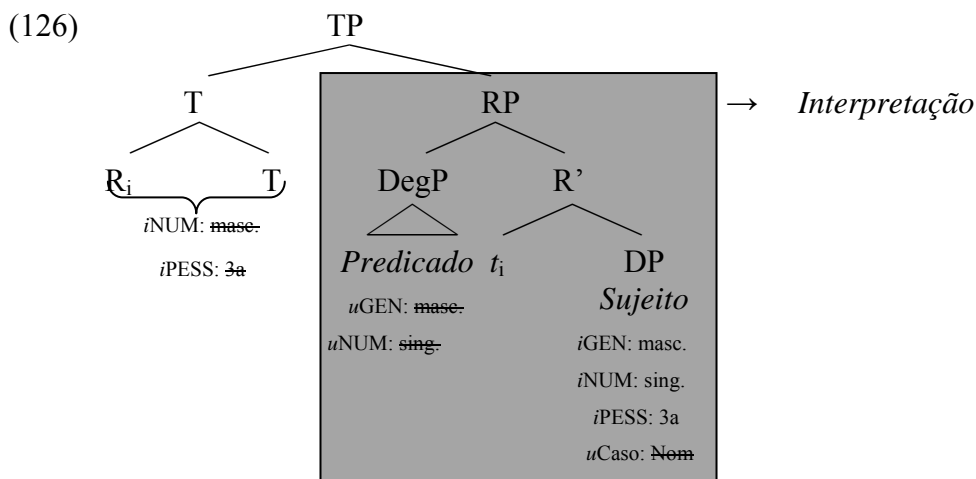
- (125) a. Uma merda essas novelas da Globo!
b. Um luxo a sua calça!
c. Um luxo as bolsas da Maria!

Perceba que todos os predicados das sentenças acima são *DPs* avaliativos. Ora, como vimos em (121), a concordância do DP avaliativo predicado com o DP sujeito não se dá sob *Agree* entre esses elementos, sendo assim, os dois constituintes são independentes no que se refere aos seus traços- Φ e assim, a falta de concordância entre os constituintes dos dados acima, de acordo com a nossa análise, é esperada. Dessa forma, a resposta para a pergunta acima é negativa⁴¹.

Uma questão, que gostaríamos de explorar agora tem a ver com a proposta de *Deletion through Movement* de Fitzpatrick (2006), delineada na subseção anterior. Se fôssemos adotar

⁴¹ Sobre questões relacionadas à concordância em sentenças copulativas com pronomes pessoais, ver Moura (2006), (2007a) e (2007b).

aquela proposta, após a checagem dos traços- Φ não-interpretáveis de T e do traço de Caso do DP sujeito, apenas o domínio da fase teria que ser enviada para *Spell-Out*. Dada a estrutura (124) acima, a estrutura que seria mandada para *interpretação* seria todo o domínio da fase TP, i. e., todo o RP, como esquematizado em (126):



A proposta de Fitzpatrick se encaixa nos dados empíricos das SCLs apresentados durante toda esta tese. Sendo assim, os elementos presentes em T não afetariam a semântica da SCL, uma vez que a terceira cópula do PB não possui conteúdo semântico, e o tempo é resgatado: (i) devido ao *efeito de factatividade*; e (ii) devido a advérbios de tempo inseridos na SCL: uma interpretação de passado pode emergir sem detonar conteúdos diferentes em relação aos traços presentes em T, já que T não é um item lexical, mas a junção de dois nós funcionais⁴². Assim, como nas sentenças nuas do crioulo haitiano e do fòngbè, e nas questões *aux-drop* do inglês, na ausência de tempo morfológicamente, a gramática processa o tempo baseado ou no efeito factativo ou na presença de advérbios de tempo presentes estruturalmente.

Apresentada a nossa análise, cumpre destacar que, a nosso ver, esta análise parece ter um maior embasamento do que àquelas apresentadas por Vinet (1991) e Paul & Stainton, haja vista que:

⁴² Schmitt (1996, p. 380) analisando a sentença em (i) do PB, diz que o verbo *ser* não tem propriedades aspectuais intrínsecas (“it is a dummy verb”) e que o tempo presente em PB provavelmente não seja tempo, uma vez que, como o inglês, o tempo presente no PB não é usado para referir ao evento “aqui e agora”. Sendo assim, a referida autora chega à conclusão de que, em (i), não há uma estrutura temporal para ser modificada, mas não há dúvidas de que se tenha um TP. Isso soa parecido com o caso do crioulo haitiano e do fòngbè reportados acima. Assumiremos, igualmente, que a “terceira cópula” do PB se parece com o verbo *ser*, nesse sentido.

(i) Os livros são encadernados na biblioteca.

(SCHMITT, 1996, p. 379, ex. (41b))

- (i) Não se leva em conta apagamento de não-constituintes;
- (ii) Não se leva em consideração a adjunção à direita.

Além do mais, a nossa análise parece caber nos dados do francês. Evidentemente, que, com o pequeno artigo de Vinet (1991) não pudemos testar todas as estruturas que pudemos testar para o PB. Já no caso do inglês, infelizmente, por se ter uma diferença maior entre as estruturas do PB e do francês, de um lado, e do inglês, de outro, não pudemos obter o mesmo sucesso do francês. Certamente, apenas trabalhos futuros de cunho comparatista deverão apontar se a nossa análise está ou não no caminho correto, não apenas para os dados do francês e do inglês, mas de outras línguas naturais.

Na próxima seção, veremos como as que-SCLs devem ser analisadas, tomando como ponto de partida a análise das SCLs esquematizada nesta subseção.

3.4.8. que-SCL: como fica?

Como vimos no Capítulo 1, as diferenças entre as SCLs e as que-SCLs parecem ser mínimas, porém, há alguns aspectos cruciais em que tais estruturas divergem. Essas disparidades são consideráveis e cuja importância serão significativas para se fazer uma distinção entre a análise das SCLs e das que-SCLs, como será visto mais adiante.

Inicialmente, vejamos as semelhanças entre as SCLs e as que-SCLs:

(i) *Que-SCL não é deslocamento A' do sujeito:*

- (127) a. *Que lindas na igreja/ ontem as flores
 b. Que lindas as flores na igreja/ ontem

(ii) *O sujeito das que-SCLs está numa posição-A:*

- (128) a. Que amor cada um de vocês!
 b. Que lindos todos esses seus sapatos!

(iii) *Que-SCLs têm TPs:*

- (129) a. Que bonita a sua roupa ontem!
 b. Que lindo o dia hoje!
 c. Que merda aquele programa de televisão ontem!

- (130) a. Que inteligente eu.
 b. Que legal ele.
 c. Que lindo eu.

(iv) *Que-SCLs não têm CPs:*

- (131) a. Que bonita (que) a Maria ‘tá!
 b. Que merda (que) aquele programa de TV é!

- (132) a. Que bonita (*que) a Maria!⁴³
 b. Que merda (*que) aquele programa de TV!

- (133) a. [_{CP} Que bonita [_C que]] **tá** a Maria!
 b. *_{CP} Que bonita [_C que]] a Maria!
 c. Que bonita a Maria!

Como ilustrado nos exemplos acima, analogamente às SCLs, as que-SCLs não podem ser derivadas de deslocamento do sujeito, uma vez que um locativo/ advérbio não pode intervir entre o seu predicado e o seu sujeito (cf. (127)); o sujeito, então, parece estar numa posição A, como também corroboram os dados em (128); que-SCLs também têm TPs, uma vez que a elas podem ser adicionados advérbios de TP e pronomes nominativos (cf. (129) e (130)); e, finalmente, como as SCLs, as que-SCLs não têm uma projeção funcional CP, já que, como discutido na subseção 1.7.2. do Capítulo 1, a presença de um complementizador em C gera a agramaticalidade dessas construções.

⁴³ Alguém poderia interceder aqui para uma análise baseada em complementizadores nulos (cf. CAPONIGRO, 2001, 2002), porém, como os dados em (131)-(133) parecem indicar e como deverá ficar mais claro adiante, essa análise parece tomar o caminho errado. Para sentenças com este fenômeno no PB, ver Medeiros Júnior (2005).

Dadas tais similaridades entre as SCLs e as que-SCLs, faz-se necessário apontar, agora, as heterogeneidades entre estas estruturas:

(i) *Que-SCLs não podem ser encaixadas:*

- (134) a. *Eu achei que lindo o dia!
 b. *A Manu achou que bonita a sua roupa!
 c. *O Adeilson achou que merda aquele programa de televisão!

(ii) *O Predicado das que-SCLs estão numa posição A':*

- (135) a. (*Que) nem (*que) pouco bonita a Maria!
 b. (*Que) nada (*que) gostosa a sua irmã!

(iii) *O predicado das que-SCLs estão acima de RP:*

- (136) a. *Sempre que bonita a sua roupa.
 b. *Sempre que chata essa aula.
 c. *Sempre que merda aquele programa de televisão.

O que as diferenças entre as SCLs e as que-SCLs mostradas nos exemplos acima parecem nos dizer é que as que-SCLs não podem ser encaixadas, o que corrobora com o fato de que o predicado está numa posição A', uma vez que substituindo a que-SCL nos exemplos em (134) por uma SC complemento, o predicado, mesmo que precedendo o sujeito dessa SC, está numa posição A e, logo, a sentença é gramatical. Dessa forma, a agramaticalidade de (134) parece residir no fato de que o predicado das que-SCLs não podem permanecer numa posição A. Em (135), algo semelhante ocorre, uma vez que esses exemplos corroboram com o fato de que os predicados das que-SCLs estão numa posição A', uma vez que eles não podem ter nem um NPI associado a ele. (136), por sua vez, ilustra o fato de que o predicado das que-SCLs está numa posição acima de RP⁴⁴.

⁴⁴ A agramaticalidade de sentenças como (i) abaixo, por outro lado, parece estar associada ao fato de que, como proposto por Sportiche (1988), os advérbios se adjungem à categoria que eles modificam, e, como vemos abaixo, o predicado das que-SCLs está “muito longe” da projeção do advérbio para modificá-los.

- (i) a. *Que bonita sempre a sua roupa.

Como discutido acima, os dados das que-SCLs que as diferem das SCLs parecem apontar para o fato de que o predicado daquelas estruturas está numa posição A'. Entretanto, esta posição não é a posição de [Spec, CP], pois, como visto nos dados de (131) a (133), as que-SCLs parecem não ter a projeção funcional CP na sua estrutura interna, exatamente como as SCLs “genuínas”. Isso também é corroborado com os dados abaixo:

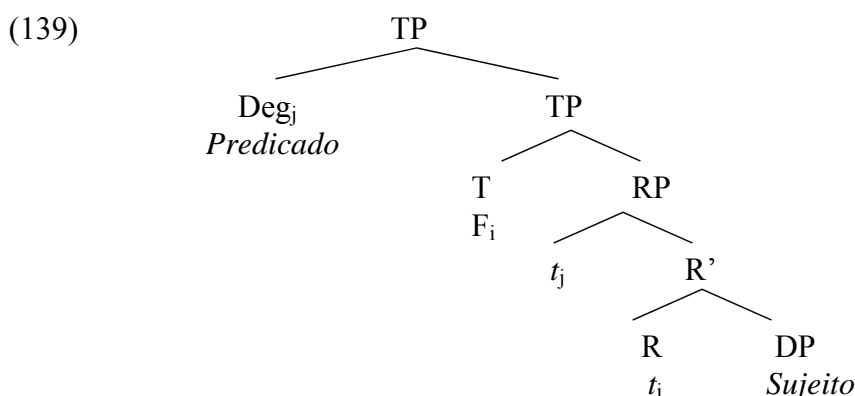
(137) a. *Você não sabe que bom o Programa Minimalista!

b. *O João não imagina que safada a sua mulher!

(138) a. Você não sabe que bom *que* é o Programa Minimalista!

b. O João não imagina que safada *que* é a sua mulher!

Do mesmo modo que as SCLs, as que-SCLs não podem ser encaixadas em contextos em que uma exclamativa “comum” poderia ser encaixada (cf. ZANUTTINI & PORTNER, 2000, 2003), o complementizador em itálico indica que a posição CP está disponível nas construções em (138), ao contrário, em (137), com as que-SCLs, as sentenças não são gramaticais. Deprendemos, então, que o predicado das que-SCLs, na verdade, estão na posição de adjunção à TP, como ilustrado em (139) abaixo:



Após o predicado checar seus traços não-interpretáveis em [Spec, RP] da forma descrita em (120), se o complemento de DegP for um AP, e em (121), se o complemento de DegP for um DP avaliativo, similarmente ao modo como são checados os traços não-interpretáveis de DegP das SCLs, o predicados das que-SCLs são alçados para a posição de adjunção a TP. Os traços- Φ completos de T e o traço de Caso nominativo do DP sujeito,

b. *Que chata sempre essa aula.

c. *Que merda sempre aquele programa de televisão.

ambos não-interpretáveis, detonam a operação *Agree*, que estabelece a relação entre esses constituintes, valorando e checando esses traços. Um fato que merece destaque é o fato de que a proposta de *Deletion through Movement* de Fitzpatrick (2006) não se aplica aqui, uma vez que o predicado da que-SCL se encontra em adjunção de TP, sendo assim, quando o domínio da fase TP for mandado para *interpretação* apenas o sujeito é enviado, ficando uma parte importante dessa sentença fora de interpretação, sendo assim, como Fitzpatrick sugere, outra operação se aplica em (126), para que o nó raiz da sentença seja enviado para *interpretação*.

3.5. SUMÁRIO

Neste capítulo, mostramos, inicialmente, os dados e as análises tanto das *Non-Verbal Exclamative Constructions* do francês, feitos por Vinet (1991), quanto das *Pred NP Constructions* do inglês, feitos por Paul & Stainton (2006). Para o francês, Vinet (1991) propõe uma estrutura de *Small Clause* (cf. STOWELL, 1981, 1983) na base, sendo o predicado alçado para uma posição de adjunção à essa SC. Já para o inglês, Paul & Stainton (2006) elencam algumas análises para os seus dados, a saber: (i) dois sintagmas independentes; (ii) *Small Clauses*; (iii) movimento seguido de deleção; e (iv) deslocamento à direita seguido de deleção. Após alguns testes, os referidos autores constatam que nenhuma dessas análises parece satisfazer todas as características apontadas para estas construções do inglês. Porém, os autores ressaltam no sentido de que a análise de deslocamento seguido de deleção parece ter atendido a uma maior gama de características dessas construções. Terminamos a seção 3.2. assinalando algumas lacunas teóricas concernentes à análise feita por Paul & Stainton; principalmente, no que concerne ao apagamento de não-constituintes, pois, como apontado recentemente por Merchant (2001, 2004), tal operação é severamente restrita de acordo com os mecanismos da gramática.

Na seção seguinte, analisamos os dados das SCLs e das que-SCLs do PB apresentados no Capítulo 1 deste trabalho, chegando a uma conclusão de que as SCLs não são frutos nem de alçamento do seu predicado nem do deslocamento à direita do seu sujeito: ambos os constituintes estão *in situ*. Por outro lado, as que-SCLs têm o alçamento do seu predicado para a posição de adjunção de TP. Na verdade, foi proposto que ambas as construções são TPs raízes. Os principais argumentos apresentados a favor desta análise foram os seguintes: (i) (que)-SCLs têm *status* de sentencial, em detrimento de um nominal; (ii) (que)-SCLs têm TPs,

visto, principalmente, que elas podem ter um advérbio de tempo e pronomes nominativos (em detrimento de acusativos) em suas estruturas; (iii) (que)-SCLs não têm CPs, uma vez que elas não podem ser encaixadas em contextos onde sentenças exclamativas, normalmente, se encaixam, nomeadamente, sob predicados factivos; (iv) (que)-SCLs não podem ser encaixadas em contextos ECM, o que, superficialmente, parece ser SCLs encaixadas em verbos ECM, é, na verdade, SCs complementos, como ficou claro, através dos testes com dois advérbios de tempo numa sentença ECM. Assumimos, ainda, que o *Efeito Factativo* rege às SCLs, uma vez que, no contexto *out-of-the-blue*, apenas o tempo presente está disponível para estas construções.

Se a nossa análise empreendida aqui estiver no caminho correto, as SCLs do PB parecem ser uma evidência de que TPs também podem ser consideradas como instâncias de fase (e não apenas CP e v^*P , como propõe Chomsky, 2001, 2004, e subsequência), como já propuseram, independentemente, Gallego (2006 e 2007), Gallego & Uriagereka (2006). A hipótese nula apresentada aqui, então, é de que TP também pode ser uma fase forte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi conduzida pela seguinte questão:

- (1) Qual a estrutura das (que-)SCLs do Português Brasileiro?

As SCLs e as que-SCLs, como apresentamos, são estruturas com a justaposição de um predicado mais um sujeito, nessa ordem, sem nenhuma marca de tempo morfológico na superfície e com a leitura subjacente de uma sentença copular do PB. Devido ao escasso número de dados descritos de sentenças copulares, não apenas no PB, mas também, em outras línguas, sentimos a necessidade, no Capítulo 1, de descrever dados dessa natureza, bem como de apresentar a tipologia das sentenças copulares feita pelo trabalho precursor de Higgins (1976), a fim de clarificar, dada tal tipologia, qual(is) tipo(s) de sentenças copulares as nossas (que-)SCLs pertencem. Descrevemos, então, os dados de sentenças copulares de algumas línguas que, como as SCLs, parecem não trazer na superfície nem cópula nem morfologia de tempo, logo em seguida, apresentamos os dados das sentenças copulares do PB de um modo geral, tentando estabelecer quais as restrições sintático-semânticas que governam estas sentenças, com o intuito de comparar tais restrições com as peculiaridades exibidas nas SCLs. Na seção seguinte, apresentamos os dados das SCLs em si e sugerimos que as SCLs podem ser divididas em duas: (i) SCLs genuínas e (ii) que-SCLs. As segundas exibindo um intensificador “que” precedendo o AP ou o DP avaliativo do predicado, já nas primeiras o intensificador, se tiver, é o “um”, quando for um DP avaliativo, e, entre outros, o “muito”, diante de seus predicados adjetivais. Verificamos e comparamos as restrições impostas por ambas, no que tange a sua seleção sintática e semântica de elementos que as constituem. Tal descrição feita no Capítulo 1 foi de primordial importância para a análise feita no Capítulo 3, uma vez que tentamos, no Capítulo 1, responder à pergunta exposta em (1) num nível descritivo, separando os dados que achamos relevantes, suas restrições categoriais e comparando as (que-)SCLs com construções similares em outras línguas, bem como com sentenças copulares interlingüísticas, a fim de galgar passos preciosos para um exame teórico bem fundamentado, uma vez que uma análise em sintaxe gerativa, mais amplamente, em Lingüística, não pode ser tomada como séria se não se dá o olhar devido aos dados, partindo-se logo para uma (perigosa) análise.

Feito isto, delimitamos que, para que uma sentença seja uma (que-)SCL, ela deve respeitar, pelo menos, três condições sobre os elementos que a constituem, a saber:

- (2) a. Os sujeitos das (que-)SCLs do PB devem ser específicos;
- b. Os predicados das (que-)SCLs do PB devem ser predicados de nível *individual* avaliativos; e
- c. O tempo (não morfológico) das (que-)SCLs do PB deve ser subtendido como o presente.

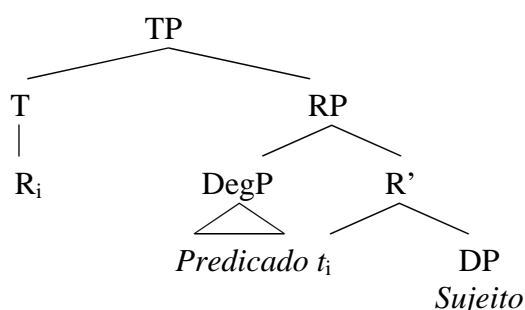
No Capítulo 2, buscamos tanto mostrar a maquinaria relevante para a análise pretendida, bem como apresentar a definição/ estrutura de *Small Clause* a ser seguida para a nossa análise. Delineamos, então, os pressupostos teóricos do Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008) a ser usados para a análise do Capítulo 3, mostrando como funciona o sistema de Caso-concordância esquematizado naquele quadro teórico, e, ainda, a noção de como as derivações funcionam numa perspectiva de *fases*, mostrando que uma teoria de *extensão de fase* (DEN DIKKEN, 2006, 2007) pode se mostrar bastante profícua para a análise de fenômenos lingüísticos das línguas naturais. Arrolamos também a definição de *Small Clause* e as propostas já desenvolvidas no decorrer da gramática gerativa para este constituinte. Apontamos que uma análise baseada na noção de predicação como sendo não-direcional e configuracional, no sentido de conter um elemento funcional *Relator*, núcleo de RP; um sujeito; e um predicado (cf. DEN DIKKEN, 2006), parece ideal para analisar os dados de sentenças copulativas do PB. Sumarizando, o Capítulo 2 nos valeu no sentido de buscarmos e explicitarmos quais seriam os dispositivos teóricos adequados para analisar a estrutura sintática das (que-)SCLs do PB.

É no Capítulo 3 deste estudo que respondemos a questão colocada em (1) no seu nível teórico. Antes da nossa análise propriamente dita, porém, arrolamos tanto os dados do francês e do inglês semelhantes às SCLs do PB, bem como as respectivas análises empreendidas por Vinet (1991) e Paul & Stainton (2006) a fim de se lançar alguma luz para a análise dos dados das SCLs do PB. Vinet (1991) propôs que os dados do francês fossem analisados numa estrutura sem TP nem CP com o alçamento do predicado para uma posição de adjunção à SC; já Paul & Stainton (2006), por sua vez, elencaram quatro possíveis análises, nomeadamente: (i) dois sintagmas independentes; (ii) *Small Clauses*; (iii) movimento seguido de deleção; e (iv) deslocamento à direita seguido de deleção. Testando-as logo em seguida. Estes autores constataram que nenhuma dessas análises pareceu satisfatória, no sentido de que, nenhuma

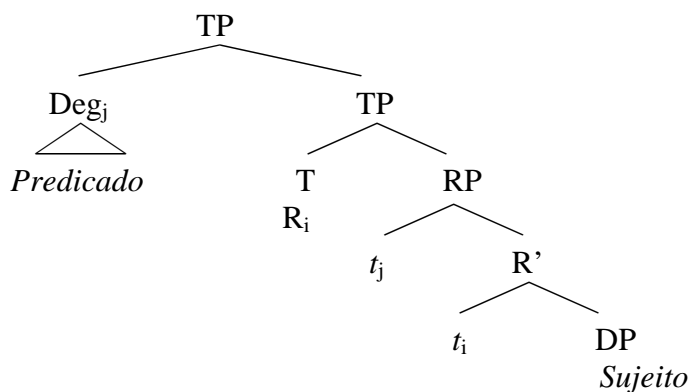
delas “se encaixou” nos testes por eles feitos, porém, a análise em que há um deslocamento à direita do sujeito (adição ao TP à *direita*) seguido de apagamento de um pronominal mais o verbo cópula no início da sentença pareceu dar conta da maioria dos testes realizados. Essa análise, porém, tem o infortúnio de admitir elipse de não-constituintes, um desfalque sério se se for considerar as teorias de elipse (cf. MERCHANT, 2001, 2004).

De acordo com a nossa análise, entretanto, o resultado das estruturas a que chegamos, após exaustivos testes, foi o seguinte:

(3) *SCL*



(4) *que-SCL*



As estruturas acima sustentam que tanto as SCLs quanto as *que-SCLs* não são resultados de deslocamento à direita do sujeito, uma vez que não podemos ter nem um locativo nem um advérbio intervindo entre o predicado e o sujeito. Ambas as estruturas têm TPs, uma vez que advérbios de tempo e pronomes nominativos podem ser encontrados nessas estruturas. Uma divergência encontrada, entretanto, diz respeito ao local de pouso de seus respectivos predicados, a saber: nas SCLs, o predicado está na sua posição de base, nomeadamente, a posição A [Spec, RP]; já nas *que-SCLs*, o predicado é alçado de [Spec, RP]

para a posição de adjunção à direita de TP. Estes resultados foram corroborados, principalmente, com o teste de advérbios de VP, onde foi possível observar a disparidade entre a posição dos dois tipos de predicados em estruturas com este tipo de advérbio.

Fazendo uma auto-avaliação deste trabalho, percebemos que ele tem tanto uma contribuição empírica, uma vez que descreve fatos do PB até então pouquíssimo explorados, como é o caso das sentenças copulares, mais especificamente, das SCLs, quanto uma contribuição teórica, uma vez que, analisando estas construções, adota um viés pouco explorado para os dados do PB, apontando para a idéia profícua de que TP, ao contrário de que Chomsky (2000 e seqüência) propõe, pode ser também uma fase, como já propuseram, de forma independente (e de forma diferenciada) Gallego (2006, 2007) e Gallego & Uriagereka (2007).

É claro que esta tese não exaure o fenômeno da SCL, tendo em vista que muita coisa ainda tem de ser vista, como prova disto, basta olhar as inúmeras notas de rodapé em que incluímos inúmeras observações/ questões a serem trabalhadas posteriormente. Temos a consciência de que este trabalho *falta* em algumas considerações e, com certeza, *sobra* em outras, como qualquer outro trabalho acadêmico. Obrigado por ter lido até então e agradecemos qualquer contribuição advinda para a continuação de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Ph.D. Dissertation: MIT, 1987.
- ACKRILL, John Lloyd. *Aristotle: Categories and De Interpretatione*. Edição e Tradução. Oxford: Clarendon Press, 1963.
- ADGER, D. *Core Syntax: a Minimalist Approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ADGER, D.; RAMCHAND, G. Predication and Equation. *Linguistic Inquiry*, vol. 34, n. 3, 2003. pp. 325-359.
- AVELAR, Juanito. *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 2004.
- AVELAR, Juanito. Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro. Tese de Doutorado, Campinas, UNICAMP, 2006a.
- AVELAR, Juanito. On the Emergence of *ter* as an Existential Verb in Brazilian Portuguese. Paper presented at *The 9th Diachronic Generative Syntax Conference – Università di Trieste*, 2006b.
- AVELAR, Juanito. The Comitative-Copular Basis of Possessive-Existential Clauses in Brazilian Portuguese. *IV Encuentro de Gramática Generativa*, Argentina, 2007.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sobre *Ter* e *Haver* em Construções Existenciais: Variação e Mudança no Português do Brasil. *Gragoatá*, 9, 2000. pp. 85-100.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Estruturas com *Ter* e *Haver* em Anúncios do Século XIX. In: ALKMIM, Tânia. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. III. São Paulo: Humanitas/USP, 2002. pp. 47-67.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. *Ter and Haver in the History of Portuguese: the Appearance of Ter in Existential Environments*. Comunicação apresentada no N.WAVE 32, 2003.

AVOLONTO, Aimé. AspP et la catégorie INFL en Fòngbè. *Journal of West African Languages*, 22, 1992. pp. 97-113.

BAILYN, J. The Syntax of Slavic Predicate Case. *ZAS Occasional Papers in Linguistics*, Berlin, 2001. pp. 1-26.

BAKER, C. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BAKER, M. C.; JOHNSON, K.; ROBERTS; I. Passive Arguments Raised. *Linguistic Inquiry*, 20, 1989. p. 219-251.

BARBIERS, Sjef. *The Syntax of Interpretation*. Ph.D. Dissertation: University of Leiden, 1995.

BARTRA, Anna; VILLALBA, Xavier. Non Agreeing Quantified Nominal Embedded Clauses in Spanish. Ms. Universitat Autònoma de Barcelona, 2006.

BELLETTI, A. The Case of Unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 1, 1988. pp. 1-34.

BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg e Sellier, 1990.

BENNIS, H.; CORVER; N.; DEN DIKKEN, M. Predication in Nominal Phrases. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 1, 1998. pp. 85-117.

BENVENISTE, Émile. “Ser” e “Ter” nas suas Funções Lingüísticas. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. pp. 204-227.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BOBALJIK, Jonathan. *Morphosyntax: The Syntax of Verbal Inflection*. Ph.D. Thesis, MIT, 1995.

BOECKX, Cedric. *Understanding Minimalist Syntax: Lessons from Locality in Long-distance Dependencies*. Oxford: Blackwell, 2007.

- BOWERS, J. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*, vol. 24, n. 4, 1993. pp. 591-656.
- BURZIO, L. *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.
- CAPONIGRO, I. On the Semantics of Indefinite Free Relatives. In: KOPEN, M. v.; SIO, J.; DE VOS, M. (Eds.). *Proceedings of ConSOLEX*, Leiden: SOLE, 2001. pp. 49-62.
- CAPONIGRO, I. Free Relatives as DPs with a Silent D and a CP Complement. In: SAMIIAN, V. (Ed.). *Proceedings of the Western Conferences on Linguistics*, Fresno, California: California State University, 2002.
- CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. Small Clauses: Some Controversies and Issues of Acquisition. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and Semantics: Small Clauses*. v. 28. California: Academic Press, 1995. pp. 1-23.
- CARLSON, G. *Reference to Kinds in English*. Ph.D thesis. University of Massachusetts at Amherst, 1977.
- CARNIE, Andrew. Nominal Predicates and Absolutive Case Marking in Irish. In: PHILLIPS, Colin. (Ed.). *MIT Working Papers in Linguistics* 19, 1993. pp. 89-130.
- CASTELEIRO, J. Malaca. *Sintaxe Transformacional do Adjectivo: Regência das Construções Completivas*, Lisboa, INIC, 1981.
- CASTROVIEJO, Elena. *Wh-Exclamatives in Catalan*. Ph.D. Thesis: University of Barcelona, 2006.
- CASTROVIEJO, Elena. A Degree-Based Account of *Wh*-Exclamatives in Catalan. In: PUIG-WALDEMÜLLER, Estela. (Ed.). *Proceedings of Sinn und Bedeutung*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2007. pp. 134-149.
- CHIERCHIA, G. Individual Level Predicates as Inherent Generics. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Eds.). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. pp. 176-223.
- CHIERCHIA, G.; McCONNELL-GINET, S. *Meaning and Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. On Binding. *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 1, 1980. pp. 1-46.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. p. 1-52.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo de Linguagem. *D.E.L.T.A.* v. 13, n. Especial, 1997. pp. 49-72.

CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Tradução, notas e apresentação de Eduardo Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999. [1995].

CHOMSKY, N. Minimalist Inquires: The Framework. In: MARTIN, Robert; MICHAEL, David; URIAGEREKA, Juan. (Eds.). *Step-by-Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. pp. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. pp. 1-52.

CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structure*. Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. pp. 104-131.

CHOMSKY, N. Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, 2005. p. 1-22.

CHOMSKY, N. Approaching UG from Below. GARTNER Hans M.; SAUERLAND, Uli. (Eds.). *Interfaces + Recursion = Language?* Chomsky's Minimalism and the View from Syntax-Semantics. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. pp. 1-30.

CHOMSKY, N. *On Phases*. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. pp. 133-166.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CITKO, Barbara. Small Clauses Reconsidered: Not so Small and Not All Alike. *Lingua*, 118, 2008. p. 261-295.

COELHO, I. L. *A Ordem VDP em Construções Monoargumentais: uma Restrição Sintático-Semântica*. Tese de Doutorado em Linguística: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

COLLINS, C. Eliminating Labels. In: EPSTEIN, S. D.; SEELY, T. D. (Eds.). *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Malden, Mass.: Blackwell, 2002. p. 42-64

CONTRERAS, H. Small Clauses and Complex Predicates. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and Semantics: Small Clauses*. v. 28. California: Academic Press, 1995. pp. 135-152.

COSTA, J. L'Opposition SER/ESTAR en Portugais. In: ROUVERET, A. (Ed.). *"Etre" et "avoir" (Syntaxe, Semantique, Typologie)*. Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1998. pp. 139-153.

CRESSWELL, M. J. The Semantics of Degree. PARTEE, B. H. (Ed.). *Montague Grammar*. New York: Academic Press, 1976. pp. 261-292.

CULICOVER, Peter; JACKENDOFF, Ray. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CYRINO, S. M. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um Estudo Sintático-Diacrônico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994.

DAVIDSON, D. The Logical Form of Action Sentences. In: RESCHER, N. (Ed.). *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. pp. 81-120.

DÉCHAINED, Rose-Marie. Bare Sentences. In: MOORE, S.; WYNER, A. (Eds.). *The Proceedings of SALT I*. Ithica, NY: CLC Publications, 1991. pp. 31-50.

DÉCHAINED, Rose-Marie; MANFREDI, Victor. *Tense Denotations and Verb Raising*. Apresentado no Center for Language and Communication, University van Amsterdam, 2001.

DECLERCK, Renaat. *Studies on Copular Sentences, Clefts and Pseudoclefts*. Dordrecht: Leuven University Press, 1988.

DeGRAFF, M. The Syntax of Predication in Haitian. *Proceedings of the 22nd Meeting of the North-Eastern Linguistics Society, GLSA*, University of Massachusetts at Amherst, 1992.

DIESING, Molly. 1992. *Indefinites*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1992.

DIKKEN, Marcel den. Predicate Inversion in DP. In: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. (Eds.). *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. pp. 177-214.

DIKKEN, Marcel den. *Relators and Linkers: the Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.

DIKKEN, Marcel den. *Phase Extension: Contours of a Theory of the Role of Head Movement in Phrasal Extraction*. Ms. CUNY, 2007.

DORON, Edit. *Verbless Predicates in Hebrew*. Ph.D. Dissertation, University of Texas at Austin, 1983.

DOWTY, David; WALL, Robert; PETERS, Stanley. *Introduction to Montague Semantics*. Synthese Language Library, Dordrecht: Reidel, 1981.

DUARTE, M. E. Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1989. pp. 19-34.

EID, M. The Copula Function of Pronoun. *Lingua*, 59, 1983. pp. 197-207.

ELLIOTT, D. E. Toward a Grammar of Exclamations. *Foundations of Language*, 11, 1974. pp. 231-246.

ENÇ, M. Towards a Referential Analysis of Temporal Expressions. *Linguistics and Philosophy*, 9, 1986. pp. 405-426.

ENÇ, M. Anchoring Conditions for Tense. *Linguistic Inquiry*, 18, 1987. pp. 633-657.

ENÇ, M. The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry*, v. 22. n. 1, 1991. pp. 1-25.

FANSELOW, Gisbert.; ÇAVAR, Damir. Distributed Deletion. In: ALEXIADOU, Artemis. (Ed.). *Theoretical Approaches to Universals*. Amsterdam: Benjamins, 2002. pp. 65-107.

FARIAS, J. G. de. *Aspectos da Sintaxe de Preposições no Português*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Alagoas, 2005.

FERREIRA, Marcelo Barra. *Curso de Semântica Formal*, USP, em preparação.

FERREIRA DA SILVA, J. “Onde está Madrid?”, “Onde é Madrid?” e “Onde fica Madrid?”. Ms. Universidade de Bochum, 2004.

FITZPATRICK, J. M. Deletion Through Movement. *Natural Language and Linguistic Theory*, 24, 2006. pp. 399-431.

FOLLI, R.; HARLEY, H. Consuming Results in Italian and English: Flavors of v. In: KEMPCHINSKY, P.; SLABAKOVA, S. (Eds.). *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Springer, 2005. pp. 95–120.

FOLTRAN, M. J. *As Construções de Predicação Secundária no Português do Brasil: Aspectos Sintáticos e Semânticos*. Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo, 1999.

FORTIN, C. Some (not All) Nonsententials Are only a Phase. *Lingua*, n. 117, 2007. pp. 67-94.

FRANCKEL, J-J. *Etude de Quelques Marqueurs Aspectuels du Français*. Genève-Paris: Librairie Droz, 1989.

FREEZE, Ray. Existentials and Other Locatives. *Language*, v. 68, n. 3, 1992. pp. 553-595.

GALLEGO, Ángel. *Verb Movement and Phase-Sliding*. Paper presented at WCCFL 25 and LSRL 36, 2006.

GALLEGO, Ángel. *Phase Theory and Parametric Variation*. Ph.D. Dissertation. Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.

GALLEGO, Ángel; URIAGEREKA, Juan. *Sub-extraction from Subjects*. Paper presented at WCCFL 25 and LSRL 36, 2006.

GEORGE, L.; KORNFILT, J. Finiteness and Boundedness in Turkish. In: HENY, F. (Ed.). *Binding and Filtering*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1981.

GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. *The Syntax of Noun Phrases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GOMES, A. de F. R. *As Small Clauses Complementos no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado: Universidade Federal do Paraná, 2006.

GONZÁLEZ-RIVERA, M. Frases Nominales Exclamativas y Adverbios de Cuantificación. *Cuadernos de Lingüística / U.P.R. Working Papers*, vol. 1, n.1, 2008. pp. 21-37.

GREEN, Malanie. *Predication, Equation and Information Structure: Evidence from Hausa Copular Sentences*. Ms. University of Sussex, UK, 2009.

GREENBERG, Yael. *Hebrew Nominal Sentences and the Stage/Level Distinction*. M.A.Thesis, Bar Ilan University, Israel, 1994.

GREENBERG, Yael. *An Overt Syntactic Marker for Genericity in Hebrew*. Ms., Bar Ilan University, Israel, 1995.

GRIMSHAW, J. Complement Selection and the Lexicon. *Linguistic Inquiry*, v.10, n. 2, 1979. pp. 279-326.

GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

GROHMANN, K. *Profilic Domains: on the Anti-Locality of Movement Dependencies*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

GUÉRON, J.; HOEKSTRA, T. The Temporal Interpretation of Predication. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and Semantics: Small Clauses*. v. 28. Califórnia: Academic Press, 1995. pp. 77-107.

GUTIÉRREZ-REXACH, J. Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface. *Catalan Journal of Linguistics*, 7, 2008. pp. 117-133.

HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 1994.

HAEGEMAN, L. DP Periphery and Clausal Periphery: Possessor Doubling in West Flemish? Relating Nominal Periphery to Clausal Periphery. In: ADGER, D.; de CAT, C.; TSOULAS, G. (Eds.). *Peripheries: Syntactic Edges and their Effects*. Dordrecht: Kluwer, 2004. pp. 211-239.

HAĪK, I. *The Syntax of Operators*. Tese de Doutorado: MIT, 1985.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. pp. 53-109.

HALE, K.; KEYSER, S. J. *A Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. pp. 111-176.

HARLEY, H. *Subjects, Events, and Licensing*. Ph.D. Dissertation: MIT, 1995.

HARLEY, H. How Do Verbs Get Their Names? Denominal Verbs, Manner Incorporation, and the Ontology of Verbs Roots in English. In: ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPOPORT, T. (Eds.). *The Syntax of Aspect: Deriving Thematic and Aspectual Interpretation*. Oxford (New York): Oxford University Press, 2005. pp. 42-64.

HARLEY, H.; NOYER, R. *State-of-Article: Distributed Morphology*. *Glot* 4.4, 1999. pp. 3-9.

HARVES, S. Where Have All the Phases Gone? (Non-)Defective Categories and Case Alternations in Russian. In: TOMAN, J. (Ed.). *Formal Approaches to Slavic Linguistics: The Second Ann Arbor Meeting*. Ann Arbor: Michigan Slavic Publications, 2002. pp. 97-118.

HEGGIE, Lorie. *The Syntax of Copular Structures*. Ph.D. Dissertation: University of Southern California, 1988.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1998.

HENGEVELD, K. *Non-Verbal Predication*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992.

HERNANZ, M. L.; SUÑER, A. La Predicación: La Predicación No Copulativa. Las Construcciones Absolutas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. pp. 2525-2560.

HEYKOCK, C.; KROCH, A. Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF interface Level. *Linguistic Inquiry*, vol. 30, 1999. pp. 365-398.

HIGGINS, F. R. *The Pseudo-Cleft Construction in English*. PhD Dissertation: Indiana University Linguistics Club, 1976.

HIRAIWA, K. *Dimensions of Symmetry in Syntax: Agreement and Clausal Architecture*. MIT, Ph.D. Dissertation, 2005.

HOOPER, Joan B.; THOMPSON, Sandra A. On the Applicability of Root Transformations. *Linguistic Inquiry*, 4, 1973. pp. 465-97.

HORNSTEIN, N.; ROSEN, S.; URIAGEREKA, J. Integrals. In: URIAGEREKA, Juan. *Derivations*. Routledge: London/New York, 2002. pp. 179-191.

HORNSTEIN, N.; MARTINS, A. M.; NUNES, J. *Infinitival Complements of Perception and Causative Verbs: A Case Study on Agreement and Intervention Effects in English and European Portuguese*. *University of Maryland Working Papers in Linguistics*, 14, 2006. pp. 81-110.

HORNSTEIN, N.; MARTINS, A. M.; NUNES, J. Perception and Causative Structures in English and European Portuguese: F-feature Agreement and the Distribution of Bare and Prepositional Infinitives. Ms. University of Maryland, Universidade de Lisboa, Universidade de São Paulo, 2007.

JAEGGLI, O. Passive. *Linguistic Inquiry*, 17, 1986. p. 587-633.

JAGGAR, Philip J. *Hausa*. London Oriental and African Language Library. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2001.

JESPERSEN, Otto. *Analytic Syntax*. Copenhagen: Munksgaard, 1937.

JUNGHANNS, Uwe. On the So-called *èto*-cleft Construction. In: LINDSETH, Martina; FRANKS, Steven. (Eds.). *Annual Workshop on Formal Approaches to Slavic Linguistics. The Indiana Meeting of 1996*. Ann Arbor, MI: Michigan Slavic Publications, 1997. pp. 166-190.

KATO, M. A. Free and Dependent Small Clauses in Brazilian Portuguese. *Handout apresentado no GT de Teoria da Gramática*, 1988.

KATO, M. A. Sintaxe e Aquisição na Teoria de Princípios e Parâmetros. *Letras de hoje*. Porto Alegre. v. 30, n. 4, 1995. p. 57-73.

KATO, M. A. Root Small Clauses in Brazilian Portuguese. *Handout apresentado no Workshop de Sintaxe e Semântica*, Campinas, 1998.

KATO, M. A. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus*, 11, 1999. p. 1-37.

KATO, M. A. The Reanalysis of Unaccusative Constructions as Existentials in Brazilian Portuguese. *Revista do GEL*. n. especial, 2002. pp. 157-184.

KATO, M. A. Free and Dependent Small Clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, 23, n. especial, 2007. pp. 85-111.

KAYNE, R. S. Unambiguous Paths. In: MAY, R.; KOSTER, J. (Eds.). *Levels of Syntactic Representation*. Dordrecht: Reidel, 1981. p. 143-183.

KAYNE, R. S. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris, 1984.

KAYNE, R. S. Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection. *Studia Linguistica*, vol. 47, n. 1, 1993. pp. 3-31.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994.

KRATZER, A. Stage-Level and Individual-Level Predicates. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Eds). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. pp. 125-175.

KRATZER, A. Severing the External Argument from Its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Eds.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 1996. pp. 109-137.

KURODA, Y. The Categorical and the Thetic Judgment: Evidence from Japanese Syntax. *Foundations of Language*, 9, 1972. pp. 153-185.

LANDAU, Idan. The Scale of Finiteness and the Calculus of Control. *Natural Language and Linguistic Theory*, 22, 2004. pp. 811-877.

LARSON, R. On Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, n. 19, 1988. p. 335-391.

LASNIK, Howard. *Minimalist Analysis*. Oxford: Blackwell, 1999.

LEMA, J. Distinguishing Copular and Aspectual Auxiliaries: Spanish Ser and Estar. In: AMASTAE, J. et al. (Eds.). *Contemporary Research in Romance Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1995. pp. 257-274.

LEMOS, M. T. G. de. *A Língua que me Falta: Uma Análise dos Estudos em Aquisição de Linguagem*. Campinas: Mercado de letras, 2002.

LI, Charles; THOMPSON, Sandra A. *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. Berkeley: University of California Press, 1981.

LYONS, John. A Note on Possessive, Existential, and Locative Sentences. *Foundations of Language*, n. 3, 1967. pp. 390-396.

MANZINI, M. R.; SAVOIA, L. M. Parameters of Subject Inflection in Italian Dialects. In: SVENONIUS, P. (Ed.). *Subjects, Expletives, and the EPP*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 157-199.

MARANTZ, A. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1984.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*, 1997. pp. 201-225.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MEALHA, Isabel Ferro. 'Não Sou Ministro, Estou Ministro': A Seleção de *Ser/ Estar*. *Polifonia*, Lisboa, Edições Colibri, n. 4, 2001. pp. 153-163.

MEDEIROS JÚNIOR, P. *Sobre Sintagmas-Qu e as Relativas Livres no Português*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2005.

MENUZZI, S. A Ordem Verbo-Sujeito no Português do Brasil: para uma Comparação das Abordagens Formalistas e Funcionalistas. *Revista da ANPOLL*, n. 16, 2004. pp. 349-384.

MENUZZI, S. M.; CREUS, S. Sobre o Papel do Gênero Semântico na Alternância entre Objetos Nulos e Pronomes Plenos em Português Brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004. P. 149-176.

MERCHANT, Jason. *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MERCHANT, Jason. Fragments and Ellipsis. *Linguistics and Philosophy*, n. 27, 2004. pp. 661-738.

MIKKELSEN, L. H. L. *Specifying Who: on the Structure, Meaning, and Use of Specificational Copular Clauses*. PhD Dissertation: University of California, Santa Cruz, 2004.

MILNER, J.-C. *Ordres et Raisons de Langue*. Paris: Editions du Seuil, 1982.

MILSARK, G. Towards an Explanation of Certain Peculiarities of the Existential Construction in English. *Linguistic Analysis*, 3, 1977. pp. 1-30.

MIOTO, C. *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese (Doutorado em Lingüística): Unicamp, 1992.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. A Favor de *Small Clauses*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 49, n. 1, 2007. pp. 11-28.

MONTAGUE, Richard. The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English. In: HINTIKKA, K.; MORAVCSIK, J.; SUPPES, P. (Eds.). *Approaches to Natural Language*. Dordrecht: Reidel, 1973. pp. 221-242.

MORO, Andrea. *The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MORO, Andrea. *Dynamic Antisymmetry*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

MORO, Andrea. Linear Compression as a Trigger for Movement. In: BREITBARTH, Anne; van RIEMSDIJK, Henk. (Eds.). *Triggers*. Berlin/ New York, NY: Mouton de Gruyter, 2004. pp. 387-430.

MORO, Andrea. *Some Notes on Unstable Structures*. Ms., Università San Raffaele di Milano, 2007.

MOURA, D. Concordância de Pronomes Pessoais em Frases Copulativas. *Leitura*, v. 33, 2006. pp. 87-110.

MOURA, D. Casos de Concordância no Português Brasileiro. *VII Seminário do Projeto PHPB*, 2007a.

MOURA, D. A Predicação Copulativa em Português Brasileiro e em Espanhol. *Revista do GELNE*, v. 2, 2007b. pp. 67-76.

NAPOLI, Donna Jo. Initial Material Deletion in English. *Glossa*, n. 16, 1982. pp. 85-111.

NEELEMAN, A.; DE KOOT, H. van; DOETJES, J. Degree Expressions. *The Linguistic Review*, 21, 2004. pp. 1-66.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 1999.

NEWMAN, Paul. *The Hausa Language: an Encyclopedic Reference Grammar*. New Haven; London: Yale University Press, 2000.

NUNES, Jairo. Relativized Minimality and the Extended Peeking Principle. *Cuadernos de Lingüística del I. U. I. Ortega y Gasset*, vol. 14, 2007. pp. 73-86.

PARTEE, Barbara Hall. (Ed.). *Montague Grammar*. New York: Academic Press, 1976.

PARTEE, Barbara Hall. Copula Inversion Puzzles in English and Russian. In: DZIWIWIREK, Katarzyna; COATS, Herbert; VAKARELIYSKA, Cynthia M. (Eds.). *Annual Workshop on Formal Approaches to Slavic Linguistics*. Ann Arbor, MI: Michigan Slavic Publishers, 1999. pp. 361-396.

PAUL, Ileana; STAINTON, Robert. Really Intriguing, That Pred NP! *Proceedings of the 2006 annual conference of the Canadian Linguistic Association*, 2006. pp. 1-11.

PERELTSVAIG, A. *On the Nature of Intra-Clausal Relations: A Study of Copular Sentences in Russian and Italian*. PhD Dissertation: McGill University, 2001.

PERLMUTTER, D. Evidence for Subject Downgrading in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELT, J. (Ed.). *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam, New York, Oxford: North-Holland Publishing Company, 1976. pp. 93-138.

PERLMUTTER, D. Impersonal Passive and the Unaccusative Hypothesis. In: JAEGER, J. et al (Eds.). *Proceedings from the IV Annual Meeting of Berkley Linguistics Society*. Berkeley, California, 1978. pp. 157-189.

POLLOCK, J. Y. Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, 1989. pp. 365-424.

PUSTET, Regina. *Copulas: Universals in the Categorization of the Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

QUAREZEMIN, S. A Estrutura Interna de *Small Clause* Complemento de Verbos ECM. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 49, n. 1, 2007. pp. 49-64.

RADFORD, A. *Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

RAMCHAND, Gillian Catriona. *Aspect and Predication: The Semantics of Argument Structure*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

RAPOPORT, Tova Rebecca. *Copular, Nominal and Small Clauses: A Study of Israeli Hebrew*. Ph.D. dissertation, MIT, 1987.

RAPOSO, E. P. Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 1, 1987. pp. 85-109.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RAPOSO, E. Da Teoria de Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista: Algumas Idéias-Chave. In: CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Tradução, notas e apresentação de Eduardo Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999. p. 15-37.

RAPOSO, E. Colocação dos Clíticos nas Línguas Românicas: Aspectos Universais e Aspectos Particulares. Minicurso, 2004. *Handout...*, Maceió, 2004. p.1-51.

RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan. Long-Distance Case Assignment. *Linguistic Inquiry*, 21, 1990. pp. 505-537.

RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan. Two Types of Small Clauses (Toward a Syntax of Theme/ Rheme Relations. In: CARDINALETTI, Anna; GUASTI, Maria Teresa. (Eds.). *Small Clauses*. Syntax and Semantics, 28. New York: Academic Press, 1995. pp. 179-206.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (Ed.). *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. pp. 281-337.

RIZZI, Luigi. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structure*. Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. pp. 223-251.

ROIG, Teresa. Ser, Estar and to Be: A Parallel. *Osamayor: Graduate Student Review* 1(2), 1989. pp. 85-100.

ROSSELLÓ, J. A Minimalist Approach to the Null Subject Parameter. *Catalan Working Papers in linguistics*, n. 8, 2000. p. 97-128.

ROTHSTEIN, Robert A. Equation vs. Ascription: The Nominative / Instrumental Opposition in West Slavic. In: BRECHT, Richard D.; LEVINE, James S. (Eds.). *Case in Slavic*. Columbus, OH: Slavica Publishers, 1986. pp. 312-322.

ROTHSTEIN, Susan. *The Syntactic Forms of Predication*. Ph.D. Dissertation: MIT, 1983.

ROTHSTEIN, Susan. Small Clauses and Copular Constructions. In: CARDINALETTI, Anna; GUASTI, Maria Teresa. (Eds.). *Small Clauses*. Syntax and Semantics, 28. New York: Academic Press, 1995. pp. 27-48.

ROTHSTEIN, S. *Predicates and their Subjects*. Dordrecht: Kluwer, 2001.

RUSSEL, Bertrand. *The Philosophy of Mathematics*. London: Allen & Unwin, 1919.

SCHACHTER, P.; OTANES, F. *Tagalog Reference Grammar*. Berkeley: University California Press, 1972.

SCHMITT, Cristina. SER and ESTAR: A Matter of Aspect, *NELS*, 22, 1992. pp. 411-426.

SCHMITT, Cristina. *Aspect and the Syntax of Noun Phrases*. PhD Dissertation. University of Maryland, 1996.

SCHMITT, Cristina. Semi-Copulas: Event and Aspectual Composition. In: KEMPCHINSKY, P.; SLABAKOVA, R. (Eds.). *Syntax, Semantics and the Acquisition of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 2005.

SCHÜTZE, C. T. On the Nature of Default Case. *Syntax*, v. 4, n. 3, 2001. pp. 205-238.

SEDRINS, Adelson Pinheiro. *Restrições de Extração de Argumentos e Adjuntos de Nome no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Alagoas, 2009.

SEUREN, Pieter. *Western Linguistics: An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1998.

SHOPEN, Tim. *A Generative Theory of Ellipsis*. Ph.D. Thesis, UCLA, 1972.

SIBALDO, Marcelo Amorim. *Nominais Pós-Verbais em Estruturas Inacusativas: o Efeito de Definitude no Português Brasileiro*. Ms. UFAL, 2007.

SOSCHEN, Alona. *On Subjects and Predicates in Russian*. Ph.D. Thesis, University of Ottawa, 2002.

SPEAS, M. Predicate Nominals and the Internal Subject Hypothesis. *UQAM*, Montreal, 1990.

SPORTICHE, D. A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, 1988. pp. 425-449.

STAINTON, Robert. *Words and Thoughts: Subsentences, Ellipsis, and Philosophy of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

STASSEN, L. *Intransitive Predication*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

STOWELL, T. *Origins of Phrase Structure*. Ph.D. Dissertation: MIT, 1981.

STOWELL, T. Subjects across Categories. *The Linguistic Review*, n. 2., 1983. pp. 285-312.

STOWELL, T. Small Clauses Restructuring. In: FREIDIN, R. (Ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991. pp. 182-218.

STOWELL, T. Remarks on Clause Structure. In: CARDINALETTI, Anna; GUASTI, Maria Teresa. (Eds.). *Small Clauses*. Syntax and Semantics, 28. New York: Academic Press, 1995. pp. 271-286.

SVENONIUS, P. On the Edge. In: ADGER, D.; de CAT, C.; TSOULAS, G. (Eds.). *Peripheries: Syntactic Edges and their Effects*. Dordrecht: Kluwer, 2004. pp. 259-287.

SZABOLCSI, A. The Possessive Construction in Hungarian: A Configurational Category in a Non-Configurational Language. *Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae*, 31, 1981. pp. 161-189.

SZABOLCSI, A. The Possessor that Ran away from Home. *The Linguistic Review*, 3, 1983. pp. 89-102.

TAVARES SILVA, C. R. *A Natureza de Agr e suas Implicações na Ordem VS: um Estudo Comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Alagoas, 2004.

VILLALBA, Xavier. An Exceptional Exclamative Sentence Type in Romance. *Lingua*, 113, 2003. pp. 713-745.

VILLALBA, Xavier. *Exclamatives and Negation*. Ms. Universitat Autònoma de Barcelona, 2004.

VINET, Marie-Thérèse. French Non-verbal Exclamative Constructions. *Probus*, v. 3, n. 1, 1991. pp. 77-100.

VIOTTI, Evani de C. *A Sintaxe das Sentenças Existenciais no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1999.

VIOTTI, Evani de C. Sobre o Efeito de Definitude nas Sentenças Existenciais. *Revista do GEL*, v. 11, n. Especial, 2002. pp. 127-153.

VIOTTI, Evani de C. Ordem VS no Português Brasileiro: Questionando a Existência de Expletivos Nulos. In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, M. A. Torres; CYRINO, Sonia M. L.; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. pp. 131-158.

WIGGINS, D. *Identity and Spatiotemporal Clauses*. Oxford: Blackwell, 1967.

WILLIAMS, Edwin. Small Clauses in English. In: KIMBALL, J. *Syntax and Semantics*. Vol. 4. New York: Academic Press, 1975. pp. 249-273.

WILLIAMS, Edwin. Predication. *Linguistic Inquiry*, 11, 1980. pp. 203-238.

WILLIAMS, Edwin. Against Small Clauses. *Linguistic Inquiry*, 14, 1983. pp. 287-308.

ZANUTTINI, Raffaella. *Syntactic Properties of Sentential Negation*. Ph.D. Dissertation: University of Pennsylvania, 1991.

ZANUTTINI, Raffaella; PORTNER, Paul. The Characterization of Exclamative Clauses in Paduan. *Language*, v. 76, n. 1, 2000. pp. 123–132.

ZANUTTINI, Raffaella; PORTNER, Paul. Exclamative Clauses: at the Syntax-Semantics Interface. *Language*, v. 79, n. 1, 2003. pp. 39–81.